

UM THRILLER PROTAGONIZADO POR GABRIEL ALLON

DANIEL SILVA

RETRATO DE UMA ESPIÃ

Num mundo tão perigoso, uma mulher extraordinária
pode fazer a diferença entre a vida e a morte

NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES



DANIEL
SILVA

Retrato de
uma espiã

SÉRIE GABRIEL ALLON # 11



Sinopse

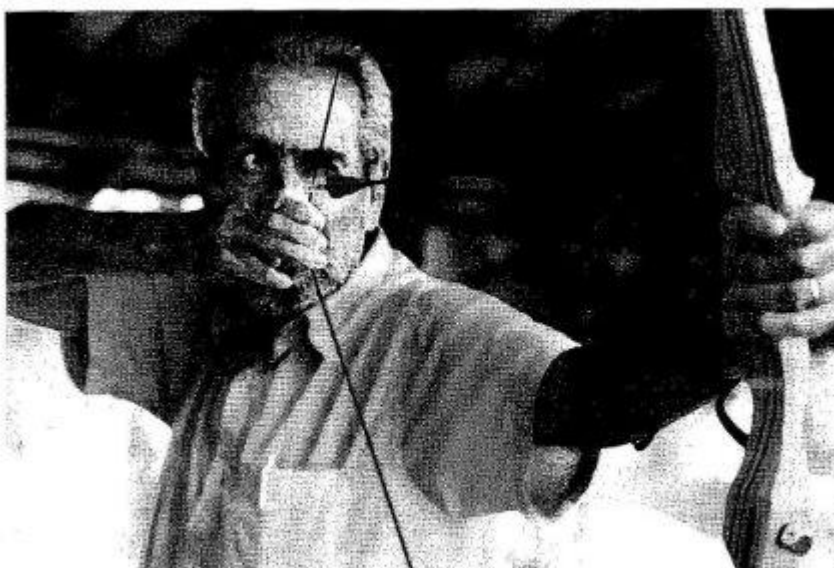
Aposentado do serviço secreto israelense, o restaurador de arte Gabriel Allon decide passar um fim de semana em Londres com a esposa, Chiara. Mas seus sentidos estão sempre em alerta, sobretudo depois dos recentes atentados suicidas em Paris e Copenhague.

Em meio à multidão, Gabriel detecta um suspeito. Um homem-bomba. Quando está prestes a atirar para matar, ele é detido pela polícia britânica e acaba presenciando um terrível massacre.

Já de volta a sua casa na Cornualha e ainda assombrado por não ter sido capaz de impedir o ataque, o agente é convocado a comandar um esquema global contra a guerra santa muçulmana. Uma nova rede terrorista se espalha pela Europa e só há uma solução para derrotá-la: infiltrar um agente duplo.

A espiã ideal é uma bilionária saudita que vive de dissimulações transitando entre os mundos islâmico e ocidental. Treinada por Allon ela deve evitar que o terror se dissemine.

Numa trama que espelha as tensões e conflitos da atualidade, Gabriel precisa identificar o inimigo para, enfim, chegar a seu covil: o plácido porém implacável deserto da Arábia Saudita.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: Portrait of a Spy

Copyright © 2011 por Daniel Silva Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Claudio Carina

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Clarissa Peixoto e José Tedin *diagramação:* Abreus System *capa:* Raul Fernandes *imagens de capa:* rosto: Ayal Ardon / Trevillion Images; Louvre: Latinstock / Jean-Pierre Lescourret / Corbis (DC) *impressão e acabamento:* Bartira Gráfica e Editora S/A

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S579r Silva, Daniel, 1960-

Retrato de uma espiã / Daniel Silva [tradução de Claudio Carina]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

304 p.; 16x23 cm Tradução de: Portrait of a spy ISBN 978-85-8041-139-3

1. Ficção americana. I. Carina, Claudio. II. Título.

CDD: 813

13-0866 CDU: 821.111 (73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br www.editoraarqueiro.com.br

Para os meus filhos maravilhosos, Nicholas e Lily, que eu amo e admiro mais do que eles imaginam.

E, como sempre, à minha esposa, Jamie, que torna tudo possível.

“O jihad está se tornando tão americano quanto torta de maçã e tão britânico quanto o chá das cinco.”

ANWAR AL-ĀWLAKI, PREGADOR E RECRUTADOR DA AL-QAEDA

“Uma pessoa íntegra pode fazer diferença, a diferença entre a vida e a morte.”

ELIE WIESEL

PARTE UM

MORTE NO JARDIM

PENÍNSULA DO LAGARTO, CORNUALHA

Foi o Rembrandt que resolveu o mistério de uma vez por todas. Mais tarde nas estranhas lojas onde faziam suas compras e nos pequenos e escuros pubs à beira-mar onde tomavam seus drinques, eles iriam recriminar uns aos outros por não terem percebido os sinais óbvios e dariam boas risadas de algumas de suas mais extravagantes teorias sobre a verdadeira natureza do trabalho dele. Pois nem em seus sonhos mais loucos alguém pensou na possibilidade de o homem taciturno que morava no extremo da enseada de Gunwalloe ser um restaurador de arte, quanto mais um restaurador mundialmente famoso.

Não era o primeiro forasteiro a surgir na Cornualha com um segredo, mas poucos o tinham guardado com tanto zelo e tanta classe. Havia chamado atenção a maneira peculiar com que ele conseguira uma casa para si mesmo e sua linda esposa, muito mais jovem. Depois de escolher o pitoresco chalé do penhasco — sem que ninguém soubesse —, pagou os doze meses de aluguel adiantado, e um obscuro advogado em Hamburgo cuidou discretamente de toda papelada. Ocupou o chalé duas semanas depois, como se estivesse liderando um ataque a um posto avançado inimigo. Os que o encontraram em suas primeiras incursões no vilarejo ficaram surpresos com sua notável falta de franqueza. Ele parecia não ter nome — pelo menos não um que quisesse compartilhar — nem um país de origem que qualquer um conseguisse identificar. Duncan Reynolds, aposentado havia trinta anos do trabalho na ferrovia e considerado o mais mundano dos moradores de Gunwalloe, o descreveu como “um homem enigmático”, enquanto outras definições variavam entre “reservado” e “insuportavelmente mal-educado”. Mesmo assim, todos concordavam que, para o bem ou para o mal, o pequeno vilarejo no

oeste da Cornualha tinha se tornado um lugar muito mais interessante.

Com o passar do tempo, descobriram que o nome dele era Giovanni Rossi e que, como sua esposa, era descendente de italianos. E tudo se tornou ainda estranho quando eles começaram a notar carros do governo cheios de homens rondando as ruas do vilarejo tarde da noite. Depois foram os dois sujeitos que as vezes pescavam na enseada. A opinião de todos é que eram os piores pescadores que já tinham visto. Aliás, a maioria supôs que nem mesmo fossem pescadores. Como costuma acontecer em pequenos vilarejos como Gunwalloe, teve início um intenso debate sobre a verdadeira identidade do recém-chegado e a natureza de seu trabalho — um debate que afinal cessou com a descoberta do *Retrato de uma jovem*, óleo sobre tela, de 104 por 86 centímetros, de Rembrandt van Rijn.

Nunca se soube exatamente quando o quadro chegou. Achavam que havia sido em meados de janeiro, pois foi quando perceberam uma mudança drástica em sua rotina. Um dia ele estava andando pelos penhascos escarpados da península do Lagarto como se estivesse lutando contra uma consciência culpada; no dia seguinte estava diante de um cavalete na sala de estar, um pincel numa das mãos e uma paleta na outra, ópera tocando tão alto que seu lamento podia ser ouvido do outro lado de Mounts Bay em Marazion. Como seu chalé era muito próximo do Caminho Costeiro, era possível — se alguém parasse no lugar exato e esticasse o pescoço no ângulo certo — vê-lo em seu estúdio. No início, imaginaram que estivesse trabalhando numa pintura de sua autoria. Mas com o lento passar das semanas, ficou claro que ele estava envolvido no ofício conhecido como conservação ou, mais comumente, restauração.

— Que diabo significa isso? — perguntou Malcolm Braithwaite, um pescador de lagosta aposentado que cheirava sempre a mar, certa noite no Lamb and Flag Pub.

— Significa que ele está consertando aquela coisa — respondeu Duncan Reynolds. — Uma pintura é como um ser vivo, respirando. Quando fica velha, esfarela e se enrugam. Como você, Malcolm.

— Ouvi dizer que é uma jovem.

— Bonitinha — disse Duncan, assentindo. — Bochechas da cor de maçãs. Com certeza é comível.

— Nós conhecemos o pintor?

— Ainda estamos averiguando.

E averiguaram mesmo. Consultaram muitos livros, buscaram em muitos sites, foram atrás de pessoas que sabiam mais sobre arte do que eles — uma categoria que incluía a maior parte da população do oeste da Cornualha. Finalmente, no início de abril, Dottie Cox, da loja do vilarejo, tomou coragem para simplesmente perguntar à linda jovem italiana sobre a pintura quando ela veio fazer compras na cidade. A mulher se esquivou da pergunta com um sorriso ambíguo e, com a sacola de palha ao ombro, voltou para a enseada, o cabelo exuberante agitado pelo vento da primavera. Minutos depois de sua chegada, o lamento da ópera cessou e as persianas das janelas do chalé se fecharam.

Continuaram fechadas ao longo da semana seguinte, quando o restaurador e a esposa desapareceram de repente. Durante vários dias, os moradores de Gunwalloe temeram que eles não voltassem mais, e alguns se repreenderam por terem bisbilhotado e se intrometido nos negócios particulares do casal. Certa manhã, ao folhear o *Times* em sua loja, Dottie Cox reparou numa reportagem de Washington sobre a descoberta de um retrato de Rembrandt há muito perdido — um retrato exatamente igual ao que estava no chalé. E assim o mistério foi resolvido.

Por coincidência, na mesma edição do *Times*, na primeira página, havia um artigo sobre uma série de misteriosas explosões em quatro instalações nucleares iranianas. Ninguém em Gunwalloe imaginou que poderia haver uma conexão. Pelo menos não por enquanto.

Dava para notar que o restaurador era um homem mudado quando voltou da América. Embora continuasse reservado — ainda não era um tipo que você gostaria de encontrar de surpresa no escuro —, estava claro que um fardo tinha sido retirado de seus ombros. De vez em quando avistavam um sorriso em seu rosto anguloso, e o brilho em seus olhos verdes parecia de uma tonalidade menos defensiva. Até mesmo suas longas caminhadas

diárias estavam diferentes. Antes ele pisoteava o caminho como um homem possuído; agora ele parecia pairar acima dos penhascos cobertos pela névoa como um espírito que voltara para casa depois de muito tempo numa terra distante.

— Parece que ele foi liberado de um voto secreto — observou Vera Hobbs, dona da padaria. Mas quando alguém pediu para arriscar um palpite sobre o voto, ou com quem havia se comprometido, ela não respondeu. Como todos os outros no vilarejo, tinha se mostrado uma tola ao tentar adivinhar a ocupação do homem. — Além do mais, é melhor deixá-lo em paz. Senão, da próxima vez que ele e a linda esposa saírem da península, vai ser para sempre.

De fato, enquanto aquele glorioso verão passava, os futuros planos do restaurador se tornaram a principal preocupação de todo o vilarejo. Como o contrato de aluguel do chalé expirava em setembro e não havia nenhuma evidência de que seria renovado, eles se engajaram em convencê-lo a ficar. Decidiram que o restaurador precisava de algo para prendê-lo na costa da Cornualha — um trabalho que exigisse suas habilidades únicas, algo a fazer além de caminhar pelos penhascos. Eles não tinham ideia do que seria exatamente esse trabalho e de quem poderia oferecê-lo, mas confiaram a si mesmos a delicada tarefa de descobrir isso.

Depois de muitas deliberações, foi Dottie Cox quem finalmente surgiu com a ideia do Primeiro Festival Anual de Belas-Artes de Gunwalloe, e o famoso restaurador Giovanni Rossi seria o presidente honorário. Fez a proposta para a esposa do restaurador na manhã seguinte, quando ela apareceu na loja na hora de sempre. A mulher riu por alguns minutos. A oferta era lisonjeira, comentou depois de recuperar a compostura, mas ela achava que não era o tipo de coisa com que o *signor* Rossi concordaria. A recusa oficial aconteceu pouco depois e a ideia do festival foi por água abaixo. Mas não houve problema: poucos dias depois, eles souberam que o restaurador tinha renovado o contrato por um ano. Mais uma vez, o aluguel foi pago adiantado e o mesmo advogado obscuro de Hamburgo cuidou de toda a papelada.

Assim, a vida voltou ao que poderia ser chamado de normal. Continuaram a ver o restaurador no meio da manhã quando fazia

compras com a esposa e também no meio da tarde quando andava pelos penhascos de casaco e boina puxada para a frente. E se ele se esquecia de cumprimentar alguém da forma apropriada, ninguém se ofendia. Se ele se sentia desconfortável com algo, deixavam-no à vontade para fazer do seu jeito. E se um estranho chegasse ao povoado, observavam cada movimento até que ele fosse embora. O restaurador e a esposa poderiam ter vindo da Itália, mas agora pertenciam à Cornualha, e que os céus ajudassem o tolo que tentasse tirá-los de lá outra vez.

No entanto, algumas pessoas da península acreditavam que havia mais naquela história — e um homem em particular achava que sabia o que era. Seu nome era Teddy Sinclair, dono de uma pizzeria muito boa em Helston, com um pendor para teorias da conspiração, grandes e pequenas. Teddy acreditava que os pousos na Lua eram uma farsa, que o 11 de Setembro fora armado pelo governo e que o homem da enseada de Gunwalloe estava escondendo mais que uma habilidade secreta para restaurar pinturas.

Para provar de uma vez por todas que tinha razão, convocou os moradores ao Lamb and Flag na segunda quinta-feira de novembro e revelou um esquema que parecia um pouco a tabela periódica. O propósito era estabelecer, sem a menor sombra de dúvida, que as explosões nas instalações nucleares iranianas eram trabalho de um lendário oficial de inteligência israelense chamado Gabriel Allon — e que o mesmo Gabriel Allon estava agora vivendo em paz em Gunwalloe com o nome de Giovanni Rossi. Quando as gargalhadas finalmente diminuíram, Duncan Reynolds disse que era a coisa mais idiota que já tinha ouvido desde que um francês decidiu que a Europa devia ter uma moeda em comum. Mas dessa vez Teddy permaneceu firme, o que era o certo a fazer. Teddy poderia estar enganado sobre o pouso na Lua e o 11 de Setembro, mas no que dizia respeito ao homem de enseada de Gunwalloe, sua teoria era perfeitamente verdadeira.

Na manhã seguinte, Dia do Armistício, o vilarejo acordou com a notícia de que o restaurador e a esposa tinham desaparecido. Em pânico. Vera Hobbs correu até a enseada e espiou pelas janelas do chalé. As ferramentas do restaurador estavam espalhadas por uma

mesa baixa, e apoiada no cavalete havia a pintura de uma mulher nua deitada num sofá. Vera demorou a perceber que o sofá era idêntico ao da sala de estar e que a mulher era a mesma que ela via todas as manhãs na padaria. Apesar do constrangimento, Vera não conseguiu desviar o olhar, pois era uma das pinturas mais extraordinárias e belas que já vira. Era também um bom sinal, ela pensou enquanto caminhava de volta para o povoado. Uma pintura como aquela não era algo que um homem deixaria para trás ao sair de um lugar. Os dois iriam acabar voltando. E que os céus ajudassem aquele maldito Teddy Sinclair se não voltassem.

2

PARIS

A primeira bomba explodiu às 11h46 na avenida Champs-Élysées, em Paris. O diretor do serviço de segurança francês falaria mais tarde que não tinha recebido alerta do ataque iminente, uma afirmação que seus detratores poderiam ter considerado risível se o número de mortos não fosse tão alto. Os sinais de alerta eram claros, disseram. Só um cego ou ignorante não notaria.

Do ponto de vista da Europa, o momento do ataque não poderia ter sido pior. Após décadas de gastos excessivos na área social, a maior parte do continente estava oscilando à beira de um desastre fiscal e monetário. As dívidas subiam, os caixas estavam vazios e seus mimados cidadãos ficavam cada vez mais velhos e desiludidos. Austeridade era a ordem do dia. No clima vigente, nada era considerado sagrado; sistema de saúde, bolsas de estudo, patrocínio artístico e até benefícios de aposentados estavam sofrendo cortes drásticos. Na chamada periferia da Europa, as economias menores estavam tombando num efeito dominó. A Grécia naufragava lentamente no Egeu, a Espanha estava na UTI e o Milagre Irlandês tinha se transformado em nada mais que uma miragem. Nos elegantes salões de Bruxelas, muitos eurocratas ousavam dizer em voz alta o que já fora impensável: que o sonho de uma integração europeia estava morrendo. E em seus momentos mais sombrios, alguns deles imaginavam se a Europa como eles conheciam não estaria morrendo também.

Mais uma crença estava se deteriorando naquele novembro — a convicção de que a Europa poderia absorver um interminável fluxo de imigrantes muçulmanos das antigas colônias enquanto preservava sua cultura e seu modo de vida. O quis tinha começado como um programa temporário para atenuar a falta de emprego após a guerra agora alterava permanentemente todo o continente. Agitados subúrbios muçulmanos rodeavam quase todas as cidades

e diversos países pareciam destinados a ter uma população de maioria muçulmana antes do fim do século. Nenhuma autoridade havia se dado ao trabalho de consultar a população nativa da Europa antes de escancarar os portões, e agora, depois de anos de relativa passividade, os europeus começavam a reagir. A Dinamarca havia imposto restrições rigorosas contra casamentos de imigrantes. A França vetara o uso de véu cobrindo todo o rosto em público. E os suíços, que mal toleravam uns aos outros, tinham decidido manter suas pequenas e bem cuidadas cidades livres de desagradáveis minaretes. Os líderes da Inglaterra e da Alemanha haviam declarado que o multiculturalismo, a religião virtual da Europa pós-cristianismo, estava morto. A maioria não se curvaria mais ao desejo da minoria, afirmaram. Nem faria vista grossa ao extremismo que florescia em seu seio. Parecia que o antigo embate da Europa com o Islã tinha entrado numa fase nova e potencialmente perigosa. Eram muitos os que temiam que fosse uma luta desigual. Um dos lados estava velho, cansado, satisfeito consigo mesmo. O outro podia ser levado a um furor assassino por causa de alguns rabiscos num jornal dinamarquês.

Nenhum outro lugar da Europa expunha esses problemas de forma tão clara quanto Clichy-sous-Bois, o inflamável *banlieue* árabe próximo de Paris. Epicentro dos tumultos mortais que varreram a França em 2005, o subúrbio tinha uma das taxas de desemprego mais elevadas do país, assim como os mais altos índices de crimes violentos. Tão perigoso era Clichy-sous-Bois que até mesmo a polícia francesa hesitava em entrar em seus fervilhantes cortiços — inclusive no cortiço onde morava Nazim Kadir, um argelino de 26 anos, funcionário do renomado restaurante Fouquet, com doze integrantes de sua grande família.

Naquela manhã de novembro, ele saiu de seu apartamento ainda em meio à escuridão para se purificar numa mesquita construída com dinheiro saudita e administrada por um imame treinado na Arábia Saudita que não falava francês. Depois de cumprir o mais importante pilar do Islã, ele tomou o ônibus 601AB até Le Raincy e em seguida embarcou num trem RER até a Gare Saint-Lazare. Lá, fez baldeação para o metrô de Paris e a etapa final de sua viagem. Em nenhum momento ele despertou suspeitas

das autoridades ou dos passageiros. Seu casaco pesado escondia um colete com explosivos.

Saiu da estação George V em sua hora habitual, 11h40, e tomou a avenida Champs-Élysées. Os que tiveram a sorte de escapar do inferno que se seguiu diriam mais tarde que não havia nada incomum em sua aparência, embora o dono de uma popular floricultura afirmasse ter notado uma curiosa determinação em seu andar quando ele se aproximou da entrada do restaurante. Entre os que estavam do lado de fora havia um representante do ministro da Justiça, um apresentador de jornal da televisão francesa, uma modelo que estampava a capa da edição atual da *Vogue*, um mendigo cigano segurando a mão de uma criança e um ruidoso grupo de turistas japoneses. O homem-bomba consultou o relógio pela última vez. Depois abriu o zíper do casaco.

Não se sabe ao certo se houve o tradicional brado de “*Allahu Akbar*”. Diversos sobreviventes afirmaram ter ouvido; muitos outros juraram que o homem-bomba detonou o dispositivo em silêncio. Quanto ao som da explosão, os que estavam mais próximos não tinham memória alguma, pois os tímpanos foram muito afetados. Todos só conseguiram se lembrar de uma luz branca cegante. Era a luz da morte, disseram. A luz que se vê no momento em que se confronta Deus pela primeira vez.

A bomba em si era uma maravilha de design e construção. Não era o tipo de dispositivo construído com base em manuais da internet ou nos panfletos instrutivos que percorriam as mesquitas salafistas da Europa. Havia sido aperfeiçoada em meio aos conflitos na Palestina e na Mesopotâmia. Recheada de pregos embebidos em veneno para rato — uma prática emprestada dos homens-bomba do Hamas —, rasgou a multidão como uma serra circular. A explosão foi tão poderosa que a Pirâmide do Louvre, a quase 2,5 quilômetros ao leste, estremeceu com a lufada de ar. Os que estavam mais próximos da bomba foram despedaçados, cortados pela metade ou decapitados, o castigo preferido para os hereges. A mais de 30 metros ainda havia membros perdidos. Nas bordas mais distantes da zona de impacto, a morte aparecia de forma cristalina. Poucados de traumas externos, alguns tinham sido mortos pela onda de choque, que destruiu seus órgãos internos como um

tsunami. Deus havia sido misericordioso por deixá-los sangrar em particular.

Os primeiros gendarmes a chegar sentiram-se instantaneamente enojados pelo que viram. Havia membros espalhados pelas ruas ao lado de sapatos, relógios de pulso esmagados e congelados às 11h46 e celulares que tocavam sem parar. Num insulto final, os restos do assassino estavam misturados aos de suas vítimas — menos a cabeça, que parou sobre um caminhão de entregas a cerca de 30 metros de distância, com a expressão do homem-bomba estranhamente serena.

O ministro do Interior francês chegou dez minutos depois da explosão. Ao ver a carnificina, ele declarou: “Bagdá chegou a Paris.” Dezesete minutos depois, chegou aos Jardins de Tivoli, em Copenhague, onde, às 12h03, um segundo homem-bomba se detonou no meio de um grande grupo de crianças que esperavam impacientes para embarcar na montanha-russa do parque. O serviço de segurança dinamarquês logo descobriu que o *shahid* nascera em Copenhague, frequentara escolas dinamarquesas e era casado com uma dinamarquesa. Pareceu não dar importância ao fato de que os filhos dele frequentassem a mesma escola que suas vítimas.

Para os profissionais de segurança em toda a Europa, um pesadelo se tornava realidade: ataques coordenados e altamente sofisticados que pareciam ter sido planejados e executados por uma mente brilhante. Temiam que os terroristas logo voltassem a atacar, embora faltassem duas informações cruciais. Eles não sabiam onde. E não sabiam quando.

ST. JAMES, LONDRES

Mais tarde, o comando de contraterrorismo da Polícia Metropolitana de Londres gastaria muito tempo e esforço valiosos tentando reconstituir os passos de um certo Gabriel Allon naquela manhã, o lendário porém imprevisível filho da inteligência israelense agora formalmente aposentado e vivendo tranquilamente no Reino Unido. Soube-se, por relatos de seus vizinhos intrometidos, que ele havia partido de seu chalé na Cornualha poucos minutos depois do amanhecer em seu Range Rover, acompanhado por Chiara, sua bela esposa italiana. Sabia-se também, graças ao onipresente sistema de câmeras CCTV da Grã-Bretanha, que o casal tinha chegado ao centro de Londres em tempo quase recorde e que, por um ato de intervenção divina, tinha conseguido encontrar um local para estacionar legalmente em Piccadilly. De lá seguiram a pé até a Masons Yard, um tranquilo pátio retangular de pedras e comércio em St. James e apresentaram-se à porta da Isherwood Fine Arts. De acordo com a câmera no pátio, foram admitidos no recinto às 11h40, horário de Londres, embora Maggie, a medíocre secretária de Isherwood, tenha registrado errado o horário em sua agenda como 11h45.

Desde 1968 detentora de pinturas de Grandes Mestres italianos e holandeses que bem podiam estar em museus, a galeria já havia ocupado um salão na aristocrática New Bond Street, em Mayfair. Empurrado para o exílio em St. James por tipos como Hermès, Burberry e Cartier, Isherwood refugiara-se num decadente armazém de três andares que já fora da loja de departamentos Fortnum & Mason. Entre os fofoqueiros moradores de St. James, a galeria sempre foi considerada um bom teatro — comédias e tragédias, com surpreendentes altos e baixos e um ar de conspiração que sempre a envolvia. Isso se devia principalmente à personalidade de seu dono. Julian Isherwood era amaldiçoado com um defeito quase

fatal para um negociante de arte — gostava mais de possuir do que de vender as obras. Ele estava sobrecarregado por um grande inventário do que é carinhosamente chamado, no mercado de arte, de estoque morto — pinturas pelas quais nenhum comprador ofereceria um bom preço. Corriam boatos de que a coleção particular de Isherwood comparava-se à da família real britânica. Até Gabriel, que já restaurava pinturas para a galeria havia mais de trinta anos, tinha apenas uma vaga ideia de todas as posses de Isherwood.

Eles o encontraram em seu escritório — uma figura alta e levemente frágil inclinada sobre uma escrivaninha atulhada de antigos catálogos e monografias. Usava um terno risca de giz e uma gravata lavanda que havia ganhado de presente num encontro na noite anterior. Como de hábito, ele parecia levemente de ressaca, uma aparência que cultivava. Seu olhar estava pesaroso, fixo na televisão.

— Suponho que tenha ouvido as notícias?

Gabriel assentiu lentamente. Ele e Chiara haviam escutado os primeiros boletins no rádio enquanto passavam pelos subúrbios no oeste de Londres. As imagens que apareciam na tela agora eram muito parecidas com as que haviam se formado na mente de Gabriel — os mortos cobertos com plástico, os sobreviventes ensanguentados, os transeuntes com as mãos no rosto, horrorizados. Nada mudava. Ele imaginou que nunca mudaria.

— Eu almocei no Fouquet na semana passada com um cliente — disse Isherwood, passando a mão por suas longas mechas grisalhas. — Nos separamos no mesmo local onde esse maníaco detonou a bomba. E se o cliente tivesse marcado o almoço para hoje? Eu poderia estar...

Isherwood parou de falar. Era uma reação típica depois de um ataque, pensou Gabriel. Os vivos sempre tentam encontrar uma conexão, por mais tênue que seja, com os mortos.

— O homem-bomba de Copenhague matou crianças — continuou Isherwood. — Você poderia me explicar, por favor, por que assassinam crianças inocentes?

— Medo — respondeu Gabriel. — Eles querem que sintamos medo.

— Quando isso vai terminar? — perguntou Isherwood, meneando a cabeça com desgosto. — Em nome de Deus, quando essa loucura vai acabar?

— Você devia saber que não adianta fazer perguntas desse tipo, Julian. — Gabriel baixou a voz e acrescentou: — Afinal, você está assistindo a essa guerra de camarote há muito tempo.

Isherwood deu um sorriso melancólico. Seu nome e perfil genuinamente ingleses ocultavam o fato de que ele não era inglês de verdade. Britânico de nacionalidade e passaporte, sim, porém alemão de nascimento, francês de formação e judeu por religião. Apenas poucos amigos de sua confiança sabiam que Isherwood tinha chegado a Londres como uma criança refugiada em 1942 depois de ser carregado pelos Pireneus cobertos de neve por dois pastores bascos. Ou que seu pai, o renomado comerciante de arte parisiense Samuel Isakowitz, tinha sido assassinado no campo de concentração de Sobibór junto com sua mãe. Apesar de Isherwood ter guardado com cuidado os segredos do passado, a história de sua dramática fuga da Europa ocupada pelos nazistas chegou aos ouvidos do serviço secreto de inteligência de Israel. E em meados dos anos 1970, durante uma onda de ataques terroristas palestinos contra alvos israelenses na Europa, ele foi recrutado como um *sayan*, um ajudante voluntário. Isherwood tinha apenas uma missão — ajudar a construir e manter a imagem de restaurador de arte de Gabriel Allon.

— Só não se esqueça de uma coisa — observou Isherwood. — Agora você trabalha para mim, não para eles. Isso não é problema seu, queridinho. Não mais. — Apontou o controle remoto para a televisão e as destruições em Paris e Copenhague desapareceram. — Vamos ver algo mais bonito?

O limitado espaço da galeria obrigara Isherwood a organizar seu império verticalmente — depósitos no térreo, escritórios no segundo andar e, no terceiro, uma gloriosa sala de exposição formal no modelo da famosa galeria de Paul Rosenberg em Paris, onde o jovem Julian havia passado muitas horas felizes na infância. Ao entrarem no salão, o sol do meio-dia penetrava pela claraboia, iluminando uma grande pintura a óleo sobre um pedestal coberto por um tecido grosso. Um retrato da Madona e a Criança com Maria

Madalena contra um fundo noturno, obviamente da Escola de Veneza. Chiara tirou seu longo casaco de couro e sentou-se num sofá no centro da sala. Gabriel ficou bem em frente à tela, uma das mãos apoiando o queixo, a cabeça inclinada para um lado.

— Onde você o encontrou?

— Numa grande pilha de calcário na costa de Norfolk.

— E a pilha tem um dono?

— Insistem no anonimato. Basta dizer que é descendente de uma família nobre, suas propriedades são enormes e que suas reservas em dinheiro estão diminuindo num ritmo alarmante.

— Por isso pediu que tirasse algumas pinturas de suas mãos para ele se manter sem dívidas por mais um ano.

— Do jeito que ele gasta dinheiro, eu daria mais dois meses no máximo.

— Quanto você pagou por isso?

— Vinte mil.

— Quanta bondade, Julian. — Gabriel olhou para Isherwood e acrescentou: — Imagino que tenha coberto os rastros levando outras pinturas também.

— Seis peças absolutamente sem valor — confessou Isherwood. — Mas se meu palpite sobre essa estiver certo, elas valeram o investimento.

— Procedência? — perguntou Gabriel.

— Foi adquirida no Vêneto por um ancestral do proprietário enquanto fazia uma viagem pela Europa no início do século XIX. Está na família desde essa época.

— Atribuição atual?

— Oficina de Palma Vecchio.

— É mesmo? — perguntou Gabriel, cético. — De acordo com quem?

— De acordo com o perito italiano que intermediou a venda.

— Ele era cego?

— Só de um olho.

Gabriel sorriu. Muitos italianos que assessoravam a aristocracia inglesa durante suas viagens eram charlatões que faziam transações rápidas de cópias sem valor falsamente atribuídas aos mestres de Florença e Veneza. Em algumas ocasiões, se

enganavam e vendiam obras legítimas. Isherwood desconfiou que a pintura no pedestal pertencesse à segunda categoria. Assim como Gabriel. Ele passou a ponta do indicador pelo rosto de Madalena, tirando o equivalente a um século de fuligem.

— Onde estava pendurado? Numa mina de carvão?

Tateou o verniz bem descolorido. Provavelmente era composto por uma resina de lentisco ou de pinho dissolvida em terebintina. A remoção seria um doloroso processo envolvendo o uso de uma mistura cuidadosamente regulada de acetona, éter glicólico e solução mineral. Gabriel podia imaginar os horrores que o esperavam quando o velho verniz fosse retirado: arquipélagos de pentimento, um deserto de rachaduras e vincos na superfície, uma quantidade enorme de pinturas escondidas por restaurações anteriores. E havia ainda as condições da tela, que se enrugara dramaticamente com o tempo. A solução era um novo revestimento, um perigoso procedimento envolvendo a aplicação de calor, umidade e pressão. Qualquer restaurador que já tivesse feito um revestimento possuía cicatrizes do trabalho. Gabriel havia destruído grande parte de uma pintura de Domenico Zampieri usando um ferro com um medidor de temperatura defeituoso. A pintura afinal restaurada, embora cristalina para olhos não treinados, demonstrava ser uma colaboração entre Zampieri e o estúdio de Gabriel Allon.

— Então? — perguntou Isherwood outra vez. — Quem pintou essa maldita coisa?

Gabriel exagerou na deliberação.

— Vou precisar de raios X para estabelecer uma atribuição definitiva.

— Vão vir aqui ainda esta tarde para levar os quadros. E nós dois sabemos que você não precisa disso para fazer uma atribuição preliminar. Você é como eu, queridinho. Está envolvido com pinturas há cem mil anos. Sabe tudo quando vê um quadro.

Gabriel pescou uma pequena lupa do bolso do casaco e usou-a para examinar as pinceladas. Inclinando-se um pouco para a frente, pôde sentir o formato familiar de uma pistola Beretta 9 mm pressionando o quadril esquerdo. Depois de trabalhar com a inteligência britânica para sabotar o programa nuclear iraniano,

agora tinha permissão para portar uma arma o tempo todo para proteção. Havia recebido também um passaporte inglês, que podia ser usado livremente em viagens ao exterior, desde que não estivesse a trabalho para seu antigo serviço. Mas não havia chance de isso acontecer. A ilustre carreira de Gabriel Allon estava finalmente encerrada. Ele não era mais o anjo vingador de Israel. Era um restaurador de arte empregado pela Isherwood Fine Arts, e a Inglaterra era o seu lar.

— Você tem um palpite — disse Isherwood. — Posso ver nos seus olhos verdes.

— Tenho, sim — respondeu Gabriel, ainda absorvido pelas pinceladas —, mas antes gostaria de uma segunda opinião.

Olhou para Chiara por cima dos ombros. Ela estava brincando com uma mecha de seu cabelo revoltado, uma expressão levemente pensativa. Na posição em que estava, mostrava uma notável semelhança com a mulher na pintura. O que não era surpresa, pensou Gabriel. Descendente de judeus expulsos da Espanha em 1492, Chiara havia sido criada no antigo gueto de Veneza. Era bem possível que algumas de suas ancestrais tivessem posado para mestres como Bellini, Veronese e Tintoretto.

— O que você acha? — perguntou Gabriel.

Chiara postou-se diante da tela ao lado de Gabriel e estalou a língua, reprovando sua condição lastimável. Embora tivesse estudado o Império Romano na faculdade, havia ajudado Gabriel em inúmeras restaurações e, durante o processo, se tornara uma formidável historiadora de arte.

— É um excelente exemplo de uma Conversação Sagrada, ou Sacra Conversazione, uma cena idílica em que os integrantes estão agrupados em uma paisagem esteticamente agradável. E como qualquer imbecil sabe, Palma Vecchio é considerado o criador dessa forma.

— O que você acha da técnica? — perguntou Isherwood, um advogado conduzindo uma testemunha favorável.

— É boa demais para Palma — respondeu Chiara. — Sua paleta de cores era incomparável, mas ele nunca foi considerado habilidoso, mesmo por seus contemporâneos.

— E a mulher posando como a Madona?

— Se eu não estiver enganada, o que é pouco provável, o nome dela é Violante. Ela aparece em várias pinturas de Palma. Mas na época havia outro famoso pintor em Veneza que dizem que gostava muito dela. O nome era...

— Tiziano Vecellio — completou Isherwood. — Mais conhecido como Ticiano.

— Parabéns, Julian — disse Gabriel, sorrindo. — Você pinçou um Ticiano pela quantia irrisória de 20 mil libras. Agora só precisa encontrar um restaurador capaz de deixá-lo perfeito.

— Quanto? — perguntou Isherwood.

Gabriel franziu a testa.

— Vai dar muito trabalho.

— Quanto? — repetiu Isherwood.

— Duzentos mil.

— Eu poderia arranjar alguém por metade desse preço.

— É verdade. Mas nós dois nos lembramos da última vez que você tentou isso.

— Quando você pode começar?

— Preciso consultar minha agenda antes de me comprometer.

— Eu faço um adiantamento de 100 mil.

— Nesse caso, eu posso começar agora mesmo.

— Vou mandar a tela para a Cornualha depois de amanhã. A questão é: quando você vai me entregar?

Gabriel não respondeu. Olhou para o relógio por um momento, como se não estivesse marcando a hora certa, e depois para a claraboia, pensativo.

Isherwood pousou a mão em seu ombro com delicadeza.

— Não é problema seu, queridinho. Não mais.

4

COVENT GARDEN, LONDRES

A blitz da polícia perto da Leicester Square parou o tráfego na Charing Cross. Gabriel e Chiara atravessaram uma nuvem de fumaça dos escapamentos dos carros e seguiram pela Cranbourn Street, ladeada por pubs e cafés que atendiam as hordas de turistas que pareciam vagar sem rumo pelo Soho a qualquer hora, independentemente da estação. Gabriel olhava para a tela de seu celular. O número de vítimas em Paris e Copenhague estava subindo.

— Muito ruim? — perguntou Chiara.

— Já são 28 na Champs-Élysées e 37 nos Jardins de Tivoli.

— Eles têm alguma ideia do responsável?

— Ainda é cedo demais, mas os franceses acham que pode ser a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico.

— Será que eles conseguiriam fazer dois ataques coordenados como esses?

— Eles têm células por toda a Europa e América do Norte, mas os analistas do King Saul Boulevard sempre foram céticos quanto à capacidade de eles manterem o estilo espetacular de Bin Laden.

O King Saul Boulevard era o endereço do serviço de inteligência israelense no exterior. O nome longo e propositalmente enganoso tinha muito pouco a ver com a verdadeira natureza de seu trabalho. Os que trabalhavam lá se referiam ao lugar como o Escritório e nada mais. Até mesmo agentes aposentados como Gabriel e Chiara nunca pronunciavam o verdadeiro nome da organização.

— Não me parece coisa do Bin Laden — comentou Chiara. — Parece mais...

— Bagdá — completou Gabriel. — Essa quantidade de vítimas é alta para ataques ao ar livre. A impressão é que os construtores das

bombas sabiam o que estavam fazendo. Se nós tivermos sorte, ele deixou sua assinatura no local.

— Nós? — perguntou Chiara.

Gabriel guardou o telefone no bolso sem falar nada. Os dois tinham chegado ao caótico trânsito no fim da Cranbourn Street. Havia dois restaurantes italianos: o Spaghetti House e o Bella Italia. Ele olhou para Chiara e pediu que escolhesse.

— Eu não vou começar meu longo fim de semana em Londres no Bella Italia — disse Chiara franzindo a testa. — Você me prometeu um almoço decente.

— Na minha opinião, existem lugares bem piores que o Bella Italia em Londres.

— Não se você nasceu em Veneza.

Gabriel sorriu.

— Nós temos uma reserva num lugar adorável chamado Orso, na Wellington Street. É bem italiano. Achei que poderíamos passar por Covent Garden no caminho.

— Você ainda quer fazer isso?

— Nós precisamos comer, e a caminhada vai nos fazer bem.

Passaram depressa pela rotatória e entraram na Garrick Street, onde dois policiais de casacos verde-limão interrogavam o motorista de aparência árabe de uma van branca. A ansiedade dos pedestres era quase palpável. Em alguns rostos Gabriel via um medo genuíno; em outros, uma determinação inflexível de seguir em frente como sempre. Chiara segurava a mão dele com força enquanto os dois passavam pelas vitrines das lojas. Ela esperava por aquele fim de semana havia muito tempo e estava determinada a não deixar que as notícias de Paris e de Copenhague o estragassem.

— Você foi um pouco duro com Julian — falou ela. — Duzentos mil é o dobro do que você cobra normalmente.

— É um Ticiano, Chiara. Julian vai se dar muito bem.

— O mínimo que você podia fazer era aceitar o convite dele para um almoço comemorativo.

— Eu não queria almoçar com Julian. Queria almoçar com você.

— Ele queria discutir uma ideia conosco.

— Que tipo de ideia?

— Uma sociedade. Ele quer que sejamos sócios na galeria.

Gabriel diminuiu o passo e parou.

— Quero deixar uma coisa o mais claro possível: não tenho absolutamente nenhum interesse em me tornar sócio de uma empresa que só de vez em quando está no azul, como acontece com a Isherwood Fine Arts.

— Por que não?

— Por uma razão — respondeu ele, voltando a andar. — Nós não temos ideia de como tocar um negócio.

— Você já tocou vários negócios de sucesso no passado.

— Isso é fácil quando se tem o apoio de um serviço de inteligência.

— Você não está se dando o devido crédito, Gabriel. O que pode ser tão difícil em dirigir uma galeria de arte?

— Pode ser *incrivelmente* difícil. E como Julian já provou muitas vezes, é fácil se envolver em problemas. Até as galerias mais bem-sucedidas podem afundar-se fizerem uma aposta errada. — Gabriel olhou de soslaio e perguntou: — Quando você e Julian tramaram esse pequeno arranjo?

— Você fala como se estivéssemos conspirando pelas suas costas.

— É porque estavam mesmo.

Com um sorriso, Chiara acabou concordando.

— Foi quando estávamos em Washington na apresentação do Rembrandt. Julian me puxou de lado e disse que estava começando a pensar em se aposentar. Ele quer que a galeria fique nas mãos de alguém em quem confie.

— Julian nunca vai se aposentar.

— Eu não teria tanta certeza.

— Onde eu estava enquanto esse negócio era tramado?

— Acho que você tinha saído para uma conversa particular com uma repórter investigativa inglesa.

— Por que você não me falou nada disso até agora?

— Porque Julian pediu.

Gabriel ficou em silêncio, deixando claro que Chiara tinha violado um dos princípios fundamentais do casamento deles. Segredos, mesmo os mais triviais, eram proibidos.

— Desculpe, Gabriel. Eu deveria ter dito alguma coisa, mas Julian foi inflexível. Sabia que o seu primeiro instinto seria dizer não.

— Ele poderia vender a galeria para Oliver Dimbleby num piscar de olhos e se aposentar numa ilha no Caribe.

— Você já pensou no que isso significaria para nós? Você quer mesmo restaurar pinturas para Oliver Dimbleby? Ou para Giles Pittaway? Ou acha que poderia arranjar algum trabalho freelance com a Tate ou a National Gallery?

— Parece que você e Julian já pensaram em tudo.

— Pensamos mesmo.

— Então talvez você deva ser sócia de Julian.

— Só se você restaurar pinturas para mim.

Gabriel percebeu que Chiara estava falando sério.

— Dirigir uma galeria não é só frequentar leilões glamorosos ou ir a longos almoços em restaurantes de luxo na Jermyn Street. E também não é algo que se possa considerar um passatempo.

— Obrigada por me considerar uma amadora.

— Não foi o que eu quis dizer, você sabe disso.

— Você não é o único que se aposentou do Escritório, Gabriel. Eu também me aposentei. Mas, ao contrário de você, eu não tenho Grandes Mestres danificados para ocupar o meu tempo.

— Então você quer virar uma negociante de arte? Vai passar os dias fuçando um monte de pinturas medíocres em busca de outro Ticiano perdido. E a probabilidade é de nunca encontrar um.

— Não me parece tão mau. — Chiara olhou ao redor. — E isso significa que poderíamos morar aqui.

— Achei que você gostava da Cornualha.

— Adoro. Mas não no inverno.

Gabriel ficou em silêncio. Ele vinha se preparando para uma conversa como aquela já havia algum tempo.

— Achei que nós iríamos ter um filho — falou por fim.

— Eu também — concordou Chiara. — Mas estou começando a achar que não vai ser possível. Nada que eu tento parece funcionar.

Havia um tom de resignação na voz dela que Gabriel nunca tinha ouvido.

— Então vamos continuar tentando — disse.

— Não quero que você se sinta desapontado. Foi aquela gravidez interrompida. Para mim, vai ser muito mais difícil ficar grávida outra vez. Quem sabe? Talvez uma mudança de cenário possa ajudar. Pense nisso — falou, apertando a mão dele. — É só o que estou pedindo, querido. Pode ser que gostemos de morar aqui.

Na ampla *piazza* do mercado de Covent Garden, um comediante de rua orientava um casal de turistas alemães a ficar numa pose que sugeria intimidade sexual, sem que eles percebessem. Chiara encostou-se numa pilastra para assistir à apresentação enquanto Gabriel fechou a cara, os olhos examinando a multidão reunida na praça e junto à mureta do restaurante Punch and Judy acima. Não estava zangado com Chiara, mas consigo mesmo. Durante anos, a relação entre os dois havia girado em torno de Gabriel e seu trabalho. Nunca lhe havia ocorrido que Chiara também pudesse ter suas próprias aspirações profissionais. Se eles fossem um casal normal, ele poderia ter considerado a proposta. Mas eles não eram um casal normal. Eram ex-agentes de um dos serviços de inteligência mais renomados do mundo. E tinham um passado sangrento demais para levar uma vida pública.

Quando se dirigiam à arrojada arcada de vidro do mercado, toda a tensão da discussão logo se dissipou. Até mesmo Gabriel, que detestava fazer compras, sentia prazer em perambular pelas tendas e lojas coloridas com Chiara a seu lado. Inebriado pelo aroma dos cabelos dela, ele imaginou a tarde que tinham pela frente — um almoço tranquilo seguido por uma agradável caminhada de volta ao hotel. Lá, na sombra fresca do quarto, Gabriel despiria Chiara devagar e fazia amor na enorme cama. Por um momento, quase foi possível para Gabriel imaginar seu passado sendo apagado e suas façanhas se tornando meras lendas que juntavam poeira nos arquivos do King Saul Boulevard. Apenas o estado de alerta permanecia — a vigilância instintiva e inquietante não o deixava se sentir completamente em paz em público. Forçava-o a fazer um esboço mental de todos os rostos que passavam no mercado lotado. E na Wellington Street, quando os dois se aproximavam do restaurante, ele parou de repente. Chiara puxou-o pelo braço, de um jeito brincalhão. Depois olhou diretamente nos olhos dele e percebeu que havia algo errado.

- Parece que você viu um fantasma.
- Não um fantasma. Um homem morto.
- Onde?

Gabriel apontou com a cabeça uma figura que vestia um sobretudo de lã cinzento.

- Logo ali.

Covent Garden, Londres

Existem indicadores comuns reveladores de homens-bomba. Os lábios podem se movimentar involuntariamente em suas últimas preces. O olhar pode ser vidrado e distante. E o rosto às vezes pode estar pálido demais, prova de que uma barba desgrenhada foi raspada às pressas durante os preparativos para uma missão. O homem não exibia nenhuma dessas características. Os lábios estavam franzidos. O olhar estava claro e focado. E o rosto tinha uma coloração uniforme. Ele vinha se barbeando com regularidade havia algum tempo.

O que o diferenciava era a quantidade de suor escorrendo da costeleta esquerda. Por que ele suava tanto no frescor de uma tarde de outono? Se estava com calor, por que as mãos enterradas nos bolsos do sobretudo? E por que o sobretudo — maior do que deveria ser, na opinião de Gabriel — estava todo abotoado? E também havia o andar. Mesmo um homem em forma, de uns 30 anos, terá dificuldade de andar normalmente quando está carregado com mais de 20 quilos de explosivos, pregos e bolas de aço. Quando passou caminhando por Gabriel na Wellington Street, ele parecia ereto demais, como se tentasse compensar o peso em torno de seu corpo. O tecido das calças de gabardine vibrava com cada passo, como se as juntas dos quadris e dos joelhos estremecessem sob o peso da bomba. Era possível que o jovem suando com um casaco exagerado fosse um inocente que simplesmente precisava fazer suas compras do dia, mas Gabriel desconfiava que não. Ele acreditava que o homem andando alguns passos à frente representava o *grand finale* de um dia de terror continental. Primeiro Paris, depois Copenhague, e agora Londres.

Gabriel mandou Chiara se abrigar no restaurante e atravessou rapidamente a rua. Seguiu o homem por quase 100 metros,

observando quando ele virou a esquina na entrada do mercado de Covent Garden. Havia dois cafés no lado leste da *piazza*, ambos cheios de clientes almoçando. Em pé entre os cafés, numa réstia de sol, havia três policiais uniformizados. Nenhum deles prestou atenção ao homem que entrou.

Agora Gabriel tinha uma decisão a tomar. A atitude mais óbvia seria contar aos policiais sobre sua suspeita — óbvia, pensou, mas não necessariamente a melhor. Provavelmente a polícia reagiria à abordagem de Gabriel puxando-o de lado para um interrogatório, perdendo muitos segundos preciosos. Pior ainda, eles poderiam confrontar o homem, uma manobra que com quase toda certeza o faria provocar a explosão. Ainda que praticamente todos os policiais londrinos tivessem treinamento básico em táticas antiterroristas, poucos tinham a experiência ou o poder de fogo necessários para abater um jihadista disposto a se martirizar. Gabriel dispunha das duas coisas e já havia agido contra, homens-bomba. Passou pelos três policiais e entrou no mercado.

O homem estava agora a quase 20 metros, caminhando por uma passarela mais alta no recinto principal. Gabriel calculou que ele portava explosivos e estilhaços suficientes para matar todo mundo num raio de quase 25 metros. O procedimento recomendado era que Gabriel permanecesse fora da zona letal da explosão até chegar a hora de agir. O ambiente, porém, o compelia a diminuir a distância e se colocar num perigo maior. Um tiro na cabeça a 23 metros era difícil em quaisquer circunstâncias, mesmo para um atirador com a perícia de Gabriel Allon. Num mercado cheio de gente, seria quase impossível.

Gabriel sentiu seu celular vibrando suavemente no bolso do casaco. Ignorando-o, observou quando o homem se deteve no parapeito da passarela para consultar o relógio. Gabriel tomou nota do fato de estar no pulso esquerdo; logo, o botão do detonador devia estar na mão direita. Mas por que um homem-bomba interromperia seu caminho para ver as horas? A explicação mais plausível era que recebera ordens de terminar com sua vida e as das muitas pessoas inocentes num momento preciso. Gabriel desconfiou que havia algum tipo de simbolismo envolvido. Em geral

havia. Os terroristas da Al-Qaeda e de suas ramificações adoravam simbolismos, em especial quando envolviam números.

Agora Gabriel estava próximo o bastante para ver os olhos do homem. Estavam claros e focados, um sinal animador. Significava que ele ainda estava pensando na missão e não nas delícias carnavais que o esperavam no Paraíso. Quando começasse a sonhar com as *houris* perfumadas de olhos escuros, isso transpareceria em sua expressão. E nesse momento Gabriel teria que fazer uma escolha. Por enquanto, ele precisava que o homem continuasse neste mundo um pouco mais.

O terrorista consultou o relógio mais uma vez. Gabriel deu uma olhada rápida para o próprio relógio: 14h34. Passou os números pelo banco de dados de sua memória em busca de alguma conexão. Somou-os, subtraiu-os, multiplicou-os, inverteu-os e mudou sua ordem. Depois pensou sobre os dois ataques anteriores. O primeiro acontecera às 11h46, o segundo, às 12h03. Era possível que os números representassem anos do calendário gregoriano, mas Gabriel não viu nenhuma relação.

Apagou mentalmente as horas dos ataques e se concentrou apenas nos minutos. *Quarenta e seis minutos, três minutos*. Foi quando entendeu. Os horários eram tão conhecidos para ele quanto as pinceladas de Ticiano. *Quarenta e seis minutos, três minutos*. Eram dois dos mais famosos momentos da história do terrorismo — os minutos exatos em que os dois aviões sequestrados atingiram o World Trade Center no dia 11 de setembro. O voo 11 da American Airlines chocou-se contra a Torre Norte às 8h46. O voo 175 da United Airlines bateu na Torre Sul às 9h03. O terceiro avião a atingir seu alvo naquela manhã foi o do voo 77 da American Airlines, que foi atirado contra a face oeste do Pentágono. Às 9h37 na hora local, e 14h37 em Londres.

Gabriel consultou seu relógio digital. Haviam passado alguns segundos das 14h35. Erguendo os olhos, viu que o homem estava outra vez se movendo a passos rápidos, as mãos nos bolsos, parecendo ignorar as pessoas ao redor. Quando Gabriel começou a segui-lo, seu celular vibrou outra vez. Dessa vez ele atendeu e ouviu a voz de Chiara. Informou-a que um homem-bomba estava prestes a se explodir em Covent Garden e a instruiu a entrar em contato

com o MI5. Depois guardou o telefone no bolso e começou a se aproximar do alvo. Temia que muitas pessoas inocentes estivessem prestes a morrer. E imaginava se poderia fazer algo para impedir.

6

COVENT GARDEN, LONDRES

Havia outra possibilidade, é claro. Talvez o homem alguns passos à frente não tivesse nada sob o casaco a não ser alguns quilos a mais. Era inevitável se lembrar do caso de Jean Charles de Menezes, o eletricitista brasileiro morto a tiros pela polícia britânica na estação de Stockwell de Londres depois de ser confundido com um procurado militante islâmico. Os promotores ingleses se recusaram a fazer acusações contra os policiais envolvidos, uma decisão que provocou indignação entre os ativistas de direitos humanos e libertários civis no mundo todo. Gabriel sabia que, sob circunstâncias semelhantes, ele não poderia esperar o mesmo tratamento. Isso significava que ele teria que estar certo antes de agir. Estava confiante em relação a um ponto. Acreditava que o homem-bomba, como um pintor, assinaria o seu nome antes de apertar o botão do detonador. Iria querer que as vítimas soubessem que suas mortes iminentes não eram sem propósito, que estavam sendo sacrificadas em nome do jihad e em nome de Alá.

No momento, porém, Gabriel não tinha escolha a não ser segui-lo e esperar. Devagar, com muito cuidado, ele diminuiu a distância, fazendo pequenos ajustes em seu trajeto para manter uma linha de tiro desimpedida. Os olhos estavam focados na parte inferior do crânio do homem. Poucos centímetros abaixo estava o tálamo, região do cérebro essencial para o controle motor e sensorial do resto do corpo. Se destruísse o tálamo com uma rajada de balas, o homem-bomba não teria como apertar o botão do detonador. Se errasse o tálamo, era possível que o mártir levasse a cabo sua missão ao agonizar. Gabriel era um dos poucos homens no mundo que tinha matado um terrorista *antes* que ele consumasse seu ataque. Sabia que a diferença entre o sucesso e o fracasso era de uma fração de segundo. Sucesso significava que só um morreria.

Fracasso resultaria na morte de muitas pessoas inocentes, talvez até mesmo dele próprio.

O homem passou pela porta que dava na *piazza*. Estava bem mais movimentada agora. Um violoncelista tocava uma suíte de Bach. Um imitador de Jimi Hendrix segurava uma guitarra ligada a um amplificador. Um homem bem-vestido em cima de um caixote de madeira gritava algo sobre Deus e a guerra do Iraque. O homem-bomba andou direto para o centro da praça, onde a apresentação do comediante se tornara ainda mais pervertida, para o deleite da multidão de espectadores. Usando técnicas aprendidas na juventude, Gabriel mentalmente silenciou os ruídos ao redor um por um, começando pela suave melodia da suíte de Bach e terminando com as ruidosas gargalhadas da multidão. Em seguida, olhou pela última vez para o relógio e esperou que o homem assinasse seu nome.

Eram 14h36. O terrorista tinha chegado aos limites da multidão. Parou por alguns segundos, como se buscasse um ponto fraco para adentrar, depois abriu caminho à força entre duas mulheres espantadas. Gabriel tomou outro rumo alguns metros à direita do homem, passando quase despercebido em meio a uma família de turistas norte-americanos. A multidão estava muito concentrada, e não dispersa, o que representou outro dilema para Gabriel. A munição ideal para uma situação como aquela seria uma bala de ponta oca, que infligiria maiores danos aos tecidos do alvo e reduziria substancialmente as baixas colaterais provenientes de uma penetração mais profunda. Mas a pistola Beretta de Gabriel estava carregada com balas normais Parabellum de 9 mm. Por essa razão, ele teria que se posicionar para disparar numa trajetória extrema de cima para baixo. De outra forma, havia uma grande probabilidade de matar um inocente na tentativa de salvá-lo.

O homem-bomba atravessou a barreira de pessoas e agora se dirigia diretamente para o comediante. Os olhos tinham assumido a expressão vidrada e distante. Os lábios se moviam. *As preces finais...* O comediante supôs que o homem queria participar da performance. Sorrindo, deu dois passos em sua direção, mas estacou quando viu as mãos dele emergirem dos bolsos do casaco. A mão esquerda estava ligeiramente aberta. A direita estava

fechada, com o polegar levantado em ângulo reto. Ainda assim, Gabriel hesitou. E se não fosse um detonador? E se fosse apenas uma caneta? Ele precisava ter certeza. *Declare suas intenções*, pensou. *Assine o seu nome*.

O terrorista virou-se de frente para o mercado. Os clientes que olhavam da varanda do Punch and Judy riram nervosos, assim como alguns poucos espectadores na *piazza*. Em sua mente, Gabriel silenciou as risadas e congelou a imagem. A cena parecia uma pintura de Canaletto. As figuras estavam imóveis; somente Gabriel, o restaurador, era livre para se movimentar entre elas. Passou pela primeira fileira de espectadores e fixou o olhar no ponto na base do crânio. Não seria possível disparar num ângulo descendente. Mas havia outra solução para evitar baixas colaterais: uma linha de fogo de baixo para cima faria com que a bala passasse por cima da cabeça dos espectadores até atingir a fachada de um edifício próximo. Imaginou a manobra em sequência — sacar a arma com as mãos entrelaçadas, agachar, disparar, avançar — e esperou o homem-bomba assinar seu nome.

O silêncio na cabeça de Gabriel foi rompido por um grito bêbado na sacada do Punch and Judy — alguém mandando o mártir sair da frente e deixar a apresentação continuar. O terrorista reagiu erguendo os braços acima da cabeça como um maratonista rompendo a fita da linha de chegada. No lado interno do pulso direito havia um fino fio ligando o botão do detonador aos explosivos. Era toda a prova de que Gabriel precisava. Pegou sua Beretta de dentro do paletó. Em seguida, enquanto o terrorista gritava “*Allahu Akbar*”. Gabriel caiu sobre um joelho e ergueu a arma em direção ao alvo. Surpreendentemente, a linha de tiro estava livre, sem chance de danos secundários. Quando Gabriel ia apertar o gatilho, duas mãos empurraram com força a arma para baixo e o peso de dois homens o lançou contra o chão.

No instante em que bateu nas pedras da rua, ouviu um som retumbante e sentiu uma lufada de ar incandescente acima dele. Por alguns segundos, Gabriel não ouviu mais nada. Depois os gritos começaram, seguidos por uma ária de lamentos. Gabriel ergueu a cabeça e viu um pesadelo. Eram pedaços de corpos e sangue. Era Bagdá no Tâmis.

NEW Scotland Yard, LONDRES

Existem poucos pecados mais graves para um profissional de inteligência, mesmo aposentado, do que cair sob custódia de autoridades locais. Como havia transitado por um longo tempo numa região entre o mundo público e o secreto, Gabriel tinha passado por isso com mais frequência do que a maioria de seus companheiros de viagem. A experiência lhe ensinou que havia um ritual estabelecido para tais ocasiões, que deveria ser concluído antes que a alta cúpula pudesse intervir. Ele conhecia bem o procedimento. Felizmente, seus anfitriões também.

Gabriel tinha sido detido minutos depois do ataque e conduzido em alta velocidade para a New Scotland Yard, o quartel-general da Polícia Metropolitana de Londres. Na chegada, foi levado a uma sala de interrogatório sem janelas, onde trataram de seus inúmeros cortes e escoriações e lhe serviram uma xícara de chá, que deixou intocada. Um superintendente do Comando de Contraterrorismo chegou logo depois. Examinou seus documentos de identidade com o ceticismo que mereciam e em seguida tentou determinar a sequência de eventos que levaram o “Sr. Rossi” a sacar uma arma de fogo em Covent Garden pouco antes de um terrorista se explodir. Gabriel sentia-se tentado a fazer algumas perguntas. Por exemplo, gostaria de saber por que dois especialistas em armas de fogo da divisão SO19 da polícia preferiram neutralizá-lo, e não um terrorista óbvio prestes a cometer um assassinato em massa. Em vez disso, respondeu a todas as perguntas do detetive recitando um número telefônico:

— Ligue para lá – dizia, indicando o bloco de notas onde o detetive havia escrito o número. – É um edifício grande não muito longe daqui. Você vai reconhecer o nome do homem que atender. Ou pelo menos deveria reconhecer.

Gabriel não soube a identidade do policial que afinal discou o número nem soube exatamente quando a ligação foi feita. Soube apenas que sua estada na New Scotland Yard durou bem mais do que o necessário. Já era quase meia-noite quando o detetive o escoltou até uma série de corredores bem iluminados em direção à entrada do prédio. Na mão esquerda ele levava um envelope de papel pardo com os pertences de Gabriel. A julgar pelo tamanho e a forma, não continha uma pistola Beretta 9 mm.

Do lado de fora, o clima agradável da tarde dera lugar a uma chuva forte. Aguardando embaixo do pórtico de vidro, com o motor ligado, encontrava-se uma limusine Jaguar escura. Gabriel pegou o envelope com o detetive e abriu a porta traseira do carro. Dentro, com as pernas cruzadas elegantemente, estava um homem que parecia ter sido projetado para a tarefa. Usava um impecável terno grafite e uma gravata prateada combinando com os cabelos. Normalmente, seus olhos claros eram inescrutáveis, mas agora revelavam o estresse de uma noite longa e difícil. Como vice-diretor do MI5, Graham Seymour carregava a pesada responsabilidade de proteger o território britânico das forças do extremismo do Islã. E mais uma vez, apesar de todos os esforços do departamento, o Islã tinha vencido.

Embora os dois homens tivessem um longo histórico profissional, Gabriel pouco sabia da vida pessoal de Graham Seymour. Sabia que Seymour era casado com uma mulher chamada Helen, que ele adorava, e que tinha um filho que era gerente da filial de Nova York de uma importante instituição financeira inglesa. O restante das informações sobre os negócios particulares de Seymour fora tirado dos volumosos arquivos do Escritório. Ele era uma relíquia do glorioso passado britânico, um produto da classe média alta que havia sido criado, educado e programado para ser líder. Acreditava em Deus, mas não com muito fervor. Acreditava em seu país, mas não era cego às suas falhas. Jogava bem golfe e outros esportes, mas dispunha-se a perder para um oponente inferior a serviço de uma causa valiosa. Era um homem admirado e, o mais importante, um homem confiável — um raro atributo entre espiões e agentes secretos.

No entanto, Graham Seymour não era um homem de paciência ilimitada, como revelava sua expressão soturna quando o Jaguar se pôs em movimento. Retirou um exemplar do *Telegraph* da manhã seguinte do bolso do banco da frente e o jogou no colo de Gabriel. A manchete dizia reinado de terror. Abaixo viam-se três fotografias mostrando o resultado dos três ataques. Gabriel examinou a foto de Covent Garden em busca de algum sinal de sua presença, mas havia apenas vítimas. Era a imagem de um fracasso, pensou — dezoito pessoas mortas, dezenas gravemente feridas, inclusive um dos policiais que o imobilizara. E tudo por causa do tiro que não permitiram que Gabriel disparasse.

— Um dia terrível — disse Seymour demonstrando cansaço. — Imagino que a única maneira de piorar é se a imprensa descobrir sobre você. Quando as teorias da conspiração forem concluídas, o mundo islâmico vai acreditar que os ataques foram planejados e executados pelo Escritório.

— Pode ter certeza de que isso já está acontecendo. — Gabriel devolveu o jornal e perguntou: — Onde está minha esposa?

— Está no seu hotel. Há uma equipe minha no saguão. — Seymour fez uma pausa. — Desnecessário dizer que ela não está muito satisfeita com você.

— Como você sabe? — Os ouvidos de Gabriel ainda zuniam por causa da concussão provocada pela explosão. Fechou os olhos e se perguntou como as equipes da SO19 conseguiram localizá-lo tão rapidamente.

— Como você deve imaginar, nós temos um amplo suporte técnico à nossa disposição.

— Como meu celular e sua rede de câmeras CCTV?

— Exato — concordou Seymour. — Conseguimos localizar você poucos segundos depois de receber a ligação de Chiara. Encaminhamos a informação para o Comando Dourado, o centro operacional de crises da Polícia Metropolitana, que imediatamente despachou duas equipes de especialistas em armas de fogo.

— Eles deviam estar nas imediações.

— Estavam — confirmou Seymour. — Estamos em alerta vermelho depois dos ataques em Paris e Copenhague. Várias

equipes já estavam mobilizadas no distrito financeiro e em locais onde costuma haver aglomerações de turistas.

Então por que eles *me* atacaram e não o homem-bomba?

— Porque nem a Scotland Yard nem o Serviço de Segurança queriam uma reprise do fiasco Menezes. Em consequência da morte dele, inúmeros procedimentos e diretrizes foram implementados para evitar que algo do gênero se repita. Basta dizer que um único alerta não atende às disposições de uma ação letal, nem mesmo se por acaso a fonte é Gabriel Allon.

— E por causa disso dezoito pessoas foram mortas?

— E se ele não fosse um terrorista? E se fosse apenas um ator de rua ou alguém com problemas mentais? Nós teríamos sido crucificados.

— Mas não era um ator de rua nem um maluco, Graham. Era um homem-bomba. E eu disse isso a você.

— Como você sabia?

— Só faltava ele estar com um cartaz avisando.

— Era assim tão óbvio?

Gabriel listou os atributos que levantaram suas suspeitas e depois explicou os cálculos que o levaram a concluir que a explosão seria às 14h37. Seymour meneou a cabeça devagar.

— Já perdi a conta de quantas horas gastamos treinando nossos policiais para localizar possíveis terroristas, sem mencionar os milhões de libras que aplicamos no software de identificação de comportamento da CCTV. Ainda assim um homem-bomba do jihad andou por Covent Garden sem ninguém perceber. Ninguém além de você, é claro.

Seymour caiu num silêncio profundo. O automóvel seguia para o norte ao longo da Regent Street, intensamente iluminada. Cansado, Gabriel apoiou a cabeça no vidro da janela e perguntou se o terrorista havia sido identificado.

— O nome dele é Farid Khan. Os pais imigraram para o Reino Unido vindos de Lahore no fim dos anos 1970, mas Farid nasceu em Londres. Em Stepney Green, para ser exato. Como muitos muçulmanos ingleses de sua geração, ele rejeitou as convicções religiosas moderadas e apolíticas dos pais e se tornou islamita. No fim dos anos 1990, ele passava muito tempo na mesquita de East

London em Whitchapel Road. Em pouco tempo se tornou integrante de destaque dos grupos radicais de Hizb ut-Tahrir e Al-Muhajiroun.

— Está parecendo que vocês tinham a ficha dele.

— Nós tínhamos – concordou Seymour mas não pelas razões que você poderia imaginar. Veja bem, Farid Khan era um raio de sol, nossa esperança para o futuro. Ou ao menos foi o que pensamos.

— Você achou que ele poderia trabalhar para o outro lado?

— Seymour assentiu.

— Pouco depois do 11 de Setembro, Farid entrou para um grupo chamado New Beginnings. Seu objetivo era desprogramar militantes e reintegrá-los à opinião pública vigente do Islã e da Inglaterra. Farid era considerado um de seus grandes sucessos. Raspou a barba. Cortou relacionamentos com os velhos amigos. Formou-se entre os primeiros da turma na King's College e arranjou um emprego bem pago numa pequena agência de publicidade em Londres. Algumas semanas atrás, ficou noivo de uma mulher de sua antiga vizinhança.

— Aí você o removeu de sua lista.

— De certa forma. Agora parece que foi tudo uma inteligente dissimulação. Farid era uma bomba-relógio prestes a explodir.

— Alguma ideia de quem o ativou?

— Estamos examinando os registros dos telefones e computadores neste exato momento, bem como o vídeo suicida que ele deixou. Está claro que o ataque está ligado aos atentados em Paris e Copenhague. Se foram coordenados pelos remanescentes da central da Al-Qaeda ou por uma nova rede é agora uma questão de intensos debates. Seja qual for o caso, não é da sua conta. Seu papel neste caso está oficialmente encerrado.

O Jaguar atravessou a Cavendish Place e parou na entrada do Hotel Langham.

— Eu gostaria de ter minha arma de volta.

— Vou ver o que posso fazer – disse Seymour.

— Quanto tempo vou ter que ficar aqui?

— A Scotland Yard gostaria que você ficasse em Londres pelo resto do fim de semana. Na segunda de manhã você pode voltar para o seu chalé à beira-mar e só ficar pensando no seu Ticiano.

— Como você sabe do Ticiano?

— Eu sei de tudo. Tudo menos como evitar que um muçulmano nascido na Inglaterra cometa um assassinato em massa em Covent Garden.

— Eu poderia ter impedido isso, Graham.

— Poderia — concordou Seymour com frieza. — E teríamos retribuído o favor fazendo você em pedaços.

Gabriel desceu do carro sem falar mais nada.

— “Seu papel neste caso está oficialmente encerrado” — murmurou ao entrar no saguão. Repetiu isso inúmeras vezes, como um mantra.

8

NOVA YORK

Naquela mesma noite, o outro universo habitado por Gabriel Allon também estava agitado, mas por razões muito diferentes. Era a temporada de leilões do outono em Nova York, uma época de ansiedade em que o mundo da arte, em todas as suas loucuras e excessos, reúne-se durante duas semanas num frenesi de compras e vendas. Como Nicholas Lovegrove gostava de dizer, era uma das poucas ocasiões em que ser muito rico não era algo considerado fora de moda. No entanto, era também um negócio mortalmente sério. Grandes coleções seriam montadas, grandes fortunas seriam construídas e perdidas. Uma só transação poderia deslanchar uma carreira brilhante. Mas também poderia destruí-la.

A reputação profissional de Lovegrove, como a de Gabriel Allon, estava firmemente estabelecida naquela noite. Nascido e educado na Inglaterra, era o consultor de arte mais procurado no mundo — um homem tão poderoso que podia influenciar o mercado apenas fazendo uma observação casual ou torcendo o elegante nariz. Seu conhecimento de arte era lendário, e também o tamanho de sua conta bancária. Lovegrove não precisava mais garimpar clientes; eles o procuravam, em geral de joelhos ou com promessas de altas comissões. O segredo do sucesso de Lovegrove estava no olhar infalível e na discrição. Lovegrove nunca traiu a confiança de ninguém; nunca fez fofocas ou se envolveu em negócios escusos. Era a ave mais rara no negócio de artes — um homem de palavra.

Apesar da reputação, Lovegrove estava acometido por seu habitual nervosismo pré-leilão enquanto se apressava pela Sexta Avenida. Depois de anos de preços em queda e vendas anêmicas, o mercado de arte começava, afinal, a dar sinais de renovação. Os primeiros leilões da temporada haviam sido respeitáveis, mas ficaram abaixo das expectativas. A venda daquela noite, de arte pós — guerra e contemporânea na Christie's, tinha o potencial de incendiar o mundo das artes. Como de hábito, Lovegrove tinha

clientes em ambos os lados do leilão. Dois eram vendedores, enquanto um terceiro queria adquirir o Lote 12, *Ocher and Red on Red*, óleo sobre tela, de Mark Rothko. O cliente em questão era tão único que Lovegrove nem sabia seu nome. Suas transações eram com um certo Sr. Hamdali em Paris, que por sua vez tratava com o cliente. O arranjo não era feito da forma tradicional, mas, da perspectiva de Lovegrove, era bastante lucrativo. Só durante os últimos doze meses, o colecionador havia adquirido mais de 200 milhões de dólares em pinturas. As comissões de Lovegrove nessas vendas passavam de 20 milhões. Se esta noite as coisas corressem de acordo com o planejado, seu lucro líquido aumentaria substancialmente.

Ele entrou na Rua 49 e andou meio quarteirão até a entrada da Christie's. O imponente saguão envidraçado era um mar de diamantes, seda, egos e colágeno. Lovegrove parou um instante para beijar a bochecha perfumada de uma atraente herdeira alemã antes de continuar em direção à chapelaria, onde logo foi abordado por dois negociantes do Upper East Side. Rechaçou ambos com um gesto, pegou sua placa do leilão e subiu para o salão de vendas.

Levando-se em conta toda a intriga e o glamour envolvidos, o salão era surpreendentemente comum, uma mistura de saguão da Assembleia Geral das Nações Unidas com uma igreja evangélica de cultos televisivos. As paredes eram de um tom sem graça de bege e cinza, assim como as cadeiras dobráveis aglomeradas para aproveitar ao máximo o espaço limitado. Atrás de uma espécie de púlpito via-se uma vitrine giratória e, perto dela, uma mesa telefônica operada por meia dúzia de funcionários da Christie's. Lovegrove ergueu os olhos para os camarotes, esperando divisar um ou dois rostos atrás do vidro fumê, depois andou com cautela em direção aos repórteres que se amontoavam como gado no canto do fundo. Escondendo o número de sua placa, passou rápido por eles e se dirigiu a seu lugar habitual na frente da sala. Era a Terra Prometida, o local onde todos os marchands, consultores e colecionadores esperavam um dia sentar. Não era um lugar para quem tivesse o coração fraco ou pouco dinheiro. Lovegrove se referia a ele como “zona da matança”.

O leilão estava programado para começar às seis. Francis Hunt, o leiloeiro-chefe da Christie's, garantiu cinco minutos adicionais à irrequieta plateia para se acomodar antes de ocupar o seu assento. Ele tinha modos polidos e uma divertida cortesia inglesa que por alguma inexplicável razão ainda fazia os norte-americanos se sentirem inferiores. Na mão direita ele segurava o famoso "livro negro" que continha os segredos do universo, ao menos no que dizia respeito àquela noite. Cada lote à venda tinha sua própria página com informações como a reserva do vendedor, um mapa mostrando a localização dos prováveis compradores e a estratégia de Hunt para obter o maior lance possível. O nome de Lovegrove aparecia na página dedicada ao Lote 12, o Rothko. Durante uma inspeção privada pré-venda, Lovegrove insinuou que *talvez* estivesse interessado, mas só se o preço fosse apropriado e as estrelas estivessem no alinhamento certo. Hunt sabia que Lovegrove estava mentindo, é claro. Hunt sabia de tudo.

Desejou a todos uma boa-noite e, em seguida, com toda a pompa de um mestre de cerimônias de uma grande festa, disse: — Lote 1, o Twombly.

Os lances começaram de imediato, subindo rápido de 100 mil em 100 mil dólares. O leiloeiro administrava com habilidade o processo junto a dois auxiliares de penteados irretocáveis que se pavoneavam e posavam atrás do púlpito como modelos masculinos numa sessão de fotos. Lovegrove talvez se impressionasse com a performance se não soubesse que tudo era cuidadosamente coreografado e ensaiado. Os lances pararam em 1,5 milhão, mas foram reavivados por um lance por telefone de 1,6 milhão. Seguiram-se mais cinco lances em rápida sucessão, e nesse ponto os lances cessaram pela segunda vez.

— O lance é de 2,1 milhões, com Cordelia ao telefone — entoou Hunt, os olhos movendo-se sedutores pela plateia. — Não está com a madame, nem com o senhor. Dois ponto um, ao telefone, pelo Twombly. Último aviso. Última chance. — O martelo desceu com um baque. — Obrigado — murmurou Hunt enquanto registrava a transação em seu livro negro.

Depois do Twombly veio o Lichtenstein, seguido pelo Basquiat, o Diebenkorn, o De Kooning, o Johns, o Pollock e uma série de

Warhols. Todos os trabalhos alcançaram mais do que a estimativa pré-venda e mais do que o lote anterior. Não foi por acaso; Hunt tinha organizado os leilões com inteligência de forma a criar uma escala ascendente de excitação. No momento em que o Lote 12 chegou à vitrine, ele tinha a plateia e os compradores na palma da mão.

— À minha direita temos o Rothko — anunciou. — Vamos começar os lances em 12 milhões?

Eram 2 milhões acima da estimativa pré-venda, um sinal de que Hunt esperava que a obra vendesse muito bem. Lovegrove tirou um celular do bolso do paletó Brioni e digitou um número de Paris. Hamdali atendeu. A voz dele soava como um chá morno adoçado com mel.

— Meu cliente gostaria de sentir um pouco o ambiente antes de fazer o primeiro lance.

— Bem pensado.

Lovegrove colocou o telefone no colo e cruzou os dedos. Logo ficou claro que seria uma árdua batalha. Lances se precipitaram em direção a Hunt de todos os cantos do recinto e dos funcionários da Christie's que operavam os telefones. Hector Candiotti, consultor de arte de um magnata da indústria belga, brandia a placa no ar com agressividade, uma técnica conhecida como rolo compressor. Tony Berringer, que trabalhava para um oligarca russo do alumínio, fazia lances como se sua vida dependesse daquilo, o que bem podia ser possível. Lovegrove esperou até o preço chegar a 30 milhões antes de pegar o telefone.

— Então? — perguntou com a voz calma.

— Ainda não, Sr. Lovegrove.

Dessa vez Lovegrove manteve o telefone no ouvido. Em Paris, Hamdali falava com alguém em árabe. Infelizmente, não era uma das várias línguas que Lovegrove falava com fluência. Para passar o tempo, perscrutou os camarotes, em busca de compradores secretos. Num deles percebeu uma linda jovem, segurando um celular. Alguns segundos depois, Lovegrove notou algo mais. Quando Hamdali falava, a mulher ficava em silêncio. E quando a mulher falava, Hamdali não dizia nada. Provavelmente era uma coincidência, pensou. Ou não.

— Talvez seja o momento de fazer um teste — sugeriu Lovegrove, os olhos na mulher no camarote.

— Talvez você tenha razão — replicou Hamdali. — Um momento, por favor.

Hamdali murmurou algumas palavras em árabe. Logo depois, a mulher no camarote falou em seu celular. Depois, em inglês, Hamdali falou: — O cliente concorda, Sr. Lovegrove. Por favor, faça seu primeiro lance.

A oferta estava em 34 milhões. Arqueando uma única sobrancelha, Lovegrove aumentou em 1 milhão.

— Nós temos 35 — disse Hunt, num tom que indicava que um novo predador de respeito tinha entrado na disputa.

Hector Candiotti reagiu de imediato, assim como Tony Berringer. Dois compradores por telefone empurraram o preço para o limite de 40 milhões. Então Jack Chambers, o rei do mercado imobiliário, casualmente fez um lance de 41. Lovegrove não estava muito preocupado com Jack. O caso com aquela sirigaita de Nova Jersey tinha saído caro no divórcio. Jack não tinha fundos para ir muito além.

— A oferta está em 41 contra você — sussurrou Lovegrove ao telefone.

— O cliente acredita que tudo não passa de pose.

— Trata-se de um leilão de arte na Christie's. Pose é praxe.

— Paciência, Sr. Lovegrove.

Lovegrove mantinha os olhos na mulher no camarote quando os lances alcançaram a marca de 50 milhões. Jack Chambers fez um último lance de 60; Tony Berringer e seu gângster russo fizeram as honras com 70. Hector Candiotti desistiu da disputa.

— Parece que está entre nós e os russos — disse Lovegrove ao homem em Paris.

— Meu cliente não se importa com os russos.

— O que o seu cliente gostaria de fazer?

— Qual é o recorde de um Rothko num leilão?

— É de 72 e uns trocados.

— Por favor, faça um lance de 75.

— É demais. Você nunca...

— Faça o lance, Sr. Lovegrove.

Lovegrove arqueou uma sobrancelha e ergueu cinco dedos.

— O lance é de 75 milhões — disse Hunt. — Não está com o senhor. Nem com o senhor. Temos 75 milhões pelo Rothko. Último aviso. Última chance. Todos de acordo?

O martelo foi batido.

Um suspiro perpassou o recinto. Lovegrove olhou para o camarote, mas a mulher já havia ido embora.

PENÍNSULA DO LAGARTO, CORNUALHA

Com a aprovação da Scotland Yard, do Home Office e do primeiro-ministro britânico, Gabriel e Chiara voltaram à Cornualha três dias depois do atentado em Covent Garden. *Madona e a Criança com Maria Madalena*, óleo sobre tela, 110 por 92 centímetros, chegou às dez horas da manhã seguinte. Depois de retirar a pintura com todo o cuidado de seu estojo de proteção, Gabriel colocou-a no velho cavalete de carvalho da sala de estar e passou o resto da tarde examinando os raios X. As fantasmagóricas imagens apenas reforçaram sua opinião de que o quadro era de fato um Ticiano, aliás, um belo Ticiano.

Como fazia muitos meses que Gabriel não punha as mãos numa pintura, ele estava ansioso para começar a trabalhar logo. Levantou-se cedo na manhã seguinte, preparou uma tigela de café *au lait* e imediatamente se lançou à delicada tarefa de revestir a tela. O primeiro passo era colar toalhas de papel sobre a imagem para evitar mais danos à pintura durante o procedimento. Existiam inúmeras colas de fácil aquisição apropriadas à tarefa, mas Gabriel sempre preferiu fazer seu próprio aderente usando a receita que havia aprendido em Veneza do mestre restaurador Umberto Conti — pelotas da cola de rabo de coelho dissolvidas numa mistura de água, vinagre, bile de boi e melaço.

Cozinhou lentamente o malcheiroso preparado no fogão da cozinha até adquirir a consistência de um xarope e assistiu ao noticiário matinal na BBC enquanto esperava a mistura esfriar. Farid Khan era agora um nome conhecido no Reino Unido. Em vista da sincronia precisa de seu ataque, a Scotland Yard e a inteligência britânica operavam com base na tese de que estava ligado aos atentados em Paris e em Copenhague. Ainda não estava clara a que organização terrorista os homens-bomba pertenciam. O debate entre especialistas na televisão era intenso, com um dos lados

proclamando que os ataques foram orquestrados pela antiga liderança da Al-Qaeda no Paquistão, enquanto outro declarava que era obviamente o trabalho de uma nova rede que ainda iria aparecer no radar da inteligência do Ocidente. Fosse qual fosse o caso, as autoridades europeias se preparavam para novos derramamentos de sangue. O Centro de Análise Conjunta do Terrorismo do MI5 tinha subido o nível de ameaça para “crítico”, o que significava que era esperado outro ataque iminente.

Gabriel teve sua atenção atraída para uma reportagem sobre a conduta da Scotland Yard logo antes do ataque. Numa declaração formulada com todo o cuidado, o comissário da Polícia Metropolitana admitiu ter recebido um alerta sobre um homem suspeito com um casaco grande demais dirigindo-se a Covent Garden. Lamentavelmente, disse o comissário, a informação não atingiu o nível de especificidade exigido para ação letal. Em seguida confirmou que dois agentes do SO19 haviam sido despachados para Covent Garden, mas que, dentro da política atual, eles não deveriam atirar. Quanto aos relatos de uma arma sendo sacada, a polícia tinha interrogado o homem envolvido e concluído que não era uma arma, e sim uma câmera. Por razões de privacidade, a identidade do homem não seria revelada. A imprensa pareceu aceitar a versão da polícia, assim como os representantes dos direitos civis, que aplaudiram a atitude comedida da polícia mesmo com a morte de dezoito inocentes.

Gabriel desligou a televisão quando Chiara entrou na cozinha. Ela abriu de imediato a janela para tirar o mau cheiro de bile de boi e vinagre e repreendeu Gabriel por ter sujado sua panela de aço inoxidável favorita. Gabriel sorriu e mergulhou a ponta do indicador na mistura. Agora já estava fria o bastante para ser usada. Com Chiara espiando por cima do ombro dele, Gabriel aplicou a cola sobre o verniz amarelado de maneira uniforme e grudou diversas toalhas de papel na superfície. O trabalho de Ticiano estava invisível agora, e assim ficaria por muitos dias até que o novo revestimento fosse finalizado.

Gabriel não podia fazer mais nada naquela manhã a não ser verificar a pintura de tempos em tempos para saber se a cola estava secando de forma adequada. Sentou-se no caramanchão de frente

para o mar, um notebook no colo, e pesquisou na internet por mais informações sobre os três ataques. Sentiu-se tentado a contactar o King Saul Boulevard, mas achou melhor não. Já não tinha informado Tel Aviv sobre seu envolvimento em Covent Garden, e fazer isso agora só daria a seus ex-colegas uma desculpa para se intrometerem em sua vida. Gabriel aprendera com a experiência que era melhor tratar o Escritório como uma ex-namorada. O contato devia ser mínimo e o melhor é que ocorresse em lugares públicos, onde seria inapropriado criar confusão.

Pouco antes do meio-dia, as últimas lufadas dos ventos da noite passaram pela enseada de Gunwalloe, deixando o céu claro e de um azul cristalino. Depois de checar mais uma vez a pintura, Gabriel vestiu um agasalho e um par de botas de caminhada e saiu para seu passeio diário pelos penhascos. Na tarde anterior ele tinha caminhado para o norte ao longo do Caminho Costeiro até Praa Sands. Agora subiu a pequena inclinação atrás do chalé e partiu para o sul em direção à ponta da península.

Não demorou muito para a magia da costa da Cornualha espantar os pensamentos sobre os mortos e feridos em Covent Garden. Quando Gabriel chegou aos limites do Mullion Golf Club, a última imagem terrível já estava escondida em segurança debaixo de uma camada de tinta. Enquanto seguia para o sul, passando pelo afloramento rochoso dos penhascos de Polurrian, ele só pensava no trabalho a ser feito no Ticiano. No dia seguinte removeria com todo o cuidado a pintura do esticador e fixaria a tela mole numa faixa de linho italiano, pressionando-a com firmeza no lugar com um pesado ferro de passar. Depois viria a mais longa e árdua fase da restauração: a remoção do verniz quebradiço e amarelado e o retoque das porções de pintura danificadas pelo tempo e a pressão. Enquanto alguns restauradores costumavam ser agressivos nos retoques, Gabriel era conhecido no mundo da arte pela leveza do toque e a fantástica habilidade de imitar as pinceladas dos Grandes Mestres. Ele acreditava ser dever de um restaurador passar despercebido, não deixando evidência alguma a não ser a pintura devolvida à sua glória original.

Quando Gabriel chegou à ponta norte da enseada de Kynance, uma linha de nuvens negras obscurecia o sol e o vento do mar tinha

ficado bem mais frio. Como arguto observador do caprichoso clima da Cornualha, ele percebeu que o “intervalo brilhante”, como os meteorologistas britânicos gostavam de chamar os períodos de sol, estava prestes a ter um fim abrupto. Parou por um momento, pensando onde poderia se abrigar. Para o leste, depois da paisagem que se assemelhava a uma colcha de retalhos, estava o vilarejo do Lagarto. Bem à frente estava a ponta. Gabriel escolheu a segunda opção. Ele não queria encurtar sua caminhada por causa de algo trivial como uma rajada de vento passageira. Além do mais, havia um bom café no alto do penhasco, onde ele poderia esperar a tempestade comendo um bolinho recém-assado e tomando um bule de chá.

Levantou a gola do agasalho e seguiu pela orla da enseada enquanto as primeiras gotas de chuva começavam a cair. O café apareceu sob um véu de névoa. Na base dos penhascos, abrigando-se próximo a uma casa de barcos abandonada, viu um homem de uns 25 anos com cabelos curtos e óculos escuros sobre a cabeça. Um segundo homem encontrava-se no alto do ponto de observação, olhando por um telescópio que funcionava com a inserção de moedas. Gabriel sabia que o telescópio estava inativo havia meses.

Parou de andar e olhou em direção ao café assim que um terceiro homem saiu para a varanda. Tinha um chapéu impermeável enterrado até as sobrancelhas e óculos sem aro muito usados por intelectuais alemães e banqueiros suíços. Sua expressão era de impaciência — de um executivo atarefado forçado pela esposa a tirar férias. Olhou diretamente para Gabriel por um longo tempo antes de erguer um punho largo em direção ao rosto e consultar o relógio. Gabriel sentiu-se tentado a virar na direção oposta, mas preferiu baixar o olhar e continuar andando. Melhor fazer isso em público, pensou. Reduziria as chances de uma confusão.

PONTA DO LAGARTO, CORNUALHA

— Você tinha mesmo que pedir bolinhos? — perguntou Uzi Navot, ressentido.

— São os melhores da Cornualha. Assim como o creme talhado. Navot não se mexeu. Gabriel deu um sorriso perspicaz.

— Bella quer que você perca quantos quilos?

— Três. Depois eu preciso manter o peso — respondeu Navot com pesar, como se fosse uma sentença de prisão. — O que eu não daria para ter seu metabolismo. Você é casado com uma das maiores cozinheiras do mundo, mas ainda tem o corpo de um jovem de 25 anos. Eu? Sou casado com uma das mais destacadas peritas em assuntos sobre a Síria do país e não posso nem me aproximar de um doce. Talvez seja hora de pedir a Bella para pegar mais leve com as restrições alimentares.

— Peça você — replicou Navot. — Todos esses anos estudando os baatistas de Damasco deixaram sequelas. Às vezes acho que vivo numa ditadura.

Os dois estavam sentados a uma mesa isolada perto das janelas golpeadas pela chuva, Gabriel de frente para o interior, Navot, para o mar. Uzi vestia calças de cotelê e um suéter bege que ainda cheiravam ao departamento masculino da loja da Harrods. Depositou o chapéu numa cadeira próxima e passou a mão no cabelo curto louro-avermelhado. Estava um pouco mais grisalho do que Gabriel se lembrava, mas era compreensível. Uzi Navot era agora o chefe do serviço de inteligência de Israel. Os cabelos grisalhos eram um dos muitos benefícios secundários do trabalho.

Se o breve mandato de Navot terminasse agora, era quase certo que seria considerado um dos mais bem-sucedidos na longa e renomada história do Escritório. As honras concedidas a ele eram resultado da operação Obra-Prima, o empreendimento conjunto anglo-americano-israelense que ocasionou a destruição de quatro

instalações nucleares secretas iranianas. Muitos dos créditos eram de Gabriel, ainda que Navot preferisse não se estender muito nesse ponto. Ele só foi nomeado chefe porque Gabriel recusou o posto repetidas vezes. E as quatro usinas de enriquecimento ainda estariam funcionando se Gabriel não tivesse identificado e recrutado o empresário suíço que vendia peças para os iranianos em segredo.

No momento, porém, os pensamentos de Navot pareciam focados apenas no prato de bolinhos. Incapaz de continuar resistindo, ele escolheu um, partiu-o com grande cuidado e lambuzou-o com geleia de morango e um bocado de creme talhado. Gabriel colocou chá em sua xícara e perguntou calmamente sobre o propósito daquela visita não anunciada. Fez isso em alemão fluente, que ele falava com o sotaque berlinense de sua mãe. Era uma das cinco línguas que compartilhava com Navot.

— Eu tinha vários assuntos a discutir com minhas contrapartes britânicas. Na pauta estava um surpreendente relatório sobre um de nossos ex-agentes que agora vive aposentado aqui sob a proteção do MI5. Havia um grande alarde a respeito desse agente e o atentado de Covent Garden. Para ser honesto, fiquei um pouco em dúvida quando ouvi. Conhecendo bem esse agente, não conseguia imaginar que ele arriscasse sua posição na Inglaterra fazendo algo tão tolo como sacar uma arma em público.

— O que eu deveria ter feito, Uzi?

— Deveria ter chamado o seu contato no MI5 e lavado as mãos.

— E se você estivesse numa situação semelhante?

— Se estivesse em Jerusalém ou em Tel Aviv, eu não teria hesitado em abater o canalha. Mas aqui... Acho que teria considerado antes as possíveis consequências das minhas ações.

— Dezoito pessoas morreram, Uzi.

— Considere-se com sorte por não terem sido dezenove. — Navot tirou os óculos de armação alongada, algo que costumava fazer antes de se envolver numa conversa desagradável. — Sinto-me tentado a perguntar se você realmente pretendia fazer o disparo. Mas em vista de seu treinamento e seus feitos passados, acho que sei a resposta. Um agente do Escritório saca a arma em campo por uma razão e apenas por uma razão. Não a fica sacudindo como um gângster ou faz ameaças vazias. Simplesmente puxa o gatilho e

atira para matar. — Navot fez uma pausa, depois acrescentou: — Faça com os outros antes que eles tenham oportunidade de fazer com você. Acredito que essas palavras podem ser encontradas na página 12 do pequeno livro vermelho de Shamron.

— Ele sabe sobre Covent Garden?

— Você já sabe a resposta. Shamron sabe de tudo. Aliás, eu não ficaria surpreso se ele não tivesse ouvido sobre sua pequena aventura antes de mim. Apesar de minhas tentativas de mantê-lo na aposentadoria, ele insiste em permanecer em contato com suas fontes dos velhos tempos.

Gabriel acrescentou umas gotas de leite a seu chá e mexeu devagar. *Shamron...* O nome era quase sinônimo da história de Israel e de seus serviços de inteligência. Depois de lutar na guerra que levou à reconstituição de Israel, Ari Shamron passou os sessenta anos seguintes protegendo o país de uma horda de inimigos dispostos a destruí-lo. Tinha penetrado nas cortes de reis, roubado segredos de tiranos e matado incontáveis adversários, às vezes com as próprias mãos, às vezes com as mãos de homens como Gabriel. Apenas um segredo fugia a Shamron — o segredo da satisfação. Já idoso e com a saúde em frangalhos, agarrava-se desesperadamente a seu papel de eminência parda do establishment de segurança de Israel e ainda se metia nos negócios internos do Escritório como se fosse seu feudo. Não era a arrogância que motivava Shamron, mas, sim, um constante temor de que todo o seu trabalho tivesse sido em vão. Embora próspero na economia e forte na área militar, Israel continuava cercado por um mundo que era, em sua maior parte, hostil a sua existência. O fato de Gabriel ter escolhido morar nesse mundo estava entre as maiores decepções de Shamron.

— Estou surpreso de ele mesmo não ter vindo — comentou Gabriel.

— Ele teve vontade.

— E por que não veio?

— Não é mais tão fácil para ele viajar.

— Qual o problema agora?

— Tudo — respondeu Navot, dando de ombros. — Atualmente ele mal sai de Tiberíades. Só fica na varanda olhando para o lago.

Gilah está ficando louca. Tem me pedido para arrumar alguma coisa para ele fazer.

— Será que devo fazer uma visita?

— Ele não está no leito de morte, se é o que está insinuando. Mas você deveria fazer uma visita logo. Quem sabe? Talvez você resolva gostar do seu país outra vez.

— Eu adoro o meu país, Uzi.

— Mas não o suficiente para viver lá.

— Você sempre me lembrou um pouco Shamron — disse Gabriel, franzindo a testa —, mas agora essa semelhança é impressionante.

— Gilah me disse a mesma coisa pouco tempo atrás.

— Eu não disse que isso é um elogio.

— Nem ela. — Navot acrescentou outra colher de sopa de creme talhado ao bolinho com um cuidado exagerado.

— Então, por que você está aqui, Uzi?

— Quero oferecer uma oportunidade única.

— Você está falando como um vendedor.

— Eu sou um espião. Não tem muita diferença.

— O que você quer oferecer?

— Uma oportunidade de reparar um erro.

— E qual foi esse erro?

— Você deveria ter acertado Farid Khan antes de ele apertar o botão do detonador. — Navot baixou a voz e acrescentou, confiante: — É o que eu teria feito, se estivesse no seu lugar.

— E como eu poderia reparar esse erro de julgamento?

— Aceitando um convite.

— De quem?

Navot olhou em silêncio para o oeste.

— Dos norte-americanos? — perguntou Gabriel.

Navot sorriu.

— Mais chá?

A chuva parou tão de repente quanto começou. Gabriel deixou dinheiro em cima da mesa e acompanhou Navot pelo caminho íngreme até a enseada de Polpeor. O guarda-costas ainda estava encostado na rampa em escombros da casa de barcos. Olhou com

falsa indiferença quando Gabriel e Navot caminharam juntos pela praia rochosa até a beira da água. Navot deu um olhar distraído para seu relógio de aço inoxidável e levantou a gola do casaco para se proteger do tempestuoso vento do mar. Gabriel ficou mais uma vez surpreso com a incrível semelhança com Shamron, que não era apenas superficial. Era como se Ari, pela pura força de sua vontade indomável, tivesse de alguma forma possuído Navot de corpo e alma. Não era o Shamron enfraquecido pela idade e pela doença, pensou Gabriel, mas o homem em seu auge. Só o que faltava eram os malditos cigarros turcos que destruíram a saúde de Shamron. Bella nunca tinha deixado Navot fumar, nem mesmo como disfarce.

— Quem está por trás dos atentados, Uzi?

— Até agora, não conseguimos estabelecer isso com certeza. Os norte-americanos, porém, acham que se trata da futura face do terror jihadista global, o novo Bin Laden.

— E esse novo Bin Laden tem um nome?

— Os norte-americanos insistem em partilhar essa informação pessoalmente com você. Querem que você vá a Washington, com todas as despesas pagas, claro.

— Como foi feito esse convite?

— Adrian Carter me ligou.

Adrian Carter era o diretor do Serviço Clandestino Nacional da CIA.

— Qual é o código de vestuário?

— Preto. Sua visita aos Estados Unidos jamais terá acontecido.

Gabriel encarou Navot em silêncio por um momento.

— Obviamente você quer que eu vá, Uzi, ou não estaria aqui.

— Mal não pode fazer. Na pior das hipóteses, vai nos dar uma oportunidade de ouvir o que os norte-americanos têm a dizer sobre os atentados. Mas existem outros benefícios indiretos também.

— Tais como?

— Nosso relacionamento pode se dar bem com alguns retoques.

— Que tipo de retoques?

— Você não soube? Washington está de cara nova. A mudança está no ar — observou Navot com sarcasmo. — O novo presidente dos Estados Unidos é um idealista. Acredita que pode consertar as

relações entre o Ocidente e o Islã e está convencido de que nós somos parte do problema.

— Então a solução sou *eu*, um ex-assassino com o sangue de vários palestinos e terroristas islâmicos nas mãos?

— Quando os serviços de inteligência se dão bem, isso tende a se alastrar para a política, por isso o primeiro-ministro também está ansioso para que você faça a viagem.

— O primeiro-ministro? Daqui a pouco você vai me dizer que Shamron também está envolvido.

— E está. — Navot pegou uma pedra e atirou-a ao mar. — Depois da operação no Irã, eu me permiti pensar que Shamron poderia afinal sumir. Eu estava enganado. Ele não tem intenção de me deixar dirigir o Escritório sem sua interferência constante. Mas isso não surpreende, não é, Gabriel? Nós dois sabemos que Shamron tinha outra pessoa em mente para o trabalho. Eu estou destinado a figurar na história de nosso ilustre serviço como o chefe accidental. E você sempre será o escolhido.

— Escolha outra pessoa, Uzi. Estou aposentado, lembra? Mande outra pessoa para Washington.

— Adrian não quer nem ouvir falar disso — disse Navot, esfregando o ombro. — Nem Shamron. Quanto a sua pretensa aposentadoria, terminou no momento em que você resolveu seguir Farid Khan em Covent Garden.

Gabriel olhou para o mar e visualizou o resultado do tiro não disparado: sangue e corpos despedaçados, Bagdá no Tâmis. Navot pareceu adivinhar o que ele estava pensando e se aproveitou.

— Os norte-americanos querem você em Washington amanhã bem cedo. Haverá um Gulfstream à sua espera perto de Londres. Foi um dos aviões usados no programa de sequestros de prisioneiros. Eles me garantiram que removeram as algemas e agulhas hipodérmicas.

— E quanto a Chiara?

— O convite é individual.

— Ela não pode ficar aqui sozinha.

— Graham concordou em mandar uma equipe de segurança de Londres.

— Eu não confio neles, Uzi. Leve-a para Israel com você. Ela pode ajudar Gilah a cuidar do velho por alguns dias até eu voltar.

— Talvez ela fique lá por algum tempo.

Gabriel examinou Navot com atenção. Dava para notar que ele sabia mais do que estava dizendo. Ele sempre sabia.

— Eu acabei de concordar em restaurar um quadro para Julian Isherwood.

— Um *Madona e a Criança com Maria Madalena*, outrora atribuído ao estúdio de Palma Vecchio, agora talvez atribuído a Ticiano, dependendo da revisão de especialistas.

— Muito impressionante, Uzi.

— Bella tem tentado ampliar meus horizontes.

— O quadro não pode ficar num chalé vazio perto do mar.

— Julian concordou em pegar o quadro de volta. Como você deve imaginar, ele ficou bastante desapontado.

— Eu ia receber 200 mil libras por esse trabalho.

— Não olhe para mim, Gabriel. O caixa está vazio. Fui obrigado a fazer cortes em todos os níveis dos departamentos. Os contadores estão querendo inclusive que eu diminua minhas despesas pessoais. Minha diária é uma miséria.

— Ainda bem que você está de dieta.

Navot levou a mão à barriga de forma inconsciente, como se quisesse verificar se tinha aumentado desde que saiu de casa.

— É um longo caminho até Londres, Uzi. Talvez seja melhor você levar alguns bolinhos.

— Nem pense nisso.

— Tem medo de que Bella descubra?

— Eu *sei* que ela vai descobrir. — Navot olhou para o guarda-costas encostado na rampa da casa de barcos. — Esses canalhas contam tudo para ela. É como viver numa ditadura.

GEORGETOWN, WASHINGTON

A casa ficava no quarteirão 3300 da N Street, uma das elegantes residências com terraço e preços apenas ao alcance dos mais ricos de Washington. Gabriel subiu a escada em curva da entrada à meia-luz da aurora e, como instruído, entrou sem tocar a campainha. Adrian Carter esperava no vestíbulo, usando calça de algodão vincada, um suéter de gola olímpica e um blazer de cotelê marrom-claro. Combinado com seu cabelo escasso e despenteado e um bigode fora de moda, o traje lhe dava o ar de um professor de uma pequena universidade, do tipo que defende nobres causas e é sempre uma dor de cabeça para o reitor. Como diretor do Serviço Clandestino Nacional da CIA, no momento Carter só defendia uma causa: manter o território norte-americano a salvo de ataques terroristas – embora duas vezes por mês, se a agenda permitisse, ele pudesse ser encontrado no porão de sua igreja episcopal no subúrbio de Reston preparando refeições para os sem-teto. Para Carter, o trabalho voluntário era uma meditação, uma rara oportunidade de se envolver com algo que não fosse o destrutivo estado de guerra que sempre assolava as salas de reunião da vasta comunidade de inteligência dos Estados Unidos.

Cumprimentou Gabriel com a circunspecção natural dos homens que vivem no mundo da clandestinidade e o conduziu para dentro. Gabriel parou um momento no centro do corredor e olhou ao redor. Protocolos secretos haviam sido feitos e rompidos naquelas salas de mobília sem graça; homens foram seduzidos para trair seus países em troca de valises cheias de dólares e promessas de proteção norte-americana. Carter tinha usado tantas vezes aquela casa que ela era conhecida em Langley como seu *pied-à-terre* de Georgetown. Um espertinho da Agência a havia batizado como Dar-al-Harb, que em árabe quer dizer “Casa da Guerra”. Era uma guerra encoberta, claro, pois Carter não conhecia outra forma de lutar.

Adrian Carter não tinha procurado o poder intencionalmente. Bloco a bloco, foi jogado em seus ombros estreitos sem que ele quisesse. Recrutado pela Agência ainda antes de se formar, passou a maior parte da carreira travando uma guerra secreta contra os russos — primeiro na Polônia, onde canalizava dinheiro e mimeógrafos para o Solidariedade; depois em Moscou, onde trabalhou como chefe de base; e finalmente no Afeganistão, onde incentivou e armou os soldados de Alá, mesmo sabendo que um dia eles mandariam fogo e morte sobre ele. Se o Afeganistão acabaria se mostrando a causa de destruição do Império do Mal, também permitiria a Carter um avanço na carreira. Ele não monitorou o colapso da União Soviética em campo, mas de um confortável escritório em Langley, onde tinha sido promovido havia pouco a chefe da Divisão Europeia. Enquanto seus subordinados comemoravam abertamente a morte do inimigo, Carter observava os eventos se desdobrarem com um mau pressentimento. Sua amada Agência falhara em prever o colapso do comunismo, um erro grave que assombraria Langley durante anos. Pior ainda: num piscar de olhos, a CIA tinha perdido a própria razão de sua existência.

Isso mudou na manhã do dia 11 de setembro de 2001. A guerra que se seguiu seria uma guerra travada nas sombras, um lugar que Adrian Carter conhecia muito bem. Enquanto o Pentágono lutava para elaborar uma reação militar ao horror do 11 de Setembro, foi Carter e sua equipe do Centro de Contraterrorismo que produziram um ousado plano para destruir o santuário afegão da Al-Qaeda com uma guerrilha montada pela CIA e conduzida por uma pequena força de agentes especiais norte-americanos. E quando os comandantes e soldados de infantaria da Al-Qaeda começaram a cair nas mãos dos Estados Unidos, foi Carter, de sua escrivaninha em Langley, que com frequência atuou como júri e juiz. As prisões secretas, os sequestros extraordinários, os métodos brutos de interrogatório — tudo tinha o dedo de Carter. Ele não lamentava suas ações; não podia se dar a esse luxo. Para Adrian Carter, todas as manhãs eram 11 de setembro. Nunca mais, jurou, ele veria norte-americanos se atirando de arranha-céus em chamas atingidos por terroristas.

Durante dez anos, Carter tinha conseguido manter essa promessa. Ninguém tinha feito mais para proteger o território dos Estados Unidos de um segundo ataque previsto com muita antecedência, embora, por seus muitos pecados secretos, ele tenha sido crucificado pela imprensa e ameaçado por processos criminais. Aconselhado por advogados da Agência, ele contratou os serviços de um caro advogado de Washington, uma extravagância que drenava suas economias e obrigou sua esposa, Margaret, a voltar a dar aulas. Amigos tinham insistido com Carter para esquecer a Agência e aceitar um cargo lucrativo na crescente indústria de segurança privada de Washington, mas ele recusou. Seu fracasso em evitar os ataques de 11 de setembro ainda o perseguia. E os fantasmas dos três mil mortos o incitavam a continuar lutando até o inimigo ser derrotado.

A guerra tinha cobrado seu preço de Carter — não apenas a vida de sua família, que estava em ruínas, mas também sua saúde. Seu rosto estava magro e cansado, e Gabriel percebeu um leve tremor na mão direita dele quando encheu um prato, sem nenhum entusiasmo, com iguarias do governo dispostas sobre um bufê na sala de jantar.

— Pressão alta — explicou Carter, ao se servir de café de uma garrafa térmica. — Começou no dia da posse do presidente e sobe e desce de acordo com o nível de ameaça terrorista. É triste dizer, mas depois de dez anos lutando contra o terror islâmico, parece que me tornei um medidor ambulante de ameaça nacional.

— Em que nível estamos hoje?

— Você não ouviu falar? Nós abandonamos o antigo sistema de cores.

— O que sua pressão está dizendo?

— Vermelho — respondeu Carter secamente. — Vermelho vivo.

— Não é o que diz sua diretora de segurança interna. Ela diz que não há ameaças iminentes.

— Nem sempre ela escreve seus próprios discursos.

— Quem escreve?

— A Casa Branca. E o presidente não gosta de alarmar o povo norte-americano sem necessidade. Além do mais, aumentar o nível

de ameaça entraria em conflito com a narrativa conveniente que ronda todas as conversas de Washington hoje em dia.

— Que narrativa é essa?

— A que diz que os Estados Unidos reagiram com sucesso ao 11 de Setembro. A que diz que a Al-Qaeda deixou de ser uma ameaça, principalmente para o país mais poderoso da face da terra. A que diz que chegou a hora de declarar vitória na guerra global ao terror e voltar a atenção para dentro. — Carter franziu a testa. — Meu Deus, eu odeio quando jornalistas usam a palavra "narrativa". Houve uma época em que os romancistas escreviam narrativas e os jornalistas se contentavam em relatar os fatos. E os fatos são bastante simples. Existe no mundo atual uma força organizada que quer enfraquecer ou até destruir o Ocidente com atos de violência indiscriminada. Essa força é parte de um movimento radical mais abrangente para impor a lei da *charia* e restaurar o califado islâmico. E nenhum pensamento positivo vai eliminar esse fato.

Os dois se sentaram frente a frente numa mesa retangular. Carter pegou a ponta de um croissant murcho, os pensamentos claramente em outro lugar. Gabriel sabia que era melhor não apressar nada. Numa conversa, Carter acabava divagando um pouco. Chegaria ao essencial, mas haveria vários desvios e digressões ao longo do caminho, e todas se mostrariam úteis para Gabriel no futuro.

— Sob alguns aspectos, eu simpatizo com o desejo do presidente de virar a página da história — continuou Carter. — Ele acha que a guerra global ao terrorismo desvia a atenção de objetivos maiores. Pode ser difícil de acreditar, mas eu só o encontrei em duas ocasiões. Ele me chama de Andrew.

— Mas pelo menos ele nos deu esperança.

— Esperança não é uma estratégia aceitável quando vidas estão em risco. Foi a esperança que nos levou ao 11 de Setembro.

— Então quem está dando as cartas dentro do governo?

— James McKenna, consultor do presidente para segurança interna e contraterrorismo, também conhecido como o czar do terrorismo, o que é interessante, pois ele emitiu um decreto banindo a palavra "terrorismo" de todos os nossos pronunciamentos públicos. Chega a desencorajar até mesmo o uso no âmbito

particular. E Deus nos livre se mencionarmos a palavra “islâmico” junto. Segundo James McKenna, não estamos engajados numa guerra contra terroristas islâmicos. Estamos engajados num esforço internacional contra um pequeno grupo de extremistas transnacionais. Esses extremistas, por um acaso também muçulmanos, são irritantes, mas não representam uma verdadeira ameaça contra nossa existência ou estilo de vida.

— Diga isso às famílias dos que morreram em Paris, Copenhague e Londres.

— Isso é uma resposta emocional — observou Carter com ironia.

— E James McKenna não tolera emoções quando se fala de terrorismo.

— Você quer dizer extremismo — comentou Gabriel.

— Me perdoe — disse Carter. — McKenna é um animal político que se vê como um perito em inteligência. Trabalhou com o Comitê Seletor de Inteligência do Senado nos anos 1990 e veio para Langley logo depois da chegada dos gregos. Ficou só alguns meses, mas isso não o impede de se definir como um veterano da CIA. Ele diz ser um homem da Agência que, de coração, só quer o melhor para a instituição. A verdade é um tanto diferente. Ele odeia a Agência e todos os que trabalham ali. Acima de tudo, ele me detesta.

— Por quê?

— Parece que eu o deixei constrangido durante uma reunião de diretoria. Não me lembro do incidente, mas parece que McKenna nunca conseguiu superar. Além disso, me disseram que McKenna me considera um monstro que fez um mal irreparável para a imagem dos Estados Unidos no mundo. Nada o faria mais feliz do que me ver atrás das grades.

— É bom saber que a comunidade de inteligência dos Estados Unidos está funcionando bem outra vez.

— Na verdade, McKenna acha que está tudo bem agora que ele comanda o espetáculo. Conseguiu até se fazer nomear presidente do nosso Grupo de Interrogatório de Prisioneiros de Alto Valor. Se uma figura importante do terrorismo for capturada em qualquer parte do mundo, sob quaisquer circunstâncias, James McKenna será o encarregado de questioná-la. É muito poder para uma pessoa só, mesmo que essa pessoa seja competente. Mas, infelizmente,

James McKenna não se enquadra nessa categoria. Ele é ambicioso, é bem-intencionado, mas não sabe o que está fazendo. E se não tomar cuidado, vai acabar nos matando.

— Parece encantador — observou Gabriel. — Quando vou conhecê-lo?

— Nunca.

— Então por que estou aqui, Adrian?

— Você está aqui por causa de Paris, Copenhague e Londres.

— Quem foi o responsável?

— Uma nova ramificação da Al-Qaeda. Mas receio que eles sejam apoiados por uma pessoa que ocupa um cargo sensível e poderoso na inteligência ocidental.

— Quem?

Carter não respondeu. Sua mão direita estava tremendo.

GEORGETOWN, WASHINGTON

Os dois passaram para o terraço dos fundos e se acomodaram num par de cadeiras de ferro batido junto da balaustrada. Carter equilibrava uma xícara de café no joelho e olhava em direção aos graciosos pináculos cinzentos da Universidade de Georgetown. Ele estava falando de um bairro pobre de San Diego aonde, num dia de verão de 1999, chegou um jovem clérigo muçulmano iemenita chamado Rashid al-Husseini. Com dinheiro de uma instituição de caridade islâmica com base na Arábia Saudita, o iemenita comprou um precário imóvel comercial, estabeleceu uma mesquita e saiu em busca de uma congregação. Grande parte de seu recrutamento foi feita no campus da Universidade Estadual de San Diego, onde conseguiu seguidores fiéis entre os estudantes árabes que tinham vindo para os Estados Unidos fugindo da sufocante opressão social de seus países, só para se encontrarem perdidos e à deriva na *ghurba*, a terra dos estrangeiros. Rashid tinha todas as qualidades para ser um líder. Filho único de um ex-ministro do governo iemenita, havia nascido nos Estados Unidos, falava um inglês coloquial e tinha um passaporte norte-americano, ainda que não se orgulhasse muito disso.

— Todos os tipos de pessoa sem rumo e almas perdidas começaram a frequentar a mesquita de Rashid, inclusive dois sauditas, Khalid al-Mihdhar e Nawaf al-Hazmi. — Carter olhou para Gabriel e acrescentou: — Imagino que você conheça esses nomes.

— Foram dois dos sequestradores do voo 77 da American Airlines, escolhidos pessoalmente por ninguém menos que Osama Bin Laden. Em janeiro de 2000, os dois estavam presentes na reunião de planejamento em Kuala Lumpur e depois disso a Unidade Bin Laden da CIA perdeu-os de vista. Mais tarde, foi

descoberto que os dois tinham voado para Los Angeles e talvez ainda estivessem nos Estados Unidos, um fato que você deixou de contar ao FBI.

— Para meu eterno pesar — disse Carter. — Mas essa história não é sobre Al-Mihdhar e Al-Hazmi.

Era uma história, continuou Carter, sobre Rashid al-Husseini, que logo desenvolveu no mundo islâmico uma reputação de pregador fascinante, um homem a quem Alá havia presenteado com uma língua sedutora. Seus sermões se tornaram requisitados não só em San Diego como também no Oriente Médio, onde eram distribuídos em fitas cassetes. Na primavera de 2000, ofereceram-lhe uma posição num influente centro islâmico perto de Washington, no subúrbio de Falls Church, na Virgínia. Pouco tempo depois, Nawaf al-Hazmi estava orando lá com um jovem saudita de Taif chamado Hani Hanjour.

— Por coincidência — observou Carter —, a mesquita está localizada em Leesburg Pike. Se você entrar à esquerda em Columbia Pike e continuar por alguns quilômetros, cai direto na fachada oeste do Pentágono, que foi o que fez Hani Hanjour na manhã de 11 de setembro. Rashid estava no escritório naquela hora. Na verdade, ele ouviu o avião passar poucos segundos antes do impacto.

Não demorou muito para o FBI ligar Al-Hazmi e Hanjour à mesquita de Falls Church, continuou Carter, nem para os jornalistas baterem à porta de Rashid. O que eles descobriram foi um eloquente e esclarecido jovem clérigo, um homem moderado que condenava abertamente os ataques de 11 de setembro e que instava seus irmãos muçulmanos a rejeitar a violência e o terrorismo em todas as suas formas. A Casa Branca ficou tão impressionada com o carismático imame que ele foi convidado a se juntar a diversos outros clérigos e acadêmicos muçulmanos para uma reunião particular com o presidente. O Departamento de Estado achou que Rashid poderia ser a pessoa perfeita para ajudar a construir uma ponte entre os Estados Unidos e 1,5 milhão de muçulmanos céticos. A Agência, porém, tinha outro plano.

— Nós achamos que Rashid poderia nos ajudar a penetrar no campo de nosso novo inimigo — prosseguiu Carter. — Mas antes de

fazermos a nossa abordagem, tínhamos que responder algumas perguntas. Por exemplo, ele estaria de alguma forma envolvido no atentado de 11 de setembro ou seu contato com os três sequestradores foi pura coincidência? Examinamos o homem por todos os ângulos possíveis, partindo do pressuposto de que suas mãos estavam sujas com o sangue de norte-americanos. Verificamos todas as tabelas com datas e horários dos eventos ligados aos ataques. Averiguamos quem estava onde e quando. No final do processo, concluímos que o imame Rashid al-Husseini estava limpo.

— E depois?

— Despachamos um emissário para Falls Church para ver se Rashid estaria disposto a pôr em prática suas palavras. Sua resposta foi positiva. Pegamos o homem no dia seguinte e o levamos a um local seguro perto da fronteira com a Pensilvânia. E aí começou a diversão de verdade.

— Vocês começaram todo o processo de avaliação outra vez.

Carter assentiu.

— Mas dessa vez estávamos com o sujeito sentado à nossa frente, ligado num polígrafo. Nós o interrogamos durante três dias, examinando seu passado e suas conexões, nos mínimos detalhes.

— E a história se manteve.

— Ele foi aprovado com louvor. Então fizemos nossa proposta, acompanhada de uma grande quantia de dinheiro. Era uma operação simples. Rashid viajaria pelo mundo islâmico pregando tolerância e moderação ao mesmo tempo que nos forneceria nomes de outros possíveis recrutas para nossa causa. Além disso, ele deveria procurar jovens exaltados que parecessem vulneráveis ao canto da sereia dos jihadistas. Nós o acompanhamos num *test drive* interno, trabalhando junto ao FBI. Depois partimos para o campo internacional.

Operando de uma base num bairro predominantemente muçulmano em East London, Rashid passou os três anos seguintes transitando pela Europa e pelo Oriente Médio. Falava em conferências, pregava em mesquitas e concedia entrevistas a jornalistas bajuladores. Denunciava Bin Laden como um assassino que tinha violado as leis de Alá e os ensinamentos do Profeta.

Reconhecia o direito de existência de Israel e propunha negociações de paz com os palestinos. Acusava Saddam Hussein de ser totalmente não islâmico, mas, seguindo os conselhos de seus operadores da CIA, ele parou um pouco de apoiar a invasão norte-americana. Sua mensagem nem sempre era bem recebida nos eventos, mas suas atividades não se restringiam ao mundo físico. Com a assistência da CIA, Rashid marcou sua presença na internet, onde tentou competir com a propaganda dos jihadistas da Al-Qaeda. Visitantes do site eram identificados e rastreados enquanto vagavam pelo ciberespaço.

— A operação foi considerada uma das iniciativas mais bem-sucedidas para adentrar um mundo que, na maior parte, nos era inteiramente obscuro. Rashid abasteceu seus operadores com um fluxo constante de nomes, bons sujeitos e possíveis vilões e até deu dicas sobre alguns planos em andamento. Em Langley, passamos um bom tempo maravilhados com nossa esperteza. Pensamos que aquilo continuaria para sempre. Mas terminou de repente.

O cenário foi bem apropriado: Meca. Rashid havia sido convidado para falar na universidade, uma grande honra para um clérigo muçulmano estigmatizado por um passaporte norte-americano. Como Meca é fechada aos infiéis, a CIA não teve escolha a não ser deixar que ele fosse sozinho. Pegou um avião de Amã para Riad, onde se encontrou com um dos operadores da CIA, depois embarcou em um voo doméstico da Saudia Airlines para Meca. Sua palestra estava marcada para as oito horas daquela mesma noite. Rashid não apareceu. Sumiu sem deixar vestígios.

— No início, tememos que ele tivesse sido raptado e morto por alguma ramificação local da Al-Qaeda. Infelizmente, não era o caso. Nossa valiosa aquisição ressurgiu na internet algumas semanas depois. O jovem eloquente e moderado havia desaparecido, substituído por um fanático enfurecido que pregava que a única maneira de lidar com o Ocidente era destruí-lo.

— Ele enganou vocês.

— É óbvio.

— Por quanto tempo?

— Isso continua em aberto — respondeu Carter. — Alguns em Langley acreditam que Rashid era mau desde o começo, outros têm

uma teoria de que ele ficou enlouquecido pela culpa de trabalhar como espião para os infiéis. Seja qual for o caso, uma coisa é certa. Durante o tempo em que estava viajando com minha grana, ele recrutou uma extraordinária rede de agentes bem debaixo do nosso nariz. Ele tem um talento incrível para iludir e despistar. Tivemos esperança de que continuasse só pregando e recrutando, mas essa esperança se desfez. Os ataques na Europa foram a estreia de Rashid. Ele quer substituir Osama Bin Laden como líder do movimento jihadista. Quer fazer uma coisa que Bin Laden nunca mais conseguiu fazer depois do 11 de Setembro.

— Atacar o inimigo em seu território — disse Gabriel. — Derramar sangue norte-americano em solo norte-americano.

— Com uma rede recrutada e paga pela CIA — acrescentou Carter com amargura. — Você gostaria de ter isso gravado na sua lápide? Se vier a público que Rashid al-Husseini já esteve na nossa folha de pagamento... vamos todos sucumbir.

— O que você quer de mim, Adrian?

— Quero que faça com que o atentado em Covent Garden seja o último ataque realizado por Rashid al-Husseini. Quero que esmague a rede dele antes de alguém mais morrer por causa de um erro meu.

— Só isso?

— Não. Quero que mantenha toda essa operação em segredo, fora das vistas do presidente, de James McKenna e do restante da comunidade de inteligência norte-americana.

GEORGETOWN, WASHINGTON

Adrian Carter era inflexível quando se tratava de negócios, e isso significava que eles não poderiam conversar por muito tempo dentro de uma casa, mesmo que fosse sua própria casa. Os dois desceram os degraus da entrada e, apenas com um segurança da CIA, seguiram na direção oeste pela N Street. Passavam alguns minutos das nove horas. Os sapatos de Carter soavam na calçada de tijolos num ritmo regular, mas Gabriel parecia se mover sem emitir qualquer som. Um ônibus passou lotado, fazendo um estardalhaço. Gabriel visualizou aquele ônibus todo retorcido, engolido pelas chamas.

— Para onde ele foi depois de sair de Meca?

— Acreditamos que ele vive sob a proteção das tribos do Vale de Rafadh, no lêmén. É um lugar completamente sem lei, sem escolas, ruas asfaltadas ou mesmo um abastecimento de água satisfatório. Na verdade, o país inteiro é seco como um osso. Sana deve ser a primeira capital do planeta a realmente ficar sem água.

— Mas não sem militantes islâmicos — disse Gabriel.

— Não — concordou Carter. — O lêmén está a caminho de se tornar o próximo Afeganistão. Por ora, nos limitamos a lançar um ocasional míssil Hellfire por sobre a fronteira. Mas é só uma questão de tempo até botarmos os pés na lama e drenar o pântano. — Olhou para Gabriel e acrescentou: — Existem mesmo pântanos no lêmén... uma série de brejos ao longo da costa que produzem mosquitos da malária do tamanho de falcões. Meu Deus, que lugar infernal!

Carter caminhou em silêncio por um momento com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça baixa. Gabriel se desviou da raiz de uma árvore que tinha arrebitado a calçada e perguntou

como Rashid conseguia se comunicar com sua rede estando num local tão remoto.

— Nós ainda não sabemos — respondeu Carter. — Imaginamos que esteja usando aldeões locais para mandar mensagens para Sana ou talvez através do golfo de Aden para a Somália, onde ele criou uma conexão com o grupo terrorista de Al-Shabaab. Mas de uma coisa estamos certos: Rashid não usa telefone nem satélite ou algo do tipo. Ele aprendeu bastante sobre a nossa forma de agir enquanto estava na nossa folha de pagamento. E agora que passou para o outro lado, usa bem esse conhecimento.

— Imagino que vocês não lhe tenham ensinado também como executar uma série de ataques sincronizados em três países da Europa.

— Rashid é um talentoso olheiro e fonte de inspiração, mas não é uma mente brilhante quando se trata de operações. Com certeza está trabalhando com alguém muito competente. Se eu fosse dar um palpite, diria que os três ataques na Europa foram coordenados por alguém que se iniciou em...

— Bagdá — completou Gabriel.

— O MIT do terrorismo — acrescentou Carter, aquiescendo. — Todos os que se formam são PhD e fazem estágio em confrontos com a Agência e o Exército dos Estados Unidos.

— Mais uma razão para vocês lidarem com eles.

Carter não respondeu.

— Por que nós, Adrian?

— Porque o aparato contraterrorista dos Estados Unidos ficou tão grande que mal conseguimos nos mexer. Segundo o último levantamento, nós estávamos com mais de oitocentos mil operadores em nível de confidencialidade. *Oitocentos mil* — repetiu Carter, incrédulo e mesmo assim não conseguimos evitar que um simples militante islâmico plante uma bomba no coração da Times Square. Nossa capacidade de coletar informações é incomparável, mas somos redundantes demais para sermos eficientes. Nós *somos* norte-americanos, afinal, e quando nos vemos diante de uma ameaça despejamos rios de dinheiro. Às vezes é melhor ser pequeno e impiedoso. Como vocês.

— Nós avisamos sobre os perigos da reorganização.

— E nós deveríamos ter prestado atenção. Mas nosso gigantismo é apenas parte do problema. Depois do 11 de Setembro deixamos de lado a cautela e passamos a fazer o que quer que fosse necessário ao lidar com o inimigo. Agora tentamos não chamar o inimigo pelo nome, para não ofendê-lo. Em Langley, atividades contraterroristas são consideradas politicamente arriscadas. Os melhores agentes do Serviço Clandestino estão aprendendo a falar mandarim.

— Os chineses não estão tramando para matar norte-americanos.

— Mas Rashid, sim — replicou Carter —, e nossa inteligência supõe que está planejando algo grandioso num futuro próximo. Nós temos que romper essa rede e precisamos fazer isso rapidamente. Mas não podemos fazer nada se formos obrigados a operar sob as novas regras impostas pelo presidente Esperança e seu bem-intencionado cúmplice James McKenna.

— Então você quer que façamos o trabalho sujo para vocês.

— Eu faria o mesmo por vocês. E não venha me falar que você não tem capacidade. O Escritório foi o primeiro serviço de inteligência pró-Occidente a estabelecer uma unidade analítica dedicada ao movimento jihadista. Seus agentes foram também os primeiros a identificar Osama Bin Laden como um grande terrorista e os primeiros a tentar matá-lo. Se tivessem conseguido, é bem provável que o 11 de Setembro nunca tivesse acontecido.

Eles chegaram à esquina da Rua 35. O quarteirão seguinte estava fechado ao tráfego por uma barreira. No outro lado, crianças da Holy Trinity School pulavam corda e jogavam bola na calçada, os gritos de alegria reverberando pelas fachadas dos edifícios ao redor. Era uma cena idílica, cheia de vida e encantamento, mas que deixava Carter visivelmente desconfortável.

— A segurança interna é um mito — falou, observando as crianças. — É uma história de ninar que contamos ao nosso povo para que todos se sintam seguros à noite. Apesar de nossos esforços e dos bilhões gastos, os Estados Unidos são em grande parte indefensáveis. A única maneira de evitar ataques em solo norte-americano é acabar com eles *antes* que cheguem a nossas

fronteiras. Precisamos dismantelar suas redes e matar seus agentes.

— Matar Rashid al-Husseini pode não ser uma má ideia também.

— Nós adoraríamos — disse Carter. — Mas isso não vai ser possível enquanto não entrarmos em seu círculo interno.

Carter levou Gabriel pela Rua 35, em direção ao norte. Tirou o cachimbo do bolso do casaco e começou a enchê-lo de tabaco, distraído.

— Você vem lutando contra terroristas há mais tempo que qualquer um, Gabriel... sem contar Shamron, é claro. Você sabe como penetrar nas redes deles, algo que nunca foi o nosso forte, e sabe como virá-las ao avesso. Quero que você entre na rede de Rashid e a destrua. Quero que acabe com isso.

— Penetrar em redes jihadistas não é a mesma coisa que penetrar na Organização para a Libertação da Palestina. Eles são muito mais fechados e seus integrantes são bastante imunes a tentações terrenas.

— Uma rosa é uma rosa é uma rosa. E uma rede é uma rede é uma rede.

— E isso significa...?

— É claro que existem diferenças entre redes de terroristas jihadistas e palestinos, mas a estrutura básica é a mesma. Existem os estrategistas e os agentes de campo, pagadores e intendentes, mensageiros e esconderijos. E nos pontos onde todas essas peças se interceptam existe uma vulnerabilidade esperando para ser explorada por alguém inteligente como você.

Uma lufada de vento soprou a fumaça do cachimbo no rosto de Gabriel. Preparado com exclusividade para Carter por um tabaquista de Nova York, o fumo cheirava a folhas queimadas e cachorro molhado. Gabriel afastou a fumaça com a mão e perguntou:

— Como seria isso?

— Isso quer dizer que você vai aceitar?

— Não — respondeu Gabriel quer dizer que gostaria de saber exatamente como seria.

— Você iria operar como uma base do Centro de Contraterrorismo, da mesma forma como operava a Unidade Bin

Laden antes do 11 de Setembro, mas com uma diferença importante.

— O restante do Centro não vai saber que estou lá.

Carter assentiu.

— Todas as requisições de documentos vão ser feitas por mim e minha equipe. E quando chegar a hora de você entrar em ação, vou orientá-lo para garantir que não tropece em nenhuma operação em andamento da CIA e que eles não tropecem em você.

— Eu precisaria ver tudo o que você tem. *Tudo*, Adrian.

— Você terá acesso a todo o material de inteligência disponível do governo dos Estados Unidos, inclusive os arquivos referentes a Rashid e todas as interceptações da Agência Nacional de Segurança. Vai ter acesso também a todos os dados de inteligência sobre os três ataques que estão sendo enviados para nós pelas agências europeias. — Carter fez uma pausa. — Imagino que só o acesso a essas informações já seja tentador o bastante e faça você aceitar a missão. Afinal, suas relações com os europeus não andam muito boas no momento.

Gabriel não deu uma resposta direta.

— É material demais para examinar sozinho. Eu precisaria de ajuda.

— Você pode ter a ajuda de quem quiser, na medida do bom senso. Dada a natureza sensível da informação, vou precisar também de alguém da Agência espiando por cima do seu ombro. Alguém que conheça os seus modos perniciosos. Eu tenho uma candidata em mente.

— Onde ela está?

— Esperando num café na Wisconsin Avenue.

— Você é muito confiante, Adrian.

Carter parou de andar e verificou o cachimbo.

— Se quisesse apelar para sentimentalismo puro — falou depois de um momento —, eu faria você se lembrar da carnificina que presenciou na tarde de sexta-feira em Covent Garden e pediria para imaginar aquilo acontecendo muitas outras vezes. Mas não vou fazer isso, pois não seria profissional. Só vou dizer que Rashid tem um exército de mártires iguais a Farid Khan esperando para cumprir ordens, um exército que ele recrutou com minha ajuda. O Rashid é

obra minha. Ele é fruto de um erro meu. E eu preciso destruí-lo antes que mais alguém morra.

— Talvez você ache difícil de acreditar, mas eu não tenho autonomia para dizer sim. Uzi teria que aprovar antes.

— Ele já aprovou. Assim como o seu primeiro-ministro.

— Suponho que você também tenha tido uma conversinha com Graham Seymour.

Carter aquiesceu.

— Por razões óbvias, Graham gostaria de se manter a par de seus progressos. Também quer que você avise com antecedência caso sua operação venha dar nas Ilhas Britânicas.

— Você me enganou, Adrian.

— Eu sou um espião – replicou Carter, reacendendo o cachimbo.
– Mentir para mim é um hábito. Para você também. Agora você só precisa arranjar uma maneira de mentir para Rashid. Só tenha muito cuidado. Ele é muito bom, o nosso Rashid. Eu tenho cicatrizes que provam.

GEORGETOWN, WASHINGTON

O café ficava no extremo norte de Georgetown, ao lado do Book Hill Park. Gabriel pediu um cappuccino no balcão e o levou até um pequeno jardim com os muros recobertos de trepadeiras. Três das mesas estavam na sombra; a quarta recebia diretamente os raios de sol. Uma mulher estava ali sentada, lendo um jornal. Usava um traje de corrida preto bem justo em sua silhueta esbelta e um par de tênis brancos imaculados. O cabelo louro na altura dos ombros tinha sido penteado para trás e preso num rabo de cavalo baixo. Óculos escuros escondiam seus olhos, mas não sua notável beleza. Ela os tirou quando Gabriel se aproximou e inclinou a cabeça para ser beijada. Parecia surpresa com o encontro.

— Eu achava que seria você – disse Sarah Bancroft.

— Adrian não disse que eu vinha?

— Adrian trabalha à moda antiga – respondeu com um aceno de mão. Ela tinha a voz e o jeito de falar de outra época. Era como ouvir uma personagem de um romance de Fitzgerald. – Ele me mandou um e-mail criptografado ontem à noite dizendo para eu estar aqui às nove. Eu deveria ficar até dez e meia. Se ninguém aparecesse, eu deveria ir embora e voltar à vida normal. Que bom que você veio. Você sabe o quanto eu detesto levar bolo.

— Vejo que você trouxe material de leitura – observou Gabriel, olhando para o jornal.

— Você desaprova?

— A diretriz do Escritório proíbe agentes de ler jornais em cafés. É óbvio demais. – Fez uma pausa. – Achei que nós tínhamos ensinado isso, Sarah.

— E ensinaram. Mas de vez em quando gosto de me comportar como uma pessoa normal. E uma pessoa normal às vezes acha

agradável ler jornal num café numa manhã de outono ensolarada.

— Com uma Glock escondida nas costas.

— Graças a você, é minha companheira de todas as horas.

Sarah deu um sorriso melancólico. Filha de um rico executivo do Citibank, passara boa parte da infância na Europa, onde adquiriu uma educação europeia e aprendeu idiomas e impecáveis modos europeus. Voltou para os Estados Unidos para estudar em Dartmouth e, depois de passar um ano no prestigioso Instituto de Arte Courtland em Londres, se tornou a mulher mais jovem a ser PhD em história da arte em Harvard.

Mas foi a vida amorosa de Sarah Bancroft, não sua refinada formação, que a levou ao mundo da inteligência. Enquanto terminava sua tese, ela começou a sair com um jovem advogado chamado Ben Callahan, que teve o azar de estar a bordo do voo 175 da United Airlines na manhã do dia 11 de setembro de 2011. Ele conseguiu dar um telefonema antes de o avião mergulhar contra a Torre Sul do World Trade Center. A ligação foi para Sarah. Com a bênção de Adrian Carter e com a ajuda de um Van Gogh perdido, Gabriel a infiltrou no entourage de um bilionário saudita chamado Zizi al-Bakari numa ousada tentativa de encontrar um importante terrorista. Após o fim da operação, ela entrou para a CIA e foi designada para o Centro de Contraterrorismo. Desde então, manteve contato permanente com o Escritório e tinha trabalhado com Gabriel e sua equipe em inúmeras ocasiões. Até arranjava um namorado no Escritório, um assassino e agente de campo chamado Mikhail Abramov. Como não havia um anel em seu dedo, o relacionamento devia estar num ritmo mais lento do que ela esperava.

— Nós estamos indo e voltando já há um tempo — disse Sarah, como que lendo os pensamentos de Gabriel.

— E como estão no momento?

— Separados. Separados em definitivo.

— Eu avisei para não se envolver com um homem que mata pelo seu país.

— Você tinha razão, Gabriel. Você sempre tem razão.

— E o que aconteceu?

— Prefiro não entrar nos detalhes sórdidos.

— Ele me disse que estava apaixonado por você.

— Ele me disse a mesma coisa. Engraçado, né?

— Ele magoou você?

— Acho que não consigo mais ser magoada.

Demorou um tempo até Sarah sorrir. Ela não estava sendo sincera; Gabriel podia notar.

— Você quer que eu converse com ele?

— Pelo amor de Deus, não. Eu sou perfeitamente capaz de ferrar minha vida por conta própria.

Ele passou por umas operações bem difíceis, Sarah. A última foi...

— Ele me contou tudo. Às vezes meu desejo é que ele não tivesse saído vivo dos Alpes.

— Você não está falando sério.

— Não — concordou ela de má vontade —, mas me sinto bem falando isso.

— Talvez seja melhor assim. Você deveria encontrar alguém que não viva do outro lado do mundo. Alguém aqui de Washington.

— E o que eu vou responder quando me perguntar onde trabalho?

Gabriel não disse nada.

— Eu já não sou mais tão jovem, sabe. Já estou com...

— Trinta e sete — completou Gabriel.

— O que significa que estou me aproximando rapidamente do status de senhora — continuou Sarah, franzindo a testa. — Imagino que o melhor que posso esperar a essa altura é um casamento confortável e sem paixão com um homem rico e mais velho. Se eu tiver sorte, ele vai me deixar ter um ou dois filhos, que vão ser criados só por mim porque ele não vai se interessar por eles.

— Com certeza não pode ser assim tão deprimente.

Ela deu de ombros e bebericou o café.

— Como vão as coisas entre você e Chiara?

— Perfeitas — respondeu Gabriel.

— Eu temia que você respondesse isso — murmurou Sarah com malícia.

— Sarah...

— Não se preocupe, Gabriel, eu já superei você há muito tempo.

Duas mulheres de meia-idade entraram no jardim e sentaram-se do outro lado. Sarah inclinou-se para a frente e fingiu intimidade, perguntando em francês o que Gabriel fazia na cidade. Ele respondeu indicando a primeira página do jornal dela.

— Desde quando a nossa crescente dívida nacional é um problema para a inteligência de Israel? — perguntou em tom brincalhão.

Gabriel apontou para a matéria da primeira página sobre o debate furioso dentro da comunidade de inteligência norte-americana relacionado à procedência dos três ataques na Europa.

— Como você acabou se envolvendo com isso?

— Chiara e eu resolvemos dar uma volta em Covent Garden na última sexta-feira à tarde antes do almoço.

A expressão de Sarah se tornou sombria.

— Então os relatos sobre um homem não identificado sacando uma arma poucos segundos antes do ataque...

— São verdadeiros — completou Gabriel. — Eu poderia ter salvado dezoito vidas. Infelizmente, os britânicos não quiseram saber disso.

— E quem você acha que foi o responsável?

— Você é a especialista em terrorismo, Sarah. Diga você.

— É possível que os ataques tenham sido planejados pela antiga liderança da Al-Qaeda no Paquistão. Mas na minha opinião estamos lidando com uma rede nova.

— Liderada por quem?

— Alguém com o carisma de Bin Laden que conseguiu recrutar seus agentes na Europa e recorrer a células terroristas de outros grupos.

— Candidatos?

— Apenas um. Rashid al-Husseini.

— Por que Paris?

— O veto ao véu facial.

— Copenhague?

— Ainda estão irritados com as caricaturas.

— E Londres?

— Londres está sempre ao alcance. Londres pode ser atacada à vontade.

— Nada mau para uma ex-curadora da Phillips Collection.

— Eu sou uma historiadora de arte, Gabriel. Sei ligar os pontos. Posso ligar alguns mais, se quiser.

— Por favor.

— Sua presença em Washington significa que os boatos são verdadeiros.

— Que boatos são esses?

Os que dizem que Rashid esteve na folha de pagamento da Agência depois do 11 de Setembro. Os que falam de um bom plano que deu muito errado. Adrian acreditou em Rashid, e Rashid retribuiu essa confiança construindo uma rede terrorista debaixo do nosso nariz. Agora imagino que Adrian queira que você resolva o problema para ele... extraoficialmente, é claro.

— Existe alguma outra forma?

— Não que envolva você. Mas o que isso tem a ver comigo?

— Adrian precisa de alguém para me espionar. Você era a candidata mais óbvia. — Gabriel hesitou, depois falou: — Mas se você acha que é inadequado...

— Por causa de Mikhail?

— É possível que vocês dois voltem a trabalhar juntos, Sarah. Eu não gostaria que relacionamentos pessoais interferissem no bom funcionamento da equipe.

— Desde quando sua equipe funciona tão bem? Vocês são israelenses. Estão sempre brigando uns com os outros.

— Mas nunca permitimos que relacionamentos pessoais influenciem em decisões operacionais.

— Eu sou uma profissional. Em vista da nossa história juntos, acho que não preciso lembrar isso a você.

— Não mesmo.

— Então por onde nós começamos?

— Precisamos conhecer Rashid um pouco melhor.

— E como vamos fazer isso?

— Lendo os documentos da Agência.

— Mas estão cheios de mentiras.

— É verdade. Mas essas mentiras são como camadas de tinta numa tela. Se as descascarmos, acabaremos olhando direto para a verdade.

— Ninguém fala desse jeito em Langley.

— Eu sei – disse Gabriel. – Se falassem, eu ainda estaria na Cornualha trabalhando num Ticiano.

GEORGETOWN, WASHINGTON

— Gabriel e Sarah fixaram-se na casa da N Street às nove da manhã seguinte. A primeira pilha de documentos chegou uma hora depois – seis contêineres de aço inoxidável, todos trancados com fechaduras digitais. Por alguma razão insondável, Carter só confiara as combinações a Sarah.

— Regras são regras – explicou ele –, e as regras da Agência dizem que funcionários de serviços de inteligência estrangeiros nunca têm acesso a combinações de receptáculos de documentos.

Quando Gabriel lembrou que estavam deixando ele ver os podres da Agência, Carter continuou inflexível. Tecnicamente falando, o material deveria ficar em posse de Sarah. As anotações deveriam ser mínimas e cópias eram proibidas. Carter retirou ele mesmo o fax e requisitou o celular de Gabriel — um pedido que Gabriel declinou com educação. O telefone havia sido fornecido pelo Escritório e possuía diversos recursos não disponíveis comercialmente. Na verdade, ele tinha usado o celular na noite anterior para varrer a casa em busca de dispositivos de escuta. E tinha encontrado quatro. Era óbvio que a cooperação entre os serviços ia só até certo ponto.

Os primeiros arquivos concentravam-se no tempo de Rashid nos Estados Unidos antes do 11 de Setembro e suas conexões, nefastas ou benignas, até o atentado em si. A maior parte do material havia sido gerada pelo insípido rival de Langley, o FBI, e compartilhada durante o pouco tempo em que, por ordem presidencial, as duas agências deveriam estar cooperando. Revelavam que Rashid al-Husseini surgiu no radar do Bureau semanas depois de sua chegada a San Diego e que foi alvo de uma vigilância meio desinteressada. Havia transcrições de gravações aprovadas pela Justiça de seus telefonemas e fotos tiradas durante o breve período em que os escritórios de San Diego e Washington

tinham tempo e pessoal para segui-lo. Havia também uma cópia de um relatório confidencial entre agências que oficialmente eximia Rashid de qualquer papel no atentado de 11 de setembro. Para Gabriel, era um trabalho de extrema ingenuidade que preferiu retratar o clérigo sob o ângulo mais favorável possível. Gabriel acreditava que se podia conhecer um homem por suas companhias e já tinha estado próximo o suficiente de redes terroristas para reconhecer um agente quando avistava um. Era quase certo que Rashid al-Husseini se tratava de um mensageiro ou um hospedeiro. Na melhor das hipóteses, era um companheiro de viagem. E, na opinião de Gabriel, companheiros de viagem dificilmente poderiam ser aceitos por serviços de inteligência como agentes pagos com alguma influência. Deveriam ser vigiados e, se necessário, tratados com rispidez.

A segunda leva de documentos continha as transcrições e as gravações do interrogatório de Rashid feito pela CIA, seguidas pelos fragmentos da malfadada operação em que ele desempenhou o papel principal. O material terminava com uma análise desesperada da ação, escrita nos dias que se seguiram à deserção em Meca. A operação, dizia, tinha sido mal concebida desde o início. Grande parte da culpa foi jogada sobre os ombros de Adrian Carter, acusado de supervisionar de forma negligente. Anexada, havia uma avaliação do próprio Carter, também bastante rigorosa. Prevendo um tiro pela culatra, ele recomendava uma detalhada revisão dos contatos de Rashid nos Estados Unidos e na Europa. O diretor de Carter rejeitou essa diretriz. A Agência estava atarefada demais para perseguir fantasmas, disse o diretor. Rashid estava de volta ao Iêmen, que era sua terra. Boa estadia.

— Não foi exatamente um bom momento da Agência — comentou Sarah naquela noite, durante um intervalo na tarefa. — Só de tentar usá-lo já fomos tolos.

— A Agência começou com uma suposição correta, de que Rashid era mau, mas em algum ponto caiu no feitiço dele. Não é difícil entender como isso aconteceu. Rashid era muito convincente.

— Quase tão convincente quanto você.

— Mas eu não mando meus recrutas a ruas apinhadas para cometer assassinatos em massa.

— Não, você os manda a campos de batalha para esmagar seus inimigos.

— Não é tão bíblico assim.

— É, sim. Confie em mim, eu sei. — Ela olhou cansada para a pilha de arquivos. — Nós ainda temos um monte de material para examinar e isso é só o começo. Vai chegar muita coisa ainda.

— Não se preocupe — disse Gabriel, sorrindo. — Nossa ajuda está a caminho.

Eles chegaram ao Aeroporto Dulles no fim da tarde seguinte com nomes e passaportes falsos. Uma equipe da Agência passou todos rapidamente pela alfândega e os conduziu até uma frota de Escalades blindados que seguiriam para Washington. Segundo instruções de Adrian, os Escalades partiram de Dulles em intervalos de quinze minutos. Por essa razão, a mais renomada equipe de agentes de inteligência do mundo ocupou a casa da N Street naquela noite sem que os vizinhos tomassem conhecimento.

Chiara chegou primeiro, seguida logo depois por uma especialista em terrorismo do Escritório chamada Dina Sarid. Miúda e de cabelos escuros, Dina conhecia muito bem os horrores da violência extremista. Ela estava na Dizengoff Street em Tel Aviv no dia 19 de outubro de 1994, quando um homem-bomba do Hamas transformou o ônibus número 5 num caixão para 21 pessoas. A mãe e duas de suas irmãs estavam entre os mortos; Dina ficou gravemente ferida e ainda hoje mancava um pouco. Depois de se recuperar, jurou derrotar os terroristas não com a força, mas com o cérebro. Como um banco de dados humano, era capaz de recitar hora, local, executores e número de baixas de todos os atos terroristas cometidos contra Israel e alvos ocidentais. Dina dissera uma vez a Gabriel que sabia mais sobre os terroristas do que eles sabiam sobre si mesmos. E Gabriel acreditava nela.

Em seguida chegou um homem já no fim da meia-idade chamado Eli Lavon. Pequeno e desalinhado, com ralos cabelos cinzentos e inteligentes olhos castanhos, Lavon era considerado o melhor agente de vigilância urbana que o Escritório já produzira. Dotado de uma invisibilidade natural, ele parecia ser oprimido pelo mundo. Na verdade, era um predador que podia seguir um agente

de inteligência altamente qualificado ou um terrorista experiente em qualquer rua do mundo sem despertar a menor suspeita. A ligação de Lavon com o Escritório, assim como a de Gabriel, era tênue. Ele continuava lecionando na Academia — nenhum recruta do Escritório era mandado a campo sem antes passar algumas horas com Lavon —, mas hoje em dia seu trabalho principal era na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde ensinava arqueologia. Com apenas um punhado de cerâmica quebrada, Eli Lavon conseguia desvendar os segredos mais obscuros de uma aldeia da Idade do Bronze. E com apenas umas poucas pistas podia fazer o mesmo com uma rede terrorista.

Yaakov Rossman, um veterano administrador de agentes com o rosto marcado por cicatrizes, apareceu depois, seguido dos dois ajudantes de campo multifuncionais Oded e Mordecai. Então foi a vez de Rimona Stern, ex-oficial de inteligência militar que agora tratava de assuntos relacionados com o desmantelamento do programa nuclear do Irã. Lembrando uma modelo do pintor Rubens, de cabelos cor de areia, Rimona era também sobrinha de Shamron. Gabriel a conhecia desde que ela era pequena — aliás, sua mais terna lembrança de Rimona era de uma destemida garotinha indo ladeira abaixo com seu patinete na frente da casa do tio famoso. Em seu largo quadril, no lado esquerdo, havia a cicatriz de um ferimento sofrido num tombo particularmente violento. Gabriel tinha feito o curativo; Gilah enxugou as lágrimas de Rimona. Shamron estava muito perturbado para oferecer qualquer ajuda. Único membro de sua família a sobreviver ao Holocausto, ele não conseguia ver o sofrimento de seus entes queridos.

Alguns minutos depois de Rimona, chegou Yossi Gavish. Alto, calvo e vestido com cotelê e tweed, Yossi era um alto funcionário da Pesquisa, que é como o Escritório se referia à sua divisão de análise. Nascido em Londres, lera os clássicos na faculdade de Ali Souls e falava hebreu com um pronunciado sotaque inglês. Tinha feito ainda um pouco de teatro — sua interpretação de Iago ainda era lembrada com grande entusiasmo pelos críticos de Stratford — e era também um talentoso violoncelista. Gabriel ainda não explorara o talento musical de Yossi, mas sua habilidade como ator já havia se provado útil em mais de uma ocasião no campo. Em um

café à beira-mar em St. Barts, uma garçonete ainda achava que ele fora apenas um sonho e a concierge de um hotel em Genebra tinha jurado atirar nele assim que o visse.

Como sempre, Mikhail Abramov foi o último a chegar. Esguio e louro, com um rosto frágil e olhos glaciais, tinha imigrado para Israel vindo da Rússia ainda adolescente e entrado para a Sayeret Matkal, a unidade de operações especiais de elite das Forças Armadas de Israel. Já descrito como “um Gabriel sem consciência”, tinha assassinado diversos líderes terroristas do Hamas e do Jihad Islâmico Palestino. Sobrecarregado por duas pesadas malas cheias de aparatos eletrônicos, ele cumprimentou Sarah com um beijo nitidamente frígido. Eli Lavon mais tarde o definiria como o cumprimento mais frio desde que Shamron, durante os agradáveis dias do processo de paz, fora obrigado a apertar a mão de Yasser Arafat.

Conhecidos pelo codinome Barak, palavra hebraica para relâmpago, os nove homens e mulheres da equipe de Gabriel apresentavam muitas idiossincrasias e muitas tradições. Entre as idiossincrasias havia uma disputa infantil para decidir a disposição das acomodações. Entre as tradições havia um banquete na primeira noite de planejamento, preparado por Chiara. O da N Street foi mais pesaroso do que o normal, pois jamais deveria ter acontecido. Como todos os outros no King Saul Boulevard, a equipe tinha esperado que a operação contra o programa nuclear iraniano fosse a última missão de Gabriel. A informação viera de seu chefe apenas nominal, Uzi Navot, que não estava de todo descontente, e de Shamron, que estava aborrecido. “Eu não tive escolha a não ser deixá-lo livre”, disse Shamron depois de seu famoso encontro com Gabriel no alto dos penhascos da Cornualha. “Desta vez é para sempre.”

Poderia ter sido para sempre se Gabriel não tivesse avistado Farid Khan andando pela Wellington Street com explosivos debaixo do casaco. Os homens e mulheres reunidos ao redor da mesa na sala de jantar entendiam o peso de Covent Garden sobre os ombros de Gabriel. Muitos anos antes, em outra época, sob outro nome, ele fracassara em evitar um atentado em Viena que alterou o curso de sua vida. Naquela ocasião, a bomba não estava escondida debaixo

do casaco de um *shahid*, mas no chassi do carro do próprio agente. As vítimas não eram desconhecidos, mas entes queridos — sua esposa, Leah, e seu filho único, Dani. Leah vivia atualmente num hospital psiquiátrico no alto do monte Herzl, em Jerusalém, aprisionada pela memória e com o corpo destruído pelo fogo. Tinha apenas uma vaga noção de que Dani estava enterrado não muito longe dela, no Monte das Oliveiras.

Os integrantes da equipe de Gabriel não mencionaram Leah e Dani naquela noite nem abordaram muito os acontecimentos que levaram Gabriel a ser uma testemunha involuntária do martírio de Farid Khan. Preferiram falar de amigos e família, de livros lidos e filmes assistidos e das notáveis mudanças que atualmente varriam o mundo árabe. No Egito, o tirano finalmente tinha caído, desencadeando uma onda de protestos que ameaçava derrubar reis e ditadores que governavam a região havia gerações. Se as mudanças trariam mais segurança para Israel ou aumentariam o perigo era uma questão debatida com ardor dentro do Escritório e na mesa de jantar naquela noite. Yossi, otimista por natureza, acreditava que os árabes, se tivessem a oportunidade de se governar, não teriam mais ligação com os que desejam a guerra a Israel. Yaakov, que havia passado anos comandando espiões para combater regimes árabes hostis, declarou que Yossi estava delirando, como fazia quase todo mundo. Só Dina se recusou a dar um palpite, pois seus pensamentos concentravam-se nas caixas de documentos esperando na sala de estar. Havia um tique-taque em sua cabeça, pois ela acreditava que a cada minuto perdido os terroristas progrediam em seus planos. Os documentos eram a esperança de salvar vidas. Eram textos sagrados que continham segredos que só ela poderia decodificar.

Já era quase meia-noite quando o jantar afinal chegou ao fim, seguido pela tradicional discussão sobre quem limparia os pratos, quem lavaria e quem enxugaria. Depois de recusar a tarefa, Gabriel mostrou os documentos para Dina e, então, levou Chiara ao quarto dos dois, no andar de cima. Era no terceiro andar, com vista para o jardim dos fundos. As luzes de alerta para aeronaves no alto dos pináculos da Universidade de Georgetown piscavam suavemente à

distância, uma lembrança de como a cidade era vulnerável a ataques aéreos.

— Imagino que existam lugares piores para se passar alguns dias — comentou Chiara. — Onde você colocou Mikhail e Sarah?

— O mais longe possível um do outro.

— Quais são as chances de essa operação juntar os dois outra vez?

— Mais ou menos as mesmas de o mundo árabe de repente reconhecer o nosso direito de existir.

— Está tão ruim assim?

— Receio que sim. — Gabriel levantou a mala de Chiara e a depositou na ponta da cama, que afundou com o peso. — O que você trouxe aí?

— Gilah mandou algumas coisas pra você.

— Pedras?

— Comida. Você sabe como ela é. Sempre acha que você está magro demais.

— Como ela está?

— Agora que Ari não passa tanto tempo em casa parece que está muito melhor.

— Ele finalmente se inscreveu naquele curso de cerâmica que sempre quis fazer?

— Na verdade, ele voltou para o King Saul Boulevard.

— Para quê?

— Uzi achou que ele precisava de algo para se manter ocupado, por isso o nomeou seu coordenador operacional. Você precisa ligar para ele amanhã logo cedo. — Chiara beijou-o na bochecha e sorriu. — Bem-vindo ao lar, querido.

GEORGETOWN WASHINGTON

Uma verdade incontestável sobre redes terroristas é que juntar as peças não é tão difícil quanto se imagina. Mas assim que o idealizador puxa o gatilho e realiza o primeiro ataque, perde-se o elemento-surpresa e a rede se expõe. Nos primeiros anos do conflito contra o terrorismo — quando o Setembro Negro e Carlos, o Chacal, corriam soltos, auxiliados por idiotas europeus esquerdistas como o grupo Baader-Meinhof e as Brigadas Vermelhas —, os profissionais de inteligência empregavam basicamente vigilância física, grampos de escuta e o bom e velho trabalho detetivesco para identificar os membros de uma célula. Agora, com o advento da internet e das conexões via satélite, os contornos do campo de batalha tinham sido alterados. A internet deu aos terroristas uma poderosa ferramenta para organizar, inspirar e se comunicar, mas propiciou também aos serviços de inteligência uma maneira de rastrear cada um de seus movimentos. O ciberespaço era como uma floresta no inverno: os terroristas podiam se esconder por algum tempo, elaborando planos e organizando forças, mas não podiam sair sem deixar pegadas na neve. O desafio para os agentes do contraterrorismo era seguir as pegadas certas, pois a floresta virtual era um lugar escuro e confuso onde se podia vagar sem rumo enquanto inocentes morriam.

Gabriel e sua equipe entraram ali com todo o cuidado na manhã seguinte quando a inteligência britânica, cumprindo o acordo, compartilhou com seus parceiros norte-americanos os resultados preliminares do inquérito do atentado em Covent Garden. No material estavam o conteúdo dos computadores da casa e do local de trabalho de Farid Khan, uma cópia de todos os números digitados em seu celular e uma lista de conhecidos extremistas islâmicos que havia encontrado quando era integrante dos grupos de Hizb ut-Tahrir e Al-Muhajiroun. Havia ainda uma cópia da fita

suicida, além de centenas de imagens estáticas captadas pelas CCTV durante seus últimos meses de vida. A última foto o mostrava em Covent Garden, os braços erguidos acima da cabeça, o fogo irrompendo do cinto de explosivos ao redor da cintura. Deitado no chão a poucos metros de distância, protegido por dois homens, estava Gabriel. Ao ampliar a foto, foi possível ver a silhueta de uma arma em sua mão esquerda.

Carter havia distribuído o material para o Centro de Contraterrorismo em Langley e para a Agência Nacional de Segurança, a ANS, em Fort Meade, Maryland. Depois, sem o conhecimento de ambos, entregou uma terceira cópia à casa da N Street. No dia seguinte, deixou um pacote muito semelhante vindo da Dinamarca, mas só uma semana depois chegou o material de Paris.

— Os franceses ainda não perceberam que estamos todos juntos nessa — disse Carter. — Eles veem o ataque como uma falha do nosso sistema de inteligência, o que significa que com certeza só vamos saber parte da história.

Gabriel e sua equipe examinaram o material o mais rápido possível, mas com a paciência e a atenção aos detalhes que a tarefa exigia. Por instinto, Gabriel recomendou que abordassem o caso como se fosse uma enorme tela que tivesse sofrido grandes danos.

— Não fiquem à distância tentando visualizar tudo ao mesmo tempo — alertou. — Isso só vai enlouquecer vocês. Sigam devagar. Concentrem-se nos pequenos detalhes: uma mão, um olho, a bainha de uma vestimenta, um único fio correndo por cada um dos três ataques. Talvez vocês não vejam no começo, mas está lá, garanto.

Com a ajuda da ANS e dos coletores de dados do governo que trabalhavam em descaracterizados prédios de escritórios que margeavam a rodovia interestadual em torno de Washington, a equipe mergulhou na memória de grandes computadores e servidores espalhados por todo o mundo. Números telefônicos gerando números telefônicos, contas de e-mail gerando contas de e-mail, nomes gerando nomes. Leram milhares de mensagens instantâneas em dezenas de idiomas. Examinavam históricos de

navegação à procura de planos; fotografias, à procura de possíveis alvos; históricos de busca, à procura de desejos secretos e paixões proibidas.

De forma gradual, o contorno tênue de uma rede terrorista começou a tomar forma. Era dispersa e difusa — o nome de um possível agente em Lyon; o endereço de um possível esconderijo em Malmö; um número telefônico em Karachi; um site de origem incerta, oferecendo downloads de vídeos de atentados e decapitações, a pornografia do mundo jihadista. Acreditando lidar com a CIA, serviços de inteligência pró-ocidentais forneceram material que normalmente teriam retido. Assim como a polícia secreta do mundo islâmico. Em pouco tempo, as paredes da sala estavam cobertas com uma estonteante matriz de informações. Eli Lavon dizia que era como olhar o céu guiado por um mapa estelar: agradável, mas pouco produtivo quando vidas estavam em perigo. Em algum lugar ali havia um princípio organizador, algo que orientava os terroristas. Rashid, o clérigo carismático, havia construído a rede com sua persuasão, porém alguém mais o havia instruído para executar três ataques em três cidades europeias, cada um deles num minuto preciso. Não era um amador, esse homem. Era um mestre do terror.

Descobrir quem era esse monstro tornou-se a obsessão de Dina. Sarah, Chiara e Eli Lavon trabalhavam sem cessar a seu lado, enquanto Gabriel se contentava em fazer pequenas tarefas e levar e trazer mensagens. Duas vezes por dia, Dina passava para ele uma lista de perguntas que exigiam respostas urgentes. Às vezes Gabriel ia até a embaixada de Israel na zona noroeste de Washington e as transmitia a Shamron por uma linha segura. Outras vezes, as passava para Adrian Carter, que fazia então uma peregrinação até Fort Meade para uma conversa com os coletores de dados. Na noite de Ação de Graças, enquanto um ar de desolação pairava sobre Georgetown, Carter convocou Gabriel para ir a um café na Rua 35 para entregar um volumoso pacote de material.

— Aonde Dina vai chegar? — perguntou Carter, tirando a tampa de um copo de café que não tinha a intenção de tomar.

— Nem eu sei ao certo — respondeu Gabriel. — Ela tem sua metodologia própria. Eu só tento não ficar no caminho.

— Ela está nos vencendo, sabe? Os serviços de inteligência dos Estados Unidos têm duzentos analistas tentando decifrar esse caso e estão sendo vencidos por uma única mulher.

— Isso é porque ela sabe ao certo o que vai acontecer se não os derrotarmos. E parece que ela não precisa dormir.

— Ela tem alguma teoria sobre quem poderia ser?

— Ela tem a sensação de que o conhece.

— Pessoalmente?

— Com Dina tudo é sempre pessoal, Adrian. Por isso ela é tão boa no que faz.

Embora Gabriel não admitisse, o caso tinha se tornado pessoal para ele também. Quando não estava na embaixada ou em seus encontros com Carter, em geral ele podia ser encontrado no “Rashidistão”, que era como a equipe se referia agora à apinhada biblioteca da casa da N Street. Fotografias do clérigo recobriam as quatro paredes. Organizadas em ordem cronológica, elas mapeavam sua improvável ascensão de um obscuro pregador local em San Diego até líder de uma rede terrorista do jihad. Sua aparência tinha mudado pouco durante esse tempo — a mesma barba rala, os mesmos óculos de intelectual, a mesma expressão benevolente nos tranquilos olhos castanhos. Não parecia um homem capaz de executar um assassinato em massa nem mesmo alguém que poderia inspirar esse tipo de ação. Gabriel não estava surpreso: já havia sido torturado por homens com mãos de sacerdotes e uma vez matara um terrorista palestino que tinha rosto de criança. Mesmo agora, mais de vinte anos depois, Gabriel lutava para conectar a meiguice das feições sem vida do homem à espantosa quantidade de sangue em suas mãos.

O maior recurso de Rashid não era sua aparência banal, mas sua voz. Gabriel ouvia os sermões de Rashid — tanto em árabe como em seu inglês norte-americano coloquial — e as muitas entrevistas reflexivas que ele dera à imprensa depois do 11 de Setembro. Mais que tudo, ele analisava as gravações de Rashid fazendo jogos intelectuais com os interrogadores da CIA. Rashid era parte poeta, parte pregador, parte instrutor do jihad. Alertava os norte-americanos de que a demografia pesava de forma decisiva a favor de seus inimigos, que o mundo islâmico era jovem e estava

crescendo, fervilhante com uma poderosa mistura de ira e humilhação. “Se algo não for feito para alterar a equação, meus caros amigos, toda uma geração será perdida para o jihad.” Os Estados Unidos precisavam era de uma ponte para o mundo muçulmano — e Rashid al-Husseini se oferecia para desempenhar esse papel.

Cansado da insidiosa presença de Rashid, o restante da equipe insistia para que Gabriel mantivesse a porta da biblioteca bem fechada sempre que escutava as gravações. Porém, tarde da noite, quando a maioria dos outros estava dormindo, ele desobedecia às ordens, nem que fosse para aliviar o sentimento de claustrofobia produzido pelo som da voz de Rashid. Invariavelmente, encontrava Dina olhando para o quebra-cabeça disposto nas paredes da sala de estar.

— Vá dormir, Dina — dizia.

— Vou dormir quando você for — respondia ela.

— Na primeira sexta-feira de dezembro, quando os flocos de neve embranqueciam as ruas de Georgetown, Gabriel ouvia mais uma vez as prestações de contas finais com seus operadores da Agência. Era a noite antes de sua deserção. Ele parecia mais excitado do que o normal e com uma leve ansiedade. No encerramento do encontro, passou a um agente o nome de um imame em Oslo que, na opinião de Rashid, estava levantando dinheiro para a resistência no Iraque.

— Eles não são a resistência, são terroristas — disse o homem da CIA de forma categórica.

— Me desculpe, Bill — replicou Rashid, usando o pseudônimo do agente –, mas às vezes eu acho difícil me lembrar de que lado estou.

Gabriel desligou o computador e saiu em silêncio para a sala. Dina encontrava-se em silêncio diante de sua matriz, esfregando a perna no ponto que sempre doía quando ela estava cansada.

— Vá dormir, Dina — disse Gabriel.

— Esta noite, não — respondeu ela.

— Você o pegou?

— Acho que sim.

— Quem é?

— É Malik — respondeu com calma. — E que Deus tenha piedade de todos nós.

GEORGETOWN, WASHINGTON

Passavam alguns minutos das duas da manhã, uma hora terrível, como disse uma vez Shamron, quando esquemas brilhantes raramente são elaborados. Gabriel sugeriu que esperassem até o dia clarear, mas o tique-taque na cabeça de Dina já estava alto demais. Foi tirar os outros da cama e andou ansiosa pela sala enquanto esperava o café ficar pronto. Quando ela por fim falou, o tom era urgente mas respeitoso. Malik, o mestre do terror, merecia.

Começou seu relato lembrando à equipe a linhagem de Malik — uma linhagem que só tinha um resultado possível. Descendente do clã Al-Zubair — uma família que misturava palestinos e sírios, original da aldeia de Abu Gosh, na fronteira ocidental de Jerusalém —, tinha nascido no campo de refugiados de Zarqa, na Jordânia. Zarqa era um lugar desgraçado, mesmo para os deploráveis padrões dos campos de refugiados, propício para o extremismo islâmico. Jovem inteligente mas sem rumo, Malik passou muito tempo na mesquita de Al-Falah. Lá, encantou-se com um incendiário imame salafista que o conduziu ao Movimento de Resistência Islâmico, mais conhecido como Hamas. Malik entrou para o braço armado do grupo, as Brigadas Izzaddin al-Qassam, e estudou as técnicas terroristas com alguns dos mais mortais praticantes do ramo. Líder natural e habilidoso organizador, logo subiu na hierarquia e, por ocasião da Segunda Intifada, estava entre os principais terroristas do Hamas. Da segurança do campo de Zarqa, ele planejou alguns dos ataques mais fatais do período, inclusive um atentado suicida a um clube noturno em Tel Aviv que ceifou 33 vidas.

— Depois desse ataque, o primeiro-ministro assinou uma ordem autorizando o assassinato de Malik — disse Dina. — Malik se escondeu no campo de Zarqa e planejou o que seria sua maior investida até então: um atentado à Muralha Ocidental. Felizmente,

conseguimos prender três *shahids* antes que alcançassem seu alvo. Acredita-se que tenha sido o único fracasso de Malik.

No verão de 2004, continuou Dina, ficou claro que o conflito entre Israel e Palestina era um palco pequeno demais para Malik. Inspirado pelo 11 de Setembro, ele fugiu do campo e, disfarçado de mulher, viajou para Amã a fim de se encontrar com um recrutador da Al-Qaeda. Depois de recitar o *bayat*, o voto pessoal de lealdade a Osama Bin Laden, Malik cruzou de forma clandestina a fronteira com a Síria. Seis semanas depois, entrou no Iraque.

— Malik era bem mais sofisticado que os outros integrantes da Al-Qaeda no Iraque — explicou Dina. — Ele passou anos aperfeiçoando suas técnicas contra as mais formidáveis forças antiterroristas do mundo. Não era apenas perito na fabricação de bombas, mas sabia como infiltrar seus *shahids* através dos esquemas de segurança mais complexos. Acredita-se que foi a mente por trás de alguns dos mais letais e espetaculares ataques dos rebeldes. Sua maior façanha foi uma onda de atentados a bomba de um dia no bairro xiita de Bagdá que matou mais de duzentas pessoas.

O último ataque de Malik no Iraque foi um bombardeio a uma mesquita xiita que assassinou cinquenta fiéis. Àquela altura, ele era o alvo de uma operação de busca maciça conduzida pela Força-Tarefa 6-26, uma unidade conjunta de inteligência e de operações especiais dos Estados Unidos. Dez dias depois do atentado, a força-tarefa soube que Malik estava num esconderijo a 15 quilômetros ao norte de Bagdá, junto com duas outras importantes figuras da Al-Qaeda. Naquela noite, jatos F-16 norte-americanos atacaram a casa com dois mísseis guiados por laser, mas foram descobertos apenas dois mortos entre os escombros. Nenhum pertencia a Malik al-Zubair.

— Aparentemente, ele fugiu da casa minutos antes de as bombas caírem — explicou Dina. — Mais tarde, ele falou a seus companheiros que Alá o instruíra a sair. O incidente só reafirmou sua crença em que havia sido escolhido por Deus para fazer coisas grandiosas.

Foi então que Malik achou que tinha chegado o momento de se internacionalizar. Depois de desenvolver um gosto por matar norte-

americanos no Iraque, queria matá-los em seu país, por isso viajou para o Paquistão em busca de apoio financeiro da linha de frente da Al-Qaeda. Bin Laden ouviu com toda a atenção. Depois mandou Malik fazer as malas.

— Na verdade — logo acrescentou Dina —, parece que Ayman al-Zawahiri esteve por trás da decisão de despachar Malik com as mãos abanando. O egípcio tinha diversos esquemas em andamento contra o Ocidente e não queria ser ameaçado por um arrivista palestino de Zarqa.

— Então Malik foi para o lêmen e ofereceu seus serviços a Rashid? — perguntou Gabriel.

— Exato.

— Provas — questionou Gabriel. — Onde estão as provas?

— Eu sou uma analista de inteligência — disse Dina sem hesitar.

— Raramente desfruto do luxo de provas absolutas. O que estou oferecendo são conjecturas, baseadas num conjunto de fatos pertinentes.

— Por exemplo?

— Damasco. No outono de 2008, o Escritório obteve uma informação de um espião dentro da inteligência síria de que Malik estava escondido lá, movimentando-se constantemente por diversos esconderijos de propriedade de vários membros do clã Al-Zubair. Instado por Shamron, o primeiro-ministro nos autorizou a começar a planejar a morte de Malik, há muito esperada. Uzi ainda era o chefe de Operações Especiais na época e despachou uma equipe de agentes de campo para Damasco... uma equipe que incluía um tal de Mikhail Abramov — acrescentou Dina, com um olhar na direção dele. — Em poucos dias, eles estavam com Malik sob vigilância total.

— Continue, Dina.

— Não era fácil seguir Malik, como Mikhail pode confirmar. Mudava de aparência a toda hora, bigode e barba, óculos, chapéus, roupas, até a maneira de andar, mas a equipe não o perdeu. E no dia 23 de outubro, tarde da noite, eles viram Malik entrando no apartamento de um homem chamado Kemel Arwish. Arwish gostava de se mostrar como um moderado ocidentalizado que queria arrastar seu povo chorando e esperneando para o século XXI. Na

verdade, era um islamista que chapinhava na periferia da Al-Qaeda e de seus aliados. Sua capacidade de viajar entre o Oriente Médio e o Ocidente sem despertar suspeitas o tornou valioso para levar mensagens e executar pequenas tarefas. — Dina olhou diretamente para Gabriel. — Corno você passou um bom tempo se familiarizando com os arquivos da CIA sobre Rashid, imagino que saiba o nome e o endereço de Kemel.

— Rashid participou de um jantar no apartamento de Kernel Arwish em 2004, quando foi para Damasco em nome da CIA — disse Gabriel. — Depois falou a seu contato da Agência que ele e Arwish tinham discutido muitas ideias interessantes sobre como sufocar o jihad.

— Se você acredita...

— Poderia ser apenas uma coincidência, Dina.

— Poderia, mas eu fui treinada para nunca acreditar em coincidências. E você também.

— O que aconteceu com a operação contra Malik?

— Ele escapou por entre nossos dedos, assim como escapou dos norte-americanos em Bagdá. Uzi pensou em colocar Arwish sob vigilância, mas isso acabou não sendo necessário. Três dias depois que Malik desapareceu, o corpo de Kernel Arwish foi encontrado no deserto do leste de Damasco. Teve uma morte relativamente indolor.

— Foi Malik quem mandou matá-lo?

— Talvez tenha sido Malik, talvez Rashid. Não importa muito. Arwish era peixe pequeno num grande lago. Fez o papel designado a ele. Entregou a mensagem e depois disso se tornou um risco.

Gabriel não pareceu convencido.

— O que mais você tem?

— O modelo dos cintos de explosivos usados pelos *shahids* em Paris, Copenhague e Londres. Eram idênticos ao tipo de cinto usado por Malik em seus ataques durante a Segunda Intifada, que por sua vez eram idênticos ao tipo usado por ele em Bagdá.

— O modelo não precisa ter vindo de Malik. Pode ter flutuado pelos esgotos do submundo jihadista há muitos anos.

— Malik não pode ter colocado esse modelo na internet para o mundo ver. A fiação, o detonador, o formato da carga e os estilhaços são inovadores. Malik está praticamente me *dizendo* que é ele.

Gabriel ficou em silêncio. Dina arqueou uma sobrancelha e perguntou: — Mais algum comentário sobre coincidências?

Gabriel ignorou a observação.

— Onde ele foi localizado pela última vez?

— Houve alguns relatos não confirmados de que teria voltado para Zarqa e nosso chefe de base na Turquia ouviu um desagradável boato de que ele estaria vivendo com grande luxo em Istambul. O boato acabou se provando falso. No que diz respeito ao Escritório, Malik é um fantasma.

— Até mesmo um fantasma precisa de um passaporte.

— Acreditamos que ele use um passaporte sírio que lhe foi entregue pelo grande reformista em Damasco. Infelizmente, não temos ideia de que nome está usando ou de sua aparência. A última fotografia conhecida de Malik foi tirada mais de vinte anos atrás. É inútil.

— Existe alguém próximo a Malik que possamos encontrar? Um parente? Amigo? Um velho companheiro dos tempos do Hamas?

— Nós tentamos quando Malik nos bombardeava durante a Segunda Intifada — disse Dina, meneando a cabeça. — Não existe mais nenhum Al-Zubair em Israel ou nos territórios e os que estavam em Zarqa estão comprometidos demais com o conflito para colaborar conosco. — Ela fez uma pausa. — Mas talvez tenhamos uma coisa a nosso favor.

— E o que seria?

— Acho que a rede dele está ficando sem dinheiro.

— Quem disse?

Dina apontou para uma fotografia de Farid Khan, o homem-bomba de Covent Garden.

— Ele disse.

GEORGETOWN, WASHINGTON

Nas últimas semanas de sua breve mas portentosa vida, Farid Khan, assassino de dezoito inocentes em sua terra natal, deixou diversas postagens desesperadas num fórum islâmico na internet lamentando o fato de não ter dinheiro suficiente para comprar um presente de casamento adequado para irmã. Aparentemente, ele estava considerando faltar à cerimônia para evitar constrangimento. Mas só havia um furo na história, apontado por Dina: Alá tinha abençoado a família Khan com quatro rapazes, mas nenhuma garota.

— Acredito que ele estivesse falando de um pagamento pelo martírio... um pagamento que Malik prometeu a ele. O Hamas funciona assim. O Hamas sempre cuida das necessidades financeiras póstumas de seus *shahids*.

— E ele chegou a conseguir o dinheiro?

— Uma semana antes do ataque ele fez uma última postagem dizendo que tinha conseguido. Afinal, ele poderia ir ao casamento, graças a Alá.

— Então Malik cumpriu a promessa.

— É verdade, mas só depois que o *shahid* ameaçou não dar continuidade à missão. A rede pode ter dinheiro disponível para financiar uma nova série de ataques, mas se Rashid e Malik vão se tornar os próximos Bin Laden e Zawahiri...

— Vão precisar de uma injeção de capital para trabalhar.

— Exato.

Gabriel deu um passo à frente e examinou a constelação de nomes, números de telefones e rostos. Depois virou-se para Lavon e perguntou:

— Quanto você acha que precisaria para criar um novo grupo terrorista do jihad com alcance global?

— Uns 20 milhões — respondeu Lavon. — Talvez um pouco mais se incluir acomodações e transporte de primeira classe.

— É bastante dinheiro, Eli.

— Terrorismo não é barato. — Lavon olhou Gabriel de soslaio. — Em que você está pensando?

— Estou pensando que temos duas escolhas. Podemos ficar aqui olhando para nossas matrizes de e-mails e telefones, esperando que uma informação valiosa caia no nosso colo, ou...

— Ou o quê?

— Ou podemos entrar para o negócio do terrorismo.

— E como faríamos isso?

— Dando o dinheiro a eles, Eli. Dando o dinheiro a eles.

Existem dois tipos básicos de inteligência, Gabriel lembrou a sua equipe, desnecessariamente. Existe a inteligência humana, ou “humint” no jargão do ramo, e a inteligência por sinais, também conhecida como “sinint”. Mas a capacidade de rastrear o fluxo de dinheiro em tempo real pelo sistema bancário global deu aos espões uma poderosa terceira forma de inteligência às vezes chamada de “finint” ou inteligência financeira. Quase sempre a finint era bastante confiável. O dinheiro não mentia; apenas ia para onde era enviado. Mais ainda, o rastro eletrônico deixado por sua movimentação era previsível. Os terroristas islâmicos tinham aprendido há muito tempo como enganar as agências de espionagem ocidentais com falsos discursos, mas raramente investiam seus preciosos recursos financeiros para despistar. O dinheiro em geral ia para agentes reais engajados em planos reais. Siga o dinheiro, disse Gabriel, e ele irá iluminar as intenções de Rashid e Malik como as luzes de uma pista de aeroporto.

Mas como fazer isso? Essa era a questão sobre a qual Gabriel e sua equipe debateram durante o restante daquela longa noite sem dormir. Uma falsificação bem-elaborada? Não, insistia Gabriel, o mundo jihadista era fechado demais. Se a equipe tentasse inventar um rico benfeitor muçulmano do nada, os terroristas o colocariam na frente de uma câmera e o decapitariam com uma faca de pão. O dinheiro teria que vir de alguém com credenciais jihadistas incontestáveis, senão os terroristas jamais aceitariam. Mas onde

encontrar alguém que transitasse dos dois lados? Alguém que fosse considerado autêntico pelos jihadistas e ainda assim disposto a trabalhar em prol de Israel e da inteligência norte-americana. Vamos falar com o Velho, sugeriu Yaakov. Provavelmente ele teria o nome na ponta da língua. Se não tivesse, sem dúvida saberia onde encontrar um.

Shamron tinha um nome. Murmurou-o no ouvido de Gabriel, por uma linha segura, poucos minutos depois das quatro da manhã no horário de Washington. Shamron vinha observando essa pessoa havia muitos anos. A abordagem seria bastante arriscada para Gabriel, tanto no campo pessoal quanto no profissional, mas Shamron tinha em seus arquivos muitas evidências relevantes de que o contato era confiável. Gabriel levou a ideia para Uzi Navot e em minutos Navot deu a autorização. E assim, com alguns rabiscos da ridícula caneta dourada de Navot, o retorno de Gabriel Allon, o filho teimoso da inteligência israelense, foi consumado.

Os integrantes da equipe Barak já haviam se envolvido em muitas discussões profundas ao longo dos anos, mas nenhuma se compararia à que ocorreu na casa da N Street naquela manhã de dezembro. Chiara descartou a ideia como uma perigosa invencionice; Dina considerou-a uma perda de tempo e de recursos preciosos que com certeza não daria em nada. Até Eli Lavon, o melhor amigo e aliado de Gabriel, se mostrou pessimista.

— Vai acabar sendo a nossa versão de Rashid — observou. — Vamos celebrar nossa esperteza. Depois, um dia, vai estourar tudo na nossa cara.

Para surpresa de todos, foi Sarah quem saiu em defesa de Gabriel. Sarah conhecia o candidato de Shamron bem melhor que os outros e acreditava no poder da redenção.

— Ela não saiu ao pai — disse Sarah. — Ela é diferente. Está tentando mudar as coisas.

— É verdade — concordou Dina —, mas isso não significa que vai concordar em trabalhar conosco.

— A pior coisa que ela pode fazer é dizer não.

Pode ser — disse Lavon, de modo sombrio. — Ou talvez a pior coisa que ela possa fazer é dizer *sim*.

VOLTA PARK, WASHINGTON

Gabriel esperou até o sol nascer para telefonar para Adrian Carter. Carter já estava a caminho de Langley, a primeira parada de um dia longo e cansativo. Incluía uma manhã de depoimentos a portas fechadas em Capitol Hill, um almoço ao meio-dia com uma delegação de espiões visitantes da Polônia e, por último, uma sessão de estratégia contraterrorista na Sala de Crise da Casa Branca, presidida por ninguém menos que James McKenna. Pouco depois das seis da noite, exausto e abatido, Carter desceu de seu Escalade blindado na Q Street e, na penumbra, entrou no Volta Park. Gabriel esperava num banco perto da quadra de tênis, a gola levantada protegendo do frio. Carter sentou a seu lado. O utilitário blindado estava parado com o motor ligado, discreto como uma baleia encalhada.

— Você se incomoda? — perguntou Carter, pegando o cachimbo e a bolsa de tabaco do casaco. — Foi uma tarde difícil.

— McKenna?

— Na verdade, o presidente resolveu nos agradecer com sua presença e receio que não se importou com o que eu tinha a dizer. — Carter parecia se concentrar ao máximo na tarefa de encher seu cachimbo. — Já tive o privilégio de ser repreendido por quatro presidentes durante meu serviço a este nosso grande país. Nunca foi uma experiência agradável.

— Qual é o problema?

— A ANS está interceptando muitas conversas sugerindo que outro ataque se aproxima. O presidente exigiu saber os detalhes precisos, inclusive a localização, dia e hora e a arma que será usada. Como não pude responder, ele ficou aborrecido. — Carter acendeu o cachimbo, iluminando por um breve momento sua expressão contraída. — Doze horas atrás, eu descartaria essas

conversas, considerando-as insignificantes. Mas agora sei que estamos na mira de Malik al-Zubair e não me sinto tão otimista.

— Quando agentes do contraterrorismo se sentem otimistas, em geral morrem pessoas inocentes.

— Você é sempre assim tão animador?

— Tenho tido dias longos.

— Dina tem certeza de que é ele?

Gabriel listou os elementos básicos do argumento dela: a tentativa fracassada de conseguir apoio de Bin Laden, a reunião no apartamento de Kernel Arwish em Amã e o modelo exclusivo dos cintos de explosivos de Malik. Carter não exigiu mais provas. Já tinha agido no passado com base em muito menos e estava esperando por algo assim havia muito tempo. Malik era o tipo de terrorista que Carter mais temia. Malik e Rashid trabalhando juntos era o seu pior pesadelo ganhando vida.

— Oficialmente — disse ele —, ninguém dentro do Centro de Contraterrorismo estabeleceu qualquer ligação entre Rashid e Malik. Dina chegou lá primeiro.

— Ela costuma fazer isso.

— E o que alguém faria com esse tipo de informação se estivesse no meu lugar? Entregaria para os analistas do Centro? Diria ao seu diretor e ao presidente?

— Não, guardaria a informação para si mesmo, para não arruinar minha operação.

— Que operação?

Gabriel levantou-se e conduziu Carter pelo parque até outro banco, virado para o playground. Inclinando-se até o ouvido de Carter, resumiu o plano enquanto um balanço sem nenhuma criança oscilava e gemia baixinho na brisa leve.

— Isso está me cheirando a Ari Shamron.

— Com razão.

— O que você tem em mente? Uma doação anônima para uma instituição de caridade islâmica à sua escolha?

— Na verdade, estamos pensando em algo um pouco mais objetivo.

— Uma doação direta para os cofres de Rashid?

— Algo assim.

O vento agitava as árvores ao redor do playground, arrancando um monte de folhas. Carter tirou uma que caíra em seu ombro e disse:

— Isso vai levar muito tempo.

— Paciência é uma virtude, Adrian.

— Não em Washington. Nós gostamos de fazer as coisas depressa.

— Tem alguma ideia melhor?

Carter ficou em silêncio, deixando claro que não.

— É interessante — admitiu. — Melhor ainda, é diabólico. Se conseguirmos nos tornar a principal fonte de financiamento para a rede de Rashid...

— Eles comeriam na nossa mão, Adrian.

Carter esvaziou o cachimbo batendo no lado do banco e voltou a enchê-lo.

— Não vamos nos entusiasmar ainda. Nada disso vai acontecer se você não convencer um muçulmano rico com credibilidade entre os jihadistas a trabalhar com você.

— Eu não disse que ia ser fácil.

— Mas é óbvio que tem um candidato em mente.

Gabriel olhou em direção à quadra de basquete em que um dos seguranças de Carter andava devagar de um lado para o outro.

— Qual é o problema? — perguntou Carter. — Você não confia em mim?

— Não é você, Adrian. São as outras oitocentas mil pessoas do seu serviço de inteligência autorizadas a receber informações confidenciais.

— Nós ainda não sabemos como compartimentá-las.

— Diga isso a seus amigos e aliados que permitiram a implantação de prisões secretas em seus países. Tenho certeza de que vocês prometeram que o programa ficaria em segredo. Mas não ficou. Aliás, foi estampado na primeira página do *Washington Post*.

— Sim — concordou Carter devagar. — Lembro de ter lido algo sobre isso.

— Essa pessoa que temos em mente é de um país muito ligado a vocês. Se alguém ficar sabendo que esse indivíduo estava trabalhando para nós... Digamos os que os danos não ficariam

limitados apenas a uma constrangedora reportagem. Pessoas morreriam, Adrian.

— Pelo menos me diga o que vocês estão planejando fazer a seguir.

— Preciso encontrar uma amiga em Nova York.

— Alguém que eu conheça?

— Só de reputação. Era uma repórter investigativa de destaque no *Financial Journal* de Londres. Agora está trabalhando na CNBC.

— Nós temos uma regra contra o uso de repórteres.

— Mas *nós* não temos. E, como sabemos, esta é uma operação israelense.

— Tome cuidado onde pisa. Não queremos que você acabe aparecendo no noticiário.

— Algum outro conselho útil?

— As conversas que estamos captando podem ser irrelevantes ou enganosas — disse Carter, levantando-se. — Mas, como eu disse... podem também não ser.

Virou-se sem dizer mais nada e foi em direção a seu Escalade, seguido pelo segurança. Gabriel continuou no banco, observando o balanço vazio movendo-se ao vento. Depois de alguns minutos, saiu do parque e andou em direção ao sul, descendo a Rua 34. Duas motos pilotadas por vultos esguios de capacete pretos passaram rugindo e desapareceram na escuridão. Naquele momento uma imagem lampejou na memória de Gabriel — uma mulher perturbada de cabelos negros, ajoelhada sobre o corpo do pai no Quai Saint-Pierre, em Cannes. O som das motos se dissipou, assim como a lembrança. Gabriel enfiou as mãos nos bolsos do casaco e continuou andando, sem pensar em nada, enquanto as árvores derramavam folhas douradas.

PALISADES, WASHINGTON

No mesmo instante, um automóvel estacionou na frente de uma casa de madeira no bairro de Washington conhecido como Palisades. O carro, um Ford Focus, era de Ellis Coyle, da CIA, assim como a casa. Uma minúscula estrutura, mais um chalé do que uma casa, que tinha arruinado suas finanças. Depois de muitos anos no exterior, ele queria se estabelecer em um dos subúrbios acessíveis do norte da Virgínia, mas Norah insistiu em viver no Distrito para ficar mais próxima do trabalho. A esposa de Coyle era psicóloga infantil, uma estranha escolha de carreira, ele sempre pensou, para uma mulher que não havia gerado filhos. Seu idílico trajeto para o trabalho, um agradável passeio por quatro quarteirões pela MacArthur Boulevard, era um gritante contraste com o de Coyle, que atravessava o rio Potomac duas vezes por dia. Durante um tempo, tentara ouvir uma música new age para acalmar os nervos, mas havia se sentido mais irritado ainda. Agora investia em audiolivros. Tinha terminado há pouco a obra-prima de Martin Gilbert sobre Winston Churchill. Por causa das obras de manutenção na Chain Bridge, mal levou uma semana. Coyle sempre admirou a determinação de Churchill. Ultimamente, Coyle também vinha sendo determinado.

Desligou o motor. Precisava estacionar na rua porque a casa pela qual havia pagado quase um milhão de dólares não tinha garagem. Esperava que o chalé servisse como um ponto de partida, que poderia trocar depois por uma casa maior em Kent ou em Spring Valley ou, talvez, até em Wesley Heights. Mas assistiu com frustração aos preços dispararem para bem longe do alcance de seu salário. Só os moradores mais ricos de Washington — advogados sanguessugas, lobistas corruptos, celebridades jornalísticas que difamavam a Agência sempre que podiam — tinham condições de pagar hipotecas nesses bairros agora. Mesmo em Palisades, os

excêntricos chalés de madeira estavam sendo demolidos e substituídos por mansões. O vizinho de Coyle, um advogado de sucesso chamado Roger Blankman, havia construído recentemente uma monstruosidade que fazia sombra ao recanto outrora ensolarado onde Coyle tomava o café da manhã. Os mal-educados filhos de Blankman sempre invadiam o quintal de Coyle, assim como seu exército de paisagistas, fazendo pequenas mudanças constantes no formato dos juníperos e das cercas vivas. Coyle retribuía o favor envenenando as flores de Blankman. Coyle acreditava na eficácia de ações veladas.

Agora ele estava imóvel ao volante, olhando para a luz brilhando na janela de sua cozinha. Podia imaginar a cena que se desenrolaria a seguir, pois pouco mudava de uma noite para a outra. Norah estaria na mesa da cozinha com sua primeira taça de Merlot, examinando a correspondência e ouvindo algum programa horrível no rádio. Ela o beijaria distraída e o lembraria de que Lucy, um labrador preto, precisava dar sua caminhada noturna. A cadela, assim como a casa em Palisades, tinha sido ideia de Norah, mas cabia a Coyle a tarefa de cuidar de suas necessidades. Em geral Lucy se sentia inspirada no Battery Kemble Park, uma encosta densamente arborizada que deveria ser evitada por mulheres desacompanhadas. Às vezes, quando se sentia um tanto ou quanto rebelde, Coyle deixava as fezes de Lucy no parque em vez de levá-las para casa. Coyle também tinha outras atitudes de rebeldia — atitudes que escondia de Norah e dos colegas em Langley.

Um de seus segredos era Renate. Eles haviam se conhecido um ano atrás no bar de um hotel de Bruxelas. Coyle tinha vindo de Langley para uma reunião de agentes do contraterrorismo ocidental; Renate, uma fotógrafa, tinha vindo de Hamburgo para tirar fotos de uma ativista de direitos humanos para sua revista. As duas noites que passaram juntos foram as mais ardentes da vida de Ellis Coyle. Voltaram a se encontrar três meses depois, quando Coyle inventou uma desculpa para viajar a Berlim, usando dinheiro público, e outra vez um mês depois, quando Renate veio a Washington para fotografar uma reunião do Banco Mundial. Os encontros amorosos atingiram novos níveis, assim como a afeição que sentiam um pelo outro. Renate, que era solteira, insistia para que ele se separasse

da esposa. Coyle, com o rosto banhado em lágrimas, dizia que era tudo o que desejava. Ele só precisava de uma coisa. Levaria algum tempo, dizia, mas não seria difícil. Coyle tinha acesso a segredos — segredos que poderia transformar em ouro. Seus dias em Langley estavam contados. E também as noites em que ele voltaria para Norah naquele pequeno chalé em Palisades.

Desceu do carro e entrou na casa. Norah usava uma saia plissada fora de moda, meias grossas e óculos de meia-lua que Coyle considerava especialmente inadequados. Aceitou seu beijo sem vida e respondeu “Sim, claro, querida” quando ela lembrou que Lucy precisava sair.

— E não demore muito, Ellis – recomendou, franzindo a testa diante da conta de luz. – Você sabe como me sinto sozinha quando não está em casa.

Coyle usava as técnicas ensinadas pela Agência para amenizar sua culpa. Ao sair, foi brindado pela visão de Blankman entrando com o enorme Mercedes em sua garagem para três carros. Lucy emitia um grunhido baixo antes de puxar Coyle em direção ao MacArthur Boulevard. No outro lado da larga avenida estava a entrada para o parque. Uma placa de madeira marrom avisava que eram proibidas bicicletas e que os cães não podiam ficar soltos. Ao pé da placa, encoberta em parte por ervas daninhas, havia uma marca de giz. Coyle tirou a coleira de Lucy e a observou passear livre pelo parque. Depois apagou a marca com a ponta do sapato e seguiu em frente.

PARTE DOIS

O INVESTIMENTO

NOVA YORK

Um relato de espantosa precisão do novo e preocupante discurso terrorista apareceu na manhã seguinte no *New York Times*. Gabriel leu a matéria com certa atenção no trem de Washington a Nova York. A mulher ao lado, uma consultora política de Washington, passou a viagem inteira gritando ao celular. A cada vinte minutos, um policial com uma farda paramilitar passava pelo vagão com um cão farejador. Parecia que o Departamento de Segurança Interna tinha afinal percebido que os trens eram possíveis focos para terroristas.

Ao sair da Penn Station, Gabriel foi recebido pela chuva. Mesmo assim, ele passou a hora seguinte andando pelas ruas do centro de Manhattan. Na esquina da Lexington Avenue com a Rua 62, viu Chiara observando a vitrine de uma loja de calçados, o celular no ouvido direito. Isso significava que ninguém seguia Gabriel e era seguro prosseguir até o alvo.

Ele atravessou a Quinta Avenida. Dina estava sentada na mureta de pedra que contornava o Central Park, com um *kaffiyeh* preto e branco em volta do pescoço. Alguns passos mais ao sul, Eli Lavon comprava refrigerante de um vendedor ambulante. Gabriel passou por ele sem uma palavra e seguiu em direção às tendas de livros usados na esquina da Rua 60. Uma mulher atraente estava sozinha em frente a uma das tendas, como se estivesse fazendo hora antes de um compromisso. Continuou olhando para baixo por alguns minutos depois da chegada de Gabriel e então o encarou longamente sem falar. Tinha o cabelo preto, a pele cor de oliva e olhos grandes e castanhos. Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto. Não era a primeira vez que Gabriel tinha a desconfortável sensação de ser examinado pela figura de um quadro.

— Era mesmo necessário que eu pegasse o maldito metrô? — perguntou Zoe Reed ressentida, com seu chique sotaque londrino.

— Nós tínhamos que garantir que ninguém seguia você.

— Como você está aqui, suponho que ninguém me seguia.

— Está tudo bem.

— Que alívio — comentou com ironia. — Nesse caso, você pode me convidar para um drinque no Pierre. Fiquei voando desde as seis da manhã.

— Receio que seu rosto seja muito conhecido para isso. Você se tornou uma estrela desde que veio para os Estados Unidos.

— Eu sempre fui uma estrela — replicou ela, brincalhona. — Mas só dão importância quando se está na televisão.

— Ouvi dizer que você vai ter seu próprio programa.

— No horário nobre, aliás. Deve ser um programa de entrevistas inteligente com ênfase em negócios e assuntos internacionais. Talvez você queira aparecer no programa de estreia. — Ela baixou a voz e acrescentou, de forma conspiratória: — Podemos enfim dizer ao mundo como desmantelamos juntos o programa nuclear do Irã. Tem todos os elementos de um sucesso estrondoso. Rapaz conhece garota. Rapaz seduz garota. Garota rouba os segredos do rapaz e passa para o serviço secreto israelense.

— Não acho que alguém acreditaria.

— Mas essa é a beleza dos noticiários da TV a cabo norte-americana, querido. Ninguém precisa acreditar. Só precisa ser entretenimento. — Enxugou um pingo de chuva da bochecha e perguntou: — A que devo essa honra? Não se trata de outra revista de segurança, espero.

— Eu não faço revistas de segurança.

— Não, imagino que não. — Pegou um romance da tenda e mostrou a capa para Gabriel. — Já leu esse autor? O personagem dele é um pouco como você... genioso, egoísta, mas com um lado sensível que as mulheres acham irresistível.

— Esse daqui faz mais o meu gênero — observou Gabriel, apontando para uma surrada monografia sobre Rembrandt.

Zoe riu.

— Por favor, deixe eu comprar para você.

— Não vai caber na minha mala. Além do mais, eu já tenho um exemplar.

— É claro. — Colocou o romance de volta no lugar e olhou para a Quinta Avenida com uma falsa casualidade. — Vejo que você trouxe dois de seus ajudantes. Acho que se referiu a eles como Max e Sally quando estávamos naquele esconderijo em Highgate. Não são codinomes muito realistas, sabe. Parecem mais nomes de cachorros do que de espiões profissionais.

— Não existe esconderijo em Highgate, Zoe.

— Ah, sim, é verdade. Foi só um pesadelo. — Deu um breve sorriso. — Na verdade não foi *tão* ruim, não é, Gabriel? Na verdade foi tudo muito bem até o fim. Mas é sempre assim com assuntos amorosos. Sempre terminam de forma desastrosa e alguém se machuca. Em geral é a garota.

Pegou a monografia sobre Rembrandt e a folheou até chegar a um quadro chamado *Retrato de uma jovem*.

— O que você acha que ela está pensando? — perguntou.

— Ela está curiosa — respondeu Gabriel.

— Para saber o quê?

— Por que o homem de seu passado recente reapareceu sem avisar.

— E por que ele fez isso?

— Porque precisa de um favor.

— Da última vez que ele disse isso, ela quase foi morta.

— Não é esse tipo de favor.

— E qual é?

— Uma ideia para o novo programa da TV a cabo no horário nobre.

Zoe fechou o livro e o devolveu à tenda.

— Ela é todo ouvidos. Mas não tente enganá-la. Lembre-se, Gabriel, ela é a única pessoa no mundo que sabe quando você está mentindo.

A chuva parou quando eles entraram no parque. Passaram devagar pelo relógio Delacorte, depois se dirigiram para o Caminho Literário. A maior parte do tempo, Zoe ouviu num silêncio reflexivo, interrompendo apenas para questionar Gabriel ou esclarecer algum ponto. As perguntas foram formuladas com a inteligência e a visão que a tornaram uma das mais respeitadas e temidas repórteres

investigativas do mundo. Zoe Reed só havia cometido um erro em sua renomada carreira — tinha se apaixonado por um glamoroso empresário suíço que, sem que ela soubesse, vendia peças de usinas nucleares para a República Islâmica do Irã. Zoe conseguiu expiar seus pecados concordando em trabalhar com Gabriel e seus aliados dos serviços secretos britânico e norte-americano. O resultado da operação foi um programa nuclear iraniano em ruínas.

— Então você injeta dinheiro na rede — disse ela — e com um pouco de sorte consegue percorrer a corrente sanguínea até chegar à cabeça.

— Eu não poderia ter uma definição melhor.

— E o que acontece depois?

— Você corta a cabeça.

— O que isso significa?

— Imagino que isso vai depender das circunstâncias.

— Não tente me enrolar, Gabriel.

— Pode significar a prisão de importantes membros da rede, Zoe. Ou pode resultar em algo mais definitivo.

— Definitivo? Que eufemismo elegante.

Gabriel parou diante da estátua de Shakespeare, mas não disse nada.

— Eu não vou tomar parte numa matança, Gabriel.

— Você prefere ser parte de outro massacre como o de Covent Garden?

— Essa observação não é digna nem de você, meu amor.

Com um aceno de cabeça, Gabriel concordou. Em seguida pegou Zoe pelo cotovelo e a conduziu.

— Você está esquecendo uma coisa importante — continuou ela.

— Eu concordei em trabalhar com você e seus amigos no caso do Irã, mas isso não quer dizer que reneguei meus valores. No íntimo, continuo sendo uma jornalista de esquerda bem ortodoxa. Assim, acredito que é essencial combatermos o terrorismo global sem comprometer nossos princípios fundamentais.

— Esse tipo de comentário incisivo soa maravilhosamente bem na segurança de um estúdio de televisão, mas acredito que não funciona no mundo real. — Gabriel fez uma pausa. — Você se lembra do mundo real, não é, Zoe?

— Você ainda não explicou o que tudo isso tem a ver comigo.

— Nós gostaríamos que você fizesse uma apresentação. Você só precisa começar a conversa. Depois desaparece em silêncio e nunca mais vai ser vista.

— De preferência ainda com a minha cabeça no lugar. — Ela estava brincando, mas só um pouco. — É alguém que eu conheço?

Gabriel esperou um casal de namorados passar antes de mencionar o nome. Zoe parou de andar e ergueu uma sobrancelha.

— Está falando sério?

— Você já sabe a resposta, Zoe.

— Ela é uma das mulheres mais ricas do mundo.

— Essa é a questão.

— E também todos sabem que é avessa à imprensa.

— E tem boas razões para isso.

Zoe começou a andar outra vez.

— Me lembro da noite em que o pai dela foi assassinado em Cannes — falou. — Segundo os relatos da imprensa, ela estava a seu lado quando ele foi morto a tiros. As testemunhas dizem que ela o abraçou enquanto ele morria. Parece que foi terrível.

— Foi o que ouvi dizer. — Gabriel olhou por cima do ombro e viu Eli Lavon andando poucos metros atrás, um moleskine debaixo do braço direito, parecendo um poeta em busca de inspiração. — Você chegou a investigar?

— Cannes? — Zoe estreitou os olhos. — Dei uma olhada.

— E...?

— Não consegui descobrir nada consistente o bastante para publicar. A teoria corrente nos círculos financeiros de Londres dizia que ele tinha sido morto por causa de uma rixa na Arábia Saudita. Parece que havia um príncipe envolvido, um membro de uma hierarquia inferior da família real envolvido em várias encrucas cora a polícia europeia e funcionários de hotéis. — Olhou para Gabriel. — Imagino que você vai me dizer que a história não termina aí.

— Algumas coisas eu posso contar, Zoe, outras não. É para o seu próprio bem.

— Como da última vez?

Gabriel assentiu.

— Como da última vez.

Alguns metros à frente, Chiara estava sentada sozinha num banco. Zoe tentou não olhar para ela quando passaram. Seguiram um pouco mais, até a pérgula, e se refugiaram embaixo da galeria recoberta de flores. Quando a chuva começou outra vez, Gabriel explicou exatamente o que precisava que Zoe fizesse.

— O que acontece se ela ficar furiosa e resolver contar aos meus chefes que estou trabalhando para a inteligência israelense?

— Ela tem muita coisa a perder se der um golpe desses. Além do mais, quem acreditaria numa acusação tão louca? Zoe Reed é uma das jornalistas mais respeitadas do mundo.

— Conheço um empresário suíço que talvez não concorde com essa afirmação.

— Ele é a nossa menor preocupação.

Zoe caiu num silêncio pensativo, que foi interrompido pelo toque de seu BlackBerry. Ela pegou o telefone na bolsa e olhou para a tela em silêncio, a expressão perturbada. Poucos segundos depois, foi o BlackBerry de Gabriel que vibrou no bolso de seu casaco. Ele conseguiu manter uma expressão neutra ao ler a mensagem.

— Parece que não eram conversas inofensivas, afinal — falou.

— Ainda acha que devemos lutar contra esses monstros sem comprometer nossos valores? Ou prefere retornar por um momento ao mundo real e nos ajudar a salvar vidas inocentes?

— Nem sabemos se ela vai me atender.

— Ela vai atender você — replicou Gabriel. — Todo mundo atende.

Gabriel pediu o BlackBerry de Zoe. Dois minutos depois, tendo baixado um arquivo de um site oferecendo descontos para viagens à Terra Santa, ele devolveu o aparelho.

— Conduza todas as negociações usando esse dispositivo. Se houver algo que queira nos dizer, diga perto do aparelho. Estaremos escutando o tempo todo.

— Como da última vez?

Gabriel assentiu.

— Como da última vez.

Zoe guardou o BlackBerry na bolsa e se levantou. Gabriel observou enquanto ela se afastava, seguida por Lavon e Chiara.

Ficou sozinho por alguns minutos, lendo os primeiros boletins de notícias. Parecia que Rashid e Malik estavam mais próximos da América.

Vamos todos sucumbir.

MADRI – PARIS

A antiga tranquilidade havia voltado a Madri, mas isso já era previsível. Passaram-se sete anos dos mortais atentados a bomba nos trens e as lembranças daquela manhã terrível já haviam se enfraquecido. A Espanha tinha respondido ao massacre de seus cidadãos retirando as tropas do Iraque e lançando o que foi descrito como uma “aliança de civilizações” com o mundo islâmico. Tal atitude, disseram os comentaristas políticos, serviu para direcionar a fúria muçulmana da Espanha para os Estados Unidos, a quem pertencia por direito. A submissão aos desejos da Al-Qaeda protegeria a Espanha de outro ataque. Ou foi o que pensaram

A bomba explodiu às 21h12, na interseção de duas movimentadas ruas perto da Puerta del Sol. Tinha sido plantada numa garagem alugada num bairro industrial no sul da cidade e escondida numa van Peugeot. Devido a sua engenhosa fabricação, a força inicial do impacto foi direcionada à esquerda para um restaurante frequentado pelas elites do governo da Espanha. Não haveria relatos em primeira mão do que tinha acontecido de fato lá dentro, pois ninguém sobreviveu. Se houvesse um sobrevivente, ele teria contado sobre um breve e terrível instante em que corpos voavam em meio a uma letal nuvem de vidro, talheres, porcelana e sangue. Em seguida o edifício inteiro desabou, soterrando os mortos e moribundos debaixo de uma montanha de alvenaria despedaçada.

O dano foi maior do que os terroristas esperavam. Fachadas foram arrancadas de prédios residenciais em todo o bairro, expondo vidas que, poucos segundos antes, seguiam em paz. Diversas lojas e cafés próximos sofreram danos e baixas, e as pequenas árvores na rua perderam as folhas ou tiveram as raízes arrancadas. Não restou nada da van Peugeot, somente uma grande cratera no local onde estivera. Nas primeiras 24 horas de investigação, a polícia espanhola estava convencida de que a

bomba havia sido detonada remotamente. Depois descobriram traços do DNA do *shahid* espalhados pelas ruínas. Tinha só 20 anos, um carpinteiro marroquino desempregado do distrito de Lavapiés, em Madri. Em seu vídeo suicida, falou com afeto de Yaqub al-Mansur, o califa almôada do século XII conhecido por seus sangrentos ataques em terras cristãs.

Foi com esse horrível pano de fundo que Zoe Reed, da rede de notícias norte-americana CNBC, fez seu primeiro telefonema para a assessoria da AAB Holdings, outrora sediada em Riad e Genebra, e atualmente no Boulevard Haussmann, no nono arrondissement de Paris. Eram 16h10, e o tempo em Paris estava nublado, como era de se esperar. Seu pedido não foi atendido de imediato, seguindo o protocolo da AAB.

Citada todo ano pela revista *Forbes* como uma das mais bem-sucedidas e inovadoras companhias de investimento do mundo, a AAB foi fundada em 1979 por Abdul Aziz al-Bakari. Conhecido tanto por amigos quanto por detratores como Zizi, era o décimo nono filho de um proeminente mercador saudita que atuou como banqueiro pessoal e assessor financeiro de Ibn Saud, o fundador do reino e primeiro monarca absolutista. As empresas da AAB eram tão numerosas quanto lucrativas. A AAB trabalhava com mineração e transporte de carga. A AAB produzia drogas e produtos químicos. A AAB possuía ações majoritárias de bancos norte-americanos e europeus. A divisão hoteleira e de propriedades da AAB era uma das maiores do mundo. Zizi viajava pelo mundo a bordo de um 747 folheado a ouro, era dono de uma série de palácios que se estendiam de Riad à Riviera Francesa e Aspen e singrava os mares num iate do tamanho de um navio de guerra chamado *Alexandra*. Sua coleção de arte moderna e impressionista era uma das maiores entre as particulares. Por um curto período, ela incluía *Marguerite Gachet em sua penteadeira*, de Vincent van Gogh, adquirido junto à Isherwood Fine Arts, Masons Yard 7-8, St. James, Londres. A venda foi intermediada por uma jovem norte-americana chamada Sarah Bancroft, que depois trabalhou, por pouco tempo, como a principal consultora de arte de Zizi.

Era alvo de muitos rumores, em especial relacionados à fonte de sua enorme fortuna. Os brilhantes folders da AAB afirmavam que

havia sido construída inteiramente a partir da modesta herança do pai de Zizi, afirmação que uma respeitada publicação de negócios norte-americana, depois de uma minuciosa investigação, achou insatisfatória. A extraordinária liquidez da AAB, declarou, só poderia ser explicada por uma coisa: ela era usada como fachada para a família real reinvestir sem alarde seus petrodólares no mundo todo. Indignado pelo artigo, Zizi ameaçou abrir um processo. Mais tarde, orientado por seus advogados, mudou de ideia. “A melhor vingança é viver bem”, declarou a um repórter do *Wall Street Journal* “E isso é algo que eu sei fazer”

Talvez, mas os poucos ocidentais que conseguiam entrar no círculo interno de Zizi sempre sentiram certa inquietude nele. Suas festas eram acontecimentos suntuosos, mas Zizi parecia não ter prazer com elas. Não fumava, não consumia álcool e recusava-se a ficar na presença de cães ou porcos. Rezava cinco vezes por dia; todos os invernos, quando as chuvas faziam o deserto saudita florescer, ele se retirava para um acampamento isolado no Nejd para meditar e caçar com seus falcões. Alegava ser descendente de Muhammad Abdul Wahhab, o pregador do século XVIII cuja visão austera e puritana do Islã tornou-se o credo oficial da Arábia Saudita. Construiu mesquitas no mundo todo, inclusive várias na América e na Europa Ocidental, e fazia doações generosas para os palestinos. Empresas que quisessem fazer negócios com a AAB não podiam mandar judeus para se encontrar com Zizi. De acordo com os boatos, Zizi gostava menos de judeus do que de perder dinheiro.

Como se supunha, as atividades filantrópicas de Zizi iam bem mais longe do que era divulgado. Ele também fazia doações generosas para instituições de caridade associadas com o extremismo islâmico e até diretamente para a própria Al-Qaeda. E acabou transpassando a linha tênue que separa os financiadores de terroristas e os próprios terroristas. O resultado foi um ataque ao Vaticano que deixou mais de setecentos mortos e a cúpula da Basílica de São Pedro em ruínas. Com a ajuda de Sarah Bancroft, Gabriel caçou o homem que planejou o ataque — Ahmed Bin Shafiq, um renegado oficial de inteligência saudita — e o matou num

quarto de hotel em Istambul. Uma semana depois, no Quai Saint-Pierre, em Cannes, ele matou Zizi também.

Apesar de sua adesão às tradições sauditas, Zizi só tinha duas esposas — era divorciado de ambas — e uma filha única, uma linda jovem chamada Nadia. Ela enterrou o pai na tradição wahhabita, numa cova não identificada no deserto, e logo tomou posse de seus ativos. Mudou o quartel-general europeu da AAB de Genebra, que a entediava, para Paris, onde se sentia mais confortável. Alguns dos funcionários mais religiosos da empresa se recusaram a trabalhar para uma mulher — em especial uma que abandonara o véu e tomava bebidas alcoólicas —, mas a maioria permaneceu. Conduzida por Nadia, a empresa adentrou territórios antes não explorados. Ela comprou uma famosa companhia de moda francesa, uma fábrica italiana de utensílios luxuosos de couro, boa parte de um banco de investimentos norte-americano e uma produtora de filmes alemã. Ela também fez mudanças significativas em suas posses pessoais. As muitas casas e propriedades do pai foram discretamente postas à venda, assim como o *Alexandra* e o 747. Nadia agora viajava num Boeing Business Jet mais modesto e tinha apenas duas casas — uma graciosa mansão na avenue Foch em Paris e um luxuoso palácio em Riad que ela raramente visitava. Apesar da falta de uma formação empresarial, ela se mostrou uma administradora hábil e capaz. O valor total dos ativos agora sob controle da AAB era maior do que em qualquer outro momento na história da empresa, e Nadia al-Bakari, com apenas 33 anos, era considerada uma das mulheres mais ricas do mundo.

As relações da AAB com a mídia eram supervisionadas pela assistente executiva de Nadia, Yvette Dubois, uma francesa de 50 anos bem conservada. Madame Dubois raramente se dava ao trabalho de atender a pedidos de repórteres, em especial os que trabalhavam para empresas norte-americanas. Mas ao receber um segundo telefonema da famosa Zoe Reed, ela decidiu que a jornalista merecia uma resposta. Deixou que outro dia se passasse e, além disso, fez a ligação tarde da noite pelo horário de Nova York, quando imaginou que a Srta. Reed estivesse dormindo. Por razões desconhecidas, esse não foi o caso. A conversa que se seguiu foi cordial mas pouco promissora. Madame Dubois explicou

que o convite para um especial de uma hora no horário nobre, embora lisonjeiro, estava totalmente fora de cogitação. A Srta. Al-Bakari viajava a todo momento e tinha muitos negócios importantes pendentes. Mais ainda, a Srta. Al-Bakari simplesmente não concedia o tipo de entrevista que a Srta. Reed tinha em mente.

- Poderia ao menos transmitir meu pedido a ela?
- Vou fazer isso, mas as chances não são boas.
- Mas existem, não é? – perguntou Zoe, sondando.
- Não fiquemos brincando, Srta. Reed. Isso não nos cai bem.

A observação conclusiva de madame Dubois provocou uma explosão de gargalhadas há muito necessárias no Château Treville, uma mansão francesa do século XVIII localizada ao norte de Paris, em Seraincourt. Protegida de olhares curiosos por muros de 4 metros de altura, tinha uma piscina aquecida, duas quadras de tênis, 32 acres de jardins bem cuidados e catorze cômodos ornamentados. Gabriel alugou a casa em nome de uma empresa de alta tecnologia alemã que só existia na imaginação de um advogado corporativo do Escritório e logo mandou a conta para Ari Shamron no King Saul Boulevard. Em circunstâncias normais, Shamron teria hesitado diante do preço exorbitante. Nesse caso, porém, ele encaminhou a conta, com certo prazer, para Langley, que havia assumido a responsabilidade pelas despesas operacionais.

Por vários dias, Gabriel e sua equipe passaram a maior parte do tempo monitorando o BlackBerry de Zoe, que agora funcionava como um pequeno e incansável espião eletrônico no bolso dela. Eles conheciam sua latitude e longitude com precisão e, quando ela estava em movimento, sabiam a velocidade. Sabiam quando estava pagando o café da manhã na Starbucks, quando estava presa no trânsito de Nova York e quando estava irritada com seus produtores, o que era frequente. Por monitorarem suas atividades na internet, sabiam que ela queria reformar seu apartamento no Upper West Side. Como liam seus e-mails, sabiam que ela tinha muitos pretendentes, inclusive um milionário negociador de títulos que, apesar das enormes perdas, de alguma forma conseguia arranjar tempo para enviar pelo menos duas mensagens por dia. Eles sentiam que, mesmo com todo o sucesso, Zoe não se sentia muito

feliz nos Estados Unidos. Com frequência sussurrava cumprimentos codificados para eles. À noite, seu sono era perturbado por pesadelos.

Para o resto do mundo, no entanto, ela projetava uma atitude fria e indomável. E para os poucos e seletos que tinham o privilégio de testemunhar sua sedução da assessora francesa, ela fornecia ainda mais provas de que era a melhor espiã nata que qualquer um já tinha conhecido. Sua arte consistia de uma combinação certa de técnica de som com uma inflexível persistência. Zoe elogiava, Zoe bajulava e, ao fim de um telefonema bastante conflituoso, Zoe conseguiu até algumas lágrimas. Ainda assim, madame Dubois continuava se mostrando uma oponente mais do que valorosa. Depois de uma semana, ela declarou que as negociações estavam num impasse, só para, dois dias depois, enviar do nada a Zoe um detalhado questionário. Zoe preencheu o documento num francês perfeito e o devolveu na manhã seguinte; madame Dubois parou de se comunicar. No Château Treville, a equipe de Gabriel mergulhou num desespero atípico enquanto vários e preciosos dias se passaram sem contato. Somente Zoe continuava otimista. Já tinha sido alvo de muitas seduções desse tipo no passado e sabia quando a pessoa estava no papo.

— Ela foi fisgada, querido – murmurou para Gabriel tarde da noite, quando o BlackBerry era recarregado sobre a mesa de cabeceira. – É, apenas uma questão de quando vai capitular.

A previsão de Zoe se mostrou correta, embora a francesa resistisse mais 24 horas antes de anunciar sua rendição. Ela ocorreu por meio de um convite relutante. Aparentemente, devido a um inesperado cancelamento, a Srta. Al-Bakari estava livre para almoçar dali a dois dias. Será que a Srta. Reed estaria disposta a ir a Paris mesmo tão em cima da hora? Profissional impecável, Zoe esperou noventa exasperantes minutos antes de retornar a ligação, aceitando.

— Mas deixe-me esclarecer uma questão – disse madame Dubois. – Não será uma entrevista. O almoço não será gravado. Se a Srta. Al-Bakari se sentir confortável em sua presença, ela vai considerar dar um próximo passo.

— Onde vamos nos encontrar?

— Como você deve imaginar, a Srta. Al-Bakari acha difícil falar de negócios em restaurantes. Tomamos a liberdade de reservar a suíte Louis XV no Hôtel de Crillon. Ela estará à sua espera à uma e meia. A Srta. Al-Bakari insiste em pagar. É uma de suas regras.

— Existem outras regras que eu deveria conhecer?

— A Srta. Al-Bakari é muito sensível a perguntas que envolvam a morte do pai — respondeu madame Dubois. — E eu não abordaria assuntos relacionados ao Islã e ao terrorismo, pois ela considera tudo isso entediante. À *tout à l'heure*, Srta. Reed.

PARIS

Mais tarde, a equipe se lembraria do período de preparação que veio a seguir entre os mais desagradáveis por que já tinham passado. A causa não foi Gabriel, cujo estado de espírito irritadiço contaminou os salões do Château Treville. Ele cismou com a localização dos postos de observação, questionou planos contingenciais e até considerou brevemente requisitar uma mudança de abordagem. Em circunstâncias normais, a equipe não teria hesitado em recuar, mas todos sentiram que algo na operação inquietava Gabriel. Dina supôs que fossem Covent Garden e as terríveis lembranças do tiro não disparado, uma teoria descartada por Eli Lavon. Não era Londres o que pesava na consciência de Gabriel, explicou Lavon, mas Cannes. Gabriel tinha violado um princípio pessoal naquela noite: matara um homem na frente da filha. Zizi al-Bakari, financiador de assassinos, merecia morrer. Mas Nadia não deveria ser obrigada a testemunhar isso.

Somente Zoe Reed permanecia a salvo dos ataques de mau humor de Gabriel. Passou um último dia tranquilo em Nova York e, às cinco e meia da tarde, tomou o voo 17 da Air France em direção a Paris. Viajante contumaz, levava apenas uma pequena mala de viagem e uma pasta contendo seu notebook e dados de pesquisas, que incluíam um arquivo com material altamente sigiloso, bem como um detalhado plano sobre a estratégia do almoço. Aqueles itens foram entregues a Zoe pouco antes da decolagem pelo passageiro ao lado, um agente do Escritório da base de Nova York, e foram devolvidos logo antes da aterrissagem.

Ainda portando um passaporte britânico, Zoe passou fácil pela fila expressa da União Europeia na alfândega e tomou um táxi até o centro da cidade. Eram quase nove horas quando chegou ao Crillon. Depois de ocupar seu quarto, vestiu um traje esportivo e saiu para correr pelo Jardim das Tulherias. Às onze e meia, foi a um salão de

beleza exclusivo perto do hotel para lavar e secar o cabelo antes de voltar ao quarto para se vestir para o almoço. Saiu cedo do aposento e já esperava no elegante saguão, as mãos entrelaçadas para esconder o nervosismo, quando o grande relógio antigo bateu uma e quinze.

Era uma época tranquila para o Crillon, o cessar-fogo anual entre a batalha febril da temporada de verão e as emboscadas de celebridades das férias de inverno. Monsieur Didier, o concière-chefe, postava-se atrás de sua barricada, óculos de leitura em meia-lua e de ouro pousados na ponta de seu nariz aristocrático, parecendo o último homem da terra a quem alguém pediria auxílio. *Herr* Schmidt, o gerente diurno alemão, estava a pouca distância, na recepção, segurando o telefone ao ouvido, enquanto Isabelle, a coordenadora de eventos especiais, dava uma atenção exagerada às orquídeas do cintilante vestíbulo. Seus esforços mal eram notados pelo entediado empresário árabe sentado perto dos elevadores e pelo casal aninhado em volta de seus cafés à sombra fresca do pátio interno. Na verdade, o empresário fazia parte do abastado departamento de segurança da AAB. Os namorados eram Yaakov e Chiara. Os funcionários do hotel achavam que eram um simpático casal de Montreal que viera a Paris de repente para consolar uma amiga passando por um complicado divórcio.

Quando o relógio deu uma e meia, Isabelle deslizou pela porta e olhou com expectativa para o carregado céu da tarde de Paris. Zoe olhou para o pátio e viu Yaakov batendo numa caixa de fósforos sobre a mesa. Era um sinal combinado indicando que o cortejo — dois sedans Mercedes S-Class para os funcionários e um Maybach 62 para Sua Alteza — tinha partido do edifício da AAB no Boulevard Haussmann e estava a caminho do hotel. Naquele momento, os carros estavam presos num engarrafamento na estreita rue de Miromesnil. Assim que se viram livres, levaram menos de cinco minutos para chegar à entrada do Crillon, onde estava agora Isabelle, flanqueada pela metade mais bonita do staff. O homem disfarçado da segurança da AAB não mais fingia tédio. Agora rondava Zoe, sem se preocupar em esconder que estava armado.

Do lado de fora, seis portas de automóveis se abriram em uníssono e seis homens saíram, todos ex-integrantes de elite da

Guarda Nacional Saudita. Um era conhecido de Gabriel e do restante da equipe: Rafiq al-Kamal, o corpulento ex-chefe da segurança pessoal de Zizi al-Bakari, que agora exercia a mesma função ao trabalhar para sua filha. Al-Kamal já tinha conduzido a varredura do hotel mais cedo naquela manhã. E era Al-Kamal que caminhava agora subserviente, um passo atrás de Nadia, enquanto ela saía do banco traseiro de seu Maybach para o saguão onde Zoe esperava com um sorriso alvo e o coração batendo forte no peito.

Existem nos arquivos do King Saul Boulevard muitas fotos de uma versão mais jovem de Nadia ou, como Eli Lavon gostava de dizer, de Nadia antes da queda. Zoe teve acesso a algumas das fotos mais ilustrativas durante o voo até Paris. Mostravam uma mulher petulante com cerca de 25 anos, bonita, mimada e superior. Ela fumava e bebia escondida do pai e, em violação aos ensinamentos de Maomé, expunha sua pele em algumas das mais glamorosas praias do mundo. A morte do pai tinha endireitado Nadia e conferido uma expressão grave a seu rosto, mas não havia roubado nada de sua beleza. Usava um radiante vestido branco de inverno, com os cabelos escuros caindo sobre os ombros como uma capa de cetim. O nariz era longo e reto. Os olhos eram grandes e quase negros. Havia um colar de pérolas sobre a pele cor de caramelo do pescoço. Um pesado bracelete de ouro brilhava no pulso esguio. Seu perfume era uma inebriante mescla de jasmim e lavanda. A mão, quando apertou a de Zoe, era fria como mármore.

— É um grande prazer finalmente conhecê-la — disse Nadia com um sotaque que não revelava nenhuma origem a não ser um berço de ouro. — Já ouvi falar muito do seu trabalho.

Ela sorriu pela primeira vez, uma atitude cautelosa que não transparecia muito nos olhos. Zoe sentiu-se um pouco claustrofóbica por causa do cerco de guarda-costas, mas Nadia agia como se não notasse a presença deles.

— Desculpe ter feito você vir a Paris tão de repente.

— De forma alguma, Srta. Al-Bakari.

— Nadia — emendou, agora com um sorriso genuíno. — Insisto que me chame de Nadia.

Al-Kamal parecia ansioso para retirar a comitiva do saguão, assim como madame Dubois, que oscilava levemente em seus

saltos, se apoiando ora no calcanhar, ora na ponta do pé. De repente Zoe sentiu uma mão invisível no cotovelo conduzindo-a em direção aos elevadores. Embarcou numa cabine apertada com Nadia e os guarda-costas e teve que encolher um pouco os ombros para que a porta fechasse. O perfume de jasmim e lavanda no espaço fechado era meio alucinógeno. O hálito de Nadia recendia levemente a cigarro.

— Você vem sempre a Paris, Zoe?

— Não tanto quanto antes.

— Já tinha se hospedado no Crillon?

— Não, é a primeira vez.

— Você realmente deveria permitir que eu pagasse o seu quarto.

— Receio que isso não seja possível — retrucou Zoe com um sorriso gracioso.

— É o mínimo que eu posso fazer.

— Mas também seria antiético.

— Como assim?

— Poderia criar a impressão de que estou aceitando algo de valor em troca de uma matéria favorável. Minha empresa proíbe isso. A maioria das empresas jornalísticas faz isso, pelo menos as idôneas.

— Não imaginei que houvesse algo assim.

— Uma empresa jornalística idônea? — perguntou Zoe com um sorriso confidente. — Existem uma ou duas.

— Inclusive a sua?

— Inclusive a minha. Aliás, eu me sentirei muito mais confortável se você permitir que eu pague o almoço.

— Não seja tola — contestou Nadia. — Tenho certeza de que a famosa Zoe Reed nunca seria influenciada por um belo almoço num hotel de Paris.

As duas passaram o resto da subida em silêncio. Quando as portas do elevador por fim se abriram com um ruído, Al-Kamal examinou o vestíbulo antes de conduzir Zoe e Nadia rapidamente até a suíte Louis XV. O mobiliário francês clássico na sala de estar tinha sido rearranjado para criar a impressão de uma elegante sala de jantar particular. Diante das janelas altas dando para a Place de la Concorde havia uma mesa redonda posta para duas pessoas.

Nadia observou o recinto com ar de aprovação antes de apagar a vela solitária queimando em meio a prata e cristal. Depois, com um movimento de seus olhos escuros, convidou Zoe a se sentar.

Seguiram-se alguns momentos de guardanapos desdobrados, portas fechando, olhares furtivos e murmúrios — alguns em francês, outros em árabe. Afinal, diante da insistência de Nadia, os homens da segurança retiraram-se para o corredor, acompanhados por madame Dubois, que estava visivelmente incomodada com a perspectiva de deixar sua chefe sozinha com a famosa repórter. O sommelier colocou um pouco de Montrachet na taça de Nadia. Nadia considerou-o satisfatório e então olhou para o BlackBerry de Zoe, repousando sobre a mesa como um intruso.

— Você se importaria em desligar esse aparelho? — perguntou, tentando não soar rude. — Hoje em dia todo cuidado é pouco quando se trata de dispositivos eletrônicos. Nunca se sabe quem pode estar escutando.

— Entendo perfeitamente — disse Zoe.

Nadia pousou a taça na mesa.

— Tenho certeza de que entende.

Não fosse o minúsculo transmissor escondido na suíte do hotel, aquelas quatro palavras, ao mesmo tempo inocentes e ameaçadoras, poderiam ter sido as últimas ouvidas pelo homem que caminhava pelos cômodos de um château ao norte de Paris. Porém, depois de apertar algumas teclas do notebook, o sinal de áudio voltou após uma breve interrupção. No pátio do Crillon, o casal de Montreal saiu e foi substituído por duas mulheres com cerca de 35 anos. Uma tinha o cabelo cor de areia e quadris largos; a outra tinha cabelo escuro e mancava um pouco. Fingia ler uma revista de moda parisiense. Ajudava a acalmar o tique-taque incansável em sua cabeça.

24

PARIS

Alguns recrutamentos são como uma sedução, outros beiram a extorsão, e outros ainda envolvem conflitos. Mas mesmo Ari Shamron, que pertencia ao mundo secreto há mais tempo que a maioria, diria mais tarde que nunca presenciara nada parecido com o recrutamento de Nadia al-Bakari. Tendo escutado o ato de abertura por uma conexão segura no King Saul Boulevard, declarou-o um dos trabalhos de campo mais primorosos que já ouvira. Era um grande elogio, pois Shamron costumava desprezar jornalistas.

Gabriel havia recomendado que Zoe fosse devagar, e assim ela fez. Na primeira hora do encontro, enquanto silenciosos garçons entravam e saíam da suíte do hotel, Zoe interrogou respeitosamente Nadia sobre as inúmeras mudanças ocorridas no perfil de investimentos da AAB e os desafios apresentados pela interminável recessão global. Para grande surpresa de Gabriel, a reclusa herdeira saudita revelou-se uma interlocutora franca e envolvente que parecia muito mais sábia do que seus 33 anos levariam a crer. Não houve o menor indício de tensão até que Zoe indagou com que frequência Nadia visitava a Arábia Saudita. A pergunta produziu o primeiro silêncio desconfortável do encontro, como Gabriel esperava. Nadia observou Zoe por um momento com seus olhos escuros profundos antes de responder com outra pergunta.

— Você já esteve na Arábia Saudita?

— Uma vez — respondeu Zoe.

— A trabalho?

— Existe alguma outra razão para um ocidental ir à Arábia Saudita?

— Imagino que não. — A expressão de Nadia se suavizou. — Onde você esteve?

— Fiquei dois dias em Riad. Depois fui ao Empty Quarter para visitar o novo projeto de extração de petróleo da Saudi Aramco em

Shaybah. Foi muito impressionante.

— Na verdade, você o descreveu como “uma maravilha tecnológica que vai assegurar a dominação saudita do mercado global de petróleo por ao menos mais uma geração”. — Nadia deu um sorriso furtivo. — Você realmente acha que eu concordaria com um encontro antes de examinar seu trabalho? Afinal, você tem uma reputação e tanto.

— Que reputação?

— De ser implacável — respondeu Nadia sem hesitar. — Dizem que você tem traços puritanos. Dizem que gosta de arruinar empresas e executivos que não andam na linha.

— Eu não faço mais esse tipo de trabalho. Agora estou na televisão. Nós não investigamos. Só falamos.

— Você não sente falta do *verdadeiro* jornalismo?

— Você quer dizer o jornalismo impresso?

— Sim.

— Às vezes — admitiu Zoe —, mas aí eu olho para minha conta bancária e me sinto muito melhor.

— Foi por isso que saiu de Londres? Por dinheiro?

— Houve outras razões.

— Que tipo de razões?

— Do tipo que em geral não discuto em atividades profissionais.

— Pelo jeito teve algo a ver com um homem — disse Nadia, em tom conciliatório.

— Você é muito perspicaz.

— Sim, sou. — Nadia estendeu a mão para a taça de vinho, mas se interrompeu. — Não vou à Arábia Saudita com muita frequência — falou de repente. — Uma vez a cada três ou quatro meses, não mais do que isso. E quando vou, não fico muito tempo.

— Por quê?

— Pelas razões que você pode imaginar. — Nadia pareceu escolher as palavras seguintes com muito cuidado. — As leis e costumes do Islã e da Arábia Saudita são antigos e muito importantes para nossa sociedade. Aprendi a transitar no sistema para, assim, poder conduzir meus negócios com um mínimo de conflitos.

— E quanto a suas compatriotas?

— Como assim?

— A maioria não tem sua sorte. As mulheres sauditas são consideradas propriedades, não pessoas. A maior parte delas passa a vida trancada dentro de casa. Não podem dirigir um automóvel. Não podem sair em público sem um acompanhante do sexo masculino ou sem se esconder debaixo de um véu e uma *abaya*. Não têm permissão para viajar, nem mesmo dentro do país, sem a autorização do pai ou dos irmãos mais velhos. Permitem-se mortes em defesa da honra se uma mulher envergonhar a família ou adotar comportamentos não islâmicos, e o adultério é um crime que pode ser punido com apedrejamento. No lugar onde nasceu o Islã, as mulheres não podem entrar numa mesquita, exceto em Meca ou Medina, o que é estranho, pois o Profeta Maomé era um tanto feminista. “Trate bem suas mulheres e seja bom com elas”, disse ele, “pois elas são suas companheiras e auxiliares comprometidas”.

Nadia pegou um fiapo invisível da toalha de mesa.

— Admiro sua sinceridade, Zoe. A maioria dos jornalistas tentando obter uma entrevista importante se limitaria a elogios e lugares-comuns.

— Eu posso fazer isso se você preferir.

— Não, eu prefiro sinceridade. Não temos muito disso na Arábia Saudita. Aliás, nós a evitamos a qualquer preço. — Nadia voltou o olhar para as janelas. Fora, estava tão escuro que se podia ver seu reflexo no vidro. — Nunca percebi que você se interessava tanto pelas condições das mulheres muçulmanas — disse com suavidade. — Não há mostras disso em seus trabalhos anteriores.

— O quanto você leu do que escrevi?

— Tudo — respondeu Nadia. — Há muitas matérias sobre empresários corruptos, mas nenhuma sobre as condições das mulheres muçulmanas.

— Eu me interesso pelos direitos de *todas* as mulheres, independente de suas crenças. — Zoe fez uma pausa, depois acrescentou, provocante: — É imagino que alguém em sua posição estaria interessada também.

— Por que você acha isso?

— Porque você tem poder e influência para servir como um modelo importante.

— Eu administro uma grande empresa, Zoe. Não tenho tempo nem interesse em me envolver em política.

— Você não tem nenhum interesse?

— Em quê?

— Em política.

— Eu sou uma cidadã da Arábia Saudita. Nós temos um rei, não políticos. Além do mais, política pode ser uma coisa muito perigosa no Oriente Médio.

— Seu pai foi morto por causas políticas? — perguntou Zoe cautelosamente.

Nadia virou-se e olhou para Zoe.

— Eu não sei por que meu pai foi morto. Não sei se alguém mais sabe, exceto os assassinos, é claro.

Fez-se um pesado silêncio, que foi rompido segundos depois pelo som de uma porta se abrindo. Dois garçons entraram, trazendo bandejas com café e doces. Foram seguidos por Rafiq al-Kamal e por madame Dubois, que batia no mostrador de seu relógio Cartier, indicando que o encontro já tinha durado demais. Zoe teve medo de que Nadia aproveitasse o sinal para se desculpar e ir embora, mas ela mandou que os intrusos saíssem da sala com um autoritário aceno de mão. Fez o mesmo com o garçom que segurava a bandeja de doces, mas aceitou o café. Tomou o líquido puro com uma extraordinária quantidade de açúcar.

— É esse tipo de pergunta que você pretende me fazer diante das câmeras? Perguntas sobre os direitos das mulheres na Arábia Saudita? Perguntas sobre a morte do meu pai?

— Nós não divulgamos as perguntas antes de uma entrevista.

— Deixe disso, Zoe. Nós duas sabemos como funciona.

Zoe expôs seu raciocínio:

— Se eu deixasse de perguntar sobre seu pai, diriam que meu trabalho foi malfeito. Isso faria de você uma figura muito persuasiva.

— Isso só faz de mim uma mulher sem pai. — Nadia tirou um maço de Virginia Slims da bolsa e acendeu um cigarro com um isqueiro de ouro de aparência bem comum.

— Você estava lá naquela noite em Cannes?

— Estava. Num minuto desfrutávamos todos uma noite maravilhosa em nosso restaurante favorito. No momento seguinte

eu estava segurando meu pai agonizante na rua.

— Você viu os homens que o mataram?

— Eram dois — respondeu ela, assentindo. — Estavam de moto, muito rápidos, muito habilidosos. Primeiro achei que eram apenas garotos franceses se divertindo numa noite quente de verão. Depois vi as armas. Eram nitidamente profissionais. — Deu uma tragada no cigarro e exalou uma tênue nuvem de fumaça em direção ao teto. — Depois, tudo virou um borrão.

— Segundo relatos de algumas testemunhas, você gritou exigindo vingança.

— Acho que retribuição faz parte do caminho do beduíno — disse Nadia com tristeza. — Acho que está no meu sangue.

— Você admirava seu pai — pressionou Zoe.

— Admirava.

— Ele era um colecionador de arte.

— Dos mais vorazes.

— Soube que você partilha dessa paixão.

— Minha coleção de arte é particular — observou Nadia, pegando a xícara de café.

— Não tão particular quanto você imagina.

Nadia ergueu o olhar abruptamente, mas não disse nada.

— Minhas fontes me dizem que você fez uma importante aquisição no mês passado. Dizem que foi você quem pagou o preço recorde pelo Rothko na Christie's em Nova York.

— Suas fontes estão enganadas, Zoe.

— Minhas fontes *nunca* se enganam. E me disseram outras coisas sobre você. Parece que você não é tão indiferente em relação aos direitos das mulheres no mundo islâmico como aparenta ser. Tem doado milhões de dólares em segredo para combater a violência contra as mulheres e outros milhões para promover o empreendedorismo feminino, pois acredita ter o efeito de fortalecer como nunca as mulheres muçulmanas. Mas seus trabalhos beneficentes não param por aí. Disseram-me que você usou sua fortuna para fomentar uma mídia livre e independente no mundo árabe. Também tentou se opor à disseminação da perigosa ideologia wahhabita com doações para organizações que promovem uma versão mais tolerante do Islã. — Zoe fez uma pausa. —

Juntando tudo isso, pode-se pintar o retrato de uma mulher corajosa que tenta sozinha mudar a face do Oriente Médio moderno.

Nadia deu um sorriso indiferente.

— É uma história intrigante — disse depois de um momento. — Pena que nada disso seja verdade.

— Lamentável, pois algumas pessoas gostariam de ajudá-la.

— Que tipo de pessoas?

— Pessoas discretas.

— No Oriente Médio, pessoas discretas são espões ou terroristas.

— Posso garantir que não são terroristas.

— Então devem ser espões.

Não fui informada de suas afiliações.

Nadia lhe lançou um olhar cético. Zoe entregou um cartão. Sem nome algum, só o número de seu BlackBerry.

— Este é meu número particular. É importante que você tenha cuidado. Como você sabe, existem pessoas ao seu redor que não concordam com seu objetivo de mudar o mundo islâmico para melhor... inclusive seus guarda-costas.

— Qual é seu interesse nesse assunto, Zoe?

— Nenhum interesse a não ser conseguir uma entrevista com uma mulher que admiro muito.

Nadia hesitou. Em seguida aceitou o cartão e guardou-o na bolsa. Naquele instante, a porta da suíte foi aberta outra vez e madame Dubois entrou com Rafiq a seu lado. Estava outra vez batendo no relógio. Desta vez, Nadia se levantou. Parecendo de repente cansada, estendeu a mão para Zoe.

— Não sei bem se já estou pronta para abrir o jogo — falou —, mas gostaria de ter algum tempo para considerar sua proposta. Seria possível você ficar em Paris mais alguns dias?

— Vai ser um sofrimento terrível — respondeu Zoe, brincando —, mas vou ver se consigo.

Nadia largou a mão de Zoe e seguiu o chefe de segurança pelo corredor. Zoe esperou-os se distanciarem um pouco mais antes de voltar a seu quarto, três andares abaixo. Chegando lá, ligou o BlackBerry e telefonou para seu produtor em Nova York a fim de explicar que iria continuar em Paris para continuar as negociações.

Depois colocou o BlackBerry na mesa de cabeceira e ficou um longo tempo sentada na ponta da cama. Sentiu cheiro de jasmim e lavanda, o perfume de Nadia, e lembrou o momento em que se separaram. A mão de Nadia estava estranhamente fria. Era a mão do medo, pensou Zoe. A mão da morte.

SERAINCOURT, França

A ligação de Zoe para Nova York soou como trombetas nos salões de teto alto do Château Treville. Gabriel reagiu despachando de imediato um cabograma seguro para Adrian Carter, e isso fez com que a AAB Holdings e sua proprietária, Nadia al-Bakari, se tornassem alvos da vigilância da ANS. Significava que agora Carter sabia o nome do rico muçulmano com incontestáveis credenciais jihadistas que Gabriel queria que financiasse a rede de Rashid. Significava também que, em algum momento, milhares de outros membros da abrangente comunidade de inteligência norte-americana também saberiam do fato. Gabriel precisava correr esse risco. O serviço de inteligência de Israel baseado em sinais era formidável, mas sua capacidade não se comparava à da ANS. A maestria dos Estados Unidos no mundo digital era imbatível. Era o fator humano — a capacidade de recrutar espiões e penetrar no território dos inimigos — que frustrava os norte-americanos, e por isso eles haviam procurado o Escritório.

A pedido de Gabriel, Carter fez o que pôde para esconder o nome de Nadia dos círculos oficiais de Washington. Apesar das óbvias implicações potenciais para as relações entre norte-americanos e sauditas, ele deixou de mencioná-la para o presidente e para James McKenna na reunião semanal de contraterrorismo da Casa Branca. Também tomou o cuidado de salvaguardar a identidade do grupo que inspecionaria as interceptações da ANS. As informações, eram primeiro enviadas apenas para Carter em Langley e depois direcionadas à base da CIA em Paris. O chefe encarregado, um homem que devia sua carreira a Carter, as transportava pessoalmente até a mansão em Seraincourt, onde eram assinadas por Sarah Bancroft. O número do telefone e a conta de e-mail de Rafiq al-Kamal eram de particular interesse para Gabriel e sua equipe. Apesar das muitas ligações para contatos

dentro do serviço de inteligência saudita e para o Ministério do Interior, em nenhum momento Al-Kamal mencionou Zoe Reed. O mesmo não aconteceu com madame Dubois, que passou a maior parte das 72 horas seguintes pendurada na linha entre Paris e Londres em busca de fofocas e podres no passado profissional de Zoe. Gabriel viu isso como um bom sinal, pois dava a entender que, do ponto de vista da AAB, a repórter investigativa da CNBC era um problema de relações públicas, não uma ameaça à segurança.

Zoe permaneceu afastada da intriga que se agitava ao seu redor. Seguindo o roteiro cuidadosamente preparado por Gabriel, ela evitou outros contatos com a AAB ou com seus funcionários. Para preencher as horas vagas, ela visitou museus e fez longos passeios às margens do Sena, permitindo a Eli Lavon e aos demais agentes de campo determinarem que ela estava livre de qualquer vigilância. Quando se passaram mais dois dias sem resposta de Nadia, o produtor de Zoe em Nova York começou a ficar impaciente.

— Quero você de volta aos Estados Unidos o mais tardar na segunda-feira — falou pelo telefone —, com ou sem a entrevista exclusiva. É simplesmente uma questão de dinheiro. Nadia tem os cofres cheios. Nós estamos catando moedas.

O telefonema esfriou os ânimos do pessoal do esconderijo de Seraincourt, assim como o discurso proferido pelo presidente francês naquela mesma tarde numa sessão de emergência na Assembleia Nacional.

— Não é uma questão de saber se a França será atacada por terroristas outra vez — alertou o presidente mas só uma questão de quando e como. É um triste fato que mais vidas serão perdidas para as bombas do extremismo. Lamentavelmente, ser um cidadão europeu no século XXI implica isso.

Poucos minutos depois do fim do discurso, chegou uma mensagem da Mesa de Operações do King Saul Boulevard. Continha apenas quatro caracteres — duas letras seguidas por dois números —, mas seu significado era indiscutível. Deus estava dando um tempo num apartamento secreto em Montmartre. E Deus queria conversar com Gabriel em particular.

MONTMARTRE, PARIS

O apartamento ficava na rue Lepic, não muito longe do cemitério. O prédio era cinza e tinha sete andares, com balaustradas de ferro batido e um sótão. Uma única árvore desfolhada erguia-se no centro do pátio e, no elegante vestíbulo, havia uma escadaria em espiral com uma passadeira bem desgastada que abafou o som dos passos de Gabriel durante a rápida subida ao terceiro andar. A porta do apartamento 3A estava entreaberta; na sala de estar havia um senhor usando calças cáqui bem passadas, uma camisa branca de algodão e uma jaqueta de aviador feita de couro com um rasgo no ombro esquerdo. Estava acomodado na beira de uma poltrona forrada de brocado com as pernas um pouco abertas e as mãos grandes juntas sobre o cabo curvo de sua bengala de oliveira, como um viajante numa plataforma ferroviária resignado com a longa espera. Entre dois dedos amarelados queimava a ponta de um cigarro sem filtro. Uma fumaça acre redemoinhava acima de sua cabeça como uma nuvem de tempestade particular.

— Você está muito bem — observou Ari Shamron. — Voltar à ativa nitidamente fez bem a você.

— Não é como eu planejava passar o inverno.

— Então talvez não devesse ter seguido o terrorista suicida em Covent Garden.

Shamron deu um sorriso melancólico, em seguida esmagou o cigarro no cinzeiro na mesa de centro. Já havia outras seis pontas ali, bem-alinhadas, como balas esperando para serem carregadas numa arma. Acrescentou a sétima e olhou pensativo para Gabriel através da fumaça.

— É bom ver você, meu filho. Achei que nosso encontro na Cornualha no último verão seria o último.

— Na verdade, eu esperava que fosse.

— Você não poderia ao menos *fingir* ter alguma consideração por meus sentimentos?

— Não.

Shamron acendeu outro cigarro com seu velho isqueiro Zippo e soprou de propósito a fumaça na direção de Gabriel.

— Quanta eloquência — comentou Gabriel.

— Às vezes as palavras me falham. Felizmente, meus inimigos quase nunca falham. E mais uma vez eles conseguiram devolver você para os braços do King Saul Boulevard, que é o seu lugar.

— Provisório.

— Ah, sim — concordou Shamron com falsa urgência. — Sem dúvida, esse arranjo é totalmente provisório.

Gabriel andou até as portas francesas dando para a rue Lepic e abriu uma delas. Um vento gélido invadiu a sala, trazendo junto o som do tráfego noturno.

— Precisa disso? — perguntou Shamron, franzindo a testa. — Meu médico diz que eu preciso evitar correntes de ar.

— O meu diz que preciso evitar ser fumante passivo. Graças a você, tenho os pulmões de alguém que fuma quarenta cigarros por dia.

— Em algum momento você vai ter que parar de me culpar por tudo que deu errado na sua vida.

— Por quê?

— Porque é contraproducente.

— Mas acontece que também é verdade.

— Sempre achei melhor evitar a verdade. Ela sempre acarreta complicações desnecessárias.

Gabriel fechou a porta, silenciando o som do tráfego, e perguntou por que Shamron tinha vindo a Paris.

— Uzi achou que você poderia ter uma ajuda extra.

— Por que ele não me disse que você vinha?

— Ele deve ter esquecido.

— Ele ao menos sabe que você está aqui?

— Não.

Gabriel não pôde deixar de sorrir.

— Vamos tentar mais uma vez, Ari. Por que você está em Paris?

— Eu estava preocupado.

— Com a operação?

— Com você. Isso que é ser pai. Nós nos preocupamos com os filhos até o dia em que morremos.

— Sinto muito não saber nada sobre esse assunto.

— Peço desculpas, meu filho — disse Shamron depois de um momento. — Eu deveria saber disso. Afinal, é culpa minha também.

Levantou da cadeira e, pondo todo o peso sobre a bengala, andou até a cozinha. As peças de um filtro espalhavam-se pela bancada, junto com uma chaleira vazia e uma embalagem aberta de pó de café Carte Noir. Shamron fez uma débil tentativa de acender o fogão antes de levantar as mãos se rendendo. Gabriel conduziu-o até a mesa e levou a embalagem com cuidado até o nariz. Cheirava a poeira.

— Se não me engano — disse Shamron, sentando-se na cadeira —, esse é o mesmo pó de café que usamos na última vez que estivemos aqui.

— Tem um mercado aqui ao lado. Você acha que consegue sobreviver até eu voltar?

Com um gesto displicente, Shamron descartou a saída, querendo dizer que o café ainda estava bom. Gabriel encheu a chaleira com água e colocou no fogão para ferver.

— Ainda tem uma coisa que eu não consigo entender — comentou Shamron, observando Gabriel, pensativo.

— Não é tão complicado, Ari. Primeiro você põe o pó, depois acrescenta a água e então abre o filtro.

— Eu estava me referindo a Covent Garden. Por que você seguiu o homem? Por que simplesmente não avisou Graham Seymour e voltou para seu chalé à beira-mar?

Gabriel não respondeu.

— Será que me permite oferecer uma explicação possível?

— Se você insiste.

— Você foi atrás dele porque sabia muito bem que os britânicos não tinham nem a coragem nem a determinação de parar o homem. Nossos amigos europeus estão no meio de uma crise existencial tremenda. Estou convencido de que é uma das razões de nos desprezarem. Nós temos um propósito. Acreditamos que nossa causa é justa. Eles não acreditam em nada a não ser em sua

semana de trabalho de 35 horas, no aquecimento global e em suas férias anuais de seis semanas no Sul. O que me deixa confuso é por que você escolheu viver entre eles.

— Porque houve uma época em que eles realmente acreditavam em Deus e sua fé os inspirou a pintar como anjos.

— Isso é verdade — concordou Shamron. — Mas a fé em Deus agora é quase exclusiva dos jihadistas. Infelizmente, é uma fé nascida da intolerância wahhabita e alimentada por dinheiro saudita. Depois do 11 de Setembro, os sauditas prometeram pôr um fim ao incentivo que gerou Bin Laden e a Al-Qaeda. Mas agora, apenas dez anos depois, o dinheiro saudita está outra vez fomentando o ódio e os norte-americanos mal protestam.

— Eles se convenceram de que os sauditas são aliados importantes na luta contra o terrorismo.

— Eles estão iludidos — replicou Shamron. — Mas não é só culpa deles. Não só o petróleo flui da Arábia Saudita para o Ocidente. Existe também muita informação transitando do serviço de inteligência saudita para os serviços europeus, sobre planos e indivíduos suspeitos. Às vezes são informações úteis, mas a maior parte é um lixo total.

— Você está *mesmo* insinuando — disse Gabriel com ironia — que a inteligência saudita faz o velho jogo duplo de combater os jihadistas ao mesmo tempo que os apoia?

— É exatamente o que estou insinuando. E a economia dos norte-americanos está tão fraca no momento que eles não podem fazer nada.

A chaleira começou a apitar. Gabriel encheu o filtro com água fervente e ficou esperando o café ser coado. Olhou para Shamron. Sua expressão sombria deixava muito claro que ele continuava pensando nos norte-americanos.

— Todos os governos dos Estados Unidos têm os seus maneirismos. Esse gosta de falar em termos de *igualdade*. Estão sempre nos lembrando da *igualdade* que implantaram no Oriente Médio. Eles têm igualdade no Iraque, igualdade no Afeganistão e igualdade na manutenção de um preço estável do petróleo. No momento, não somos importantes no balanço dos norte-americanos. Mas se você conseguir neutralizar a rede de Rashid...

— Isso poderia gerar uma igualdade muito necessária para nós. Shamron assentiu.

— Isso não quer dizer, porém, que temos que nos comportar como uma subsidiária da CIA. Aliás, o primeiro-ministro faz questão que usemos essa oportunidade para tratar de alguns negócios não concluídos.

— Como Malik al-Zubair?

Shamron fez que sim.

— Algo me diz que você sabia desde o começo que Malik estava envolvido nisso.

— Digamos que eu tinha uma forte suspeita.

— Então, quando Carter me pediu para ir a Washington...

— Eu deixei de lado minha habitual desconfiança e aceitei sem hesitar.

— Quanta generosidade de sua parte — observou Gabriel. — Então por que está tão preocupado agora?

— Nadia.

— Ela foi ideia sua.

— Talvez eu estivesse enganado. Talvez ela esteja nos enganando todos esses anos. Talvez seja mais parecida com o pai do que pensamos. — Fez uma pausa, antes de acrescentar: — Talvez seja melhor nos livrarmos dela e encontrar outra pessoa.

— Essa pessoa não existe.

— Então temos que fabricá-la.

— Isso não é possível, e você sabe.

Gabriel levou o café até a mesa e serviu duas xícaras. Shamron pôs açúcar na sua e mexeu o café pensativo por um momento.

— Mesmo que Nadia al-Bakari concorde em trabalhar para você — disse Shamron —, você não vai conseguir mantê-la disciplinada. Temos nossos métodos tradicionais. *Kesef, kavod, kussit*: dinheiro, status, sexo. Nadia al-Bakari não precisa de nenhuma dessas coisas. Portanto, não pode ser controlada.

— Então suponho que devemos confiar um no outro.

— *Confiar?* Sinto muito, Gabriel, mas não estou familiarizado com essa palavra. — Tomou um gole de café e fez uma careta. — Existe um antigo provérbio de que eu gosto muito. Diz que o véu que esconde o futuro de nós é tecido por um anjo de misericórdia.

Infelizmente, nenhum véu pode nos proteger de nosso passado. Está cheio de fantasmas. Os fantasmas dos entes queridos. Os fantasmas dos inimigos. Eles estão sempre conosco. Estão aqui entre nós agora. — Seus olhos azuis e aquosos observaram a minúscula cozinha por um momento antes de se fixarem em Gabriel. — Talvez seja melhor deixar o passado em paz. Melhor para Nadia. Melhor para você.

Gabriel examinou Shamron com atenção.

— Ari, você realmente se sente culpado por ter me trazido de volta?

— Você deixou seu desejo bem claro no verão passado na Cornualha. Eu deveria ter respeitado.

— Você nunca fez isso antes. Por que faria agora?

— Porque você merece. E a última coisa de que precisa nesse estágio da vida é ser confrontado com a filha de um homem que você matou a sangue-frio.

— Não pretendo confessar meus pecados.

— Você pode não ter escolha. Mas me prometa uma coisa, Gabriel. Se você insistir em usar Nadia, tome cuidado para não cometer o mesmo erro que os norte-americanos cometeram com Rashid. Considere-a uma inimiga mortal e a trate da forma adequada.

— Por que você não se junta a nós? Temos espaço suficiente na casa para mais um.

— Eu estou velho — disse Shamron com tristeza. — Só iria atrapalhar.

— E o que você vai fazer?

— Vou ficar aqui sozinho e preocupado. Atualmente, essa parece ser a parte que me cabe.

— Ainda não precisa se preocupar, Ari. É possível que Nadia não aceite.

— Ela vai aceitar — afirmou Shamron.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque no fundo ela sabe que é você quem está sussurrando no ouvido dela. E não vai conseguir resistir à oportunidade de ver seu rosto.

Os preceitos operacionais ditavam que Gabriel retornasse de imediato para o Château Treville, mas a raiva o obrigou a fazer uma peregrinação até o Champs-Élysées. Chegou pouco depois da meia-noite e descobriu que todas as evidências do atentado haviam sido apagadas com todo o cuidado. As lojas e restaurantes estavam reformados. Os prédios ganharam novas janelas e uma nova pintura. As pedras das ruas foram lavadas para tirar o sangue. Não havia nenhuma expressão de indignação, nenhum memorial para os mortos, nenhum apelo à sanidade num mundo enlouquecido. Não fosse pelos dois gendarmes de guarda na esquina, seria possível supor que nada de errado acontecera ali. Por um momento, Gabriel lamentou sua decisão de ter vindo, mas, quando já estava saindo, um e-mail criptografado da equipe em Seraincourt melhorou seu humor. Dizia que conversas interceptadas de Nadia revelavam que ela tinha cancelado sua viagem para São Petersburgo. Gabriel devolveu o BlackBerry ao bolso do casaco e cruzou o feixe de luz de um poste. O véu que escondia seu futuro havia sido rasgado. Viu uma linda mulher de cabelos negros atravessando o átrio de um chateau ao norte de Paris. E um velho sentado sozinho num apartamento em Montmartre, mortalmente preocupado.

PARIS

Nadia al-Bakari telefonou para Zoe Reed às 10h22 da manhã seguinte a fim de convidá-la para um chá em sua mansão na avenue Foch. Zoe declinou com delicadeza. Parece que já tinha outros planos.

— Vou passar a tarde com um velho amigo de Londres. Ele ganhou um monte de dinheiro com ações e comprou um château no Val-d'Oise. Acho que está organizando uma festa para mim.

— Uma festa de aniversário?

— Como você sabe?

— Minha equipe de segurança fez uma discreta verificação antes de nosso almoço no Crillon. Você está fazendo trinta...

— Por favor, não diga em voz alta. Estou tentando fingir que é apenas um pesadelo.

Nadia riu. Em seguida perguntou o nome do amigo de Zoe.

— Fowler. Thomas Fowler.

— Em que empresa ele trabalha?

— Thomas não trabalha para empresas. Thomas sempre luta para se manter independente. Parece que vocês se conheceram alguns anos atrás no Caribe. Numa das ilhas francesas. Não me lembro qual. St. Barts, acho. Ou talvez tenha sido Antígua.

— Eu nunca pus os pés em Antígua.

— Então deve ter sido St. Barts.

Fez-se silêncio.

— Ainda está me ouvindo?

— Sim, estou aqui.

— Algum problema?

— Onde eu o conheci?

— Ele disse que foi num bar perto de uma das praias.

— Que bar?

— Isso eu já não sei.

- Qual praia?
 - Acho que Thomas não mencionou.
 - Thomas estava sozinho nesse dia?
 - Na verdade ele estava com a esposa. Garota adorável. Um tanto agressiva, mas acho que faz parte do pacote.
 - E que pacote é esse?
 - Ser mulher de um bilionário como Thomas.
- Outro silêncio, dessa vez mais longo do que o primeiro.
- Receio não me lembrar.
 - Ele com certeza se lembra de você.
 - Descreva-o, por favor.
 - Um sujeito alto. Parece um poste. Um pouco mais interessante quando você conhece melhor. Acho que fez um negócio alguns anos atrás com um associado do seu pai.
 - Por acaso você se lembra do nome desse associado?
 - Por que você não pergunta pessoalmente a Thomas?
 - O que você quer dizer, Zoe?

No segundo andar do Château Treville havia uma sombria sala de música com paredes forradas de seda vermelha e luxuosos adornos nas janelas para combinar. De um lado, encontrava-se uma espineta com afrescos dourados e uma pintura pastoral a óleo na tampa. De outro, uma antiga mesa da Renascença francesa decorada com noqueira, à qual Gabriel e Eli Lavon estavam sentados, fitando dois computadores. No primeiro via-se uma luz piscante mostrando a altitude e localização atuais de Zoe Reed. No segundo estava gravada sua conversa com Nadia às 10h22. Gabriel e Lavon já a tinham ouvido dez vezes. Agora eram 11h55. Lavon franziu a testa quando Gabriel apertou PLAY mais uma vez.

- Por acaso você se lembra do nome desse associado?
- Por que você não pergunta pessoalmente a Thomas?
- O que você quer dizer, Zoe?
- Que você devia vir à festa. Tenho certeza de que Thomas iria adorar, e seria uma oportunidade de passarmos mais tempo juntas.
- Receio que não seja apropriado.
- Por que não?

— Porque seu amigo... Desculpe, Zoe, por favor me diga o nome dele outra vez.

— Thomas Fowler. Como o personagem do romance de Graham Greene.

— Quem?

— Não é importante. O importante é que você venha.

— Eu não gostaria de impor minha presença.

— Não é nada disso, pelo amor de Deus. Além do mais, é meu aniversário e eu insisto.

— Onde exatamente é a casa de seu amigo?

— Logo ao norte de Paris. O hotel reservou um carro para mim.

— Peça para o hotel cancelar. Vamos no meu carro. Assim podemos conversar melhor.

— Maravilhoso. Thomas diz que o traje é chateau casual Mas vamos pegar leve na segurança, certo? Thomas é tagarela, mas, fora isso, é inofensivo.

— Nos vemos ao meio-dia, Zoe.

A chamada terminou. Gabriel apertou STOP e em seguida viu Yossi encostado no batente da porta, parecendo de fato um próspero magnata passando o fim de semana em seu retiro de campo na França.

— Que fique registrado — disse em seu sotaque arrastado de Oxford. — Não gostei nada dessa parte de poste.

— Tenho certeza de que ela quis demonstrar estima.

— Como você se sentiria se alguém o comparasse a um poste?

— Estimado.

Yossi alisou seu paletó de caxemira da Bond Street.

— Será que estamos todos no estilo chateau casual?

— Acho que estamos.

— Com echarpe ou sem echarpe?

— Sem echarpe.

— Com echarpe — disse Lavon. — Sem dúvida com echarpe.

Yossi saiu. Gabriel estendeu a mão para o mouse mais uma vez, mas Lavon o impediu.

— Ela sabe que somos nós e está vindo assim mesmo — falou Lavon. — Além disso, é tarde demais para fazer qualquer coisa agora.

Gabriel olhou para o outro computador. O ícone indicava que Zoe estava se aproximando aos poucos do saguão de entrada. Poucos segundos depois, Gabriel teve a confirmação ao ouvir as portas do elevador se abrindo e, em seguida, o barulho dos saltos de Zoe atravessando o saguão. Cumprimentou *Herr* Schmidt, agradeceu a Isabelle pela cortesia da cesta de frutas deixada em seu quarto na noite anterior e soprou um beijo para monsieur Didier, que naquele momento tentava fazer uma reserva no restaurante Jules Verne para Chiara e Yaakov — uma reserva que, lamentavelmente, eles depois seriam forçados a cancelar. Então, vieram os ruídos do trânsito quando Zoe saiu, seguidos pelo som de uma porta de limusine se fechando. O silêncio a seguir foi completo. Ele foi rompido pela voz agradável de uma mulher com credenciais jihadistas incontestáveis.

— É um prazer ver você outra vez, Zoe — disse Nadia. — Trouxe para seu amigo uma garrafa de Latour como um presente para aquecer o château. Espero que ele goste de tinto.

— Não precisava.

— Não seja boba.

O ícone pôs-se outra vez em movimento, seguido por outros três pontos brilhantes representando as equipes de segurança. Momentos depois, todos estavam indo para o oeste pela Champs-Élysées a 50 quilômetros por hora. Ao se aproximarem do Arco do Triunfo, Zoe se ofereceu para desligar seu BlackBerry.

— Não precisa — disse Nadia em voz baixa. — Agora eu confio em você. Não importa o que acontecer, sempre vou considerá-la uma amiga.

SERAINCOURT, França

Os *banlieues* a nordeste de Paris pareciam se estender até o infinito, mas, gradualmente, os edifícios vulgares desapareceram e começaram a aparecer as primeiras áreas verdes. Mesmo no inverno, com o céu carregado, a zona rural da França parecia ter sido enfeitada para um retrato de família. As duas passavam pela região no sedan Maybach preto sem veículos de escolta, ao menos nenhum que Zoe pudesse avistar. Rafiq al-Kamal acomodava-se carrancudo no banco da frente. Estava com seu terno escuro habitual, mas, devido à ocasião informal, sem gravata. Nadia usava um esplêndido suéter de caxemira creme, calças de camurça marrom-claras e botas de salto baixo apropriadas para andar por regiões arborizadas. Para esconder seu nervosismo, ela falava sem parar. Sobre os franceses. Sobre a moda horrorosa daquele inverno. Sobre um artigo que tinha lido no *Financial Journal* naquela manhã que abordava o estado deplorável da economia da zona do euro. O calor dentro do carro era escaldante. Zoe suava, mas Nadia parecia até um pouco com frio. As mãos estavam estranhamente pálidas. Percebendo o interesse de Zoe, ela culpou o clima úmido de Paris, do qual falou sem interrupção até uma placa na estrada avisar que se aproximavam do vilarejo de Seraincourt.

Naquele instante, uma moto apareceu ao lado do carro. Era um modelo japonês de alta potência do tipo que forçava o piloto a se inclinar para a frente num ângulo que parecia desconfortável. Olhou para a janela de Zoe ao passar, como se quisesse saber quem estava dentro de um automóvel tão elegante, depois fez um gesto obsceno para o motorista antes de desaparecer por trás de uma nuvem de poeira. *Olá, Mikhail*, pensou Zoe. *É muito bom ver você.*

Ela pegou o BlackBerry na bolsa e digitou um número. A voz que atendeu era vagamente familiar. Claro que era, ela logo se lembrou. Era de seu velho amigo Thomas Fowler, de Londres. Thomas, que

tinha ganhado uma bolada de dinheiro investindo em sabe Deus o quê. Thomas, que conheceu Nadia alguns anos atrás num bar no litoral de St. Barts. Thomas, que agora dava instruções para elas chegarem a seu novo e vistoso château — dobrar à direita na rue de Vexin, à esquerda na rue des Vallées, à direita na Route des Hèdes. O portão era do lado esquerdo da estrada, explicou, logo depois do vinhedo. Não ligue para a placa alertando sobre os cães. Era apenas um blefe, por questão de segurança. Thomas se preocupava com segurança. Tinha boas razões para isso.

Zoe desligou e colocou o BlackBerry na bolsa. Erguendo o olhar outra vez, surpreendeu Rafiq vigiando-a atentamente pelo espelho. Nadia olhava tristonha a paisagem. *Sorria*, pensou Zoe. *Estamos indo a uma festa, afinal. É importante você tentar sorrir.*

Não havia um precedente formal para o que eles estavam tentando fazer, nenhuma diretriz estabelecida, nenhuma tradição do Escritório para orientar. Durante os intermináveis ensaios, Gabriel comparava toda a ação ao descerramento de uma obra num leilão, sendo Nadia a possível compradora e ele próprio a pintura à mostra em um pedestal. O evento seria precedido por uma pequena jornada — uma jornada, ele explicou, que levaria Nadia e a equipe para um passado não muito distante. A natureza dessa viagem teria que ser regulada com todo o cuidado. Teria que ser agradável para não assustar Nadia, porém incisiva a ponto de não lhe dar oportunidade de recuar. Mesmo Gabriel, que tinha elaborado a estratégia, achava que as chances de sucesso não eram mais que uma em três. Eli Lavon era ainda mais pessimista. Mas Lavon, um estudioso de desastres bíblicos, era preocupado por natureza.

Naquele momento, porém, a perspectiva de fracasso estava bem distante dos pensamentos de Lavon. Meio que embrulhado com várias camadas de algodão, remanescentes de outras operações, ele caminhava com dificuldade pelo acostamento gramado da rue des Vallées, um cajado numa das mãos, a cabeça parecendo nas nuvens. Fez uma breve parada para observar a limusine Maybach passar — seria estranho não fazer isso —, mas não prestou atenção ao Renault hatch compacto que seguia o grande sedã como um primo pobre. Atrás deles a estrada estava deserta; Lavon esperava

por isso. Levou a mão à boca e, fingindo tossir, informou a Gabriel que o alvo procedia como o instruído, sem nenhuma outra vigilância que não a da equipe deles próprios.

A essa altura, o Maybach já tinha entrado na Route des Hèdes e passava pelo antigo vinhedo em alta velocidade. Embicou pelo imponente portão do château e tomou a longa e reta via de cascalho, ao final da qual estava Yossi, numa pose preguiçosa que só o dinheiro poderia comprar. Esperou até o carro estacionar e se aproximou devagar, mas estancou quando Al-Kamal saiu com ímpeto. O guarda-costas saudita ficou ao lado do carro por um tempo, os olhos esquadrinhando a fachada da mansão, até que abriu a porta de trás num perfeito ângulo de 45 graus. Nadia surgiu aos poucos — uma luxuosa bota no cascalho, uma mão cheia de joias sobre a porta, um lampejo de cabelos sedosos que pareceu absorver o que restava da luz da tarde.

Por razões que Gabriel não partilhou com os outros, ele tinha decidido marcar a ocasião com uma fotografia, que está nos arquivos do King Saul Boulevard até hoje. Tirada por Chiara de uma janela no segundo andar, mostra Nadia dando seu primeiro passo no pátio com Zoe ao lado, a mão estendida de forma hesitante para Thomas Fowler, a outra segurando a garrafa de Latour pelo gargalo. A testa já está levemente franzida e em seus olhos vê-se um brilho fraco de reconhecimento. Era verdade que tinha visto aquele homem na ilha de St. Barts, num encantador bar de frente para a praia de Saline. Nadia tomava daiquiris naquele dia; o homem, queimado de sol, bebia devagar uma cerveja a algumas mesas de distância. Estava acompanhado por uma mulher com roupas mínimas, de cabelos cor de areia e generosos quadris — a mesma mulher que agora surgia na entrada da frente trajada em roupas comparáveis às de Nadia em custo e estilo. Uma mulher que agora segurava a mão de Nadia como se nunca mais quisesse largar.

— Eu sou Jenny Fowler — disse Rimona Stern. — Estou muito contente por ter se juntado a nós. Por favor, vamos entrar para não morrermos de frio.

Eles se viraram ao mesmo tempo e começaram a andar em direção à entrada. O guarda-costas tentou segui-los, mas Nadia, em seu primeiro ato conspiratório, o fez parar com um gesto e algumas

palavras tranquilizadoras num árabe sussurrado. Se pensava que seus anfitriões não entenderiam, ela estava enganada; os Fowler falavam árabe fluentemente, assim como a mulher pequena de cabelos escuros esperando abaixo do lustre no grande vestíbulo.

— Eu sou Emma — apresentou-se Dina Sarid. — Sou uma velha amiga dos Fowler. É um prazer conhecê-la.

Nadia apertou a mão estendida e permitiu que Dina a conduzisse pelo grande salão abobadado. Em pé diante de uma fileira de portas francesas, o olhar fixo no esmerado jardim do terraço, havia uma mulher de cabelo louro-claro e pele cor de alabastro. Ao ouvir o som de passos, a mulher se virou devagar e encarou Nadia por um longo momento com seus olhos azuis inexpressivos. Não se deu ao trabalho de dar um nome falso. Não teria sido apropriado.

— Olá, Nadia — disse Sarah Bancroft, por fim. — É muito bom ver você outra vez.

Nadia recuou um pouco, parecendo amedrontada pela primeira vez.

— Meu Deus — falou depois de um momento de hesitação. — É você mesmo? Eu temia que você estivesse...

— Morta?

Nadia não respondeu. Seu olhar se moveu devagar de um rosto para o outro antes de repousar em Zoe.

— Você sabe quem são essas pessoas?

— É claro.

— Você trabalha para elas?

— Eu trabalho para a CNBC de Nova York.

— Então por que está aqui?

— Eles precisam falar com você. Não havia outra maneira.

Nadia pareceu aceitar a explicação, pelo menos por enquanto. Mais uma vez seu olhar passeou pela sala. Dessa vez, fixou-se em Sarah.

— Qual a razão de tudo isso?

— A razão é você, Nadia.

— Por que eu?

— Você está tentando mudar o mundo islâmico. Nós queremos ajudar.

— Quem são vocês?

— Eu sou Sarah Bancroft, a garota norte-americana que vendeu uma pintura de Van Gogh ao seu pai. Depois disso ele me ofereceu um emprego como sua consultora de arte pessoal. Acompanhei vocês no cruzeiro anual de inverno pelo Caribe. Depois fui embora.

Você é uma espiã? — perguntou Nadia, mas Sarah respondeu apenas estendendo sua mão. A jornada de Nadia estava quase completa. Havia só mais uma parada a fazer. Uma última pessoa para conhecer.

SERAINCOURT, França

Separado do grande salão por duas imponentes portas duplas havia uma sala de estar menor e mais informal com paredes forradas de livros e uma mobília estofada diante de uma grande lareira de pedra. Ao mesmo tempo reconfortante e conspirador, era um lugar onde beijos haviam sido roubados, pecados confessados e alianças secretas forjadas. Levada até lá por Sarah, Nadia andou distraída pelo cômodo antes de se acomodar num grande sofá. Zoe sentou-se na outra ponta, como para dar equilíbrio, e Sarah sentou-se em frente, com as mãos unidas no colo, sem olhá-las diretamente. Os outros integrantes da equipe estavam espalhados, como que retomando a festa interrompida com a chegada de Nadia. A única exceção era Gabriel, em pé na frente da lareira apagada, uma das mãos no queixo, a cabeça meio inclinada para um lado. Naquele instante, tentava decidir qual seria a melhor resposta para uma pergunta simples de Nadia, feita alguns segundos depois de ele ter entrado na sala. Frustrada por seu silêncio, ela indagou outra vez, agora com mais intensidade.

— Quem são vocês?

Gabriel tirou a mão do queixo e começou a gesticular para fazer as apresentações.

— Esses são os Fowler, Thomas e Jenny. Thomas ganha dinheiro. Jenny gasta. A garota melancólica no canto é Emma. Ela e Thomas são velhos amigos. Na verdade já foram namorados, e em seus momentos mais sombrios Jenny desconfia que são amantes.

— Fez uma pausa por um instante para pôr a mão no ombro de Sarah. — E você se lembra desta mulher, é claro. Esta é Sarah, a nossa estrela. Sarah tem mais títulos do que todos nós juntos. Apesar dessa dispendiosa formação, totalmente paga por um pai culpado, ela trabalhava numa galeria de arte precária de Londres alguns anos atrás quando seu pai chegou procurando um Van

Gogh, o único artista que faltava em sua coleção. Ficou tão impressionado com Sarah que demitiu seu consultor de longa data e ofereceu a ela um emprego com um salário muito maior. Os benefícios incluíam um convite para um cruzeiro no Caribe a bordo do *Alexandra*. Pelo que me lembro, no início você não se mostrou muito receptiva. Mas quando chegaram à ilha encantada de St. Barts, você e Sarah tinham se tornado grandes amigas. Até confidentes, eu diria.

Sarah agia como se não estivesse ouvindo nada. Nadia a observou por um momento antes de se virar para Gabriel.

— Não foi por acaso que essas quatro pessoas estavam em St. Barts na mesma época. Sabe, Nadia, todos são agentes de inteligência profissional. Thomas, Jenny e Emma trabalham para o serviço de inteligência estrangeira do Estado de Israel, assim como eu. Sarah trabalha para a CIA. Seu conhecimento artístico é autêntico, por isso ela foi selecionada para a operação contra a AAB Holdings. Seu pai era um filantropo secreto como você, Nadia. Infelizmente, suas contribuições dirigiam-se ao lado oposto do espectro islâmico. Ele doava aos incitadores, aos recrutadores e aos próprios terroristas. Quando seu pai descobriu a verdade sobre Sarah, ele mandou que fosse torturada e morta. Mas isso você já sabe, não é, Nadia? Por isso você ficou tão surpresa ao ver que sua amiga Sarah ainda estava entre os vivos e bem-disposta.

— Você ainda não me disse seu nome.

— Por enquanto, meu nome não é importante. Prefiro me ver como um coletor de fagulhas. — Fez uma pausa. — Igual a você, Nadia.

— Perdão?

— Alguns de nossos antigos rabinos acreditavam que quando Deus estava criando o universo, Ele depositou Sua luz divina em compartimentos celestiais especiais. Só que a Criação não correu de acordo com o plano de Deus, e aconteceu um acidente. Os recipientes foram quebrados e o universo ficou cheio de fagulhas de luz divina e cacos. Os rabinos acreditavam que o trabalho da Criação só estaria completo quando essas fagulhas fossem reunidas. Chamamos isso de Tikkun Olam, ou Reparação do Mundo. As pessoas nesta sala estão tentando consertar o mundo,

Nadia, e acreditamos que você também esteja. Você está tentando reunir os cacos de ódio que têm sido espalhados pelos pregadores wahhabitas. Está tentando reparar os danos causados pelo apoio de seu pai ao terrorismo. Nós aplaudimos seus esforços. E queremos ajudar.

— Como você sabe disso tudo?

— Porque estamos observando você há muito tempo.

— Por quê?

— Por prudência. Quando seu pai foi assassinado em Cannes, ficamos com medo de que você tentasse vingar a morte dele. E a última coisa que o mundo precisava era de outro saudita rico enchendo de dinheiro os bolsos dos terroristas. Nossos temores se intensificaram quando você manteve em segredo os serviços de um ex-oficial da inteligência saudita chamado Faisal Qahtani para investigar as circunstâncias envolvendo a morte de seu pai. O Sr. Qahtani relatou que seu pai foi morto pelo serviço secreto israelense, com as bênçãos da CIA e do presidente norte-americano. Depois contou todos os detalhes da longa história do apoio de seu pai ao movimento jihadista. — Gabriel fez uma pausa. — Eu sempre tentei adivinhar qual aspecto da vida de seu pai mais a incomodava, Nadia: o fato de ele cometer assassinatos em massa ou de ter mentido para você. Pode ser muito traumático descobrir que se foi enganado pelo pai.

Nadia não respondeu. Gabriel continuou:

— Nós sabemos o que o Sr. Qahtani contou porque ele fez o mesmo relato para nós pelo preço bem razoável de 100 mil dólares norte-americanos, depositados numa conta bancária numerada na Suíça. — Gabriel deu um breve sorriso. — O Sr. Qahtani é um homem de fontes incontestáveis, mas de lealdades suspeitas. Também gosta de mulheres bonitas do vaudeville.

— E a informação era precisa?

— Qual parte?

— A parte sobre o serviço secreto de Israel ter assassinado meu pai com as bênçãos da CIA e do presidente norte-americano.

Gabriel olhou para Zoe, que escondia sua curiosidade de forma admirável. Agora que sua missão estava concluída, ela deveria ter sido levada com discrição para fora da sala. Mas Gabriel permitiu

que ela permanecesse na sala por enquanto. Seus motivos eram puramente egoístas. Tinha conhecimento do vínculo formado entre seu alvo e sua agente. Estava ciente, também, de que Zoe poderia ser um bem valioso para ajudar a fechar o acordo final. Apenas com sua presença, Zoe conferia legitimidade à causa de Gabriel e nobreza a suas intenções.

— Assassinato não é bem a palavra correta para descrever o que aconteceu com seu pai — falou. — Se não se incomoda, prefiro continuar a falar um pouco mais sobre o dissimulado Sr. Qahtani. Ele fez mais do que apenas um relato da morte de seu pai. Ele também entregou uma mensagem vinda de ninguém menos que o próprio monarca saudita. Ela deixava claro que certos elementos da Casa de Saud sabiam das atividades de seu pai e aprovavam suas ações e que sob nenhuma circunstância você deveria fazer retaliações contra alvos israelenses ou norte-americanos. Na época, a Casa de Saud sofria uma enorme pressão de Washington para suspender o apoio ao extremismo e ao terrorismo islâmicos. O rei não queria que você provocasse mais complicações entre Riad e Washington.

— Foi o Sr. Qahtani que deu também essa informação?

— Estava incluída no pacote original, sem custo adicional.

— O Sr. Qahtani descreveu minha reação?

— Sim — respondeu Gabriel. — Ele disse que o aviso da Casa de Saud provavelmente era desnecessário, pois na opinião dele você não tinha intenção de seguir adiante com a vingança pela morte de seu pai. O que o Sr. Qahtani não percebeu foi que você achou repugnante o que descobriu... tão repugnante, aliás, que se tornou uma espécie de extremista. Depois de consolidar sua posição na AAB Holdings, decidiu usar a fortuna do pai para desfazer os danos que ele causou. Você se transformou numa reparadora do mundo, uma coletora de fagulhas.

Nadia abriu um sorriso indiferente.

— Como expliquei à sua amiga Zoe no almoço outro dia, é uma história interessante, só que não é verdade.

Gabriel sentiu que faltava convicção em sua negativa. Decidiu que a melhor atitude seria ignorá-la completamente.

— Você está entre amigos, Nadia — falou com delicadeza. — Aliás, admiradores. Não só admiramos a coragem de seu trabalho como também estamos maravilhados com a habilidade com que você o mantém em segredo. Na verdade, demoramos um bom tempo para perceber que você estava usando transações bem-engendradas de obras de arte para lavar dinheiro e entregá-lo nas mãos das pessoas que queriam ajudar. Como profissionais, parabenizamos sua perícia. Com toda a honestidade, nós mesmos não conseguiríamos fazer melhor.

Nadia lhe lançou um olhar penetrante, mas dessa vez não negou nada. Gabriel foi em frente.

— Devido a seus habilidosos negócios, você conseguiu manter o trabalho em segredo da inteligência saudita e da Al-Saud. É um feito notável, pois você estava cercada dia e noite pelos antigos empregados e seguranças de seu pai. No início ficamos confusos com sua decisão de manter esses serviços. Em retrospecto, as razões são bem óbvias.

— São mesmo?

— Você não tinha escolha. Seu pai era um empresário astuto, mas ele não acumulou sua fortuna de forma muito honesta. A Casa de Zizi foi comprada e paga pela Casa de Saud, o que significa que a Al-Saud poderia arruinar você com um estalar de seus dedos reais.

Gabriel olhou para Nadia à procura de uma reação. O rosto dela se mantinha sereno.

— Significa que você está envolvida em um jogo perigoso — continuou Gabriel. — Usa o dinheiro do monarca para disseminar ideias que podem ameaçar o domínio de seu trono. Isso faz de você uma subversiva. Uma herege. E nós dois sabemos o que acontece com subversivos e hereges que ameaçam a Casa de Saud. De um jeito ou de outro, eles são eliminados.

— Você não fala como se quisesse me ajudar. Fala como se pretendesse me chantagear para fazer o que deseja.

— Nosso único interesse é que seu trabalho continue. No entanto, gostaríamos de dar um conselho.

— Que tipo de conselho?

— Um conselho de investimento. Achamos que é um bom momento para fazer algumas alterações em seu portfolio... alterações mais condizentes com sua condição de filha única do falecido Zizi al-Bakari.

— Meu pai era um financiador do terrorismo.

— Não, Nadia, ele não era um financiador *qualquer* do terrorismo. Seu pai era incomparável. Seu pai era a própria Corporação Jihad.

— Sinto muito, mas não compreendo o que você quer de mim.

— É simples. Queremos que você siga os passos de seu pai. Queremos que erga a bandeira do jihad que ele deixou de sustentar naquela terrível noite em Cannes. Queremos que você vingue a morte dele.

— Você quer que *eu* me torne uma terrorista?

— Exato.

— E como eu faria isso?

— Formando seu próprio grupo terrorista. Mas não se preocupe, Nadia. Você não vai fazer isso sozinha. Thomas e eu vamos ajudar.

SERAINCOURT, França

Eles tinham chegado a um bom lugar para fazer uma pausa — um oásis, pensou Gabriel, que de repente se sentia encantado pela iconografia do deserto. A razão para a convocação de Nadia havia sido abordada com sucesso. Agora era hora de descansar por um tempo e refletir sobre a jornada até ali. Era também o momento de lidar com certos negócios desagradáveis. Gabriel tinha algumas questões que precisavam ser respondidas antes que pudessem continuar — perguntas relacionadas com o emaranhado político e os antigos ódios do Oriente Médio. Fez a primeira pergunta enquanto estava agachado diante da lareira, segurando um fósforo.

— Como você se sente em relação a nós? — Ele riscou o fósforo na pedra da lareira.

— Em relação aos israelenses?

— Em relação aos judeus — retrucou Gabriel, encostando o fósforo nos gravetos. — Você acha que somos filhos do diabo? Acha que controlamos a mídia e as finanças do mundo? Acha que provocamos o Holocausto? Você acredita que o Holocausto aconteceu? Acha que usamos sangue de crianças não judias para preparar nosso pão ázimo? Acredita que somos porcos e macacos, como seus clérigos wahhabitas e os livros didáticos sauditas gostam de nos retratar?

— Eu não estudei na Arábia Saudita — respondeu Nadia sem parecer estar na defensiva.

— Não. Você estudou nas escolas mais prestigiadas da Europa, como sua amiga Sarah. E Sarah se lembra muito bem de um incidente na praia em St. Barts quando você disse algo bastante desagradável sobre um homem que acreditava ser judeu. Ela também se lembra de muitas conversas rudes sobre judeus sempre que seu pai e seu entourage começavam a discutir política.

Nadia olhou para Sarah com um ar de tristeza, como se ela tivesse traído sua confiança.

— As opiniões de meu pai sobre os judeus eram muito conhecidas — falou ela depois de um momento. — Infelizmente, fui exposta a essas opiniões todo dia, e a visão de meu pai, por pouco tempo, se tornou a minha. — Fez uma pausa e olhou para Gabriel. — Você nunca disse alguma coisa e depois quis voltar atrás? Nunca fez nada de que tenha muita vergonha?

Gabriel soprou os gravetos com suavidade, mas não disse nada.

— Sou dona de uma fortuna de muitos bilhões de dólares — continuou Nadia. — Então é provável que você não se surpreenda por eu não acreditar que os judeus controlam o sistema financeiro mundial. Nem acredito que controlem a mídia. Acredito que o Holocausto aconteceu e que seis milhões de pessoas pereceram, e considero que a negação dessa verdade faz parte de um discurso para incitar o ódio. Acredito também que essa história sobre sangue de não judeus seja uma calúnia e sinto repugnância cada vez que ouço um dos chamados homens religiosos da Arábia Saudita se referir a judeus e cristãos como porcos e macacos. — Fez uma pausa. — Esqueci alguma coisa?

— O diabo — lembrou Gabriel.

— Eu não acredito no diabo.

— E quanto a Israel, Nadia? Você acredita que temos o direito de viver em paz? Que temos o direito de levar nossos filhos à escola ou ir ao mercado sem medo de sermos despedaçados por um soldado de Alá?

— Acredito que o Estado de Israel tem o direito de existir. Também acredito que tem o direito de se defender contra os que querem destruí-lo ou matar seus cidadãos.

— E o que você acha que aconteceria se amanhã nós saíssemos da Cisjordânia e de Gaza e reconhecêssemos o direito do Estado palestino? Acredita que o mundo islâmico nos aceitaria ou estamos condenados para sempre a sermos considerados uma entidade estrangeira, um câncer que deve ser extirpado?

— Receio que a última alternativa — respondeu Nadia —, mas estou tentando ajudar vocês. Seria bom se de vez em quando vocês não tornassem as coisas tão difíceis para mim. Todos os dias vocês

humilham os palestinos e seus apoiadores no mundo islâmico. E quando você mistura humilhação com a ideologia dos wahhabitas...

— Bombas explodem nas ruas da Europa — completou Gabriel.
— Mas é preciso mais do que humilhação e ideologia para provocar atos terroristas em escala global. Também é preciso dinheiro. Os idealizadores precisam de dinheiro para inspirar, dinheiro para recrutar e treinar e dinheiro para operar. Com dinheiro, eles podem atacar à vontade. Sem dinheiro, eles não são nada. Seu pai entendia o poder do dinheiro. Você também entende. Foi por isso que, apesar das dificuldades, nos dispusemos a falar com você, Nadia. É por isso que você está aqui.

Eli Lavon havia entrado em silêncio na sala e observava a conversa, impassível, perto das janelas. Nadia o examinou com atenção por um momento, como se tentasse localizá-lo nos arquivos desordenados de sua memória.

— É ele que está no comando? — perguntou ela.

— Max? — Gabriel negou lentamente com a cabeça. — Não, Max não está no comando. Eu sou o amaldiçoado com a responsabilidade do comando. Max é apenas minha consciência culpada. Max é meu espírito preocupado.

— Ele não me parece preocupado.

— Isso porque Max é um profissional. E como todos os profissionais, Max é muito bom em ocultar emoções.

— Assim como você.

— Sim, como eu.

Ela olhou para Lavon e perguntou:

— Por que ele está apreensivo?

— Max acha que estou indo pelo caminho errado. Max está tentando evitar que eu cometa o que pode ser o maior erro de uma carreira até aqui imaculada.

— Que erro seria esse?

— Você — respondeu Gabriel. — Estou convencido de que você é a resposta às minhas preces, que podemos trabalhar juntos para eliminar uma grave ameaça à segurança do Ocidente e do Oriente Médio. Mas como você pode ver, Max é muito mais velho que eu e muito apegado a sua maneira de agir. Considera a ideia de nossa parceria ingênua e risível. Ele acredita que, sendo uma mulher

muçulmana da Arábia Saudita, você absorveu o ódio aos judeus pelo leite materno. Max também está convencido, acima de tudo, de que você saiu ao pai. E Max acredita que, como seu pai, você tem duas caras: uma que mostra ao Ocidente e outra que mostra em casa.

Nadia sorriu pela primeira vez.

— Talvez você devesse lembrar a Max que eu não posso mostrar meu rosto em casa, ao menos não em público. E talvez devesse lembrar-lhe também que arrisco minha vida todos os dias tentando mudar isso.

— Max tem muitas dúvidas sobre suas atividades filantrópicas e as motivações por trás delas. Max acredita que são uma fachada para seus verdadeiros interesses, que estão muito mais próximos das atividades de seu falecido pai. Max acredita que você é uma jihadista. Em suma, Max acha que você é uma mentirosa.

— Talvez você seja o mentiroso.

— Eu sou um agente secreto, Nadia, o que significa que minto para sobreviver.

— E está mentindo para mim agora?

— Só um pouco — respondeu Gabriel, pesaroso. — Devo dizer que na verdade aquela pequena alma envelhecida não se chama Max.

— Mas ainda assim ele acredita que sou uma mentirosa?

— Ele espera que não. Mas precisa saber se você está do nosso lado antes que a conversa prossiga.

— E que lado é esse?

— O lado dos anjos, é claro.

— Os mesmos anjos que assassinaram meu pai a sangue-frio?

— Lá vem essa palavra de novo, Nadia. Seu pai não foi assassinado. Foi morto por forças inimigas num campo de batalha que escolheu. Morreu como um mártir a serviço do jihad. Infelizmente, a violenta ideologia que ele ajudou a propagar não morreu com ele. Ainda vive alimentada por uma ira sagrada crescente que se estende desde as áreas tribais do Paquistão até as ruas de Londres. E ainda vive numa nova rede terrorista letal com base nas montanhas do Iêmen. Essa rede tem um líder carismático, um habilidoso estrategista e um núcleo de treinamento

de *shahids* determinados. O que falta a ele é uma coisa que você pode fornecer.

— Dinheiro — disse Nadia.

— Dinheiro — repetiu Gabriel. — A questão é se você é mesmo uma mulher que tenta sozinha mudar a face do Oriente Médio moderno ou se na verdade saiu ao pai.

Nadia ficou em silêncio por um momento.

— Temo que vocês vão ter que decidir isso sem a minha ajuda — declarou afinal —, porque neste momento esse interrogatório está oficialmente encerrado. Se houver algo que você queira de mim, sugiro que me diga o que é. E é melhor não demorar muito. Você pode ter muitas dúvidas sobre minha posição, mas não deve ter nenhuma a respeito da posição do chefe de segurança. Rafiq al-Kamal é um verdadeiro wahhabita e muito leal a meu pai. Suponho que ele esteja começando a suspeitar do que se passa aqui.

SERAINCOURT, França

A equipe saiu da sala aos poucos — todos menos Eli Lavon, que continuou perto das janelas, e Gabriel, que se acomodou no lugar deixado vago por Sarah. Olhou para Nadia por um momento em respeitoso silêncio. Depois, numa voz sombria emprestada de Shamron, começou a contar uma história. Era a história de um carismático clérigo islâmico chamado Rashid al-Husseini, de uma bem-intencionada operação da CIA que deu terrivelmente errado e de uma letal rede terrorista que precisava de capital para atingir seus objetivos. O resumo foi bem detalhado — de fato, quando Gabriel afinal terminou, o sol fraco do outono tinha se posto e a sala estava na penumbra. Lavon era então uma mera silhueta, indistinguível a não ser pelos cabelos despenteados que rodeavam sua cabeça como um halo. Nadia ficou imóvel na ponta do grande sofá, pernas recolhidas, braços cruzados. Seus olhos escuros fitavam Gabriel sem piscar enquanto ele falava, como se posasse. Era o retrato de uma mulher desvelada, pensou Gabriel, óleo sobre tela, artista desconhecido.

Ouviram-se gargalhadas no aposento adjacente. Quando cessaram, começou uma música. Nadia fechou os olhos e ouviu.

— Isso é Miles Davis? — perguntou.

— “Dear Old Stockholm” — confirmou Gabriel, aquiescendo.

— Eu sempre gostei muito de Miles Davis, apesar de que meu pai, muçulmano wahhabita devoto, tentou evitar que eu ouvisse qualquer tipo de música. — Fez uma pausa por um momento, ainda escutando. — Também gosto muito de Estocolmo. Tenho esperança de que Rashid não coloque a cidade na sua lista de alvos.

— Um homem muito sábio me disse uma vez que esperança não é uma estratégia aceitável quando vidas estão em risco.

— Talvez não, mas a esperança está muito em voga no momento em Washington.

Gabriel sorriu e disse:

— Você ainda não respondeu minha pergunta, Nadia.

— Que pergunta?

— O que foi mais doloroso: descobrir que seu pai era um terrorista ou que ele enganou você?

Ela olhou Gabriel com uma intensidade perturbadora. Depois de um tempo, tirou o maço de Virginia Slims da bolsa, acendeu um e ofereceu um cigarro a Gabriel. Com um breve gesto, ele recusou.

— Acho que sua pergunta mostra uma profunda ignorância da cultura saudita — falou ela finalmente. — Meu pai era bastante ocidentalizado, mas acima de tudo era um homem saudita, o que significa que tinha minha vida em suas mãos. Mesmo depois de sua morte, eu continuava com medo de meu pai. E mesmo na morte, nunca me permiti ficar decepcionada com ele.

— Mas você não era uma criança saudita típica.

— É verdade — admitiu ela. — Meu pai me deu muita liberdade quando estávamos no Ocidente. Mas essa liberdade não se estendia à Arábia Saudita ou a nossa relação pessoal. Meu pai era como Al-Saud: era o monarca absoluto da nossa família. E eu sabia exatamente o que aconteceria se eu saísse da linha.

— Ele ameaçou você?

— Claro que não. Meu pai nunca me dirigiu uma palavra ríspida. Não precisava. As mulheres na Arábia Saudita conhecem o seu lugar. Desde as primeiras menstruações, são escondidas embaixo de um véu negro. E que os céus as ajudem se desonrarem o homem que detém controle sobre elas.

Agora ela estava um pouco mais ereta, como se consciente de sua postura. A luz inconstante da lareira tinha apagado os primeiros sinais do tempo de seu rosto. No momento, ela parecia a jovem insolente e de beleza estonteante que eles tinham visto pela primeira vez muitos anos atrás andando pelas ruas de pedra da Masons Yard. Nadia tinha sido um problema a mais durante a operação contra o pai dela, um incômodo. Nem Gabriel conseguia acreditar direito que a filha mimada de Zizi al-Bakari tinha se transformado na mulher elegante e reflexiva sentada à sua frente.

— A honra é muito importante na psique do homem árabe — continuou ela. — Honra é tudo. Foi uma lição que aprendi de forma

bem dolorosa quando tinha 18 anos. Uma das minhas melhores amigas era uma garota chamada Rena. Era de uma boa família, nem de perto tão rica quanto a nossa, mas proeminente. Rena tinha um segredo. Estava apaixonada por um bonito jovem egípcio que conheceu num shopping de Riad. Encontravam-se no apartamento dele. Avisei a Rena que aquilo era perigoso, mas ela se recusou a parar de encontrar o homem. No fim das contas, a *mutaween*, a polícia religiosa, flagrou os dois juntos. O pai de Rena ficou tão mortificado que tomou a única atitude possível, pelo menos na cabeça dele.

— Uma morte por honra?

Nadia assentiu lentamente.

— Rena foi presa a pesadas correntes. Depois, com o resto da família olhando, foi jogada na piscina da própria casa. A mãe e as irmãs foram obrigadas a assistir. Não falaram nada. Não fizeram nada. Estavam impotentes.

Nadia ficou em silêncio.

— Quando descobri o que tinha acontecido eu fiquei arrasada — disse por fim. — Como um pai podia ser tão bárbaro e primitivo? Como podia matar a própria filha? Mas quando fiz essas perguntas a meu pai, ele me disse que era a vontade de Alá. Rena teve que ser castigada por seu comportamento imprudente. Simplesmente precisava ser feito. — Fez uma pausa. — Nunca esqueci a expressão de meu pai quando ele falou essas palavras. Era a mesma expressão que vi no rosto dele muitos anos depois enquanto assistia ao desmoronamento do World Trade Center. Era uma terrível tragédia, dizia, mas era a vontade de Alá. Simplesmente precisava acontecer.

— Você chegou a suspeitar do envolvimento de seu pai com o terrorismo?

— É claro que não. Eu acreditava que o terrorismo era trabalho de jihadistas loucos como Bin Laden e Zawahiri, não de um homem como meu pai. Zizi al-Balcari era empresário e colecionador de arte, não um assassino. Ou ao menos era o que eu pensava.

O cigarro tinha se consumido até apenas uma ponta. Ela o esmagou no cinzeiro e imediatamente acendeu outro.

— Mas agora, com o passar do tempo, posso ver que havia uma ligação entre a morte de Rena e o assassinato de três mil pessoas inocentes no 11 de Setembro. Todos tinham um ancestral comum: Muhammad Abdul Wahhab. Enquanto essa ideologia de ódio não for neutralizada, haverá mais terrorismo e mais mulheres como Rena. Tudo o que eu faço é por ela. Rena é minha guia, meu farol.

Nadia olhou para o canto da sala onde Lavon estava sozinho, velado pela escuridão.

— Max ainda está preocupado?

— Não — respondeu Gabriel —, Max não está nada preocupado.

— O que Max está pensando?

— Max acredita que seria uma honra trabalhar com você, Nadia. E eu também.

Nadia fitou a lareira por um momento.

— Já ouvi sua proposta — disse afinal — e respondi a todas as perguntas que pretendia. Agora você tem que responder algumas minhas.

— Pode me perguntar o que você quiser.

Nadia esboçou um sorriso.

— Talvez devamos tomar um pouco do vinho que eu trouxe. Sempre achei que uma boa garrafa de Latour pode aparar as arestas das conversas mais desagradáveis.

SERAINCOURT, França

Nadia observou com atenção as mãos de Gabriel abrindo a garrafa de vinho. Serviu duas taças, ficando com uma e entregando a outra a ela.

— Nada para Max?

— Max não bebe.

— Ele é um fundamentalista muçulmano?

— Max é abstinente.

Gabriel ergueu um pouco a taça num brinde. Nadia não retribuiu. Depositou a taça de vinho na mesa com o que pareceu um cuidado exagerado.

— Há um grande número de perguntas sobre a morte de meu pai que eu nunca consegui responder — disse depois de um prolongado silêncio. — E preciso que as responda agora.

— Há restrições quanto ao que posso dizer.

— Eu aconselharia você a repensar essa posição. Senão...

— O que você quer saber, Nadia?

— Ele estava marcado para ser assassinado desde o começo?

— Muito pelo contrário.

— O que isso significa?

— Significa que os norte-americanos deixaram muito claro que seu pai era importante demais para ser tratado como um terrorista comum. Não era membro da família real, mas quase isso: descendente de uma família mercante de linhagem antiga, proveniente do Nejd, que alegava possuir laços de sangue com ninguém menos que o próprio Muhammad Abdul Wahhab.

— E isso o tornava intocável aos olhos dos norte-americanos?

— “Radioativo” foi a palavra que usaram.

— E o que aconteceu?

— Aconteceu Sarah.

— Eles machucaram Sarah?

— Ela quase morreu.

Nadia ficou em silêncio por um momento.

— Como ela foi resgatada?

— Nós lutamos num campo de batalha secreto, mas nos consideramos soldados e nunca deixamos os nossos nas mãos dos inimigos.

— Quanta nobreza.

— Pode ser que nem sempre você concorde com nossos métodos e objetivos, Nadia, mas tentamos operar segundo um certo código. Às vezes nossos inimigos fazem isso também. Mas não seu pai. Seu pai jogava pelas próprias regras. As regras de Zizi.

— E por isso foi morto numa rua cheia de gente em Cannes.

— Você preferia que fosse Londres? Ou Genebra? Ou Riad?

— Eu preferia não ter presenciado meu pai ser abatido a sangue-frio.

— Nós também. Infelizmente, não tivemos outra escolha.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Nadia encarava Gabriel. Não havia raiva nos olhos dela, só uma leve expressão de tristeza.

— Você ainda não me disse seu nome — falou por fim. — Isso não contribui para construir os alicerces de uma parceria forte e confiável.

— Acho que você já sabe meu nome, Nadia.

— Sei — admitiu ela depois de um momento. — E se os terroristas e os que os apoiam na Casa de Saud souberem que estou trabalhando com Gabriel Allon, o homem que matou meu pai, vão me declarar uma infiel. Assim, na primeira oportunidade, cortarão minha garganta. — Fez uma pausa. — Não a sua garganta, Sr. Allon. A minha.

— Estamos bem cientes dos riscos do que estamos pedindo e vamos fazer todo o possível para garantir sua segurança. Cada passo de sua jornada será cuidadosamente planejado e executado, como este encontro.

— Mas não é isso que estou pedindo, Sr. Allon. Preciso saber se você vai me proteger.

— Você tem a minha palavra — respondeu ele sem hesitar.

— A palavra do homem que matou meu pai?

— Sinto muito não poder fazer nada para mudar o passado.

Não, só o futuro.

Olhou para Eli Lavon, que, de forma admirável, escondia seu desprazer com o que estava se passando, depois olhou pelas janelas dando para o jardim do terraço.

— Ainda temos alguns minutos de sol — disse ela. — Por que não vamos dar uma volta, Sr. Allon? Há outra coisa que preciso contar.

Eles seguiram por um caminho de cascalho entre colunas de ciprestes agitados pelo vento. Nadia andava à direita de Gabriel. No começo, ela parecia cautelosa em chegar muito perto, mas quando se embrenharam mais entre as árvores, Lavon notou a mão dela repousando com discrição sobre o braço de Gabriel. Parou uma vez, como se compelida a fazer isso devido à gravidade de suas palavras, e uma segunda vez na beira de uma fonte inativa no centro do jardim. Ficou ali sentada por vários minutos, passando a mão, como uma criança, pela superfície da água, enquanto a última luz do dia se esvaía. A essa altura, Lavon quase não conseguia enxergá-los. Só viu Gabriel levar a mão brevemente ao rosto de Nadia, depois nada mais até eles saírem andando pela trilha em direção à casa, com Nadia se apoiando no braço de Gabriel.

Quando voltaram à sala de estar, Gabriel chamou o restante da equipe e a festa continuou. Por insistência de Gabriel, eles não falaram nada sobre seus passados em comum e o futuro incerto. Não havia uma guerra global ao terror, nenhuma nova rede que precisava ser desmantelada, nenhuma razão para se preocupar. Havia apenas um bom vinho, um bom papo e um grupo de bons amigos que na verdade não eram amigos. Nadia, como Gabriel, se manteve observando aquela fingida alegria. Continuou posando para seu retrato, os olhos vagando lentamente de um rosto para o outro, como se fossem peças de um quebra-cabeça que tentava montar. De vez em quando ela lançava um olhar para as mãos de Gabriel. Ele não tentou escondê-las, pois agora não havia nada a esconder. Estava claro para Lavon e o resto da equipe que Gabriel não tinha mais dúvidas a respeito das intenções de Nadia. Como dois amantes, eles tinham consagrado seus laços ao partilhar segredos.

Passavam alguns minutos das sete quando Gabriel deu o sinal de que a festa estava no fim. Ao se levantar, de repente Nadia pareceu tonta. Deu boa-noite a todos e, com Zoe a seu lado, andou pelo pátio às escuras até o carro onde Rafiq al-Kamal esperava por ela. Durante a volta a Paris, mais uma vez ela falou sem parar, dessa vez sobre os novos amigos, Thomas e Jenny Fowler. Gabriel monitorou a conversa pelo BlackBerry de Zoe. Na manhã seguinte, ele observou quando o ícone piscante se movia da Place de la Concorde até o Aeroporto Charles de Gaulle. Enquanto esperava o voo, Zoe ligou para seu produtor em Nova York para dizer que, pelo menos por ora, a exclusiva com Al-Bakari não ia acontecer. Em seguida, num sussurro provocante, disse a Gabriel:

— Hora da despedida, querido. Não hesite em me ligar se precisar de alguma outra coisa.

Gabriel esperou até Zoe estar a bordo em segurança antes de desabilitar o software no telefone dela. A luz piscou mais três vezes. E ela sumiu da tela.

SERAINCOURT, França

A operação começou para valer às 10h15 da manhã seguinte, quando Nadia al-Bakari informou a seus diretores que pretendia estabelecer uma parceria com a Thomas Fowler Associates, uma empresa de investimentos pequena porém muito bem-sucedida com sede em Londres. Naquela tarde, acompanhada apenas por seus seguranças, ela foi de carro até a casa do Sr. Fowler ao norte de Paris para a primeira rodada de negociações. Mais tarde, ela definiria as conversações como intensas e produtivas, e por acaso as duas características eram verdadeiras.

Ela voltou no dia seguinte e no outro também. Por razões que não revelou aos outros, Gabriel dispensou muito do treinamento habitual e se concentrou em especial na história de fachada de Nadia. Não era difícil de assimilar, pois, em sua maior parte, correspondia aos fatos.

— É a *sua* história — explicou Gabriel apenas com um ligeiro reordenamento dos detalhes relevantes. É uma história de assassinato, vingança e ódio tão antiga como o Oriente Médio. De agora em diante, Nadia al-Bakari não é mais parte da solução. Nadia é exatamente igual ao pai. É parte do problema. Ela é a razão pela qual os árabes nunca vão conseguir escapar de sua história.

Yossi ajudou Nadia nas questões superficiais relacionadas a sua atuação, mas em quase tudo o mais ela confiou nas instruções de Sarah. De início, Gabriel ficou apreensivo com o reatamento da amizade entre as duas, mas Lavon considerou valorosa a nova ligação. Sarah era uma lembrança conveniente da maldade de Zizi. E diferente de Rena, Sarah tinha olhado nos olhos do monstro e o derrotado. Era uma Rena sem correntes, uma Rena ressuscitada.

Nadia se mostrou uma ótima aluna, mas Gabriel já esperava isso. Sua preparação se tornou mais fácil porque, tendo uma vida dupla havia anos, ela era uma dissimuladora nata. Tinha ainda duas

importantes vantagens em relação a outros que tentaram penetrar no movimento jihadista: seu nome e os guarda-costas. O nome era garantia de acesso imediato e credibilidade, enquanto seus guarda-costas lhe davam uma segurança de que a maioria dos agentes não dispunha. Filha única de um bilionário saudita assassinado, Nadia era um dos cidadãos mais bem protegidos do mundo. Não importava aonde fosse, estava sempre cercada por sua leal guarda palaciana, além de um anel secundário de seguranças do Escritório. Chegar até ela seria quase impossível.

O item mais valioso de Nadia, porém, era o dinheiro. Gabriel confiava que não faltariam pretendentes quando ela retornasse ao mundo do jihad e do terror. O desafio para Gabriel e sua equipe seria colocar o dinheiro nas mãos da pessoa certa. A própria Nadia sugeriu o nome de um possível candidato enquanto caminhava com Gabriel e Sarah durante uma tarde no jardim do château.

— Ele me procurou pouco depois da morte de meu pai e pediu uma doação para uma instituição beneficente islâmica. Apresentou-se como um associado de meu pai. Um irmão.

— E a instituição?

— Não era mais do que uma fachada para a Al-Qaeda. Samir Abbas é o homem que procuramos. Mesmo se não estiver envolvido com essa nova rede, ele vai conhecer gente que esteja.

— O que ele faz?

— É funcionário do TransArabian Bank nos escritórios de Zurique. Como você deve saber, o TransArabian tem sede em Dubai e é uma das maiores instituições financeiras do Oriente Médio. Também é considerado o banco preferido do movimento jihadista, do qual Samir Abbas é membro de destaque. Ele administra as contas de abastados clientes do Oriente Médio, o que o deixa numa posição privilegiada para buscar contribuições para as chamadas instituições beneficentes.

— Alguma parte de sua fortuna está atualmente sob administração do TransArabian?

— No momento, não.

Talvez você deva considerar abrir uma conta. Nada muito grande. Só o suficiente para chamar a atenção de Samir.

— Quanto devo dar a ele?

— Você teria 100 milhões disponíveis?

— Cem milhões? — Ela balançou a cabeça. — Meu pai nunca daria esse dinheiro a ele. Quanto, então?

— Vamos dar 200 milhões. — Sorriu. — Assim ele vai saber que estamos falando sério.

Doze horas depois daquela conversa, Gabriel já tinha uma equipe em Zurique e Samir Abbas encontrava-se sob vigilância do Escritório. Eli Lavon permaneceu no Château Treuille cuidando de detalhes da operação, inclusive da espinhosa questão de como uma empresária saudita de Paris iria financiar um grupo terrorista sem despertar suspeitas nas autoridades financeiras da França e de outros países da Europa. Os financiamentos secretos de Nadia ao movimento reformista árabe indicaram o caminho. Gabriel só precisava de uma pintura e de um cúmplice voluntário. Isso explicava por que na véspera de Natal, quando o resto da França se preparava para vários dias de festividades, ele pediu que Lavon o levasse de carro até a Gare du Nord. Gabriel tinha uma passagem para o trem das 15h15 até Londres e uma catastrófica dor de cabeça por não dormir. Lavon estava mais inquieto do que o normal para esse estágio da operação. Solteiro e sem filhos, ele sempre se sentia deprimido por ocasião desses feriados.

— Tem certeza de que quer levar isso adiante?

— O quê, pegar um trem para Londres na véspera de Natal? Acho que eu preferia ir andando.

— Eu estava falando de Nadia.

— Eu sei, Eli.

Lavon olhou pela janela do carro a multidão fluindo em direção à entrada da estação. Eram os tipos comuns — empresários, estudantes, turistas, imigrantes africanos, batedores de carteiras, todos vigiados de perto por policiais franceses fortemente armados. O país inteiro esperava a próxima bomba explodir. Assim como o resto da Europa.

— Algum dia você vai me contar o que ela disse a você naquela noite no jardim?

— Não, não vou.

Lavon já esperava essa resposta. Mesmo assim, não conseguia esconder o desapontamento.

— Há quanto tempo nós trabalhamos juntos?

— Há 150 anos. E até hoje nunca deixei de revelar para você uma migalha de informação importante.

— E por que agora?

— Ela me pediu.

— Você contou para sua esposa?

— Eu conto tudo para minha esposa e minha esposa não me conta nada. Faz parte do acordo.

— Você é um homem de sorte — disse Lavon. — Mais uma razão para não fazer promessas que não vai poder cumprir.

— Eu sempre cumpro minhas promessas, Eli.

— É disso que tenho medo. — Lavon olhou para Gabriel. — Você confia mesmo nela?

— Tanto quanto confio em você.

— Vá embora — disse Lavon depois de um momento. — Não quero que você perca o trem. E se por acaso avistar um homem-bomba ali, faça o favor de informar um gendarme. A última coisa que precisamos agora é você explodir uma estação ferroviária francesa.

Gabriel entregou a Lavon sua pistola Beretta 9 mm, saiu do automóvel e andou em direção aos guichês da estação. Por um milagre, o trem partiu no horário, e às cinco da tarde ele estava mais uma vez andando pelas calçadas de St. James. Depois Adrian Carter identificaria muitos simbolismos na volta de Gabriel a Londres, onde sua jornada tinha começado. Na verdade, suas razões para voltar não eram tão grandiosas. Seu plano para destruir a rede de Rashid por dentro envolvia um ato criminoso fraudulento. E havia lugar melhor para executá-lo do que no mundo artístico?

ST. JAMES, LONDRES

O cúmplice de Gabriel ainda não sabia de seus planos — o que não é de surpreender, pois não era ninguém menos que Julian Isherwood, único dono da Isherwood Fine Arts. Entre as centenas de pinturas controladas pela galeria de Isherwood estava *Madona e a Criança com Maria Madalena*, atribuída a Ticiano. No momento, porém, a pintura estava trancada no depósito subterrâneo de Isherwood, sua imagem escondida por uma camada protetora de toalhas de papel. Isherwood agora detestava aquela pintura quase tanto quanto detestava o homem que a tinha desfigurado. Aliás, na mente inquieta de Isherwood, aquele glorioso pedaço de tela veio simbolizar tudo o que estava errado em sua vida.

Para Isherwood, fora um outono a ser esquecido. Só tinha conseguido vender um quadro — uma pintura italiana menor para um pequeno colecionador de Houston — e contraído uma tosse crônica e rascante capaz de esvaziar um recinto mais depressa do que uma ameaça de bomba. Dizia-se que ele estava mais uma vez envolvido numa crise da terceira idade, sua sétima ou oitava — a contagem dependia de levar em conta ou não a prolongada Fase Azul por que passou depois de ser dispensado pela garota que operava a máquina de café expresso do Costa, em Piccadilly. Jeremy Crabbe, o atlético diretor do departamento dos Grandes Mestres da casa de leilões Bonhams, achou que uma festa-surpresa poderia levantar o ânimo do abatido Isherwood, uma ideia que Oliver Dimbleby, a nêmesis gorducha de Isherwood da Bury Street, descartou como a coisa mais tola que já ouvira. “Devido à saúde precária de Julie no momento”, observou Oliver, “uma festa-surpresa poderia matá-lo”. Sugeriu apresentar a Isherwood uma habilidosa prostituta, mas essa era a solução de Oliver para qualquer problema, pessoal ou profissional.

Na tarde em que Gabriel voltou a Londres, Isherwood fechou a galeria mais cedo e, como não tinha nada melhor a fazer, rumou para a Duke Street debaixo de uma chuva forte para tomar um drinque no Green's. Acompanhado por Roddy Hutchinson, considerado por todos o mais inescrupuloso negociante de toda St. James, Isherwood rapidamente consumiu uma garrafa de Burgundy branco, seguida por uma dose de conhaque. Pouco depois das seis, cambaleou até a rua para pegar um táxi, mas quando o veículo se aproximava, foi acometido por um terrível acesso de tosse que o impediu de erguer o braço.

— Maldição! — vociferou Isherwood quando o carro passou direto, molhando sua calça. — Maldição, maldição, maldição!

Os gritos provocaram outra rodada de tosse intermitente. Quando cessou, afinal, ele notou uma pessoa apoiada na parede de tijolos da ruela que levava à Masons Yard. Usava uma capa de chuva e uma boina puxada sobre os olhos. O pé direito estava cruzado sobre o esquerdo, e os olhos iam de um lado para o outro, examinando a rua. Observou Isherwood por um instante com um misto de preocupação e pena. Em seguida, sem uma palavra ou som, virou-se e começou a atravessar o antigo pátio de macadame. Contra a vontade, Isherwood o seguiu, tossindo como um paciente tuberculoso a caminho do sanatório.

— Deixe-me ver se entendi bem — disse Isherwood. — Primeiro você recobre meu Ticiano com cola de rabo de coelho e toalhas de papel. Depois põe o quadro no meu depósito e desaparece sem dar notícia. Agora reaparece sem avisar, parecendo exausto, e me diz que precisa do Ticiano para um de seus pequenos projetos extracurriculares. Será que esqueci alguma coisa?

— Julian, para esse esquema funcionar, eu vou precisar que você engane o mundo da arte e se comporte de uma forma que alguns colegas seus poderão considerar antiética.

— Isso faz parte do meu trabalho, queridinho — retrucou Isherwood dando de ombros. — Mas o que *eu* ganho com isso?

— Se der certo, não haverá mais ataques como aquele de Covent Garden.

— Até o surgimento de algum outro lunático jihadista. Aí voltaremos à estaca zero, não é? Deus sabe que não sou perito no assunto, mas me parece que o jogo terrorista é meio parecido com o mercado de arte. Tem seus altos e baixos, suas boas e más temporadas, mas nunca termina.

Na sala de exposições da galeria de Isherwood no andar superior, as lâmpadas do teto brilhavam com a suavidade de velas. A chuva tamborilava na claraboia e o casaco ensopado do marchand, que ele ainda não tinha tirado, pingava. Isherwood franziu a testa ao ver uma poça no assoalho e olhou para a pintura apoiada no pedestal coberto por um tecido grosso.

— Você sabe quanto vale essa coisa?

— Num leilão justo, 10 milhões estaria ótimo. Mas no leilão que tenho em mente...

— Garoto levado — interrompeu Isherwood. — Muito, muito levado.

— Você falou com alguém sobre isso, Julian?

— Sobre a pintura? — Isherwood balançou a cabeça. — Nem um pio.

— Tem certeza? Nenhum momento de indiscrição no balcão do Greens? Nenhuma confidência na cama com aquela garota absurdamente jovem da Tate?

— O nome dela é Penélope — disse Isherwood.

— Ela sabe sobre o quadro, Julian?

— É claro que não. Não é assim que funciona quando se tem um trunfo, meu querido. Ninguém sai se vangloriando por uma coisa dessas. Fica-se em silêncio até chegar o momento certo. Só depois se faz o anúncio com o alarde de praxe. Espera-se também uma compensação pela própria esperteza. Mas, no seu panorama, eu devo, na verdade, ter prejuízo... pelo bem dos filhos de Deus, é claro.

— Seu prejuízo será temporário.

— Quanto tempo?

— A CIA está cobrindo todas as despesas operacionais.

— Não é uma frase que se ouve todos os dias numa galeria de arte.

— De qualquer forma, você vai ser reembolsado, Julian.

— Claro que vou — falou Isherwood com uma falsa confiança. — Isso me lembra da vez em que Penélope me disse que o marido dela não chegaria na próxima hora. Eu estou velho demais para pular muros de jardins.

— Continua se encontrando com ela?

— Penélope? Ela me deu o fora — respondeu Isherwood, meneando a cabeça. — No fim, todas elas acabam indo embora. Mas não você, meu querido. E nem essa maldita tosse. Estou começando a pensar nela como uma velha amiga.

— Você já foi ao médico?

— Não consegui marcar uma consulta. O Sistema Nacional de Saúde anda tão ruim atualmente que estou pensando em entrar para a Igreja de Cristo Cientista.

— Achei que você era hipocondríaco.

— Ortodoxo, na verdade. — Isherwood pegou a ponta de uma toalha de papel no canto superior direito da tela.

— Cada pedaço de pintura que você tirar do lugar eu tenho que colocar de volta.

— Desculpe — disse Isherwood, enfiando a mão no bolso do casaco. — Existe um precedente para isso, sabe. Alguns anos atrás, a Christie's vendeu um quadro atribuído à Escola de Ticiano pelo valor irrisório de 8 mil libras. Mas a tela não era da Escola de Ticiano. Era do *próprio* Ticiano. Como você pode imaginar, os donos não ficaram muito satisfeitos. Acusaram a Christies de malversação. Advogados se envolveram. Houve histórias cabeludas na imprensa. Más vibrações por toda parte.

— Talvez possamos dar à Christies uma oportunidade de se redimir.

— Talvez eles gostassem. Mas tem um problema.

— Só um?

— Nós já perdemos as vendas dos Grandes Mestres.

— É verdade — concordou Gabriel —, mas você está se esquecendo do leilão especial da Escola de Veneza programado para a primeira semana de fevereiro. Um Ticiano recém-descoberto poderia ser a coisa certa para animar um pouco mais o evento.

— Garoto levado. Muito, muito levado.

— Eu me declaro culpado.

— Considerando minhas ligações passadas com certos elementos desagradáveis dessa operação, seria melhor manter alguma distância entre a galeria e a venda final. Isso quer dizer que vamos precisar recrutar os serviços de outro marchand. Dadas as circunstâncias, vai ter que ser ambicioso, furtivo, astuto e um merdinha de primeira classe.

— Já sei em quem você está pensando — disse Gabriel —, mas tem certeza de que ele pode dar conta?

— Ele é perfeito — respondeu Isherwood. — Agora só precisamos de um Ticiano que pareça autêntico.

— Acho que eu posso conseguir isso.

— Onde você pretende trabalhar?

Gabriel olhou ao redor do salão.

— Aqui é um ótimo lugar.

— Há algo mais de que você precise?

Gabriel entregou uma lista. Isherwood colocou os óculos de leitura e franziu a testa.

— Um rolo de linho italiano, um ferro de passar profissional, um par de visores de aumento, um litro de acetona, um litro de ácido glicólico, um litro de solução mineral, uma dúzia de pincéis Winsor & Newton série 7, duas lâmpadas de halogênio com pedestal, um disco de *La Bohème*, de Giacomo Puccini... — Olhou para Gabriel por cima dos óculos. — Você sabe quanto isso vai me custar?

Mas Gabriel pareceu não ter ouvido. Estava diante da tela, uma das mãos apoiando o queixo, a cabeça inclinada para o lado numa atitude meditativa.

Gabriel acreditava que a arte da restauração era meio parecida com fazer amor. Era melhor fazer devagar e com atenção esmerada aos detalhes, com pausas ocasionais para descanso e distração. Mas, numa emergência, se o artista e a obra se conhecerem bem, uma restauração pode ser feita numa velocidade extraordinária, com mais ou menos os mesmos resultados.

Gabriel se lembraria muito pouco dos dez dias seguintes, pois foram um borrão quase insone de linho, solvente, líquidos e pigmentos ao som da música de Puccini e iluminados pelo brilho ofuscante das lâmpadas de halogênio. Seus temores iniciais quanto

à condição da tela felizmente se provaram exagerados. De fato, assim que ele concluiu o novo revestimento e removeu o verniz amarelado, descobriu que o trabalho original de Ticiano estava na maior parte intacto, exceto por uma série de manchas no corpo da Virgem e quatro linhas de abrasão provocadas pelo antigo esticador. Como já havia restaurado diversos Ticianos, Gabriel foi capaz de restaurar a pintura quase tão rapidamente quanto o próprio mestre ao pintá-la. Sua paleta era a paleta de Ticiano, bem como suas pinceladas. Apenas as condições de seu estúdio eram diferentes. Ticiano sem dúvida trabalhava com uma equipe de talentosos aprendizes, enquanto Gabriel não tinha assistente a não ser Julian Isherwood, o que significava ajuda nenhuma.

Sem um relógio, ele tinha apenas uma vaga noção do tempo, e quando raramente dormia, era numa cama de armar no canto do recinto, embaixo de uma luminosa paisagem de Claude. Tomava baldes de café do Costa e sobreviveu à base de biscoitos que Isherwood contrabandeava da Fortnum & Mason para a galeria. Sem tempo para se barbear, deixou a barba crescer. Para sua surpresa, estava ainda mais grisalha do que da última vez. Isherwood disse que a barba lhe dava a impressão de que o próprio Ticiano estava diante da tela. Em vista da incrível habilidade de Gabriel com um pincel, não estava muito longe da verdade.

Em sua última noite em Londres, Gabriel passou na Thames House, o quartel-general do MI5 na margem do rio Tâmesa, onde, como prometido, ele informou a Graham Seymour que a operação tinha vindo dar nas Ilhas Britânicas. O humor de Seymour estava terrível e seus pensamentos, nitidamente em outro lugar. O filho do futuro rei estava decidido a se casar no fim da primavera, e cabia a Seymour e seus colegas da Polícia Metropolitana cuidar para que nada estragasse a ocasião. Ouvindo as lamúrias de Seymour, Gabriel não pôde deixar de pensar nas palavras de Sarah quando se falaram no pátio do café em Georgetown. Londres está sempre ao alcance. Londres pode ser atacada à vontade.

Como que para ilustrar o ponto de vista, Gabriel saiu da Thames House e encontrou a Jubilee Line do metrô fechada na hora de pico devido a um pacote suspeito. Voltou para a Masons Yard a pé e, com Isherwood observando-o, aplicou uma camada de verniz ao

Ticiano recém-restaurado. Na manhã seguinte, instruiu Nadia a depositar 200 milhões de dólares no TransArabian Bank. Depois pegou um táxi e foi em direção ao Aeroporto de Heathrow.

ZURIQUE

Poucos países tiveram papel mais proeminente na vida e na carreira de Gabriel Allon do que a Confederação Suíça. Ele falava fluentemente três de suas quatro línguas e conhecia seus vales e montanhas como as curvas e reentrâncias do corpo da esposa. Já tinha matado na Suíça, já tinha sido sequestrado na Suíça e já tinha exposto alguns de seus segredos mais repulsivos. Um ano antes, num café na base das geleiras Les Diablerets, havia feito um voto solene de nunca mais pôr os pés no país. Era engraçado como as coisas pareciam nunca correr de acordo com o planejado.

Atrás do volante de um Audi alugado, ele passou pelos sombrios bancos e lojas da Bahnhofstrasse e entrou numa estrada movimentada que margeava a costa oeste do lago Zurique. O esconderijo estava localizado três quilômetros ao sul do centro da cidade. Era uma estrutura moderna, com janelas demais para o gosto de Gabriel e um ancoradouro em forma de T coberto de neve. Ao entrar, ouviu uma voz feminina cantando suavemente em italiano. Sorriu. Chiara sempre cantava para si mesma quando estava sozinha.

Deixou a mala no vestíbulo e seguiu o som até a sala de estar, que tinha sido convertida num posto de comando provisório. Chiara olhava a tela de um computador ao mesmo tempo que descascava uma laranja. Quando a beijou, sentiu seus lábios muito quentes, como se ela estivesse com febre. Foi um longo beijo.

— Eu sou Chiara Allon — murmurou ela, afagando a barba desgrenhada dele.

— E quem seria você?

— Já não sei muito bem.

— Dizem que a idade causa problemas de memória — comentou ela, ainda o beijando. — Você devia tentar óleo de peixe. Ouvi dizer que ajuda.

— Prefiro dar uma mordida nessa laranja.

— Imagino que sim. Faz tempo.

— Já faz muito tempo.

Chiara dividiu a fruta e pôs uma parte na boca de Gabriel.

— Onde está o resto da equipe? — perguntou ele.

— Estão vigiando um funcionário do TransArabian Bank que tem ligações com o movimento jihadista.

— Então você está sozinha?

— Agora não mais.

Gabriel desabotoou a blusa de Chiara. Seus mamilos logo ficaram enrijecidos ao seu contato. Ela deu a ele outro pedaço da fruta.

— Talvez seja melhor não fazermos isso na frente de um computador — falou.

— A gente nunca sabe quem pode estar vendo.

— Quanto tempo nós temos?

— Tanto quanto você precisar.

Chiara pegou a mão dele e levou-o para cima.

— Devagar — disse, quando ele a pôs na cama. — Devagar.

O quarto estava na penumbra quando Gabriel afastou-se exausto do corpo de Chiara. Ficaram deitados em silêncio por um longo tempo, perto um do outro mas sem se tocarem. De fora vinha o ruído distante de um barco, seguido um momento depois pelo som da marola batendo no ancoradouro. Chiara apoiou-se no cotovelo e passou o dedo ao longo do nariz de Gabriel.

— Quanto tempo você pretende manter?

— Já que preciso dele para respirar, pretendo manter o quanto for possível.

— Eu estava falando da barba, querido.

— Eu a odeio, mas algo me diz que posso precisar dela durante essa operação.

— Talvez você devesse mantê-la depois da operação também. Acho que você fica...

— Não diga isso, Chiara.

— Eu ia dizer distinto.

— É o mesmo que chamar uma mulher de elegante.

— Qual é o problema?

— Você vai entender quando as pessoas começarem a dizer que você é elegante.

— Não vai ser tão ruim.

— Isso nunca vai acontecer, Chiara. Você é bonita e sempre será bonita. E se eu continuar com essa barba depois da operação, as pessoas vão começar a pensar que você é minha filha.

— Agora você está sendo insensato.

— Biologicamente, é possível.

— O quê?

— Você ser minha filha.

— Eu nunca tinha pensado nisso.

— Nem pense.

Ela riu em silêncio e não disse nada.

— No que está pensando agora? — perguntou Gabriel.

— No que poderia ter acontecido se você não tivesse notado aquele homem com a bomba debaixo do casaco andando pela Wellington Street. Nós estaríamos almoçando quando a bomba explodisse. Teria sido uma tragédia, claro, mas nossas vidas continuariam normais, como as de todo mundo.

— Talvez isso *seja* o normal para nós, Chiara.

— Casais normais não fazem amor em esconderijos.

— Na verdade, eu sempre gostei de fazer amor com você em esconderijos.

— Eu me apaixonei por você num esconderijo.

— Onde?

— Em Roma. Aquele apartamentinho próximo à Via Veneto para onde eu levei você quando a Polizia di Stato tentou matá-lo naquela terrível *pensione* perto da estação de trem.

— Em Abruzzi — disse Gabriel com pesar. — Que pena.

— Mas o esconderijo era adorável.

— Você mal me conhecia.

— Na verdade, eu o conhecia muito bem.

— Você preparou um fettuccine com cogumelos.

— Eu só faço fettuccine com cogumelos para pessoas que amo.

— Faça um agora.

— Você tem trabalho a fazer antes.

Chiara ligou um interruptor na parede acima da cama. Uma minúscula lâmpada de halogênio para leitura ofuscou Gabriel.

— Precisa disso? — perguntou, apertando os olhos.

— Senta.

Ela pegou uma pasta da mesinha de cabeceira e entregou a ele. Gabriel abriu-a e, pela primeira vez, viu Samir Abbas. O rosto era anguloso, com óculos, barba rala, pensativos olhos castanhos e entradas profundas no cabelo. Quando a foto foi tirada, ele andava por uma rua na parte residencial de Zurique. Usava terno cinza, o uniforme dos banqueiros suíços, e uma gravata prateada. A pasta parecia cara, assim como os sapatos. O sobretudo estava desabotoado e as mãos, sem luvas. Falava ao celular. A julgar pelos lábios, Gabriel imaginou que estivesse falando alemão.

— Esse é o homem que vai ajudar você a comprar um grupo terrorista — disse Chiara. — Samir Abbas, nascido em Amã em 1967, formado pela Escola de Economia de Londres e contratado pelo TransArabian Bank em 1998.

— Onde ele mora?

— Em Hottingen, perto da universidade. Quando o tempo está bom, ele vai a pé para o trabalho, para emagrecer. Se está ruim, pega o bonde de Römerhof até o distrito financeiro.

— Que bonde?

— O número oito, é claro. Que outro?

Chiara sorriu. Seu conhecimento do transporte público europeu, assim como o de Gabriel, era enciclopédico.

— Onde é o apartamento dele?

— Número 4 da Carmenstrasse. Um pequeno prédio pós-guerra, com o exterior de estuque, seis apartamentos ao todo.

Esposa?

— Dá uma olhada na próxima foto.

Mostrava uma mulher andando pela mesma rua. Usava roupas ocidentais, com exceção de um *hijab* emoldurando o rosto infantil. Segurando sua mão esquerda, estava um garoto, talvez de 4 anos. Levada pela mão direita, uma garota que parecia ter 8 ou 9.

— O nome dela é Johara, que significa “joia” em árabe. Trabalha meio período como professora no centro comunitário islâmico na zona oeste da cidade. A filha mais velha estuda lá. O garoto passa o

dia numa creche. Os dois falam alemão-suíço com fluência, mas Johara se sente muito mais confortável com o árabe.

— Samir frequenta a mesquita?

— Ele reza no apartamento. Os filhos gostam de desenhos animados norte-americanos, para desgosto do pai. Mas sem música. Música é estritamente proibida.

— Ela sabe sobre as doações de Samir?

— Como os dois usam o mesmo computador, seria difícil não saber.

— Onde fica o computador?

— Na sala de estar. Nós o grampeamos no dia em que chegamos. Ele nos dá uma razoável cobertura de áudio e vídeo. Estamos também lendo os e-mails dele e monitorando a navegação. Seu amigo Samir gosta de pornografia jihadista.

— E o celular dele?

— Deu um pouco mais de trabalho, mas conseguimos também.

— Chiara apontou para a foto de Samir. — Ele leva o aparelho no bolso direito do sobretudo. Nós o grampeamos no bonde enquanto ele ia para o trabalho.

— Nós?

— Yaakov cuidou do esbarrão, Oded pegou o celular e Mordecai cuidou da parte técnica. Samir estava lendo jornal. A coisa toda levou dois minutos.

— Por que ninguém me falou nada sobre isso?

— Não queríamos incomodar.

— Alguma outra coisa que tenham se esquecido de me contar?

— Só uma.

— O quê?

— Estamos sendo vigiados.

— Pelos suíços?

— Não, não pelos suíços.

— Por quem?

— Três chances. As duas primeiras não contam.

Gabriel pegou seu BlackBerry criptografado e começou a digitar.

LAGO ZURIQUE

Demorou quase 48 horas para Adrian Carter chegar a Zurique. Encontrou Gabriel no fim da tarde na plataforma de uma balsa com destino ao subúrbio de Rapperswil. Usava uma capa de chuva marrom-clara e levava um exemplar do jornal *Neue Zürcher Zeitung* embaixo do braço. O papel estava molhado de neve.

— Estou surpreso por você não estar usando as credenciais da Agência — comentou Gabriel.

— Eu tomei precauções ao vir aqui.

— Como viajou?

— Classe econômica plus — respondeu Carter, ressentido.

— Você disse aos suíços que vinha?

— Você deve estar brincando.

— Onde está hospedado?

— Não estou.

Gabriel olhou em direção à silhueta de Zurique, pouco visível atrás de um manto de nuvens baixas e neve caindo. A cena inteira era desbotada — uma cidade cinzenta à beira de um lago cinzento. Combinava com o estado de espírito de Gabriel.

— Quando você pretendia me contar, Adrian?

— Contar o quê?

Gabriel entregou a Carter um envelope de carta em branco. Dentro havia oito fotos de oito diferentes agentes de campo da CIA.

— Quanto tempo demorou para localizá-los? — perguntou Carter, passando lentamente as fotos.

— Você quer mesmo que eu responda essa pergunta?

— Acho que não. — Carter fechou o envelope. — Meu melhor pessoal está ocupado em outros lugares no momento. Tive que usar o que havia disponível. Dois deles são recém-saídos da Fazenda, como costumamos chamar.

A Fazenda era o campo de treinamento da CIA em Camp Peary, na Virgínia.

— Você destacou principiantes para nos vigiar? Se eu não estivesse tão bravo, me sentiria insultado.

— Tente não levar para o lado pessoal.

— Esse seu truque poderia ter detonado a coisa toda. Os suíços não são burros, Adrian. Aliás, eles são muito bons. Eles observam. E ouvem também. E ficam muito aborrecidos quando espiões operam no território deles sem assinar o livro de hóspedes na entrada. Até mesmo experientes agentes de campo já se encrencaram aqui, inclusive nossos. E o que Langley faz? Manda oito garotos sem experiência que não vêm à Europa desde que fizeram o último ano do colégio no exterior. Sabia que um deles trombou com Yaakov uns dias atrás porque estava olhando para baixo, atento a um mapa da cidade de Zurique? Essa é para entrar para a história, Adrian.

— Você já provou seu argumento.

— Ainda não — retrucou Gabriel. — Quero todos fora daqui. Esta noite.

— Receio não ser possível.

— Por quê?

— Porque a alta cúpula está bastante interessada em sua operação. E a alta cúpula decidiu que ela exige um componente operacional norte-americano.

— Diga à alta cúpula que já existe um componente operacional norte-americano. Chama-se Sarah Bancroft.

— Uma simples analista do Centro de Contraterrorismo não conta.

— Essa simples analista poderia superar os oito imbecis que você mandou para nos observar.

Carter olhou para o lago sem dizer nada.

— O que está acontecendo, Adrian?

— Não é o quê. É quem. — Carter devolveu o envelope a Gabriel. — Quanto vai me custar para você queimar essas malditas fotos?

— Pode começar a falar.

LAGO ZURIQUE

Havia um pequeno café no convés superior da cabine de passageiros. Carter bebeu um café turvo. Gabriel tomou chá. Os dois dividiram um sanduíche de ovo borrachudo e um saco de batatas fritas passadas. Carter guardou a nota para lançar em suas despesas.

— Eu pedi para você manter o nome dela em segredo — disse Gabriel.

— Eu tentei.

— O que aconteceu?

— Alguém passou a informação para a Casa Branca. Fui levado ao Salão Oval para um intenso interrogatório. McKenna e o presidente trabalharam juntos, tira bom, tira mau. Posições estressantes, privação de sono, suspensão de comida e bebida, todas as técnicas que agora estamos proibidos de usar contra o inimigo. Não levou muito tempo para eles me vencerem. Ele também sabe o nome da mulher muçulmana com incontestáveis credenciais jihadistas que você levou para a cama... falando em termos operacionais, é claro.

— E...?

— Ele não está feliz.

— É mesmo?

— Tem medo de que as relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita sejam prejudicadas se a operação sair dos trilhos. Logo, não quer mais que Langley seja um simples passageiro.

— Ele quer que você pilote o avião?

— Não só isso — respondeu Carter. — Quer que cuidemos da manutenção, do combustível, da cozinha e da bagagem no compartimento de carga.

— Controle total? É isso que você quer dizer?

— Sim.

— Não faz sentido, Adrian.

— Que parte?

— A coisa toda, francamente. Se nós conduzirmos o espetáculo, o presidente pode negar qualquer responsabilidade para os sauditas se algo der errado. Mas se Langley estiver no comando, as chances de isso acontecer desaparecem. É o mesmo que bloquear um soco com o queixo.

— Sabia que eu não tinha visto as coisas nesses termos, Gabriel? — Carter pegou a última batata frita. — Posso?

— Faça bom proveito.

Carter jogou a batata na boca e passou um longo tempo pensativo esfregando a ponta dos dedos para tirar o sal.

— Você tem direito de ficar irritado — disse afinal. — Se eu fosse você, também estaria irritado.

— Por quê?

— Porque desembarquei na cidade com uma história fraca achando que iria colar, mas você merece mais do que isso. A verdade é que o presidente e seu fiel e ignorante servo James A. McKenna não estão preocupados com o fracasso da operação Al-Bakari. Na verdade, eles estão preocupados com o sucesso.

— Tente outra vez, Adrian. Os dias têm sido difíceis.

— Parece que o presidente está perdido de amor.

— Quem é a garota de sorte?

— Nadia — murmurou Carter ao passar o guardanapo de papel na boca. — Está louco por ela. Adora a história dela. Adora sua coragem. Mais importante, adora a operação que você montou ao redor dela. É exatamente o tipo de coisa que estava querendo. Honesta. Inteligente. Pró-ativa. De longo alcance. E se encaixa à perfeição na visão de mundo do presidente. Uma parceria entre o Islã e o Ocidente para derrotar as forças do extremismo. Uma vitória da inteligência sobre a força bruta. Ele quer a rede de Rashid subjugada e neutralizada antes da próxima eleição e não quer dividir os créditos.

— Então ele quer seguir sozinho? Sem parcerias?

— Não exatamente — respondeu Carter. — Quer que recrutemos os franceses, os ingleses, os dinamarqueses e os espanhóis, pois eles que foram atacados.

— Não quer chamar os italianos também, não?
— Não, eles estão muito bem, pelo que ouvi.
— Precisava saber — disse Gabriel. — Adrian, não é uma mera ação publicitária. É uma doutrina sagrada. Impede que uma operação vá pelos ares. Mantém os agentes vivos.
— Suas preocupações foram devidamente registradas.
— E descartadas.

Carter não disse nada.

— Como ficamos eu e o resto da equipe nisso tudo?
— Sua equipe vai se retirar sem alarde do campo e ser substituída pelo pessoal da Agência. Você vai ficar como consultor até o espetáculo ter começado.

— E depois?
— Você vai ser liberado do processo.
— Pois eu tenho notícias para você, Adrian. O espetáculo já começou. Aliás, a estrela do espetáculo vai fazer sua estreia aqui em Zurique amanhã à tarde.

— Vamos ter que adiar isso até a nova equipe administrativa estar no lugar.

Gabriel fitou as luzes fracas de Rapperswil na linha da costa.

— Você está esquecendo uma coisa — disse depois de um momento. — A estrela do espetáculo é uma diva. Muito exigente. E não vai trabalhar para qualquer um.

— Você quer dizer que ela vai trabalhar para você, o homem que matou o pai dela, mas não para nós?

— Sim.

— Eu gostaria de verificar essa afirmação pessoalmente.

— Fique à vontade. Se quiser falar com Nadia, ela pode ser contactada em seu escritório no Boulevard Haussmann, no nono arrondissement, em Paris.

— Na verdade, tínhamos a esperança de que você trabalhasse conosco durante a transição.

— Esperança não é uma estratégia aceitável quando vidas estão em risco. — Gabriel ergueu o envelope com as fotos. — Além do mais, se eu fosse aconselhar Nadia, recomendaria que ficasse o mais longe possível de você e de seus agentes recém-saídos da Fazenda.

— Eu e você somos adultos. Participamos de guerras juntos. Salvamos vidas. Fizemos os trabalhos sujos que ninguém mais queria fazer ou não tinha coragem para fazer. Mas agora estou ficando ofendido.

— Fico contente de não ser o único.

— Você acha mesmo que isso é uma coisa que eu *quero* fazer? Ele é o presidente, Gabriel. Eu só posso seguir as ordens dele ou pedir demissão. E não tenho intenção de me demitir.

— Então, por favor, diga ao presidente que eu lhe desejo tudo de bom — disse Gabriel. — Mas alguma hora você precisa lembrar a ele que Nadia é só o primeiro passo para dismantelar a rede de Rashid. No fim, a operação não vai ser honesta, inteligente e pró-ativa. Só espero que o presidente não se apaixone quando chegar a hora de tomar decisões firmes.

A balsa estremeceu quando atracou no ancoradouro. Gabriel levantou-se abruptamente. Carter recolheu as xícaras vazias e os guardanapos e varreu as migalhas para o chão com as costas da mão.

— Eu preciso saber de suas intenções.

— Pretendo voltar a meu posto de comando e informar a minha equipe que vamos para casa.

— É sua decisão final?

— Eu nunca faço promessas vazias.

— Então me faça um favor.

— Que favor?

— Dirija devagar.

Os dois saíram da balsa com um intervalo de alguns segundos e caminharam pelo píer escorregadio até um pequeno estacionamento na ponta do terminal. Carter sentou no banco do carona de um Mercedes e rumou para a fronteira alemã; Gabriel assumiu o volante de seu Audi, passando pela ponte de Seedamm, em direção à margem oposta do lago. Apesar do conselho de Carter, estava dirigindo bem rápido. Assim, já tinha chegado no esconderijo quando Carter ligou outra vez com o resumo do novo acordo operacional. Seus parâmetros eram simples e nada ambíguos. Gabriel e sua equipe manteriam seu domínio no campo

enquanto a operação não chegasse ao solo sagrado da Arábia Saudita. No momento, disse Carter, não havia espaço para novas negociações. O presidente não iria permitir que a inteligência de Israel aprontasse na terra de Meca e de Medina. A Arábia Saudita era uma inflexão no jogo. A Arábia Saudita era um campo minado. Se a operação atravessasse a fronteira saudita, explicou Carter, tudo iria por água abaixo. Gabriel desligou e ficou sozinho no escuro, pensando no que fazer. Dez minutos depois, ligou para Carter e aceitou os novos termos com relutância. Então entrou na casa e informou à equipe que eles não continuariam em ação por muito tempo.

PARIS

Longe da mansão na avenue Foch, Nadia al-Bakari havia construído para ela um confortável *pied-à-terre*. Continha um escritório, uma sala de estar, sua suíte e uma galeria de arte particular com doze de suas mais queridas pinturas. Espalhavam-se pelo apartamento muitas fotografias de seu pai. Em nenhuma ele estampava um sorriso, preferindo mostrar a *juhayman*, a tradicional “expressão zangada” dos beduínos árabes. A única exceção era uma foto espontânea tirada por Nadia a bordo do *Alexandra* no último dia da vida dele. Sua expressão era um pouco melancólica, como se ele de alguma forma estivesse ciente do que o esperava mais tarde naquela noite no Velho Porto de Cannes.

Emoldurada em prata, a imagem ficava na mesinha de cabeceira da cama de Nadia. Ao lado via-se um relógio Thomas Tompion, adquirido num leilão pela quantia de 2,5 milhões de dólares e presenteado a Nadia quando ela fez 25 anos. Agora ele andava alguns minutos adiantados, o que Nadia considerou misteriosamente apropriado. De tempo em tempo, desde que despertara às três da madrugada com um sobressalto, ela olhava os traços imponentes do relógio. Necessitada de cafeína, pôde sentir uma dor de cabeça começando a latejar. Mesmo assim, continuou imóvel em sua grande cama. Durante a sessão final de seu treinamento, Gabriel recomendou que evitasse quaisquer mudanças na programação diária — uma programação que dezenas de seus empregados sabiam de cor. Ela levantava sem falta todas as manhãs às sete horas em ponto, nem um minuto mais cedo ou mais tarde. A bandeja com o café da manhã tinha que ser deixada na mesa do escritório. A não ser que fosse especificado algo diferente, deveria conter uma garrafa térmica de café filtrado, um jarro de leite quente, um copo de suco de laranja recém-preparado e duas fatias de 15 centímetros de *tartine* com manteiga e geleia de morango ao

lado. Os jornais deveriam ser depositados no lado direito de sua escrivaninha — o *Wall Street Journal* em cima, seguido pelo *International Herald Tribune*, o *Financial Journal* e o *Le Monde* —, bem como seu itinerário do dia num folder de couro. A televisão deveria estar ligada na BBC, sem volume, com o controle remoto ao alcance da mão.

Agora eram seis e meia. Sem conseguir deixar de pensar em nada além das pontadas na cabeça, ela fechou os olhos e tentou cochilar, mas foi perturbada trinta minutos depois por sua antiga governanta, Esmeralda, que bateu de leve na porta. Como de costume, Nadia continuou na cama até ela ir embora. Então vestiu um robe e, sob o olhar atento do pai, andou descalça até o escritório.

Foi recebida por um aroma de café fresco. Encheu uma xícara, acrescentou leite e três colheres cheias de açúcar e sentou-se à escrivaninha. Na televisão viam-se imagens de caos em Islamabad, resultado de outro poderoso carro-bomba da Al-Qaeda que havia matado mais de cem pessoas, quase todas muçulmanas. Nadia deixou sem volume e abriu o folder de couro com o itinerário. Era surpreendentemente agradável. Dentro de duas horas, ela deveria sair de casa e voar para Zurique. Lá, numa videoconferência no Dolder Grand Hotel, ela e seus assistentes mais próximos se encontrariam com executivos de uma empresa de óptica com sede em Zug, da qual a AAB Holdings detinha a maior parte. Logo em seguida, teria uma segunda reunião, sem a presença de assistentes. No tópico estava escrito “particular”, e isso significava que o assunto eram as finanças pessoais de Nadia.

Fechou o folder de couro e, como sempre, passou a hora seguinte lendo os jornais enquanto tomava café com torradas. Pouco depois das oito, ligou o computador para conferir o status dos mercados asiáticos, depois passou um bom tempo alternando entre os vários canais de notícias da TV a cabo. Sua última parada foi na Al Jazeera, que trocara a carnificina em Islamabad pelo relato de um ataque do Exército israelense à Faixa de Gaza que havia matado dois dos principais estrategistas do Hamas. Definindo o atentado como “um crime contra a humanidade”, o primeiro-ministro turco exortou as Nações Unidas a punir Israel com sanções econômicas

— exortação rejeitada, no segmento seguinte, por um importante clérigo saudita. “Foi-se o tempo da diplomacia”, declarou ao bajulador jornalista da Al Jazeera. “Chegou a hora de *todos* os muçulmanos se unirem na luta armada contra os invasores sionistas. E que Deus castigue os que ousarem colaborar com os inimigos do Islã.”

Após desligar a televisão, Nadia voltou ao quarto e vestiu uma roupa de ginástica. Ela nunca tinha se preocupado com atividades físicas, e desde os 30 se preocupava cada vez menos. Por obrigação, todas as manhãs elevava sua frequência cardíaca e alongava braços e pernas porque isso era algo esperado de uma empresária moderna que vivia quase sempre no Ocidente. Ainda sentindo uma leve dor de cabeça, ela encurtou sua já breve rotina diária. Depois de uma caminhada tranquila na esteira, se exercitou por um tempo num tapete de ioga de borracha. Em seguida deitou-se de costas, imóvel, os tornozelos juntos e os braços abertos. Como sempre, a posição lhe deu uma sensação de ausência de peso. Naquela manhã, porém, também fez com que tivesse uma nítida e chocante revelação de seu futuro. Ficou deitada por um bom tempo, sem mudar de posição, decidindo se ia ou não a Zurique. Bastaria dar um telefonema, pensou. Um telefonema, e o fardo seria retirado. Mas não o deu. Ela acreditava que havia sido posta na terra, naquele lugar e naquela época, por uma razão. Acreditava que o mesmo era verdade para o homem que tinha matado seu pai, e não queria desapontá-lo.

Nadia levantou-se e, lutando contra a tontura, voltou ao quarto. Depois de tomar banho e se perfumar, entrou no closet e escolheu a roupa, substituindo as cores claras que preferia por tons mais sóbrios de cinza e preto. Penteou o cabelo com extremo cuidado. Quando passou por Rafiq al-Kamal e entrou na limusine trinta minutos depois, tinha no rosto a *juhayman* dos beduínos. A transformação estava quase completa. Era uma rica mulher saudita planejando vingar o assassinato do pai.

O carro atravessou o portão frontal da mansão e ganhou a rua. Enquanto rumava para o Bois de Boulogne, Nadia viu o homem que conhecia como Max andando alguns metros atrás de uma mulher que poderia ou não ser Sarah. Nesse momento, uma moto, dirigida

por uma figura esbelta, de capacete e jaqueta preta de couro, apareceu por um instante perto da janela. Algo naquele homem trouxe à Nadia uma lembrança dolorosa. Provavelmente não era nada, disse a si mesma quando a moto desapareceu numa rua lateral. Apenas um nervosismo de última hora. Apenas sua mente lhe pregando peças.

Devido à recomendação da Al-Saud, Nadia sentiu-se obrigada a manter mais do que apenas a antiga equipe de segurança de seu pai. A estrutura básica da empresa permanecera a mesma, assim como a maior parte da diretoria. Daoud Hamza, um libanês formado em Stanford, ainda administrava as operações cotidianas. Manfred Wehrli, um suíço imperturbável, permanecia gerenciando as finanças. E a equipe jurídica, conhecida como Abdul & Abdul, continuava mantendo as coisas mais ou menos na linha. Acompanhados por vinte assistentes adicionais, criados, ajudantes-gerais e agregados diversos, todos estavam reunidos no salão VIP do Aeroporto Le Bourget quando Nadia chegou. As dez horas, eles ocuparam o Boeing Business Jet da AAB, e às 10h15 rumavam para Zurique. Passaram o voo de uma hora fazendo cálculos ao redor da mesa de conferência e ao chegarem ao Aeroporto de Kloten se amontoaram num comboio de sedans Mercedes. Foram a uma velocidade considerável pelas encostas arborizadas de Zurichberg até a graciosa entrada do Dolder Grand Hotel, onde os gerentes os escoltaram até uma sala de reunião com um nome que parecia alpino e uma vista do lago que fazia valer o ultrajante preço para entrar ali. A delegação da empresa de óptica suíça já havia chegado e estava se servindo fartamente no luxuoso bufê. A equipe da AAB se acomodou e começou a abrir suas pastas e laptops. O pessoal da AAB nunca comia durante as reuniões. Regras de Zizi.

A reunião estava programada para durar duas horas. Demorou trinta minutos a mais e foi concluída com um pedido de Nadia para investir 20 milhões de francos adicionais na empresa suíça, para ajudar a aperfeiçoar suas instalações e a linha de produção. Depois de alguns cumprimentos, a delegação suíça partiu. Ao atravessarem o elegante saguão, eles passaram por um árabe magro de barba rala de 40 e poucos anos sentado sozinho com uma pasta ao lado.

Cinco minutos depois, um telefonema o convocou para a sala de reunião de onde os suíços tinham acabado de sair. Esperando ali sozinha estava uma linda mulher com incontestáveis credenciais jihadistas.

— Que as bênçãos de Deus estejam convosco – disse ela em árabe.

— E convosco também – respondeu Samir Abbas no mesmo idioma. – Espero que sua reunião com os suíços tenha ido bem.

— Questões materiais – disse Nadia, com um aceno displicente.

— Deus tem sido muito generoso com a senhorita – falou Abbas.

— Reuni algumas propostas de como investir seu dinheiro.

— Eu não preciso de consultoria para investimentos, Sr. Abbas. Eu sei fazer isso sozinha.

— Então em que posso ajudar, Srta. Al-Bakari?

— O senhor pode começar se sentando. Depois pode desligar seu BlackBerry. Hoje em dia todo cuidado é pouco quando se trata de dispositivos eletrônicos. Nunca se sabe quem pode estar escutando.

— Entendo perfeitamente.

Ela sorriu.

— Tenho certeza de que entende.

ZURIQUE

Eles sentaram em lados opostos da mesa de reunião, servidos apenas de água mineral suíça, que nenhum dos dois tocou. Entre eles repousavam dois celulares, telas escuras, cartões SIM removidos. Evitando olhar o rosto desvelado de Nadia, Samir Abbas parecia estudar o lustre acima de sua cabeça. Escondido em meio às luzes e aos cristais havia um minitransmissor de curta distância instalado mais cedo por Mordecai e Oded. Eles agora monitoravam seu sinal num aposento no quarto andar, com todas as contas pagas pelo Serviço Clandestino Nacional da CIA. Gabriel estava ouvindo no esconderijo na margem oposta do lago por meio de uma conexão segura de micro-ondas. Seus lábios moviam-se um pouco, como se tentasse dizer a Nadia a próxima fala.

— Gostaria de começar oferecendo minhas sinceras desculpas.

Por um instante, Abbas pareceu perplexo.

— A senhorita acabou de depositar 200 milhões de dólares na instituição financeira em que trabalho, Srta. Al-Bakari. Não consigo imaginar por que se desculparia.

— Porque pouco depois da morte de meu pai o senhor me pediu uma doação para uma das instituições beneficentes islâmicas da qual é associado. Eu recusei... um tanto rispidamente, se bem me lembro.

— Foi um erro ter me aproximado num momento tão delicado.

— Eu sei que o senhor só quer cuidar de meus interesses. *Zakat* é algo muito importante para nossa fé. De fato, meu pai acreditava que dar esmolas era o mais importante dos Cinco Pilares do Islã.

— Seu pai era impecável em sua generosidade. Sempre pude contar com ele quando estávamos em necessidade.

— Ele sempre falou muito bem do senhor.

— E da senhorita também. Seu pai a amava muito. Nem consigo imaginar sua perda. Sinta-se em paz pensando que seu pai está

com Deus no Paraíso.

— *Inshallah* — disse ela num tom saudoso —, mas devo dizer que não tive um único momento de paz desde o assassinato. E minha dor é agravada pelo fato de seus assassinos não terem sido punidos pelo crime.

— A senhorita tem direito a sua ira. Todos temos. O assassinato de seu pai foi um insulto a todos os muçulmanos.

— Mas o que fazer com essa ira?

— Está me pedindo um conselho, Srta. Al-Bakari?

— No campo espiritual — respondeu ela. — Sei que o senhor é um homem de muita fé.

— Como seu pai — replicou.

— Como meu pai — repetiu ela com suavidade.

Abbas olhou diretamente nos olhos dela por um breve momento antes de desviar outra vez a vista.

— O Corão é mais do que as palavras de Alá recitadas — explicou ele. — É também um documento legal que rege todos os aspectos de nossas vidas. E deixa muito claro o que fazer em caso de assassinato. A lei é conhecida como Al-Qisas. Como parente vivo mais próximo da família, a senhorita tem três opções. Pode simplesmente perdoar os culpados por bondade. Pode aceitar um pagamento dos assassinos. Ou pode fazer aos assassinos o mesmo que eles fizeram com a vítima, sem matar ninguém além deles.

— Os homens que mataram meu pai eram assassinos profissionais. Foram mandados por outros.

— Então os mandantes dos assassinos que são os maiores responsáveis pela morte de seu pai.

— E se eu não conseguir perdôá-los?

— Nesse caso, pelas leis de Alá, a senhorita tem o direito de matá-los. Sem matar ninguém mais — acrescentou rápido.

— Uma proposição difícil, não concorda, Sr. Abbas?

O banqueiro não respondeu, mas olhou diretamente para o rosto de Nadia pela primeira vez sem o menor traço de decoro islamita.

— Algum problema? — perguntou Nadia.

— Eu sei quem matou seu pai, Srta. Al-Bakari. E sei por que ele foi morto.

— Então também deve saber que não é possível puni-los de acordo com as leis do Islã. — Fez uma pausa. — Não sem ajuda.

Abbas pegou o BlackBerry desligado de Nadia e examinou-o em silêncio.

— Não há razão para ficar nervoso — disse ela em voz baixa.

— Por que eu estaria nervoso? Eu administro contas individuais com enormes valores para o TransArabian Bank. No meu tempo livre, solicito fundos para instituições beneficentes legítimas para amenizar o sofrimento de muçulmanos em todo o mundo.

— E é por isso que eu queria falar com o senhor.

— Quer fazer uma contribuição?

— Uma contribuição substancial.

— Para quem?

— Para o tipo de homem que possa fazer a justiça a que tenho direito.

Abbas colocou de volta no lugar o BlackBerry de Nadia, mas não disse nada. Nadia sustentou seu olhar por um tempo longo e desconfortável.

— Nós dois moramos no Ocidente, mas somos filhos do deserto. Minha família veio do Nejd, a sua, de Hejaz. Podemos dizer muita coisa com muito poucas palavras.

— Meu pai falava comigo com os olhos — falou Abbas, com ar saudosos.

— O meu também — disse Nadia.

Abbas abriu sua garrafa de água mineral e colocou um pouco no copo, devagar, como se fosse a última água da face da terra.

— As instituições a que estou associado são legítimas — falou, afinal. — O dinheiro é usado para construir estradas, escolas, hospitais e coisas do tipo. De vez em quando, uma parte chega às mãos de um grupo das áreas tribais do noroeste do Paquistão. Tenho certeza de que esse grupo ficará muito grato por qualquer ajuda. Como sabe, eles perderam seu principal patrocinador recentemente.

— Não estou interessada no grupo das áreas tribais do Paquistão — observou Nadia. — Eles não são mais eficientes. O tempo deles já passou.

— Diga isso para os habitantes de Paris, Copenhague, Londres e Madri.

— É do meu entendimento que o grupo das áreas tribais do Paquistão não teve nada a ver com esses ataques.

Abbas ergueu o olhar abruptamente.

— Quem disse tal coisa?

— Um homem da minha equipe de segurança que mantém contato com a inteligência saudita.

Nadia ficou surpresa com a facilidade com que a mentira saiu de seus lábios. Abbas fechou a garrafa e pareceu considerar a resposta dela com cautela.

— Existem rumores sobre o pregador iemenita — disse por fim. — O que tem um passaporte norte-americano e também fala como um norte-americano. Os rumores dizem ainda que ele está expandindo suas operações. Operações beneficentes, é claro — acrescentou Abbas.

— O senhor sabe como entrar em contato com essa organização?

— Se tiver mesmo a intenção de ajudá-los, acredito que possa fazer a apresentação.

— O quanto antes melhor.

— Eles não são o tipo de homens que gostam de receber ordens, Srta. Al-Bakari, principalmente de mulheres.

— Eu não sou uma mulher qualquer. Sou a filha de Abdul Aziz al-Bakari e espero por isso há muito tempo.

— Eles também... há centenas de anos, aliás. São homens de grande paciência. E a senhorita também deve ter paciência.

O encontro se desenrolou da maneira exata com que havia sido planejado. Abbas voltou a seu escritório, Nadia para o avião, Oded e Mordecai para o esconderijo na margem oeste do lago. Gabriel nem se deu ao trabalho de recepcioná-los. Estava debruçado sobre o computador na sala de estar, fones nos ouvidos, resignação no rosto. Apertou PAUSE, REW e, então, PLAY.

— *Eles não são o tipo de homens que gostam de receber ordens, Srta. Al-Bakari, principalmente de mulheres.*

– *Eu não sou uma mulher qualquer. Sou a filha de Abdul Aziz al-Bakari e espero por isso há muito tempo.*

– *Eles também... há centenas de anos, aliás. São homens de grande paciência. E a senhorita também deve ter paciência.*

– *Eu tenho um pedido, Sr. Abbas. Pelo que aconteceu com meu pai, é essencial que eu saiba com quem vou me encontrar e que estarei em segurança.*

– *Não precisa se preocupar, Srta. Al-Bakari. A pessoa que tenho em mente não representa absolutamente nenhuma ameaça à sua segurança.*

– *Quem é essa pessoa?*

– *O nome dele é Marwan Bin Tayyib. É reitor do departamento de teologia da Universidade de Meca e um homem santo.*

Gabriel pausou, rebobinou e voltou a tocar.

– *O nome dele é Marwan Bin Tayyib. É reitor do departamento de teologia da Universidade de Meca e um homem santo.*

Gabriel apertou STOP. Depois, relutante, transmitiu o nome a Adrian Carter, em Langley. A resposta de Carter chegou cinco minutos depois. Era uma reserva para um voo matinal de volta a Washington. Classe econômica plus, é claro. A vingança de Carter.

LANGLEY, VIRGÍNIA

— Muito bem — disse Carter. — Uma performance brilhante. Uma obra-prima. De verdade.

Ele estava parado na frente dos elevadores na suíte executiva do sétimo andar, com um sorriso tão autêntico quanto as plantas artificiais de seu escritório sempre às escuras. Era o tipo de sorriso consolador dos executivos na hora da demissão, pensou Gabriel. Só faltavam o relógio de ouro, um modesto bônus pelos serviços prestados e um jantar de cortesia para dois na *steak house* Mortons.

— Entre — continuou Carter, batendo no ombro de Gabriel, algo que jamais tinha feito. — Eu tenho uma coisa para mostrar a você.

Depois de descerem ao subsolo do edifício, os dois andaram pelo que pareceu mais de um quilômetro ao longo de corredores cinza e brancos. O destino era um deque de observação com janelas dando para um cavernoso espaço aberto que tinha a atmosfera do andar de negócios de Wall Street. Nas quatro paredes piscavam painéis de vídeo do tamanho de um quadro-negro. Abaixo, duzentas telas de computador iluminavam duzentos rostos. Gabriel não sabia exatamente o que estavam fazendo. A bem da verdade, ele nem sabia mais se ainda estava em Langley ou mesmo na Virgínia.

— Resolvemos que era hora de reunir todo mundo sob o mesmo teto — explicou Carter.

— Todo mundo? — perguntou Gabriel.

— Esta é a sua operação — disse Carter.

— Isso tudo é para *uma* operação?

— Nós somos norte-americanos — falou Carter com pesar. — Só fazemos coisas grandes.

— Já tem seu próprio código postal?

— Na verdade, nem tem nome ainda. Por enquanto, estamos chamando de Rashidistão, em sua homenagem. Vamos fazer um pequeno tour.

— Devido às circunstâncias, acho que mereço um tour até um pouco mais longo.

— Será que vamos começar essa discussão tola de novo?

— Só se for necessário.

Carter conduziu Gabriel por uma estreita escada em espiral até o andar do centro de operações abaixo. O ar parado cheirava a carpete recém-colocado e circuitos elétricos superaquecidos. Uma jovem de cabelo preto espetado passou sem dizer uma palavra e ocupou uma das inúmeras estações de trabalho no centro da sala. Gabriel olhou para uma das telas no alto e viu vários intelectuais famosos de Washington conversando sob o brilho intenso de um estúdio de televisão. Não havia áudio.

— Eles estão planejando um ataque terrorista?

— Que eu saiba, não.

— Então por que assistir a isso? — perguntou Gabriel, olhando ao redor com uma mistura de espanto e desânimo. — Quem são essas pessoas?

Até mesmo Carter, o líder nominal da operação, pareceu pensar um momento antes de responder.

— A maioria é da CIA — disse afinal —, mas temos também gente do FBI, da ANS, do Departamento de Justiça e do Tesouro, além de vários contratados, os de crachá verde.

— Eles fazem parte de alguma espécie ameaçada?

— Muito pelo contrário — respondeu Carter. — Nem eu sei bem quantos trabalham em Langley hoje em dia. Mas sei de uma coisa: a maioria ganha muito mais do que eu.

— Fazendo o quê?

— Alguns são ex-funcionários do contraterrorismo que triplicaram o salário indo para empresas privadas. Em muitos casos, fazem o mesmo trabalho e mantêm as mesmas credenciais. Mas agora são pagos pela ACME Security Solutions ou outra entidade privada, e não pela Agência.

— E o resto?

— Coletores de dados — explicou Carter —, e graças à reunião em Zurique ontem eles encontraram um grande filão. — Apontou em direção a uma das estações de trabalho. — Aquele grupo ali está cuidando de Samir Abbas, nosso amigo do TransArabian Bank. Estão desmembrando o sujeito, e-mail por e-mail, telefonema por telefonema, transação por transação. Conseguiram encontrar rastros anteriores ao 11 de Setembro. Até onde sabemos, só Samir já valeu pela operação toda. É incrível como ele conseguiu se esconder de nós todos esses anos. Ele pega pesado. Assim como o amigo dele da Universidade de Meca.

A garota de cabelo espetado entregou uma pasta a Carter, que em seguida levou Gabriel a uma sala de conferência com isolamento acústico. Uma única vidraça dava vista para o andar do centro de operações.

— Aqui está o seu garoto — disse Carter, entregando a Gabriel uma foto 8x10. — O dilema saudita encarnado.

Gabriel examinou a fotografia e viu a imagem séria do xeique Marwan Bin Tayyib. O clérigo saudita tinha a barba longa e malcuidada de um muçulmano salafista e a expressão de um homem que não se importa em ser fotografado. Um *ghutra* vermelho e branco pendia de sua cabeça de uma forma que revelava o chapéu *taqiyah* branco por baixo. Diferentemente da maioria dos homens sauditas, ele não prendia o adorno na cabeça com a corda branca circular conhecida como *agal*. Era uma demonstração pia que dizia ao mundo que ele pouco se importava com a própria aparência.

— O que você sabe sobre ele? — perguntou Gabriel.

— Ele vem do núcleo central wahhabita ao norte de Riad. Aliás, existe uma cabana de pau a pique na cidade natal dele onde dizem que o próprio Wahhab ficou hospedado uma vez. Os homens de sua aldeia sempre se consideraram os guardiões da verdadeira fé, os mais puros entre os puros. Até hoje, estrangeiros não são bem recebidos. Se por acaso um deles chega à aldeia, os nativos escondem o rosto e se afastam.

— Bin Tayyib tem ligações com a Al-Qaeda?

— Ligações tênues, porém inegáveis — respondeu Carter. — Ele foi uma figura-chave no despertar do fervor islâmico que varreu o

reino depois da tomada da Grande Mesquita em 1979. Em sua tese de doutorado, ele argumenta que o secularismo é um complô inspirado no Ocidente para destruir o Islã e a Arábia Saudita. Tornou-se leitura obrigatória entre certos membros radicais da Casa de Saud, inclusive o nosso velho amigo príncipe Nabil, o ministro do Interior saudita que até hoje se recusa a admitir que dezenove dos sequestradores do 11 de Setembro eram cidadãos do seu país. Nabil ficou tão impressionado com a tese de Bin Tayyib que o recomendou pessoalmente ao influente cargo na Universidade de Meca.

Gabriel devolveu a fotografia a Carter, que a observou com desdém antes de colocá-la na pasta.

— Não é a primeira vez que o nome de Bin Tayyib é ligado à rede de Rashid — falou. — Apesar do passado radical, Bin Tayyib trabalha como assessor do ultrassecreto programa de reabilitação de terroristas da Arábia Saudita. Pelo menos 25 sauditas voltaram ao campo de batalha depois de se formarem no programa. Consta que quatro estão no lêmén com Rashid.

— Alguma outra ligação?

— Adivinhe quem foi a última pessoa a ser vista na presença de Rashid na noite em que ele mudou de lado?

— Bin Tayyib?

Carter anuiu.

— Foi Bin Tayyib quem fez o convite para Rashid falar na Universidade de Meca. E foi Bin Tayyib que o acompanhou na noite da deserção.

— Você chegou a tocar nesse assunto com seus amigos de Riad?

— Nós tentamos.

— E...?

— Não chegamos a parte alguma — admitiu Carter. — Como você sabe, a relação entre a Casa de Saud e os membros do establishment clerical é complicada, para dizer o mínimo. A Al-Saud não consegue governar sem o apoio dos ulemás. E caso se oponham a um teólogo influente como Bin Tayyib por causa de nós...

— Os jihadistas podem se sentir ofendidos.

Assentindo, Carter vasculhou a pasta e mostrou duas folhas de papel — transcrições de interceptações da ANS.

— Nosso amigo do TransArabian Bank fez duas ligações interessantes de seu escritório esta manhã, uma para Riad e outra para Jeddah. Na primeira, diz que está fazendo negócios com Nadia al-Bakari. Na segunda, diz que tem uma amiga que deseja discutir assuntos espirituais com o xeique Bin Tayyib. Em separado, as duas ligações parecem inocentes. Mas se juntarmos as duas...

— Não há dúvida de que Nadia al-Bakari gostaria de ter uma palavrinha com o xeique em particular.

— Para discutir assuntos espirituais, é claro. — Carter devolveu as transcrições à pasta. — A questão é — continuou, fechando a pasta — se vamos deixar que ela vá.

— Por que não deixaríamos?

— Porque seria uma violação de todos os nossos acordos vigentes com o governo saudita e seus serviços de segurança. O Hadith é claro ao dizer que não pode haver duas religiões na Arábia. E a Al-Saud deixou claro que eles também não vão tolerar dois serviços de inteligência.

— Quando vocês vão entender que eles são o problema, não a solução?

— No dia em que não precisarmos mais do petróleo deles para abastecer nossos carros e nossa economia — respondeu Carter. — Já prendemos e matamos centenas de cidadãos sauditas desde o 11 de Setembro, mas não dentro da Arábia Saudita. O país está fora de alcance para infiéis como nós. Se Nadia quiser encontrar o xeique Bin Tayyib, ela vai ter que fazer isso sozinha, sem retaguarda.

— Não podemos trazer a montanha até Maomé?

— Se você quer saber se Bin Tayyib pode viajar para fora da Arábia Saudita para se encontrar com Nadia, a resposta é não. Ele está em muitas listas de procurados. Nenhum país europeu, em sua consciência, o deixaria entrar. Se Bin Tayyib é uma ameaça, não temos escolha a não ser mandar Nadia ir à montanha sozinha. E se a Al-Saud descobrir que ela está lá em nosso nome, cabeças vão rolar.

— Você deveria ter pensado nisso antes de criar uma agência inteira do governo para cuidar desse assunto – observou Gabriel, apontando para o centro de operações do outro lado do vidro. – Mas agora é problema seu, Adrian. Nos termos do nosso recente acordo operacional, este é o momento em que eu entrego as chaves e desapareço.

— Queria saber se você não aceitaria alguns ajustes – disse Carter com cautela.

— Sou todo ouvidos.

— Antes de me tornar o líder da maior força de contraterrorismo do mundo, eu recrutava e administrava espões. E se existe uma coisa que qualquer espião detesta é mudança. Você encontrou Nadia. Você a recrutou. Faz todo o sentido você continuar na administração.

— Você quer que eu atue como seu oficial de campo?

— Acho que sim.

— Sob sua supervisão, é claro.

— A Casa Branca só admite que o controle da Agência seja total. Receio que minhas mãos estejam atadas.

— Não é do seu feitio se esconder atrás da alta cúpula, Adrian.

Carter não respondeu. Gabriel pareceu considerar a questão com seriedade, mas na verdade já tinha tomado uma decisão. Inclinou a cabeça para olhar através do vidro à prova de som e perguntou:

— Você tem alguma sala para mim aqui?

Carter sorriu.

— Já mandei fazer um crachá para você poder entrar no edifício sem precisar de escolta — falou. — É verde, claro.

— Verde é a cor do nosso inimigo.

— O Islã não é o inimigo, Gabriel.

— Ah, sim, tinha esquecido.

Carter conduziu Gabriel até um cubículo cinza num canto afastado do centro de operações. Nele havia uma mesa, uma cadeira, uma linha telefônica interna, um computador, um cofre para documentos, uma bolsa para colocar papéis confidenciais depois de queimados e uma xícara de café com o emblema da CIA. A garota do cabelo espetado trouxe uma pilha de pastas e voltou a seu posto

sem dizer nada. Enquanto abria a primeira pasta, Gabriel ergueu o olhar e viu Carter admirando a vista do Rashidistão da plataforma de observação. Parecia contente consigo mesmo. Ele merecia. Agora a operação era dele. Gabriel era apenas mais um contratado, um homem num caixote cinzento com um crachá verde pendurado no pescoço.

RIAD, ARÁBIA SAUDITA

O Boeing Business Jet operado pela AAB Holdings entrou no espaço aéreo do reino da Arábia Saudita precisamente às 17h18. Como de praxe, o piloto britânico informou de imediato os passageiros e a tripulação para que as mulheres a bordo começassem a trocar as roupas ocidentais por trajes islâmicos apropriados.

Dez das mulheres logo fizeram isso. A décima primeira, Nadia al-Bakari, permaneceu em seu lugar habitual, repassando um grande calhamaço de papéis, até as primeiras luzes de Riad surgirem como pedaços de âmbar espalhados pelo solo desértico. Um século atrás, a capital saudita era pouco mais que um posto avançado no deserto com muros de barro, quase desconhecida para o mundo ocidental, uma mancha no mapa entre as encostas das montanhas Sarawat e o litoral do Golfo Pérsico. O petróleo transformou Riad numa moderna metrópole de palácios, arranha-céus e shoppings. Porém, sob muitos aspectos a riqueza do petróleo era uma miragem. Para cada bilhão que a Al-Saud gastou tentando modernizar seu sonolento império no deserto, foi esbanjado outro bilhão em iates, prostitutas e casas de férias em Marbella. Pior ainda, o governo tinha feito muito pouco para preparar o país para o dia em que o último poço secasse. Dez milhões de estrangeiros labutavam nos campos de petróleo e nos palácios enquanto centenas de milhares de jovens sauditas não conseguiam encontrar emprego. Fora o petróleo, as maiores exportações do país eram tâmaras e exemplares do Corão. E fanáticos barbudos, pensou Nadia com repugnância, enquanto observava as luzes de Riad se intensificarem. Quando se tratava da produção de extremistas islâmicos, a Arábia Saudita era líder de mercado.

Nadia afastou o olhar da janela e examinou o interior do avião, decorado como uma *majlis*, com confortáveis poltronas ao longo do

corredor e ostentosos tapetes orientais. Os assentos eram ocupados por membros da diretoria da AAB, todos homens — Daoud Hamza, a equipe jurídica Abdul & Abdul e, claro, Rafiq al-Kamal, que encarava Nadia, a desaprovação transparecendo em seu rosto, como se tentasse lembrar a ela que era hora de trocar de roupa. Eles estavam para aterrissar numa terra de mulheres invisíveis, o que significava que Rafiq seria mais do que apenas o guarda-costas de Nadia. Atuaria também como seu acompanhante do sexo masculino e por lei seria obrigado a estar com ela em todos os lugares públicos a que fosse. Em poucos minutos, Nadia al-Bakari, uma das mulheres mais ricas do mundo, teria os direitos de um camelo. Menos ainda, pensou ressentida, pois até um camelo tinha o direito de mostrar o rosto.

Sem dizer uma palavra, ela levantou-se e andou em direção à parte traseira da aeronave, onde ficavam seus aposentos particulares elegantemente mobiliados. Abrindo o armário, viu suas roupas sauditas penduradas no cabide: um simples *thobe* branco, uma manta *abaya* preta bordada e um véu facial *niqab* negro. Pelo menos uma vez na vida, pensou, ela gostaria de andar pelas ruas de seu país em vestes brancas e folgadas, e não dentro de um casulo preto apertado. Não era possível, claro; nem mesmo uma enorme riqueza como a dos Al-Bakari oferecia proteção contra a fanática polícia religiosa *mutaween*. Além do mais, não era hora de desafiar as normas sociais e religiosas da Arábia Saudita. Ela tinha vindo a sua terra natal para se encontrar em particular com o xeique Marwan Bin Tayyib, reitor do departamento de teologia da Universidade de Meca. Sem dúvida, o estimado acadêmico religioso acharia estranho se, na véspera da reunião, Nadia fosse presa pelos barbudos por não usar trajes islâmicos adequados.

Relutante, despiu seu terninho Oscar de la Renta e vestiu-se de preto com uma lentidão clerical. Com o *niqab* agora escondendo o rosto que Deus havia lhe dado, postou-se diante do espelho e examinou a própria aparência. Somente os olhos eram visíveis, além de um tentador pedaço do tornozelo. Todas as outras provas visuais de sua existência tinham sido apagadas. Sua volta à cabine de passageiros mal provocou um olhar dos homens. Apenas Daoud Hamza, libanês, se deu ao trabalho de notar sua presença. Os

outros, todos sauditas, claramente evitavam olhar para ela. A doença tinha voltado, pensou, a doença que era a Arábia Saudita. Não fazia diferença Nadia ser sua empregadora. Alá a tinha feito mulher, e ao chegar à terra do Profeta, ela assumiria o papel a que fora designada.

A aterrissagem no Aeroporto Internacional King Khalid coincidiu com as orações da noite. Proibida de rezar com os homens, Nadia não teve escolha a não ser esperar paciente enquanto eles cumpriam aquele importante pilar do Islã. Depois, rodeada por diversas mulheres com véu, desceu sem jeito a escada do avião, lutando para não tropeçar na *abaya*. Um vento gelado açoitava a pista, trazendo consigo uma espessa nuvem marrom da poeira do Nejd. Inclinando-se contra o vento para se equilibrar, Nadia seguiu os homens em direção ao terminal geral. Lá eles se separaram, pois o terminal, como outros espaços públicos na Arábia Saudita, era segregado por gênero. Apesar das etiquetas da AAB, sua bagagem foi vasculhada em busca de pornografia, álcool ou qualquer outro sinal de decadência ocidental.

Saindo pelo outro lado do edifício, ela entrou no banco traseiro de uma limusine Mercedes que a esperava com Rafiq para o trajeto de 35 quilômetros até Riad. A tempestade de areia tinha reduzido a visibilidade a apenas poucos metros. Às vezes, os faróis dos carros que vinham na direção contrária tremulavam como luzes de alerta de um pequeno navio, mas na maior parte do caminho eles pareciam estar totalmente sós. Nadia queria desesperadamente tirar seu *niqab*, mas sabia que não deveria fazer isso. Os *mutaween* estavam sempre alerta para mulheres sem véu em automóveis — principalmente ricas mulheres ocidentalizadas voltando da Europa para casa.

Depois de quinze minutos, a silhueta de Riad afinal surgiu na escuridão amarronzada. Passaram depressa pela Universidade Islâmica Ibn Saud e trafegaram por uma série de rotatórias até a King Fahd Avenue, a principal via do novo e próspero distrito financeiro de Al-Olaya em Riad. Logo à frente erguia-se a torre prateada do Kingdom Center, parecendo uma moderna valise de diplomata largada no lugar errado, à espera do dono. À sua sombra estava o novo e cintilante Makkah Mail, reaberto depois das orações

da noite e agora sendo atacado por hordas de ávidos consumidores. *Mutaween* armados de cassetetes moviam-se pela multidão em duplas, em busca de indícios de conduta ou relacionamentos impróprios. Nadia pensou em Rena, e pela primeira vez desde sua convocação à casa de Seraincourt sentiu uma pontada de medo.

O temor diminuiu pouco depois quando o carro virou na Musa Bin Nusiar Street e entrou em Al-Shumaysi, um bairro de palácios murados habitado por príncipes da família Al-Saud e outras elites sauditas. O complexo residencial dos Al-Bakari ficava no lado oeste do bairro, numa rua patrulhada sempre por soldados e policiais. Uma mistura elaborada de Oriente e Ocidente, o palácio era cercado por três acres de espelhos d'água, fontes, gramados e palmeirais. Suas altas muralhas brancas foram projetadas para afastar o mais determinado inimigo, mas nada podiam fazer contra a poeira, que rodopiava pelo pátio quando a limusine passou pelos portões de segurança.

No pórtico estavam de prontidão dez membros da equipe doméstica permanente, todos asiáticos. Ao sair da limusine, Nadia gostaria de cumprimentar todos calorosamente. Porém, no papel de uma distante herdeira saudita, ela passou por eles sem dizer nada e começou a subir a extensa escadaria central. Quando chegou ao primeiro patamar, já tinha arrancado o *niqab* do rosto. Depois, na privacidade de seus aposentos, tirou a roupa e ficou nua de corpo inteiro em frente a um espelho, até que uma tontura a fez cair de joelhos. Quando se recuperou, lavou os cabelos para remover a poeira do Nejd e deitou-se no piso com os tornozelos juntos e os braços abertos, esperando que o familiar sentimento de ausência de peso a tomasse. Estava quase no fim, pensou. Poucos meses, talvez apenas poucas semanas. E estaria terminado.

Eram onze e meia da manhã em Langley, mas no Rashidistão a atmosfera era de noite permanente. Adrian Carter estava na mesa de comando, um telefone de conexão segura numa das mãos, uma folha de papel na outra. O telefone estava ligado a James McKenna, na Casa Branca. A folha era a impressão do cabograma mais recente da base da CIA em Riad. Dizia que NAB, o nome não tão cifrado da Agência para Nadia al-Bakari, havia chegado em casa em

segurança e parecia não estar sob vigilância — jihadista, saudita nem outra qualquer. Carter leu a mensagem com uma expressão de profundo alívio antes de entregá-la a Gabriel, cujo rosto permaneceu inexpressivo. Não disseram nada um ao outro. Não precisavam. A aflição que sentiam era partilhada. Tinham uma agente em território hostil e nenhum dos dois teria um momento de paz até que ela voltasse em seu avião, saindo do espaço aéreo da Arábia Saudita.

Ao meio-dia, horário de Washington, Carter voltou a seu escritório no sétimo andar enquanto Gabriel dirigiu-se para a casa na N Street para dormir; seu corpo precisava. Acordou à meia-noite, e à uma hora estava de volta ao Rashidistão, com seu crachá verde e Adrian Carter tenso a seu lado. O segundo cabograma de Riad chegou quinze minutos depois. Dizia que NAB tinha saído de seu complexo residencial em Al-Shumaysi e eslava agora a caminho de seus escritórios na Al-Olaya Street. Ficou lá até a uma da tarde, quando foi levada para o Four Seasons Hotel para um almoço com investidores sauditas, todos homens. Ao partir do hotel, seu carro virou à direita na King Fahd Street – fato curioso, pois seu escritório era na direção oposta. Foi vista dez minutos depois, indo para o norte pela Highway 65. A equipe da CIA não tentou segui-la. Agora NAB estava por conta própria.

NEJD, ARÁBIA SAUDITA

O vento diminuiu ao meio-dia e no fim da tarde a paz se estabeleceu mais uma vez no Nejd. Seria uma paz temporária, como costumava acontecer no platô, pois, no oeste distante, nuvens negras de tempestade moviam-se devagar acima dos desfiladeiros das montanhas Sarawat como um grupo de hejazis montados. Tinham se passado duas semanas desde as primeiras chuvas e no solo do deserto rebentavam hesitantes os primeiros brotos de grama e flores silvestres. Em poucas semanas, a terra estaria verde como os prados de Berkshire. Depois a fornalha explosiva se acenderia outra vez e nenhuma gota cairia do céu — não até o próximo inverno quando, com a graça de Alá, as tempestades mais uma vez viriam das encostas das Sarawat.

Para o povo do Nejd, a chuva era uma das poucas coisas boas que vinham do oeste. Eles consideravam tudo o mais, inclusive seus assim chamados compatriotas de Hejaz, com desprezo e zombaria. Era a fé que os tornava hostis à influência externa, uma fé que lhes fora dada três séculos atrás por um austero pregador reformista chamado Muhammad Abdul Wahhab. Em 1744, ele forjou uma aliança com uma tribo do Nejd chamada Al-Saud, dando origem, assim, à união do poder político e religioso que afinal levaria à criação do moderno Estado da Arábia Saudita. Era uma aliança instável, e de tempos em tempos a Al-Saud sentia-se compelida a pôr os barbados fanáticos do Nejd em seus devidos lugares, às vezes com a ajuda de infiéis. Em 1930, a Al-Saud usou metralhadoras britânicas para massacrar os guerreiros sagrados dos Ikhwan na cidade de Sabillah. E depois do 11 de Setembro a Al-Saud juntou forças com os odiados norte-americanos para derrotar aversão moderna dos Ikhwan conhecida como Al-Qaeda. Mas, apesar de tudo isso, o casamento entre os seguidores de Wahhab e da Casa de Saud resistia. Eles dependiam uns dos outros para a

própria sobrevivência. Na paisagem inclemente do Nejd, não se podia pedir muito mais.

Apesar dos extremos do clima, o asfalto recente da Highway 65 era negro e suave, como os rios de óleo cru que corriam abaixo. Seguindo em direção ao noroeste, a rodovia percorria o caminho da antiga rota das caravanas que ligavam Riad à cidade-oásis de Hail. Poucos quilômetros ao sul de Hail, perto da cidade de Buraydah, Nadia orientou o motorista a virar numa estrada menor de pista dupla que ia para o oeste pelo deserto. Rafiq estava agora visivelmente inquieto.

Nadia não havia dito nada sobre seus planos de viajar ao Nejd até o momento em que partiram do Four Seasons, e mesmo então suas explicações foram obscuras. Ela falou que iria jantar no acampamento familiar do xeique Marwan Bin Tayyib, um importante membro dos ulemás. Depois do jantar — que seria estritamente segregado por gênero, claro — ela se encontraria em particular com o xeique para discutir questões relacionadas com o *zakaat*. Não seria necessário ter um acompanhante na reunião, já que o clérigo muçulmano era um homem bom e instruído, conhecido por sua extrema piedade. Não haveria qualquer preocupação com segurança. Al-Kamal aceitou as diretrizes, mas estava claro que não gostou nem um pouco.

Já haviam se passado alguns minutos das cinco e a luz do sol ia se esvaindo aos poucos no céu sem fim. Eles passaram por pomares de tâmara, limão e laranja, reduzindo a velocidade só uma vez para permitir que um pastor com vestes de couro atravessasse a estrada com suas cabras. Al-Kamal parecia relaxar a cada quilômetro rodado. Nativo da região, ele apontava alguns dos lugares mais importantes à medida que apareciam. Em Unayzah, uma cidade intensamente religiosa conhecida pela pureza do islamismo, ele pediu que Nadia fizesse um pequeno desvio para poder ver a modesta casa onde ele, ainda criança, tinha vivido com uma das quatro esposas do pai.

— Eu nunca soube que você era daqui — comentou Nadia.

— O xeique Bin Tayyib também é — disse ele, balançando a cabeça. — Eu o conheço desde garoto. Estudamos na mesma escola e rezamos na mesma mesquita. Marwan era bem rebelde na

época. Teve problemas por atirar uma pedra na vitrine de uma locadora de vídeo. Dizia que aquilo não era islâmico.

— E você?

— Eu não me incomodava com a loja. Não havia muito mais a fazer em Unayzah além de ver filmes e ir à mesquita.

— Imagino que o xeique tenha moderado seu ponto de vista desde então.

— Os muçulmanos de Unayzah não sabem o significado da palavra “moderação” — disse Al-Kamal. — Se Marwan mudou desde aquela época, foi apenas em público. Marwan é um islamita de alto a baixo. E não dá muito valor à Al-Saud, apesar de ser muito bem pago por eles. Eu ficaria alerta.

— Vou me lembrar disso.

— Talvez fosse melhor eu ir ao encontro com a senhorita.

— Eu vou ficar bem, Rafiq.

Al-Kamal permaneceu em silêncio quando eles saíram de Unayzah e mergulharam outra vez no deserto. Bem à frente deles, depois de um mar de pedras e rochedos, erguia-se uma escarpa rochosa, as extremidades escavadas e desgastadas por milhões de anos de vento e areia. O acampamento do xeique situava-se ao norte do afloramento que percorria a borda de um profundo *wadi*. Nadia podia sentir a carroceria do automóvel batendo em grandes pedras enquanto seguiam por uma esburacada estrada de terra.

— Gostaria que tivesse dito aonde iríamos — comentou Al-Kamal, segurando-se no banco. — Poderíamos ter pegado um dos Range Rovers.

— Eu não achei que seria tão ruim.

— É um acampamento no deserto. Como achou que chegaríamos aqui?

Nadia riu.

— Espero que meu pai não esteja vendo isso.

— Na verdade, espero que ele esteja. — Al-Kamal olhou para ela por um longo tempo antes de falar. — Eu nunca saía de perto do seu pai, Nadia, nem quando ele discutia negócios bastante sigilosos com homens como o xeique Bin Tayyib. Ele confiava sua vida a mim. Infelizmente, não pude protegê-lo naquela noite em Cannes,

mas ficaria feliz em me interpor àquelas balas. E faria o mesmo pela senhorita. Entende o que estou dizendo?

— Acho que sim, Rafiq.

— Ótimo — falou. — Se Deus quiser, o encontro desta noite vai ser um sucesso. Mas da próxima vez me avise antes para eu fazer os arranjos necessários. É melhor assim. Sem surpresas.

— Regras de Zizi? — perguntou ela.

— Regras de Zizi — respondeu ele, confirmando com a cabeça. — As regras de Zizi são como os ensinamentos do Profeta, que a paz esteja com ele. Siga-as com atenção e Deus há de garantir uma vida longa e feliz. Ignore-as... — Deu de ombros. — É então que as coisas ruins acontecem.

Chegaram a um aglomerado de carros estacionados de qualquer jeito na borda do *wadi*: Range Rovers, Mercedes, Toyotas e algumas picapes velhas. Próximo ao estacionamento, brilhando com luzes internas, havia duas grandes tendas comunitárias. Dezenas de tendas menores espalhavam-se pelo deserto, todas equipadas com um gerador e uma antena parabólica. Nadia sorriu sob o véu de seu *niqab*. Os sauditas adoravam voltar ao deserto durante o inverno para retomar contato com sua herança beduína, mas a devoção pela tradição parava por aí.

— O xeique está claramente indo muito bem.

— A senhorita devia ver a vila dele em Meca — observou Al-Kamal. — Tudo isto aqui foi comprado e pago pelo governo. Do ponto de vista da Al-Saud, é um dinheiro bem gasto. Eles tomam conta dos ulemás, e os ulemás tomam conta deles.

— Por que neste lugar? — perguntou Nadia, olhando ao redor.

— Muito antes de a Arábia Saudita existir, membros do clã do xeique traziam os animais aqui durante o inverno. Os Bin Tayyib acampam aqui há séculos.

— A próxima coisa que você vai me dizer é que veio aqui quando era garoto.

Al-Kamal abriu um raro sorriso.

— Eu vim.

Ele fez sinal para o motorista estacionar num espaço distante dos outros carros. Depois de ajudar Nadia a sair da Mercedes, parou para observar um Toyota Camry. Se não fosse pela fina

camada de poeira, pareceria ter acabado de andar nas docas de Dhahran.

— O carro dos seus sonhos? — perguntou Nadia com ironia.

— É o modelo que eles dão de presente aos que se formam no programa de reabilitação de terroristas. Eles dão entrada numa casa, um carro e uma boa garota para se casar: todas as armadilhas de uma vida normal para ficarem presos a este mundo e não ao mundo do jihad. Eles compram a lealdade dos ulemás e compram a lealdade dos jihadistas. É o caminho do deserto. É o caminho da Al-Saud.

Al-Kamal disse para o motorista ficar no carro e depois levou Nadia em direção às duas tendas comunitárias. Poucos segundos depois surgiu um jovem para recepcioná-los. Usava um *thobe* que ia até abaixo do joelho no estilo salafista e um chapéu *taqiyah* sem adornos. Sua barba era longa porém rala e o olhar, de uma gentileza surpreendente para um homem saudita. Depois de proferir as tradicionais saudações de paz, apresentou-se como Ali e disse que era um *talib*, ou aluno, do xeique Bin Tayyib. Parecia ter uns 30 anos.

— O jantar acabou de começar. Seu guarda-costas pode vir conosco, se quiser. As mulheres estão ali — acrescentou, gesticulando em direção à tenda da esquerda. — Há vários membros da família do xeique aqui esta noite. Tenho certeza de que se sentirá em casa.

Nadia trocou um último e breve olhar com Al-Kamal antes de se dirigir à tenda. Duas mulheres com véu apareceram, saudaram-na calorosamente no árabe do Nejd e a conduziram pela abertura. Dentro havia vinte outras mulheres idênticas. Estavam sentadas em tapetes orientais grossos, ao redor de travessas cheias de carneiro, frango, berinjela, arroz e pão árabe. Algumas usavam *niqab* como Nadia, mas a maioria estava com todo o corpo encoberto. No espaço fechado da tenda, seu enérgico falatório soava como o som de cigarras. Houve silêncio por um momento enquanto Nadia foi apresentada por uma das mulheres que a recebera. Aparentemente, elas estavam esperando a chegada de Nadia para começar a comer, pois uma das mulheres exclamou em voz alta ^U*Al-hamdu lillah!*”, que significava “Graças a Deus!” Em seguida atacaram as

travessas como se não comessem há muitos dias e não fossem ver comida por muito tempo mais.

Ainda em pé, Nadia observou por um tempo aquelas figuras veladas e sem forma antes de se sentar entre duas mulheres de mais de 20 anos. Uma chamava-se Adara; a outra, Safia. Adara era sobrinha do xeique e vinha de Buraydah. O irmão tinha ido ao Iraque para lutar contra os norte-americanos, desaparecendo sem deixar vestígios. Safia revelou ser esposa de Ali, o *talib*. “Meu nome foi dado em homenagem a uma mulher muçulmana que matou um espião judeu na época do Profeta”, explicou orgulhosa antes de acrescentar o obrigatório “que a paz esteja com ele”. Rafiq tinha razão quanto ao Toyota Camry: era o presente de Ali por sua formatura no programa de reabilitação de terroristas. Safia também era, junto com um dote respeitável. Estavam esperando o primeiro filho para dali a quatro meses.

— *Inshallah*, vai ser um garoto — disse ela.

— Se Deus quiser — repetiu Nadia com uma serenidade que não combinava com seus pensamentos.

Nadia serviu-se de uma pequena porção de galinha e arroz e olhou para as outras mulheres ao redor. Poucas haviam tirado seus *niqabs* e a maioria tentava comer com os rostos encobertos, inclusive Adara e Safia. Nadia fez o mesmo, enquanto ouvia o constante murmúrio à sua volta. Era uma conversa banal demais: fofocas de família, o mais novo shopping de Riad, as realizações dos filhos. Só dos filhos homens, é claro, pois meninas eram símbolo de fracasso reprodutivo. Era assim que passavam a vida, trancadas em quartos separados, em tendas separadas, na companhia de mulheres iguais a elas. Não iam ao teatro, pois não havia uma única sala de espetáculos em todo o país. Não iam a discotecas, pois a música e a dança eram estritamente *haram*. Não liam nada a não ser o Corão — que estudavam em separado dos homens — e revistas sob censura pesada que faziam propaganda de roupas que elas não podiam usar em público. Às vezes satisfaziam umas às outras com prazer físico, o pequeno segredo sujo da Arábia Saudita, mas a maioria levava uma vida de tédio sufocante e deprimente. E quando chegasse a hora seriam

enterradas dentro da tradição wahhabita, numa cova sem identificação, debaixo das areias escaldantes do Nejd.

Apesar de tudo isso, Nadia não conseguiu deixar de sentir um estranho conforto pela acolhida calorosa de sua gente e de sua fé. Era uma coisa que os ocidentais nunca entenderiam sobre o Islã: ele abrangia tudo. Despertava todos de manhã com o chamado às orações e recobria todos como uma *abaya* durante o restante do dia. Estava em cada palavra, cada pensamento e cada feito de um muçulmano devoto. E estava ali, naquela reunião comunitária de mulheres veladas, no coração do Nejd.

Foi aí que ela sentiu a primeira terrível pontada de culpa. Atingiu-a de súbito como uma tempestade de areia e sem a cortesia de um alerta. Ao se aliar com israelenses e norte-americanos, ela estava renunciando a sua fé como muçulmana. Era uma herege, uma apóstata, e o castigo pela apostasia era a morte. Seria uma morte a que essas mulheres veladas e entediadas ao seu redor fechariam os olhos. Elas não tinham escolha; se ousassem sair em sua defesa, sofreriam o mesmo destino.

O sentimento de culpa passou logo, sendo substituído pelo medo. Para se fortalecer, pensou em Rena, sua guia, seu farol. E pensou em como era conveniente que seu ato de traição ocorresse naquele lugar, no território sagrado do Nejd, no afável abraço de mulheres veladas. Se ela tivesse algum receio quanto ao caminho escolhido, já era tarde demais. Porque, pela abertura da tenda, ela viu Ali, o *talib* barbado, vindo do deserto com seu curto *thobe* salafista. Era hora de conversar com o xeique. Depois disso, com a graça de Alá, as chuvas caíam e tudo seria consumado.

NEJD, ARÁBIA SAUDITA

Nadia seguiu o *talib* pelo deserto, ao longo da borda do *wadi*. Não havia propriamente um caminho, apenas um sulco de terra batida, resquício de uma antiga trilha de camelos escavada muito antes de qualquer um no Nejd ter ouvido falar de um pregador chamado Wahhab ou mesmo de um mercador de Meca chamado Maomé. O *talib* não levava nenhuma tocha, pois não era necessário. O caminho era iluminado pelas estrelas brilhando no vasto céu e pelo *hila* da lua flutuando sobre um distante pináculo rochoso, como um crescente no topo do mais alto minarete do mundo. Nadia carregava os sapatos de salto alto numa das mãos enquanto a outra suspendia a barra da *abaya* preta. O ar agora estava cruelmente gelado, mas a terra era quente sob seus pés. O *talib* andava alguns metros à frente. Seu *thobe* parecia ter luz própria sob o brilho da lua. Estava recitando baixinho versos do Corão para si mesmo, mas com Nadia ele não falou uma palavra sequer.

Chegaram a uma tenda sem antena parabólica nem gerador. Dois homens estavam agachados na entrada, os rostos jovens e com barba iluminados pelo brilho mortiço de uma pequena fogueira. O *talib* proferiu suas saudações de paz, abriu a tenda e fez sinal para Nadia entrar. O xeique Marwan Bin Tayyib estava sentado com as pernas cruzadas num tapete oriental simples lendo o Corão sob a luz de um lampião a gás. Fechando o livro, examinou Nadia por um longo tempo através de seus pequenos óculos redondos antes de convidá-la a se sentar. Ela se abaixou bem devagar, tomando cuidado para não expor alguma parte do corpo, e acomodou-se numa postura devota perto do Corão.

— O véu cai bem em você — comentou Bin Tayyib com admiração —, mas pode tirar, se quiser.

— Eu prefiro manter.

— Nunca imaginei que você fosse tão devota. Sua reputação é de uma mulher independente.

Estava claro que o xeique não havia dito isso como um elogio. Pretendia testá-la, mas ela não esperava outra coisa. Nem Gabriel. *Oculte apenas a nossa presença*, tinha dito ele. *Atenha-se à verdade sempre que possível. A mentira é o último recurso*. Era o método do Escritório. O método do espião profissional.

— Independente do quê? — perguntou Nadia, provocando-o.

— Da charia — respondeu o xeique. — Fui informado de que você nunca usa o véu no Ocidente.

— Não é prático.

— É do meu conhecimento que cada vez mais nossas mulheres preferem permanecer veladas quando viajam. Me disseram que muitas mulheres sauditas cobrem o rosto quando vão tomar chá na loja da Harrods.

— Elas não administram grandes empresas de investimentos. E a maioria bebe mais do que chá quando está no Ocidente.

Ouvi dizer que você é uma delas.

Atenha-se à verdade sempre que possível...

— Confesso que gosto de vinho.

— É *haram* — disse ele num tom repreensivo.

— Pode culpar meu pai. Ele me deixava beber quando eu estava no Ocidente.

— Ele era condescendente com você?

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça —, não era. Ele me mimou bastante. Mas também me passou sua fé grandiosa.

— Fé em quê?

— Fé em Alá e em Seu Profeta Maomé, que a paz esteja com ele.

— Se não me falha a memória, seu pai se considerava um descendente do próprio Wahhab.

— Diferente da família Al-Asheikh, não somos descendentes diretos. Somos de um ramo distante.

— Distante ou não, o sangue dele corre nas suas veias.

— É o que se diz.

— Mas você escolheu não se casar e ter filhos. Isso também é uma questão de praticidade?

Nadia hesitou.

A mentira é o último recurso...

— Minha maturidade veio com o assassinato de meu pai — respondeu. — Minha dor tornou impossível até considerar a ideia de um casamento.

— E agora sua dor trouxe você até nós.

— Não a dor — observou Nadia. — A raiva.

— Aqui no Nejd, às vezes é difícil separar esses dois sentimentos. — O xeique abriu um sorriso solidário, o primeiro. — Mas você precisa saber que não está sozinha. Existem centenas de sauditas na sua situação: bons muçulmanos cujos entes queridos foram mortos pelos norte-americanos ou até hoje apodrecem nas jaulas da baía de Guantánamo. E muitos têm procurado os irmãos em busca de vingança.

— Nenhum deles viu o pai ser morto a sangue-frio.

— Você acredita que isso a torna especial?

— Não, acredito que meu dinheiro me torna especial.

— Muito especial — concordou o xeique. — Já faz cinco anos que seu pai foi martirizado, não é?

Nadia assentiu.

— É um longo tempo, Srta. Al-Bakari.

— No Nejd, é um piscar de olhos.

— Nós esperávamos que viesse mais cedo. Até enviamos nosso irmão Samir para entrar em contato com você. Mas você rejeitou suas súplicas.

— Não me foi possível ajudar vocês naquela época.

— Por que não?

— Eu estava sendo vigiada.

— Por quem?

— Por todos. Inclusive pela Al-Saud.

— Eles recomendaram que não tomasse nenhuma atitude para vingar a morte de seu pai?

— Não nesses termos exatos.

— Eles disseram que haveria consequências financeiras?

— Eles não foram específicos, mas disseram que as consequências seriam graves.

— E você acreditou neles?

— Por que não acreditaria?

— Porque eles são mentirosos. — Bin Tayyib deixou aquelas palavras pairando no ar por um momento. — Como posso saber que você não é uma espiã enviada pela Al-Saud para me colocar numa armadilha?

— Como posso saber que o *senhor* não é o espião, xeique Bin Tayyib? Afinal, é o senhor que está na folha de pagamento da Al-Saud.

— Assim como a senhorita. Ao menos são os rumores.

Nadia lançou um olhar gélido para o xeique. Imaginou como ele a veria — dois olhos negros como carvão o encarando em meio ao *niqab* negro. Talvez houvesse algum valor no véu, afinal.

— Tente entender nosso ponto de vista, Srta. Al-Bakari — continuou Bin Tayyib. — Durante os cinco anos desde que seu pai foi martirizado, você não disse nada sobre ele em público. Você parece passar o mínimo de tempo possível na Arábia Saudita. Você fuma, bebe, abandonou o véu... a não ser, claro, quando tenta me impressionar com sua devoção... e desperdiça centenas de milhões de dólares em arte dos infiéis.

Obviamente, o teste do xeique ainda não havia terminado. Nadia recordou as últimas palavras ditas por Gabriel no Château Treville. *Você é filha de Zizi. Nunca deixe que eles esqueçam isso.*

— Talvez tenha razão, xeique Bin Tayyib. Talvez eu devesse ter me envolvido numa burca e declarado na televisão minha intenção de vingar a morte de meu pai. Sem dúvida essa teria sido a atitude mais sábia.

O xeique deu um sorriso conciliatório.

— Já ouvi falar de sua língua perversa — falou.

— Eu tenho a língua de meu pai. E a última vez que ouvi sua voz ele estava sangrando e morrendo nos meus braços.

— E agora você quer vingança.

— Eu quero justiça... a justiça divina.

— E quanto à Al-Saud?

— Parece que eles perderam o interesse por mim.

— Não me surpreende — disse Bin Tayyib. — Nem mesmo a Casa de Saud sabe se vai sobreviver aos distúrbios que varrem o mundo árabe. Eles precisam de amigos onde puderem encontrar,

mesmo que usem *thobes* curtos e tenham as barbas descuidadas dos salafistas.

Nadia mal acreditava no que ouvia. Se o xeique estava dizendo a verdade, os governantes da Arábia Saudita tinham renovado o acordo de Fausto, o pacto com o diabo que levava ao 11 de Setembro e a inúmeras outras mortes desde então. A Al-Saud não tinha escolha, pensou. Eram como um homem segurando um tigre pelas orelhas. Se mantivessem a fera presa, poderiam sobreviver um pouco mais. Mas se a soltassem, seriam devorados no mesmo instante.

— Os norte-americanos sabem disso? — perguntou ela.

— A chamada relação especial entre o Estados Unidos e a Casa de Saud é coisa do passado — explicou Bin Tayyib. — Como você deve saber, Srta. Al-Bakari, a Arábia Saudita está fazendo novas alianças e encontrando outros consumidores para o seu petróleo. Os chineses não se importam com aspectos como direitos humanos e democracia. Eles pagam as contas no prazo e não metem o nariz em assuntos onde não são chamados.

— Assuntos como o jihad?

O xeique assentiu.

— O Profeta Maomé, que a paz esteja com ele, nos ensinou que existem Cinco Pilares do Islã. Nós acreditamos que existe um sexto. O jihad não é uma escolha. É uma obrigação. A Al-Saud entende isso. Mais uma vez, eles estão dispostos a olhar para o outro lado desde que os irmãos não criem problemas dentro do reino. Esse foi o maior erro de Bin Laden.

— Bin Laden está morto — falou Nadia assim como o seu grupo. Estou interessada em alguém que possa detonar bombas em cidades da Europa.

— Então está interessada no iemenita.

— Você o conhece?

— Já me encontrei com ele.

— E conseguiria falar com ele?

— Essa é uma pergunta perigosa. E mesmo se eu pudesse falar com ele, com certeza não me daria ao trabalho de conversar sobre uma rica mulher saudita em busca de vingança. Você precisa acreditar no que está fazendo.

— Eu sou a filha de Abdul Aziz al-Bakari e descendente de Muhammad Abdul Wahhab e com certeza *acredito* no que estou fazendo. E estou interessada em muito mais do que apenas vingança.

— No que você *está* interessada?

Nadia hesitou. As palavras seguintes não eram dela. Tinham sido ditadas pelo homem que matou seu pai.

— Eu só gostaria de retomar o trabalho de Abdul Aziz al-Bakari — disse mostrando seriedade. — Vou entregar o dinheiro nas mãos do iemenita para ele fazer o que desejar. E talvez, se Deus quiser, um dia bombas explodirão nas ruas de Washington e Tel Aviv.

— Imagino que ele ficaria muito grato — falou o xeique, cauteloso. — Mas tenho certeza de que ele não vai poder oferecer nenhuma garantia.

— Não estou à procura de garantias. Apenas uma promessa de que vai usar o dinheiro com cuidado e sabedoria.

— Está propondo uma única doação?

— Não, xeique Bin Tayyib, estou propondo uma relação de longo prazo. Ele faz os ataques. E eu pago por eles.

— Quanto dinheiro estaria disposta a fornecer?

— Quanto ele precisar.

O xeique sorriu.

— *Al-hamdu lillah.*

Nadia ficou na tenda por mais uma hora. Depois seguiu o *talib* ao longo da beira do *wadi* até o carro. Choveu durante a viagem de volta a Riad, e ainda estava chovendo no fim da manhã seguinte, quando Nadia e seu entourage embarcaram no avião de volta à Europa. Assim que saiu do espaço aéreo saudita, ela retirou o *niqab* e a *abaya* e vestiu um terno Chanel claro. Em seguida telefonou para Thomas Fowler em sua casa ao norte de Paris para dizer que os encontros na Arábia Saudita tinham ido melhor do que o esperado. De imediato, Fowler fez uma ligação para uma empresa de capital de risco pouco conhecida do norte da Virgínia — uma ligação que foi automaticamente redirecionada para a mesa de Gabriel no Rashidistão. Gabriel passou a semana seguinte monitorando com atenção as manobras financeiras e legais de

Samir Abbas. Depois de um modesto jantar com Carter num restaurante de frutos do mar em McLean, Gabriel seguiu outra vez para Londres. Carter deixou que viajasse num Gulfstream da Agência. Sem algemas. Sem agulhas hipodérmicas. Sem ressentimentos.

St. JAMES, LONDRES

Um dia depois da volta de Gabriel a Londres, a Christies anunciou uma oferta-surpresa em sua próxima venda dos Grandes Mestres de Veneza: *Madona e a Criança com Maria Madalena*, óleo sobre tela, 110 por 92 centímetros, atribuída a Ticiano. Por volta de meio-dia, os telefones da casa de leilões não paravam de tocar e até o fim do dia mais de quarenta importantes museus e colecionadores já estavam na disputa. À noite, a atmosfera no bar do Greens estava elétrica, embora Julian Isherwood não estivesse lá.

— Eu o vi pegando um táxi na Duke Street — murmurou Jeremy Crabbe ao beber seu drinque com gim e cerveja amarga. — Parecia mesmo arrasado, coitado. Disse que iria passar uma noite tranquila sozinho com sua tosse.

É raro a pintura de um artista como Ticiano ressurgir, e quando isso acontece, em geral vem acompanhada por uma boa história. Era esse o caso de *Madona e a Criança com Maria Madalena*, mas a história tanto podia ser uma tragédia quanto uma comédia ou conto com lição de moral, dependendo de quem a contasse. A Christie's divulgou a versão resumida oficial da procedência da pintura, mas, no vilarejo na zona oeste de Londres conhecido como St. James, aquilo foi descartado de imediato como uma completa porcaria. Logo estava circulando uma versão não oficial que seguia mais ou menos as seguintes linhas.

Parecia que, em agosto último, um aristocrata de Norfolk não identificado de grandes títulos mas recursos minguantes decidiu, com relutância, se separar de uma parte de sua coleção de arte. Esse nobre entrou em contato com um marchand de Londres, também não identificado, e perguntou se ele aceitaria comprar algo. Esse marchand de Londres estava ocupado na época — verdade seja dita, estava tomando sol na Costa del Sol — e só no fim de

setembro conseguiu ir até a casa do aristocrata. O marchand considerou a coleção sem brilho, para dizer o mínimo, mas concordou em adquirir algumas pinturas do aristocrata, inclusive um trabalho muito sujo atribuído a alguém da oficina de Palma Vecchio. A quantia envolvida nunca foi descoberta. Diziam que fora muito pequena.

Por razões não esclarecidas, o marchand abandonou os quadros em seus depósitos e só depois encomendou uma rápida limpeza no Palma Vecchio. A identidade do restaurador nunca foi revelada, embora todos concordassem que ele fizera um ótimo trabalho num período de tempo muito curto. De fato, a pintura estava em tão bom estado que conseguiu atrair a atenção de Oliver Dimbleby, o prestigiado negociante de Grandes Mestres da Bury Street. Oliver adquiriu o quadro numa transação — as outras pinturas envolvidas nunca foram divulgadas — e logo a pendurou em sua galeria, podendo ser vista apenas com visita agendada.

Porém, não ficaria lá muito tempo. De fato, 48 horas depois, foi comprada por uma tal de Onyx Innovative Capital, empresa de investimentos com sociedade limitada registrada na cidade suíça de Lucerna. Oliver não negociou diretamente com a OIC, mas com um simpático sujeito chamado Samir Abbas, do Trans Arabian Bank. Após debater os detalhes finais num chá no Hotel Dorchester, Abbas entregou a Oliver um cheque de 22 mil libras. Oliver logo depositou o dinheiro em sua conta no Lloyds Bank, consumando assim a venda, e iniciou o processo burocrático de garantir a licença de exportação necessária.

Foi a essa altura que o caso tomou um rumo desastroso, pelo menos do ponto de vista de Oliver. Numa tarde sombria no fim de janeiro, chegou à galeria de Oliver uma figura desalinhada, vestida com muitas camadas de roupa, que, com uma pergunta casual, botou tudo de pernas para o ar. Oliver nunca revelaria a identidade do homem; apenas diria que era um estudioso da Renascença italiana, principalmente da Escola de Veneza. Quanto ao questionamento feito por esse homem, Oliver estava disposto a responder textualmente. E se lhe pagassem uma boa taça de Sancerre, ele interpretava a cena inteira. Oliver adorava contar

histórias sobre si mesmo, em especial quando não eram elogiosas, o que quase sempre era o caso.

— Ora, Oliver, camarada, e esse Ticiano aqui?

— Não é um Ticiano, meu bom homem.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta.

— De quem é, então?

— Palma.

— Sério? Muito bom para um Palma. Da oficina ou dele mesmo?

— Da oficina, querido. Da oficina.

Foi então que a figura desalinhada inclinou-se, meio instável, para examinar mais de perto — um gesto que Oliver recriada todas as noites sob gargalhadas estrondosas no Greens.

— Vendido, é? — perguntou o homem, puxando o lóbulo da orelha.

— Na semana passada — respondeu Oliver.

— Como um Palma?

— Da oficina, querido. Da oficina.

— Por quanto?

— Meu bom homem!

— Se eu fosse você, daria um jeito de voltar atrás.

— Por que razão?

— Veja a técnica. Veja as pinceladas. Você deixou um Ticiano escapar entre os dedos. Que pena, Oliver. Abaixei a cabeça. Confesse seus pecados.

Oliver não fez uma coisa nem outra, mas em questão de minutos estava ao telefone com um velho amigo do Museu Britânico que sabia muito mais sobre Ticiano do que a maioria dos historiadores de arte. Ele correu para St. James debaixo de um dilúvio e parou diante da tela parecendo o único sobrevivente de um naufrágio.

— Oliver! Como você pôde?

— É tão óbvio assim?

— Eu apostaria minha reputação.

— Pelo menos você tem uma. A minha vai estar na privada se essa informação vazar.

— Você tem *uma* opção.

— Qual?

— Ligue para o Sr. Abbas. Diga que o cheque voltou.

E não pense que a ideia não passou pela cabecinha desonesta de Oliver. Aliás, ele passou boa parte das 48 horas seguintes tentando descobrir algum estratagema aceitável moral e legalmente que pudesse usar para se desembaraçar do negócio. Como não encontrou nenhum — ao menos nenhum que depois lhe permitisse dormir tranquilo —, ele ligou para o Sr. Abbas para informar que a Onyx Innovative Capital era na verdade a orgulhosa proprietária de um Ticiano recém-descoberto. Oliver se ofereceu para levar a pintura ao mercado, esperando ao menos obter uma boa comissão em meio àquela catástrofe, mas Abbas telefonou no dia seguinte para dizer que a OIC seguiria outro caminho.

— Tente não me desapontar — disse Oliver, melancólico.

— Foi um prazer fazer negócios com o senhor. Marquemos um almoço na próxima vez que vier a Zurique, Sr. Dimbleby. E a propósito, Sr. Dimbleby, o pessoal da Christie's deve chegar aí em uma hora.

Eles chegaram de supetão, como sequestradores profissionais, e levaram o quadro para a King Street, onde foi examinado por uma série de peritos em Ticiano de todo o planeta. Todos deram o mesmo veredicto e, por um milagre, ninguém violou o rígido acordo de confidencialidade que a Christie's os obrigou a assinar para receber os honorários. Até mesmo Oliver, em geral falante, conseguiu se manter em silêncio até quando a Christie's divulgou o trabalho. Mas ele tinha razão de segurar a língua. Oliver tinha sido um estúpido.

Porém, até Oliver conseguiu sentir um pouco de prazer no frenesi que se seguiu ao anúncio. E por que não? Estava sendo um inverno terrível até aquele momento, com a austeridade do governo, as nevascas e os ataques a bomba. Oliver ficava feliz só de poder levantar os ânimos, mesmo que isso significasse bancar o idiota em troca de drinques no Green's. Além do mais, ele conhecia bem as regras. Já tinha participado muitas vezes daquele jogo, sendo bastante aclamado.

Na noite do leilão, ele fez o que seria sua última apresentação. No encerramento, deu três bis e juntou-se à multidão que se dirigia à Christie's para o grande espetáculo. A gerência teve a delicadeza

de reservar um lugar na segunda fila para ele, bem em frente ao púlpito do leiloeiro. À esquerda encontrava-se seu amigo e concorrente Roddy Hutchinson e, à esquerda de Roddy, Julian Isherwood. O lugar à direita de Oliver estava desocupado. Pouco depois, foi preenchido por ninguém menos que Nicholas Lovegrove, consultor de arte dos mais ricos. Lovegrove tinha acabado de chegar de Nova York. Num avião particular, claro. Lovegrove não usava mais linhas aéreas comerciais.

- Por que essa cara arrasada, Ollie?
- Pensando no que poderia ter sido.
- Sinto muito pelo Ticiano.
- A gente ganha aqui, perde ali. Como vão os negócios, Nicky?
- Não posso me queixar.
- Não sabia que você lidava com os Grandes Mestres.
- Na verdade, eles me apavoram. Olha só este lugar. É como estar numa maldita igreja: só anjos, santos, mártires e crucificação.
- Então por que está na cidade?
- Um cliente deseja se aventurar em novas áreas.
- O cliente tem um nome?
- O cliente quer permanecer anônimo... *bem* anônimo.
- Sei como é. Seu cliente quer se aventurar em novas áreas adquirindo um Ticiano?
- Você logo vai ficar sabendo, Ollie.
- Espero que seu cliente tenha bolsos bem fundos.
- Eu só trabalho para bolsos fundos.
- O que se fala por aí é que a coisa vai ser grande.
- Antecipação desmedida.
- Você deve estar certo, Nicky. Você sempre está certo.

Lovegrove não se deu ao trabalho de discutir. Tirou o celular do bolso do blazer e consultou a lista de contatos. Como de praxe, Oliver deu uma espiada na tela depois de Lovegrove selecionar o número. *Não é que isso é interessante?*, pensou. *Muito interessante.*

St. JAMES, LONDRES

O quadro adentrou o salão no meio do espetáculo, como uma garota bonita chegando numa festa depois do que poderia ser considerado um atraso elegante. A festa tinha sido um tanto tediosa até então e a garota bonita ajudou a alegrar bastante o ambiente. Oliver Dimbleby sentou-se um pouco mais ereto na cadeira. Julian Isherwood mexeu no nó da gravata e deu uma piscadela para uma das garotas na mesa telefônica.

— Lote 27, o Ticiano — murmurou o provocativo Simon Mendenhall, leiloeiro-chefe da Christie's e o único homem bronzeado de Londres. — Vamos começar com 2 milhões?

Terry O'Connor, o último magnata endinheirado da Irlanda, fez as honras. Em trinta segundos o lance já estava em 6,5 milhões de libras. Oliver Dimbleby se virou para a direita e murmurou:

— Continua achando uma antecipação desmedida, Nicky?

— Ainda é o primeiro round — sussurrou Lovegrove —, e ouvi falar que está vindo um forte vento contrário.

— Eu daria outra olhada na previsão do tempo se fosse você, Nicky.

Os lances estagnaram nos 7 milhões. Oliver, com uma coçada no nariz, subiu para 7,5 milhões.

— Canalha — murmurou Lovegrove.

— Quando você precisar, Nicky.

O lance alto de Oliver reacendeu o frenesi. Terry O'Connor passou como um rolo compressor por cima de vários lances seguidos, mas os outros desafiantes não recuaram. O irlandês ofereceu 12 milhões logo antes de Isherwood entrar sem querer na disputa quando Mendenhall confundiu uma tosse discreta com um lance de 12,5 milhões. Mas a coisa logo se resolveu, pois segundos depois um apostador deixou todos espantados ao oferecer, por telefone, 15 milhões. Lovegrove pegou o celular e discou.

— Como estamos? — perguntou o Sr. Hamdali.

Lovegrove explicou a situação. No tempo que levou para fazer isso, o lance por telefone já tinha sido superado. A garota estava de volta à festa, com Terry O'Connor, por 16 milhões.

— O Sr. O'Connor gosta de se dar ares de pugilista, não?

— Campeão de meios-médios na universidade.

— Vamos atingi-lo com um bom gancho, então, que tal?

— Com quanta força?

— O suficiente para saberem que estamos falando sério.

Lovegrove chamou a atenção de Mendenhall e ergueu dois dedos.

— Temos 20 milhões de libras na sala. Não está com você, madame. Nem com você, senhor. E não está com Lisa, por telefone. Está na sala, com o Sr. Lovegrove, num lance de 20 milhões de libras. Temos 20,5 milhões?

Sim. Estava com Julian Isherwood. Terry O'Connor imediatamente ofereceu 21. Um apostador ao telefone subiu para 22. Alguém em outra linha entrou na disputa com uma oferta de 24, que foi derrubada por uma de 25. Mendenhall virava para lá e para cá como um dançarino de flamenco. O leilão parecia uma luta até a morte, justo o que ele desejava.

— Tem alguma coisa errada aqui — disse Lovegrove ao celular.

— Faça outra oferta, Sr. Lovegrove.

— Mas...

— Por favor, faça outra oferta.

Lovegrove obedeceu.

— O lance atual é de 26 milhões, na sala, com o Sr. Lovegrove. Alguém quer dar 27?

Lisa acenou na mesa telefônica.

— Tenho 28 por telefone. Agora são 29, no fundo da sala. Agora 30. Agora 31, com o Sr. O'Connor, na sala. Agora 32. Passou a 33. Não, não vou aceitar 33,5 milhões, estou querendo 34. E parece que consegui, com o Sr. Isherwood. Sim? Sim, consegui. Está na sala, por 34 milhões, com o Sr. Isherwood.

— Faça outra oferta — requisitou Hamdali.

— Eu não aconselharia.

— Faça outra oferta, Sr. Lovegrove, ou meu cliente encontrará um consultor que o faça.

Lovegrove sinalizou 35. Em questão de segundos os lances por telefone passaram dos 40.

— Faça outra oferta, Sr. Lovegrove.

— Eu não...

— Faça a oferta.

Mendenhall anunciou a oferta de Lovegrove, de 42 milhões.

— Agora está em 43, com Lisa, por telefone. Agora 44, com Samantha. E 45, com Cynthia.

Foi então que Lovegrove detectou a calma pela qual estava esperando. Deu uma olhada em Terry O'Connor e viu que ele tinha desistido.

— Quanto essa pintura vale para seu cliente? — perguntou a Hamdali.

— O suficiente para uma oferta de 46.

Lovegrove fez a oferta.

— Agora estamos em 46, na sala, com o Sr. Lovegrove — disse Mendenhall. — Alguém vai me dar 47?

Na mesa telefônica, Cynthia começou a gesticular, como se tentasse chamar a atenção de um helicóptero de resgate.

— Agora está com Cynthia, por telefone, por 47 milhões de libras.

Não houve em seguida nenhuma oferta por telefone.

— Vamos acabar com isso? — perguntou Lovegrove.

— Vamos — respondeu Hamdali.

— Quanto?

— Meu cliente aprecia números redondos.

Lovegrove arqueou uma sobrancelha e levantou cinco dedos.

— A oferta é de 50 milhões de libras — anunciou Mendenhall. — Não está com você, senhor. Nem com Cynthia, por telefone. Oferta de 50 milhões, na sala, pelo Ticiano. Último aviso, última chance. Todos de acordo?

Mendenhall bateu o martelo, os apostadores suspiraram e houve uma última conversa animada entre o Sr. Hamdali e Lovegrove, que ele não conseguiu ouvir muito bem porque em seu outro ouvido

Oliver Dimbleby gritava algo que ele também não entendeu. Em seguida vieram os cumprimentos dissimulados com os perdedores, o flerte obrigatório com a imprensa, que queria descobrir a identidade do comprador, e a longa caminhada até os escritórios da Christie's, no andar de cima, onde a papelada final foi preenchida num ar de solenidade fúnebre. Já eram quase dez horas quando Lovegrove assinou seu nome no último documento. Ao sair pelas portas ostentosas da Christie's, deu de cara com Oliver e os rapazes na King Street. Estavam indo para o restaurante Nobu, atrás de *spicy tuna rolls* e de uma olhada no mais recente talento russo.

— Venha conosco, Nicky — gritou Oliver. — Divirta-se um pouco com seus irmãos britânicos. Você tem passado tempo demais na América. Está perdendo a graça.

Lovegrove ficou tentado, mas sabia que o programa acabaria mal, então os viu irem embora em táxis e pegou o caminho de volta para o hotel, a pé. Enquanto caminhava pela Duke Street avistou um homem saindo da Masons Yard e entrando num carro que o aguardava. Ele tinha porte mediano; o carro era um 'aguar sedan lustroso, com jeito de veículo do governo britânico. Assim como o homem de cabelos grisalhos já sentado no banco de trás. Não olharam em sua direção quando ele passou pelo carro, mas Lovegrove ficou com a incômoda impressão de que estavam fazendo piada dele.

Havia sentido o mesmo durante o leilão — o leilão onde tinha desempenhado um papel de destaque. Alguém passou a perna em alguém naquela noite, disso Lovegrove estava certo. E temia que talvez tivessem passado a perna em seu cliente. Mas Lovegrove não estava na reta. Ele tinha acabado de ganhar milhões de libras só por erguer o dedo algumas vezes. Não era uma maneira ruim de ganhar a vida, pensou, com um sorriso. Talvez devesse ter aceitado a oferta de Oliver e ido à festa pós-leilão. Não, decidiu, ao virar a esquina em Piccadilly, tinha sido melhor recusar. As coisas acabariam mal. Sempre acabavam, quando Oliver estava envolvido.

LANGLEY, VIRGÍNIA

Três dias úteis depois, a Christie's depositou a soma de 50 milhões de libras — menos o valor das comissões, impostos e diversas taxas de movimentação — na filial de Zurique do TransArabian Bank. A Christie's recebeu a confirmação da transferência às 14h18, horário de Londres, junto com os duzentos homens e mulheres reunidos no centro operacional subterrâneo conhecido como Rashidistão, logo tomado por uma grande comemoração, que ecoou pelas salas da comunidade de inteligência norte-americana e até mesmo dentro da própria Casa Branca. A celebração não durou muito tempo, pois ainda havia muito trabalho a ser feito. Depois de muitas semanas de fadiga e preocupação, a operação de Gabriel afinal tinha dado frutos. Agora era a hora da colheita. E depois da colheita, se Deus quisesse, viria o banquete.

O dinheiro passou um dia em Zurique antes de seguir para a sede do TransArabian em Dubai. Não toda a quantia. Por determinação de Samir Abbas, que tinha uma procuração, 2 milhões de libras foram transferidos para um pequeno banco particular em Talstrasse, Zurique. Além disso, Abbas autorizou doações generosas para um bom número de grupos e instituições beneficentes islâmicos — inclusive o Fundo Islâmico Mundial pela Justiça, a Iniciativa Palestina Livre, os Centros para Estudos Islâmicos, a Sociedade Islâmica da Europa Ocidental, a Liga Mundial Islâmica e o Instituto para a Reconciliação Judaico-Islâmica, o favorito de Gabriel. Abbas também reservou uma taxa de consultoria generosa para si mesmo, que, estranhamente, resolveu retirar em dinheiro vivo. Entregou uma parte para o imame de sua mesquita usar como achasse adequado e escondeu o resto na despesa de seu apartamento em Zurique, ato que foi flagrado pela

câmera de seu computador e projetado ao vivo nas telas gigantes do Rashidistão.

Como havia um bom tempo que Langley e a ANS suspeitavam de ligações entre o TransArabian e o movimento jihadista, ambos já estavam familiarizados com as transações do banco, assim como os especialistas em financiamento ao terror no Departamento do Tesouro e o FBI. Assim, Gabriel e a equipe no Rashidistão puderam monitorar o dinheiro quase em tempo real conforme ele fluía por uma série de negócios de fachada e empresas-fantasma — todas criadas às pressas em jurisdições com legislações frouxas nos dias que se seguiram ao encontro de Nadia com o xeique Bin Tayyib no Nejd. A velocidade com que o dinheiro se moveu de conta em conta demonstrou que a rede de Rashid tinha um nível de sofisticação que não correspondia a seu tamanho e relativa juventude. Também revelou — deixando Langley em alerta — que a rede já tinha se expandido para muito além do Oriente Médio e da Europa Ocidental.

As evidências do alcance global de Rashid eram abundantes. Lá estavam os 300 mil dólares que apareceram de repente na conta de uma empresa de caminhões em Ciudad del Este, no Paraguai. E os 500 mil dólares pagos a uma empresa de construção em Caracas. E os 800 mil dólares encaminhados para uma empresa de consultoria para negócios on-line sediada em Montreal — cujo dono era um argelino que já havia sido vinculado à Al-Qaeda, no Magrebe Islâmico. O maior pagamento — de 2 milhões de dólares — foi para a QTC Logistics, uma empresa de frete e corretagem de alfândega sediada em Sharjah, um emirado juridicamente poroso à beira do golfo. Poucas horas depois da chegada do dinheiro, a equipe do Rashidistão já monitorava os telefones da QTC e investigava seus registros de até três anos atrás. Realizaram o mesmo procedimento com a empresa de Montreal, embora a vigilância física do argelino tenha sido delegada para o Serviço Canadense de Segurança e Inteligência. Gabriel se opôs com firmeza à entrada dos canadenses na investigação, mas foi vencido por Adrian Carter e seu recém-descoberto aliado na Casa Branca, James A. McKenna. Essa foi só uma de muitas batalhas, grandes e pequenas, que Gabriel perderia enquanto via a operação fugir cada vez mais do seu controle.

Enquanto as informações entravam no centro operacional, a equipe produziu uma matriz atualizada que ofuscou aquela construída por Dina e pelo resto do time de Gabriel após os primeiros ataques. McKenna aparecia no centro de vez em quando só para admirá-la, assim como membros de diversas comissões do Congresso envolvidas com os serviços de inteligência e segurança interna. E, numa tarde de neve no fim de fevereiro, Gabriel avistou o presidente dos Estados Unidos na plataforma de observação, e ao lado o diretor da CIA e Adrian Carter orgulhosos. O presidente estava claramente satisfeito com o que via. Era honesto. Era inteligente. Era pró-ativo. Uma parceria entre o Islã e o Ocidente para derrotar as forças do extremismo. Uma vitória da inteligência sobre a força bruta.

A operação foi criação de Gabriel, a obra-prima de Gabriel, mas ainda não tinha produzido nenhuma pista concreta referente à localização do líder operacional da rede nem de seu líder inspirador. Foi por essa razão que Gabriel ficou surpreso quando começou a ouvir rumores acerca de prisões iminentes. Confrontou Adrian Carter no dia seguinte, na sala de conferência com isolamento acústico do centro operacional. Carter passou um tempo reorganizando o conteúdo de uma pasta antes de confirmar os rumores. Gabriel bateu no crachá verde ao redor do pescoço e perguntou:

— Isso me dá o direito de opinar?

— Acho que sim.

— Você está prestes a cometer um erro, Adrian.

— Não seria o meu primeiro.

— Eu e minha equipe dedicamos muito tempo e esforço para montar essa operação. E agora você vai fazer a coisa toda em pedaços em troca da prisão de alguns criminosos de baixo escalão.

— Acho que você está me confundindo com outra pessoa — disse Carter, impassível.

— Com quem?

— Com alguém que tem o poder de tomar decisões executivas. Eu sou o vice-diretor de operações da CIA. Tenho superiores neste prédio. Há colegas ambiciosos de outras agências com interesses distintos, um diretor da inteligência nacional, membros do

Congresso e James A. McKenna. E, por último, mas não menos importante, o presidente.

— Nós somos espiões, Adrian. Não prendemos pessoas. Salvamos vidas. Você precisa ser paciente, assim como seus inimigos. Se continuar deixando o dinheiro fluir, vai conseguir se manter um passo à frente deles por *anos*. Vai observá-los. Vai escutá-los. Vai deixá-los gastar tempo e esforços preciosos planejando ataques que nunca conseguirão levar a cabo. E você só vai prender pessoas como último recurso, se for necessário para evitar que uma bomba exploda ou que um avião caia.

— A Casa Branca discorda — falou Carter.

— Então se trata de política?

— Prefiro não especular quanto às motivações.

— E quanto a Malik?

— Malik é um rumor. Malik é um palpite de Dina.

Gabriel encarou Adrian, cético.

— Você não acredita nisso, Adrian. Foi você que disse que os atentados na Europa foram tramados por alguém que se iniciou em Bagdá.

— E ainda acredito nisso. Mas a meta dessa operação nunca foi encontrar um homem. A ideia era dismantelar uma rede terrorista. Graças a seu trabalho, temos evidências suficientes para prender ao menos sessenta criminosos em dezenas de países. Quando foi a última vez que alguém prendeu sessenta desses caras? É uma conquista impressionante. É *sua* conquista.

— Vamos torcer para que sejam as sessenta pessoas certas. Caso contrário, talvez isso não evite o próximo ataque. Pode até levar Rashid e Malik a adiantarem os planos.

Carter começou a entortar um clipe de papel para deixar o arame reto, sem falar nada.

— Você já pensou no efeito que isso vai ter na segurança de Nadia?

— É possível que Rashid ache o momento das prisões suspeito — admitiu Carter —, por isso estamos pensando em protegê-la com uma série de vazamentos planejados na imprensa.

— Que tipo de vazamentos?

— O tipo que retrate as prisões como ápice de uma investigação de vários anos, que começou quando Rashid ainda se encontrava nos Estados Unidos. Acreditamos que isso deva gerar discórdia dentro de seu círculo interno e paralisar a rede.

— “Acreditamos”?

— É nossa esperança — disse Carter, sem qualquer ironia.

— Por que não fui consultado sobre nada disso? — perguntou Gabriel.

Carter ergueu o clipe, agora já reto.

— Achei que estivéssemos fazendo isso agora.

Essa foi a última conversa que tiveram por vários dias. Carter se manteve no sétimo andar, enquanto Gabriel passou a maior parte do tempo supervisionando a retirada de sua equipe do campo. No fim de fevereiro, a Agência já tinha assumido responsabilidade total pela vigilância física e eletrônica de Nadia al-Bakari e Samir Abbas. Da operação original de Gabriel restaram apenas dois esconderijos vazios — um situado num pequeno vilarejo ao norte de Paris e outro nas margens do lago Zurique. Ari Shamron decidiu manter o Château Treville, mas ordenou que a casa em Zurique fosse desativada. Chiara cuidou pessoalmente da papelada antes de pegar um avião até Washington para se juntar a Gabriel. Eles se acomodaram num flat do Escritório na Tunlaw Road, em frente à embaixada russa. Carter colocou dois agentes para vigiá-los, só para garantir.

Com Chiara em Washington, Gabriel reduziu bastante o tempo que passava no Rashidistão. Chegava em Langley para a reunião matinal do alto escalão e depois passava algumas horas olhando sobre os ombros dos analistas e dos coletores de dados antes de voltar para Georgetown e se encontrar com Chiara para o almoço. Em seguida, se o tempo estivesse bom, saíam para fazer compras ou passear pelas ruas agradáveis, discutindo sobre o futuro. As vezes parecia que apenas estavam retomando a conversa interrompida pelo atentado em Covent Garden. Chiara até levantou a questão de trabalhar na galeria de Isherwood.

— Pense nisso — disse ela, quando Gabriel se opôs. — É só o que estou pedindo, querido. Apenas pense nisso.

Por enquanto, porém, a única coisa que ocupava os pensamentos de Gabriel era a segurança de Nadia. Com a aprovação de Carter, ele revisou os planos da Agência para a proteção a longo prazo da bilionária e até ajudou no esboço do material que seria vazado na imprensa norte-americana. Concentrou a maior parte de seus esforços numa campanha incansável dentro do Rashidistão para evitar que as prisões ocorressem, dizendo para qualquer pessoa disposta a escutar que a Agência, ao ceder à pressão política, iria cometer um erro catastrófico. Carter parou de ir às reuniões em que Gabriel estava presente. Era perda de tempo. A Casa Branca tinha dado ordens a Carter. Agora ele estava em contato permanente com amigos e aliados em dezenas de países coordenando o que seria a maior prisão de militantes jihadistas desde a queda do Afeganistão.

Numa sexta-feira de manhã no fim de março, Gabriel puxou Carter de lado por tempo suficiente para dizer que pretendia sair de Washington e voltar para a Inglaterra. Carter sugeriu que ele adiasse um pouco a viagem para não perder o grande evento.

— Quando começa? — perguntou Gabriel, melancólico.

Carter olhou para o relógio e sorriu.

Em poucas horas começou o efeito dominó. Foi tão rápido, e atingiu uma escala tão grande, que a imprensa teve dificuldades para acompanhar o ritmo da história que se desenrolava.

As primeiras prisões se deram nos Estados Unidos, onde as equipes de táticas especiais do FBI executaram uma série de batidas simultâneas em quatro cidades. Capturaram a célula de egípcios em Newark com planos de descarrilhar um trem da Amtrak que iria para Nova York. E a célula de somalis em Minneapolis que pretendia efetuar ataques químicos contra diversos prédios de escritórios no centro da cidade. Além da célula de paquistaneses de Denver, já nos estágios finais do planejamento de uma série de ataques a arenas esportivas lotadas para matar centenas de pessoas. O caso mais alarmante, no entanto, era em Falls Church, na Virgínia, onde uma célula com seis membros estava prestes a executar um atentado contra o novo Centro de Visitantes do Capitólio. No computador de um dos suspeitos, o FBI encontrou

fotos de turistas e crianças em excursões escolares na fila para entrar no prédio. Outro suspeito tinha alugado um armazém isolado para começar a construir bombas de peroxiacetona. O dinheiro viera do argelino em Montreal, que foi preso junto com outros oito canadenses.

Na Europa, o alcance foi ainda maior. Em Paris, os terroristas planejavam ataques à torre Eiffel e ao Museu d'Orsay. Em Londres, os alvos escolhidos eram a London Eye e a Parliament Square. E, em Berlim, tramavam um atentado devastador como o de Bombaim aos visitantes do memorial do Holocausto perto da Brandenburg Gate. Copenhague e Madri, atingidas pela primeira série de ataques, revelaram mais células. O mesmo se deu em Estocolmo, Malmö, Oslo e Roma. Pelo continente inteiro, contas bancárias foram congeladas e empresas foram fechadas. Tudo graças ao dinheiro de Nadia.

Um por um, primeiros-ministros, presidentes e chanceleres apareceram na imprensa para proclamar que desastres haviam sido evitados. O presidente norte-americano foi o último a se pronunciar. Resoluto, descreveu a ameaça como a mais séria enfrentada desde os ataques de 11 de setembro e insinuou que mais prisões estavam por vir. Quando lhe pediram que dissesse como as células foram descobertas, ele passou a palavra para seu consultor em contraterrorismo, James McKenna, que se recusou a responder. Ele se esforçou bastante, no entanto, para ressaltar que a conquista havia sido obtida sem recorrer a técnicas utilizadas pela administração anterior.

— A ameaça evoluiu — declarou McKenna e nós evoluímos junto.

Na manhã seguinte, o *New York Times* e o *Washington Post* apresentaram artigos prolixos descrevendo um triunfo que era fruto do trabalho entre diversos agentes da lei e serviços de inteligência e já vinha sendo executado há quase uma década. Além disso, ambos os jornais publicaram editoriais louvando a “visão moderna do presidente na luta contra o extremismo global” e, à noite, nos talk shows da TV a cabo, membros da oposição apareceram com uma expressão bem abatida. O presidente tinha feito mais que eliminar uma rede terrorista perigosa, alegou um estrategista de renome. Ele

tinha acabado de garantir mais quatro anos no poder. A corrida por 2012 já estava encerrada. Era hora de começar a pensar em 2016.

PALISADES, WASHINGTON

Naquela mesma tarde, o diretor da CIA convocou os funcionários para a Bolha, o auditório futurista de Langley, para uma reunião de motivação. Ellis Coyle decidiu não participar. Eventos desse tipo, Ellis sabia, eram tão previsíveis quanto as noites em casa com Norah. Começaria com as baboseiras de sempre sobre orgulho restaurado e uma Agência em recuperação, uma Agência que afinal encontrara seu lugar num mundo sem a União Soviética. Coyle já tinha escutado esse mesmo discurso de sete diretores, cada um dos quais saiu do cargo deixando a CIA ainda mais fraca e disfuncional do que estava quando haviam entrado. Sem talentos e enfraquecida pela reorganização da comunidade de inteligência norte-americana, a Agência estava em ruínas. Nem mesmo Coyle, um dissimulador profissional, foi capaz de sentar na Bolha e fingir que a prisão de sessenta suspeitos de terrorismo anunciava um futuro melhor — principalmente porque ele sabia como essa conquista havia sido obtida.

Houve um engavetamento envolvendo quatro carros na Canal Road e, assim, Coyle conseguiu terminar o audiobook *A revolta de Atlas* no caminho de volta para casa. Quando chegou em Palisades, viu a casa de Roger Blankman toda iluminada, com dezenas de carros de luxo alinhados na rua estreita.

— Ele está dando outra festa — disse Norah, recebendo o beijo frio de Coyle. — É algum tipo de evento para arrecadar fundos.

— Deve ser por isso que não fomos convidados.

— Não seja mesquinho, Ellis. Não combina com você.

Ela colocou mais uns centímetros de Merlot no copo enquanto Lucy entrava na cozinha com a coleira na boca. Coyle, obediente, prendeu-a no pescoço da cadela e juntos andaram até o Battery Kemble Park. Próximo ao pé de uma placa de madeira, num ângulo preciso de 45 graus inclinado para a direita, havia uma marca de

giz. Significava que um pacote aguardava por Coyle no local de retirada número três. Coyle apagou a marca com a ponta do sapato e começou a andar.

Estava escuro em meio às árvores, mas Coyle não precisava de lanterna. Ele conhecia o caminho tão bem quanto a palma de sua mão. Do MacArthur Boulevard, a trilha seguia plana por apenas alguns metros antes de se transformar numa subida íngreme pela encosta da colina. No alto do parque havia uma clareira, onde ficava a velha artilharia pesada durante a Guerra Civil. À direita havia uma ponte de madeira que cruzava um rio estreito. O local de retirada número três ficava logo depois dela, embaixo de um tronco de carvalho caído. Era de difícil acesso, em especial para um homem de meia-idade com problemas crônicos de coluna, mas não para Lucy. Ela sabia onde era cada ponto de retirada só de ouvir Coyle dizer seu número e conseguia alcançá-los em questão de segundos. Além disso, a menos que o FBI descobrisse uma forma de falar com cachorros, ela nunca poderia ser chamada para testemunhar. Lucy era a agente de campo perfeita, pensou Coyle: esperta, eficiente, destemida e provida de uma lealdade inquestionável.

Ele parou por um instante para ver se havia o som de passos ou vozes. Como não ouviu nada, deu o comando para Lucy esvaziar o local de retirada número três. Ela disparou em meio ao mato, quase invisível por causa de seu pelo preto, e foi chapinhando pelo leito do rio. Em poucos segundos voltou pelo mesmo caminho, subindo com dificuldade, com um pedaço de pau na boca, que soltou obedientemente aos pés de Coyle.

Tinha cerca de 30 centímetros de comprimento e quase 5 centímetros de diâmetro. Coyle segurou-o nas duas pontas e fez um movimento de torção. Ele se abriu com facilidade, revelando um compartimento interno, onde havia um pequeno papel. Coyle o retirou, fechou o pedaço de pau e deu a Lucy para que ela devolvesse ao local de retirada. Provavelmente o operador de Coyle o resgataria antes do amanhecer. Ele não era o agente de inteligência mais esperto que Coyle já conhecera, mas era esforçado e nunca atrasava nos pagamentos. O que não era surpresa. O serviço do agente enfrentava muitas ameaças, tanto internas como externas, mas a falta de dinheiro não era uma delas.

Coyle leu a mensagem usando a luz da tela do celular e largou o papel num saco plástico. O mesmo saco que usou cinco minutos depois para recolher as fezes de Lucy. Amarrado com um nó firme, balançava como um pêndulo, batendo no pulso de Coyle enquanto ele fazia o percurso de volta para casa. Agora não faltava muito, pensou. Mais alguns segredos, mais algumas incursões pelo parque com Lucy ao lado. Ficou imaginando se teria mesmo coragem para partir. Aí pensou nos óculos antiquados de Norah, na casa enorme do vizinho e no audiolivro sobre Winston Churchill que escutou enquanto estava preso no trânsito. Coyle sempre admirou a determinação de Churchill. Coyle também seria determinado, no final.

Do outro lado do rio, em Langley, a festa continuou por boa parte da semana seguinte. Eles celebraram o trabalho duro. Celebraram a superioridade de sua tecnologia. Celebraram o fato de terem conseguido superar o inimigo. E, principalmente, celebraram Adrian Carter. A operação, diziam, com certeza seria vista como uma das melhores da carreira de Carter. As falhas foram esquecidas, os pecados foram perdoados. Não importava que Rashid e Malik ainda estivessem lá fora, em algum lugar. Por enquanto eram terroristas sem uma rede, e graças a Carter.

O Rashidistão continuou na ativa, mas suas fileiras foram reduzidas por uma onda de rápidas realocações. O que tinha começado como uma iniciativa ultrassecreta de serviços de inteligência, agora, em grande parte, era uma atribuição de policiais e promotores. A equipe não rastreava mais o fluxo de dinheiro por uma rede terrorista. Em vez disso, tinha intensas discussões com advogados do Departamento de Justiça para decidir quais evidências eram admissíveis e quais nunca deveriam ver a luz do dia. Nenhum dos advogados se deu ao trabalho de perguntar a opinião de Gabriel Allon, pois não ficaram sabendo de sua participação.

Com a operação no estágio final, Gabriel dedicou a maior parte de seu tempo e energia no processo de saída. A pedido do King Saul Boulevard, ele conduziu uma série de entrevistas de encerramento e negociou um sistema permanente para compartilhar

informações, sabendo muito bem que os norte-americanos não obedeceriam aos termos estabelecidos. O acordo foi assinado com bastante alarde numa cerimônia com poucos convidados no escritório do diretor, e depois Gabriel seguiu para o departamento de pessoal para entregar a credencial verde. O que devia ter levado cinco minutos consumiu mais de uma hora, pois ele foi forçado a assinar inúmeros compromissos por escrito, nenhum dos quais tinha a menor intenção de cumprir. Quando a sede do departamento por tinta finalmente foi saciada, um guarda uniformizado escoltou Gabriel até o saguão. Ele continuou lá por alguns minutos para observar uma nova estrela sendo gravada no memorial da CIA e ao sair deu de cara com a primeira tempestade violenta da primavera demasiado curta de Washington.

Quando Gabriel chegou em Georgetown, a chuva tinha parado e o sol brilhava forte de novo. Almoçou com Chiara num café exótico ao ar livre, próximo à American University, e depois voltaram para a Tunlaw Road, pois precisavam arrumar as malas antes do voo para casa. Quando chegaram ao prédio, viram um Escalade preto blindado esperando na frente da entrada, com o escapamento soltando fumaça. Uma mão acenou. Pertencia a Adrian Carter.

— Algum problema? — perguntou Gabriel.

— Depende do ponto de vista.

— Você pode ir direto ao ponto, Adrian? Temos um voo.

— Eu tomei a liberdade de cancelar suas reservas.

— Que atencioso.

Entrem.

PARTE TRÊS

EMPTY QUARTER

THE PLAINS, VIRGÍNIA

A casa se erguia no ponto mais alto da propriedade, à sombra de carvalhos e olmos. Tinha um telhado de cobre fosco e varandas elegantes nos dois andares, com vista para a pastagem verde. Os vizinhos haviam sido levados a crer que o dono era um lobista rico de Washington chamado Hewitt. Não havia nenhum lobista em Washington chamado Hewitt, ou pelo menos nenhum que tivesse qualquer ligação com a encantadora fazenda de 40 acres localizada na Estrada Municipal 601, 3 quilômetros ao leste de The Plains. O nome foi gerado por um algoritmo aleatório dos computadores da CIA, que administrava a fazenda por meio de uma empresa de fachada. A Agência também era proprietária do trator John Deere, da picape Ford, do cortador Bush Hog e de dois cavalos baios. Um se chamava Colby, o outro, Helms. De acordo com os espertinhos de plantão da Agência, ambos eram submetidos, como todos os funcionários da CIA, ao polígrafo, em testes anuais, para garantir que não haviam mudado de lado, seja lá o que isso quer dizer.

Naquela tarde os cavalos mastigavam a grama bem cuidada da pastagem quando a Escalade transportando Gabriel e Chiara chegou na fazenda e subiu sacolejando o longo caminho de cascalho. Um segurança da CIA permitiu a entrada do grupo na casa e, depois de pegar os casacos e celulares de todos, indicou o salão. Ao entrarem, viram Uzi Navot encarando o bufê com o olhar ávido e Ari Shamron tentando tirar café da garrafa térmica. Sentado próximo à lareira apagada, com trajes adequados para um longo fim de semana na região rural inglesa, estava Graham Seymour. A seu lado, Adrian Carter franzia a testa enquanto ouvia James McKenna sussurrar algo em seu ouvido, com tom de urgência.

As pessoas reunidas naquele cômodo representavam uma espécie de irmandade secreta. Desde os ataques de 11 de setembro, esse grupo trabalhara junto em incontáveis operações, a

maior parte das quais nunca chegou ao conhecimento público. Tinham lutado uns pelos outros, matado uns pelos outros e, em alguns casos, sangrado uns pelos outros. Apesar de divergências ocasionais, os laços que criaram entre si foram capazes de transcender o tempo e os caprichos inconstantes de seus líderes políticos. Viam sua missão de forma muito clara: eram — pegando emprestada uma expressão de seus inimigos — o “Conselho da Shura” do mundo civilizado, uma espécie de assembleia consultiva. Executavam as tarefas desagradáveis que ninguém mais estava disposto a encarar e depois se preocupavam com as consequências, em especial quando havia vidas em jogo. James McKenna não era um membro do conselho e nunca seria. McKenna era um animal político, o que significava, por definição, que ele era parte do problema. Sua presença prometia ser um fator complicador, ainda mais se pretendesse passar o tempo inteiro sussurrando ao ouvido de Carter.

McKenna se sentia mais confortável com mesas retangulares, então, por sugestão sua, o grupo foi para a sala de jantar. Era óbvio por que Carter não gostava dele: McKenna era tudo o que Carter não era. Era jovem. Estava em forma. Ficava bem atrás de um púlpito. Também tinha uma confiança extrema em si mesmo, independentemente de essa segurança ser justificada ou merecida. McKenna não tinha sangue nas mãos, nem pecados em sua carreira. Nunca confrontou o inimigo olhando pela mira de uma arma nem o questionou numa sala de interrogatório. Nem sequer falava os idiomas de seu inimigo. Mas tinha lido incontáveis relatórios sobre ele e falado dele com muita precisão em diversas reuniões. Sua maior contribuição à literatura do contraterrorismo foi um artigo que certa vez escrevera para a revista *Foreign Affairs*, no qual argumentava que os Estados Unidos seriam capazes de absorver outro ataque terrorista e sair fortalecidos. O texto chamou a atenção de um senador carismático, e quando o senador se tornou presidente, ele colocou boa parte da responsabilidade pela segurança do país nas mãos de um vigarista político que certa vez passara uma semana em Langley servindo café para o diretor.

Houve um momento embaraçoso na hora de decidir quem sentaria na ponta da mesa, Carter ou McKenna. Na tradição da

irmandade, a presidência das reuniões era determinada pela geografia, mas não existia nenhum regimento interno que dissesse como proceder na presença de um intruso político. Por fim, McKenna cedeu a ponta da mesa para Carter e se acomodou ao lado de Graham Seymour, que lhe parecia menos ameaçador do que o quarteto de israelenses. Carter colocou o cachimbo e a bolsa de tabaco na mesa, prontos para uso posterior, e abriu um laptop criptografado. Armazenado no disco rígido havia a cópia de uma ligação interceptada pela ANS. Tinha sido feita às 10h36 da manhã do dia anterior, no horário da Europa Central, entre uma filial de Zurique do TransArabian Bank e os escritórios de Paris da AAB Holdings. Os interlocutores eram Samir Abbas e sua nova cliente, Nadia al-Bakari. Eles conversaram por dois minutos e doze segundos, num árabe formal. Carter distribuiu cópias da tradução da ANS. Em seguida, abriu o arquivo de áudio no computador e apertou PLAY.

A primeira voz na gravação era da secretária executiva de Nadia, que pediu para Abbas aguardar enquanto ela transferia a ligação. Nadia atendeu seis segundos depois. Após as obrigatórias saudações islâmicas de paz, Abbas disse que tinha acabado de falar com um “associado do iemenita”. Parecia que os empreendimentos do iemenita tinham acabado de sofrer uma série de reveses e precisavam desesperadamente de mais financiamento. O associado desejava fazer seu apelo a Nadia em pessoa e estava disposto a discutir planos futuros, inclusive diversos negócios pendentes na América. Esse associado, que Abbas descreveu como sendo “muito próximo” do iemenita, tinha sugerido Dubai como ponto de encontro. Pelo visto, ele visitava aquele rico emirado com frequência e tinha, inclusive, um apartamento modesto no distrito de Jumeirah Beach. Desnecessário dizer que o associado do iemenita sabia das preocupações concernentes à segurança da Srta. Al-Bakari e estaria disposto a encontrá-la num lugar onde ela se sentisse segura e confortável.

- *Onde?*
- *No Burj Al Arab.*
- *Quando?*
- *Em uma semana, contando a partir de quinta-feira.*

- *Terei um compromisso de negócios nesse dia, em Istambul.*
- *A agenda do associado é muito cheia. Por algum tempo, não haverá outra oportunidade para que ele a conheça.*
- *Quando ele precisa de uma resposta?*
- *Receio que precise da resposta agora.*
- *Que horas ele gostaria de me ver?*
- *Às nove horas da noite.*
- *Meus guarda-costas não permitirão nenhuma alteração.*
- *O associado me garante que não haverá nenhuma.*
- *Então, por gentileza, diga a ele que estarei no Burj na noite da quinta-feira que vem, às nove horas. E peça para que ele não se atrase. Eu nunca coloco dinheiro nas mãos de pessoas que chegam atrasadas em reuniões.*
- *Posso assegurar que ele não irá se atrasar.*
- *Haverá mais alguém presente?*
- *Apenas eu. A menos, claro, que a senhorita prefira ir sozinha.*
- *Na verdade, prefiro que o senhor vá.*
- *Então ficarei honrado em estar a seu lado. Vou aguardar no saguão. Você tem o número do meu celular.*
- *Vejo o senhor na quinta-feira que vem. Inshallah.*
- *Inshallah, Srta. Al-Bakari.*

Carter pausou o áudio.

— A próxima gravação é de uma ligação que foi feita para a casa de Samir seis horas antes desta que acabamos de ouvir. Ele dormia profundamente e não gostou de ser acordado pelo telefone. Seu humor mudou quando escutou a voz do outro lado da linha. O cavalheiro não se deu ao trabalho de se identificar. Ele fez a ligação de Jeddah, na Arábia Saudita, usando um celular que não tinha nenhum histórico e parecia não estar mais ativo. Ocorreram algumas falhas e havia bastante ruído de fundo. Eis um trecho.

Carter apertou PLAY.

– *Diga a ela que precisamos de dinheiro. Diga que estamos dispostos a discutir planos. Deixe claro que estamos enviando alguém importante.*

Pausa.

— Quem é o associado próximo do iemenita que deseja se encontrar com Nadia? — foi a pergunta retórica de Carter. — Essa ligação parece dar a resposta. Exigiu certo esforço por causa da baixa qualidade, mas a ANS foi capaz de manipular a gravação e fazer uma análise de voz. Cruzaram a informação com todos os nossos bancos de dados, inclusive os de comunicações por rádio e celular obtidos no Iraque no auge da insurreição. Uma hora atrás eles encontraram um registro compatível. Alguém se atreve a adivinhar a identidade do homem com quem Samir Abbas estava falando?

— Estou tentado a dizer Malik al-Zubair — falou Gabriel —, mas isso seria impossível. Sabe, Adrian, Malik é um rumor. Malik é um palpite de Dina.

— Não, não é — admitiu Carter. — Dina tinha razão. Malik é real. Ele estava em Jeddah dois dias atrás. E pode ou não ir para o hotel Burj Al Arab em Dubai na noite da quinta-feira que vem para conversar com sua nova benfeitora, Nadia al-Bakari. A questão é: o que devemos fazer?

Carter bateu o cachimbo no cinzeiro. Estava aberta a sessão do Conselho da Shura.

THE PLAINS, VIRGÍNIA

Era uma operação norte-americana, o que significava que a decisão a ser tomada cabia aos norte-americanos. McKenna deixou claro que não tinha nenhuma intenção de dar a primeira opinião, assim, astutamente, passou a palavra a Carter, que começou, como era típico dele, se desviando um pouco do assunto. A digressão começou na Base Operacional Avançada Chapman, um posto da CIA numa região remota do leste do Afeganistão, onde, em dezembro de 2009, um homem a serviço da Agência chamado Humam Khalil Abu-Mulal al-Balawi anunciou que tinha um relatório para entregar a seus operadores. O Dr. Balawi, um físico da Jordânia que tinha ligações com o movimento jihadista, vinha fornecendo informações cruciais para a CIA, usadas para atingir militantes da Al-Qaeda no Paquistão. Sua missão verdadeira, no entanto, era penetrar na CIA e no serviço de inteligência da Jordânia — uma missão que teve um fim desastroso no dia em que ele detonou uma bomba escondida embaixo de seu casaco e matou sete agentes da CIA. Foi um dos piores ataques individuais contra a Agência em toda sua história e certamente o pior no decorrer da longa carreira de Adrian Carter como diretor de operações. Demonstrou que a Al-Qaeda estava disposta a gastar tempo e esforços extraordinários para se vingar dos serviços de inteligência que a perseguiam. E provou que, quando espiões ignoram regras básicas do ofício, agentes acabam mortos.

— Você está sugerindo que Nadia al-Bakari tenha uma aliança com a Al-Qaeda? — perguntou McKenna.

— Não estou sugerindo nada parecido com isso. Na verdade, é minha opinião que, quando a história secreta da guerra global contra o terrorismo finalmente for escrita, Nadia vai ser considerada um dos ativos mais valiosos que trabalharam no lado do Ocidente. É por isso que eu detestaria perdê-la porque nos tornamos gananciosos

demais e a colocamos numa situação em que não a deveríamos colocar.

— Malik não a está convidando para ir ao Waziristão do Sul — argumentou McKenna. — Ele está pedindo para encontrá-la num dos hotéis mais famosos do mundo.

— Na verdade — respondeu Carter —, não sabemos se vai ser Malik al-Zubair ou Ninguém al-Ninguém. Mas a questão não é essa.

— E qual é a questão?

— Viola as regras do ofício. Você lembra das regras, não é, Jim? A primeira diz que devemos controlar tantos fatores ambientais quantos forem possíveis. Nós escolhemos a hora. Nós escolhemos o local. Nós escolhemos os móveis. Nós escolhemos as bebidas. E, se possível, nós mesmos as servimos. E nós certamente não deixamos alguém como Nadia al-Bakari chegar a menos de um quilômetro de distância de um homem como Malik.

— Mas às vezes jogamos com as cartas que temos — rebateu McKenna. — Não foi isso que você disse ao presidente no dia em que perdemos aqueles sete agentes da CIA?

Gabriel notou um raro lampejo de raiva nos olhos de Carter, mas, quando ele falou de novo, sua voz estava calma e controlada como sempre.

— Meu pai era um ministro episcopal, Jim. Eu não jogos cartas.

— Então qual é sua recomendação?

— Essa operação tem ido melhor do que qualquer um de nós se atreveu a imaginar — falou Carter. — Talvez não seja prudente abusarmos da sorte com uma jogada de risco no fim do último quarto da partida.

Shamron demonstrou irritação. Ele considerava o uso de metáforas esportivas impróprio para um negócio tão vital como a espionagem. Na opinião de Shamron, agentes de inteligência não jogam basquete, não perdem cestas e não fazem faltas. Só há o sucesso ou o fracasso — e o preço do fracasso numa região como a do Oriente Médio costuma ser sangue.

— Parar por aqui? — perguntou Shamron. — É isso que você está sugerindo, Adrian?

— Por que não? O presidente conseguiu a vitória dele e a Agência também. Melhor ainda, todo mundo fica vivo para continuar

a lutar. — Carter esfregou as mãos duas vezes e disse: — *Halas*.

McKenna pareceu perplexo. Gabriel explicou a referência.

— *Halas* é a palavra em árabe para “terminado”. Mas Adrian sabe muito bem que essa guerra nunca vai terminar. É uma guerra eterna. E ele teme que ficará bem mais sangrenta se deixarmos um líder habilidoso como Malik escapar por entre nossos dedos.

— Ninguém quer a cabeça de Malik mais do que eu — concordou Carter. — Ele merece, pelo caos que causou no Iraque, e varrê-lo da face da terra deixaria o mundo mais seguro. Homens-bomba existem aos montes. Mas gênios do crime, verdadeiros gênios do crime, são um tanto difíceis de substituir. Elimine os mentores como Malik e restarão apenas um bando de aspirantes a jihadista tentando descobrir como preparar bombas de peroxiacetona no porão da casa das mães.

— Então por que não deixar Nadia participar da reunião? — perguntou McKenna. — Por que não deixá-la escutar o que Malik tem a dizer sobre seus planos?

— Porque tenho um mau pressentimento.

— Mas eles confiam nela. Por que não confiariam? É a filha de Zizi. Descendente do próprio Wahhab, pelo amor de Deus.

— Admito que eles *confiaram* nela — respondeu Carter mas é uma questão em aberto se ainda confiam, agora que tiveram sua rede desfeita.

— Você está se amedrontando à toa — falou McKenna. — Mas suponho que isso seja previsível. Afinal, você já está nesta área há muito tempo. Passou os últimos dez anos lendo os e-mails deles, escutando telefonemas, buscando significados ocultos. Mas às vezes não há nenhum. Às vezes um casamento é apenas um casamento. E às vezes uma reunião num hotel é só uma reunião num hotel. Além do mais, se não somos capazes de fazer com que uma empresária bem protegida como Nadia al-Bakari entre e saia do Burj Al Arab em segurança, talvez devêssemos pensar em mudar de emprego.

Carter ficou em silêncio por um momento.

— Alguma chance de mantermos um tom profissional nesta reunião, Jim?

— Achei que fosse o que estivéssemos fazendo.

— Devo presumir que você esteja falando pela Casa Branca?

— Não — respondeu McKenna. — Deve presumir que eu esteja falando pelo presidente.

— Se você está em sintonia com o que o presidente pensa, por que não nos diz o que o presidente quer?

— Ele quer o que todos os presidentes querem. Quer um segundo mandato. Caso contrário, os pacientes vão retomar o controle do hospício e todo o progresso que fizemos contra o terrorismo irá por água abaixo.

— Você quer dizer *extremismo* — corrigiu Carter. — Mas e quanto à reunião em Dubai?

— Tanto o presidente como eu gostaríamos que ela participasse, com a cavalaria por perto, claro. Ouça o que ele tem a dizer. Tire foto dele. Consiga suas digitais. Grave sua voz. Determine se ele é de fato Malik ou algum outro membro de peso da rede.

— E o que dizemos para nossos amigos dos serviços de segurança dos Emirados?

— Nossos amigos dos Emirados têm sido aliados pouco confiáveis em várias questões, desde terrorismo e lavagem de dinheiro até comércio ilícito de armas. Além do mais, pela minha experiência, nunca dá para se saber com certeza com quem você está falando nos Emirados. Pode ser um leal inimigo jihadista determinado ou um primo remoto de segundo grau.

— Então não falamos nada? — perguntou Carter.

— Nada — concordou McKenna.

— E se determinarmos que de fato é Malik?

— Nesse caso o presidente gostaria de tirá-lo de circulação.

— O que isso significa?

— Use sua imaginação, Adrian.

— Foi isso que eu fiz após o 11 de Setembro, Jim, e você disse em público que eu devia ser preso por causa de minhas ações naquela ocasião. Então, se você não se importar, eu gostaria de saber *exatamente* o que o presidente está me pedindo para fazer.

Foi Shamron, e não McKenna, quem respondeu.

— Ele não está pedindo para *você* fazer nada, Adrian. — Shamron olhou para McKenna e perguntou: — Não é verdade?

— Me disseram para tomar cuidado com você.

— Disseram o mesmo para mim.

Isso pareceu deixar McKenna satisfeito.

— O presidente não está disposto a autorizar uma operação secreta num país árabe semiamistoso em tempos delicados como estes. Ele sente que isso poderia constranger o regime e deixá-lo mais vulnerável às mudanças que estão varrendo o Oriente Médio.

— Mas israelenses correndo frenéticos de um lado para o outro em Dubai é outra história.

— Por acaso, isso tem bastante a ver com os fatos.

— E que fatos são esses?

— Malik tem bastante sangue israelense em suas mãos, o que significa que vocês têm todos os motivos para desejar sua morte.

— Boa estratégia, Sr. McKenna — falou Shamron. — Mas o que nós recebemos em troca?

— A gratidão do presidente norte-americano mais importante e transformador de toda uma geração.

— Igualdade? — perguntou Shamron.

McKenna sorriu e repetiu:

— Igualdade.

THE PLAINS, VIRGÍNIA

Foi então que James A. McKenna resolveu partir. Carter chamou a irmandade secreta para a sala de estar e perguntou se alguém recordava onde Khalid Sheikh Mohammed, mentor do ataque de 11 de setembro, estava escondido na noite de sua captura. Todos lembravam, claro, mas foi Chiara quem respondeu:

— Ele estava numa casa em Rawalpindi, na mesma rua que o quartel-general do Exército paquistanês.

— Logo lá — observou Carter, balançando a cabeça. — E por acaso você lembra como foi que o pegamos?

— Você mandou um informante para confirmar se era mesmo ele. Depois de ver o alvo, o informante se meteu no banheiro e mandou uma mensagem de texto para você.

— E, poucas horas depois, o homem que planejou o pior ataque terrorista da história estava algemado. Eu fui crucificado por causa das coisas que fizemos com KSM e dos lugares onde o colocamos, mas aquela foto dele sendo capturado compensou tudo. E só precisou de um cara com um celular. Simples assim.

— Se nós concordarmos em fazer isso — disse Gabriel —, você pode ter certeza de que Nadia não vai se meter em nenhum banheiro para enviar mensagens de texto.

— Se vocês concordarem em fazer isso? — Carter olhou na direção de Shamron e Navot, ambos sentados no sofá, com os braços cruzados e a mesma expressão indecifrável. — Eles escondem muito bem o que pensam, mas posso dizer exatamente o que está se passando em suas mentes tortuosas. Eles querem Malik, talvez até mais do que o presidente e McKenna. E nunca desperdiçariam uma chance de pegá-lo. Então vamos pular a parte de se fazer de difícil e seguir direto para o planejamento.

Gabriel olhou para seus superiores em busca de orientação. Navot estava esfregando o nariz no ponto que seus óculos modernos machucavam. Shamron não se mexeu. Ele olhava além de Gabriel, para Chiara, como se lhe oferecendo uma chance de intervir. Ela não aproveitou a oportunidade.

— Para seu governo — falou Gabriel —, não vamos até Dubai para capturar ninguém. Se for Malik, ele não vai sair de lá vivo.

— Tenho certeza de não ter ouvido McKenna falar nada sobre prisão.

— Só para deixar claro.

— Está claro — afirmou Carter. — Pense em si mesmo como um míssil teleguiado, mas sem o dano colateral e a morte de inocentes.

— Mísseis teleguiados não precisam de passaportes, quartos de hotel ou passagens aéreas. Eles também não têm dificuldades para operar num país árabe. Nós temos. — Gabriel fez uma pausa. — Você *está* ciente de que Dubai fica num país árabe, certo, Adrian?

— Lembro de ter lido algo sobre isso.

Gabriel hesitou. Sabia que estavam prestes a entrar em território sensível, relacionado a recursos e tendências operacionais. Agências de inteligência guardam esses segredos com muito zelo e os expõem a aliados apenas em momentos críticos. Para o Escritório, era algo semelhante a heresia. Com um gesto de cabeça, Gabriel delegou a tarefa para Uzi Navot, que colocou os óculos de novo e encarou Carter por um bom tempo, sem falar nada.

— Nós vivemos num mundo complexo, Adrian — disse, por fim então às vezes ajuda simplificar as coisas. De acordo com nosso ponto de vista, existem dois tipos de países: lugares onde podemos operar com impunidade e lugares onde isso não é possível. Chamamos o primeiro tipo de *países-base*.

— Como os Estados Unidos — reconheceu Carter, com um sorriso.

— E o Reino Unido — acrescentou Navot, olhando para o vice-diretor do MI5. — Apesar de seus melhores esforços, nós entramos e saímos conforme necessário e fazemos quase tudo o que desejamos. Se houver problemas, temos uma rede de esconderijos e refúgios dispostos pelo homem sentado a meu lado. No caso de um desastre, Deus nos proteja, nossos agentes podem buscar

santuário numa embaixada ou pedir ajuda a um agente secreto amigável como Graham.

Shamron olhou para Navot com uma expressão assassina. Navot seguiu em frente como se não tivesse notado.

— Nós nos referimos ao segundo tipo como *países-alvo*. São terras hostis. Nenhuma embaixada. Nenhum esconderijo. A polícia secreta não é amistosa. Se conseguissem pôr as mãos em nós, eles iriam nos torturar, fuzilar e mostrar nossa imagem na televisão para o povo assistir ou nos colocariam na cadeia por um longo tempo.

— Do que você precisa? — perguntou Carter.

— Passaportes — falou Gabriel, se antecipando a Navot. — Do tipo que nos possibilite entrar em Dubai sem visto.

— De que sabor?

— Norte-americano, britânico, canadense, australiano.

— Por que canadense e australiano? — perguntou Graham Seymour.

— Porque vamos precisar de uma equipe grande e quero espalhar todo mundo geograficamente.

— Por que não usar seus próprios passaportes falsos?

Dessa vez foi Shamron que respondeu:

— Porque eles exigem muito tempo, esforço e planejamento para serem produzidos. E seria melhor não desperdiçar recursos com isso numa operação que estamos conduzindo em nome da *igualdade* norte-americana.

Carter não pôde deixar de sorrir com o deboche, dirigido a James McKenna.

— Vamos providenciar todos os passaportes que forem necessários — respondeu.

— E cartões de crédito para acompanhá-los — acrescentou Gabriel. — E não do tipo pré-pago. Quero cartões de crédito de verdade, emitidos por bancos de verdade.

Carter assentiu, assim como Graham Seymour.

— O que mais? — perguntou Carter.

— A geografia de Dubai nos traz certos desafios — comentou Navot. — Até onde sabemos, só existe uma forma de entrar e de sair.

— O aeroporto — disse Carter.

— Isso mesmo — replicou Gabriel. — Mas não podemos ficar reféns dos voos comerciais. Precisamos do nosso próprio avião, com registro norte-americano e procedência limpa.

— Posso arrumar um G5.

— Um Gulfstream não é grande o suficiente.

— O que você quer?

Gabriel respondeu. Carter encarou o teto, como se calculasse o impacto do pedido no orçamento operacional.

— Daqui a pouco você vai me dizer que também precisa de uma tripulação norte-americana.

— E preciso — confirmou Gabriel. — Também preciso de armas.

— Fabricante e modelo?

Gabriel respondeu. Carter assentiu.

— Vou levar por meio da embaixada. Isso cobre tudo?

— Tudo menos a estrela do show — falou Gabriel.

— A julgar pela voz dela na gravação, não deve ser muito difícil convencê-la.

— Fico feliz que você pense assim — disse Gabriel. — Porque ela merece saber que o governo dos Estados Unidos lhe dá todo o crédito. — Gabriel fez uma pausa. — E nós também.

— Eu já prometi passaportes, dinheiro, armas, um Boeing Business Jet com tripulação norte-americana. Que outras provas do apoio norte-americano você apreciaria?

— Gostaria de uma conversa com seu chefe.

— O diretor?

Gabriel balançou a cabeça.

Carter pegou o telefone criptografado e discou.

*

Já eram quase dez horas da noite quando o Escalade entrou no terreno da Casa Branca pelo portão da Rua 15. Um agente uniformizado do Serviço Secreto deu uma olhada superficial nas credenciais de Carter e em seguida instruiu o motorista a avançar para que o veículo pudesse ser farejado por Oscar, o pastor alemão que tinha tentado arrancar um pedaço da perna de Gabriel em sua última visita. A criatura não encontrou nada desagradável no veículo oficial de Carter além do pneu direito da frente, no qual urinou antes de voltar para sua casinha.

Após a inspeção, o utilitário manobrou pelo labirinto de aço e concreto reforçado até o estacionamento situado ao longo da entrada executiva leste. Carter e Chiara continuaram dentro do veículo e Gabriel seguiu sozinho pela subida suave que levava até a mansão executiva. Na entrada diplomática estava uma figura alta e elegante, vestida com um terno escuro e camisa branca com o colarinho aberto. O cumprimento foi cordial, mas comedido — um breve aperto de mão, seguido por um gesto suave do braço que sugeria uma caminhada pelos 18 acres mais protegidos do planeta. Gabriel assentiu com um breve gesto de cabeça, e quando o presidente dos Estados Unidos virou para a direita, em direção à velha magnólia que nunca se recuperara plenamente depois que foi atingida por um avião, Gabriel o seguiu.

Carter observou com atenção os dois homens andando — um decidido e preciso em seus movimentos e o outro elegante e relaxado. Quando se aproximaram do caminho que dava no Salão Oval, pararam de súbito e ficaram frente a frente. Apesar da distância e do escuro, Carter pôde ver que a conversa não estava sendo de todo agradável.

Aparentemente a discussão chegou a um termo e eles retomaram a caminhada, passando pelo minicampo de golfe e pelo pequeno playground construído para as filhas do presidente, e saíram de vista. O administrador de agentes que havia em Carter o levou a marcar o tempo em seu celular criptografado, parando a contagem quando Gabriel e o presidente reapareceram. Agora o presidente tinha as mãos nos bolsos da calça e estava um pouco inclinado para a frente, como se enfrentasse um vento forte. Era Gabriel quem mais falava. Ele espetava o ar com o dedo, como se tentasse reforçar uma questão de especial importância.

Depois de percorrer todo o gramado ao sul da Casa Branca, ambos retornaram para a entrada diplomática, onde trocaram as últimas palavras. Os dois pareciam decididos ao fim da conversa. O presidente colocou uma das mãos no ombro de Gabriel e, com um último aceno da cabeça, entrou na Casa Branca. Gabriel permaneceu onde estava por um instante, sozinho. Em seguida se virou e fez o caminho de volta para o Escalade. Carter não disse

nada até passarem pelo labirinto de segurança e voltarem para a Rua 15.

— Como foi?

— Ele com certeza sabe quem você é — disse Gabriel. — E o admira bastante.

— Talvez ele pudesse mencionar algo para seu czar do terrorismo.

— Estou trabalhando nisso.

— Algo mais que eu deva saber?

— Nossa conversa foi particular, Adrian, e vai permanecer assim. Carter sorriu.

— Muito bem.

CENTRO DE LONDRES

A empresa de capital de risco Rogers & Cressey ocupava o nono andar de uma afronta à arquitetura feita de aço e vidro na Cannon Street, não muito longe da catedral de São Paulo. Nos círculos financeiros londrinos, a R&C tinha uma merecida reputação de discrição e astúcia. Assim, ninguém ficou muito surpreso com o fato de a aquisição da Thomas Fowler Associates ter sido conduzida com um nível de sigilo reservado em geral para segredos de Estado. Houve um breve comunicado de imprensa que ninguém notou e uma imagem publicitária estranhamente fora de foco, que apareceu apenas no tedioso site da R&C. A foto tinha sido produzida por um homem muito habilidoso nas artes visuais e tirada por um profissional que realizou a maior parte de seus trabalhos dentro de vans de vigilância e por trás de janelas protegidas com filme.

Como esperado, Thomas Fowler e sua equipe de associados, doze no total, começaram com todo o gás. Mudaram-se para um conjunto de salas espaçosas na terça-feira de manhã e, naquela mesma noite, já estavam ocupados organizando os detalhes de seu primeiro acordo como parte da família R&C. Era um acordo complexo, com diversas variáveis, muito risco e inúmeros interesses conflituosos. Mas, essencialmente, dizia respeito a um pedaço de uma propriedade à beira-mar em Dubai e uma investidora saudita bilionária chamada Nadia al-Bakari.

Fowler e sua equipe conheciam bem a Srta. Al-Bakari, pois já haviam tido uma série de reuniões secretas com ela num château ao norte de Paris. Eles trocaram e-mails com a herdeira na quarta-feira, e na quinta de manhã o avião particular de Nadia pousava no Stansted Airport, em Londres. A R&C forneceu o traslado, com assistência clandestina do MI5. A taxa paga pelos dois Bentleys blindados não agradou aos contadores da Thames House, tão

preocupados com o orçamento quanto qualquer outro departamento no governo com verbas limitadas de Sua Majestade. Mas a apreensão foi amenizada quando Graham Seymour encaminhou as contas para Langley, requisitando pagamento imediato. Langley resmungou qualquer coisa sobre sacrifício compartilhado e um relacionamento especial. Em seguida pagou com o dinheiro de uma de suas contas que pareciam não ter limite, e o assunto nunca mais foi mencionado.

Não é incomum ver limusines Bentley na Cannon Street, embora Nadia al-Balcari tenha chamado a atenção ao sair de um dos veículos em meio a uma multidão de seguranças com ternos escuros. Eles a conduziram para o saguão do prédio horrível da R&C, onde um jovem com rosto angelical esperava para recebê-la. Se ele disse seu nome, ninguém chegou a escutar. Na verdade se tratava de Nigel Whitcombe, um agente do MI5 que tinha começado a trabalhar numa operação junto com Gabriel contra um negociante de armas russo chamado Ivan Kharkov.

Whitcombe conduziu Nadia e seus guarda-costas até um elevador e apertou o botão do nono andar. Aguardando no vestíbulo estavam os sócios seniores da R&C, incluindo o mais novo membro do time, Thomas Fowler, conhecido em alguns círculos como Yossi Gavish. Ele estava com um terno cinza risca de giz Anthony Sinclair e um sorriso que prometia lucros exorbitantes. Cumprimentou Nadia como se fosse uma velha amiga, e acompanhados por Whitcombe, seguiram para a suntuosa sala de reuniões. Whitcombe convidou os guarda-costas a se sentarem no corredor, o que fizeram sem objeção. Entrou na sala depois de Yossi e Nadia e fechou as portas.

As persianas estavam fechadas e a iluminação era suave e de bom gosto. Os educados membros da equipe de Gabriel sentaram em torno de uma mesa de mogno polido. Até mesmo Gabriel tinha escolhido um traje adequado para a ocasião. Ele estava na cabeceira da mesa, com Adrian Carter e Graham Seymour de um lado e Ari Shamron e Uzi Navot do outro. Shamron observou Nadia com atenção enquanto ela sentava numa cadeira ao lado de Sarah, que estava quase irreconhecível, de óculos e peruca escura.

Ainda interpretando o papel de Thomas Fowler, Yossi fez uma rodada de apresentações animadas mas fictícias. Era uma mera

formalidade: a sala tinha isolamento acústico e era impenetrável por equipamentos eletrônicos. Foi por essa razão que Gabriel não teve receio de colocar no sistema de som a gravação interceptada pela ANS. Havia sido gravada cinco dias antes, às 10h36 da manhã, no horário da Europa Central. A primeira voz pertencia a Samir Abbas.

— *A agenda do associado é muito cheia. Por algum tempo, não haverá outra oportunidade para que ele a conheça.*

— *Quando ele precisa de uma resposta?*

— *Receio que precise da resposta agora.*

— *Que horas ele gostaria de me ver?*

— *Às nove horas da noite.*

— *Meus guarda-costas não permitirão nenhuma alteração.*

— *O associado me garante que não haverá nenhuma.*

— *Então, por gentileza, diga a ele que estarei no Burj na noite da quinta-feira que vem, às nove horas. E peça para que ele não se atrase.* Eu nunca coloco dinheiro nas mãos de pessoas que chegam atrasadas em reuniões.

Gabriel apertou STOP e olhou para Nadia.

— Eu gostaria de começar essa reunião agradecendo a você. Ao aceitar a proposta de Samir, você nos deu um tempo crucial para estudarmos nosso próximo passo. Estamos todos impressionados, Nadia. Você tem lidado com essa situação excepcionalmente bem para uma amadora.

— Eu passei muito tempo vivendo em dois mundos diferentes, Sr. Allon. Não sou uma amadora. — O olhar de Nadia percorreu a mesa inteira antes de parar em Shamron. — Vejo que seu pessoal cresceu desde nosso último encontro.

— Receio que esses sejam apenas alguns dos envolvidos.

— Existem outros?

— Uma multidão — respondeu Gabriel. — E, nesse instante, muitos deles estão preocupados com uma única pergunta.

— E qual seria?

— Se devemos permitir que você viaje até Dubai ou se o melhor a fazer seria ligar para Samir e dizer que você está ocupada demais para vê-lo.

— Por que faríamos isso?

— Responderei a essa pergunta em breve — falou Gabriel. —
Mas antes quero que você escute outra gravação.
– Ele pegou o controle remoto e apertou PLAY.

CENTRO DE LONDRES

— Qual é o nome dele?

Gabriel refletiu antes de responder:

— Não vou dizer.

— Por quê?

— Porque não importa. E saber isso só serviria para colocá-la em perigo no futuro.

— Vocês pensam em tudo.

— Nós tentamos, mas às vezes até mesmo nós cometemos erros.

Ela pediu para escutar a gravação mais uma vez e Gabriel obedeceu.

— O sotaque parece da Jordânia — comentou Nadia, ouvindo com atenção.

— Ele é da Jordânia. — Gabriel pausou a gravação. — Também é um dos terroristas mais brutais que conhecemos. Já suspeitávamos havia algum tempo que ele estivesse envolvido na rede de Rashid. Agora temos certeza.

— Como?

— Da mesma maneira que você sabe que ele é jordaniano.

— Pela voz?

Gabriel assentiu.

— Infelizmente, conhecemos muito bem essa voz. Já a escutamos quando ele estava despachando *shahids* para bombardear cafés e ônibus em Tel Aviv e Jerusalém. E nossos amigos norte-americanos a escutaram nas ondas de rádio do triângulo sunita, quando ele ajudou a levar o caos ao Iraque. Mas fazia muito tempo que não ouvíamos falar dele, tanto tempo que alguns membros de nossa fraternidade se iludiram, acreditando que

estaria morto. Infelizmente, essa ligação prova que ele continua bem vivo.

Nadia parecia não ter mais nenhuma pergunta por enquanto. Olhou para Carter e Seymour e franziu a testa.

— Vejo que você trouxe seus parceiros.

— Senti que era hora de vocês se conhecerem.

— Quem são eles?

— O cavalheiro respeitável com cabelos grisalhos é Graham. Ele é inglês.

— É óbvio. — O olhar de Nadia se voltou para Carter. — E ele?

— Esse é Adrian.

— Norte-americano?

— Infelizmente, sim.

Nadia passou os olhos direto por Gabriel e fixou-os mais uma vez em Shamron.

— E onde você encontrou esse?

— Nas profundezas do tempo.

— Ele tem um nome?

— Prefere ser chamado de *Herr* Heller.

— E o que *Herr* Heller faz?

— Em geral rouba segredos. Às vezes ele pensa em maneiras inovadoras de neutralizar grupos terroristas. É por causa de *Herr* Heller que você está aqui agora. Foi ideia dele pedir para você penetrar na rede de Rashid.

— Ele acha que eu devo participar da reunião em Dubai, na semana que vem?

— É uma oportunidade que considera irresistível. Mas ele tem algumas preocupações a respeito da autenticidade do convite. E nunca permitiria que você se envolvesse numa situação em que não fosse possível garantir sua segurança.

— Eu já me hospedei no Burj Al Arab muitas vezes. Nunca me pareceu um lugar particularmente perigoso. A menos que esteja cheio de britânicos — acrescentou ela, com uma olhadela para Seymour. — Seus compatriotas tendem a passar um pouco da conta quando estão em Dubai.

— É o que dizem.

Nadia olhou de novo para Gabriel e disse:

— Eu li nos jornais que os terroristas sofreram um enorme contratempo na semana passada. O presidente norte-americano parecia bastante satisfeito.

— Com razão.

— Suponho que meu dinheiro tenha tido algo a ver com isso.

— Seu dinheiro teve *tudo* a ver com isso.

— Então você fez bastante estrago na rede de Rashid.

Gabriel assentiu devagar.

— Mas não um estrago permanente?

— Nada nessa área é permanente, Nadia.

— Você tem informações suficientes para localizar Rashid?

— Não neste momento.

— E quanto ao homem cujo nome você não vai me dizer?

Gabriel balançou a cabeça.

— Não sabemos o nome que ele está usando, o tipo de passaporte que esta carregando ou mesmo sua aparência.

— Mas você sabe que ele quer me ver na quinta-feira que vem, em Dubai. — Nadia tirou um cigarro da bolsa e o acendeu. — Me parece que a escolha é óbvia.

Sr. Allon. Depois de destruir a rede, você precisa cortar a cabeça. Caso contrário, estará aqui de novo dentro de um ou dois anos tentando pensar num jeito de desfazer *outra* rede.

Gabriel encarou Shamron sem dizer nada. Por fim, com um aceno quase imperceptível da cabeça, Shamron sinalizou que ele continuasse.

— Nós ganhamos a vida mentindo — disse Gabriel, olhando para Nadia —, mas nos consideramos homens de palavra. Fizemos uma promessa a você e gostaríamos de cumpri-la.

— Que promessa foi essa?

— Pedimos para você nos ajudar enviando dinheiro para uma rede terrorista. Mas nunca falamos nada sobre identificar um assassino cara a cara.

— A situação mudou.

— Mas nosso compromisso com você não.

Nadia soprou a fumaça do cigarro para o teto e sorriu.

— Sua preocupação com minha segurança é admirável, mas não há nenhum motivo para isso. Como você sabe, sou uma das

cidadãos mais protegidas do mundo. Quando estiver em Dubai, vou estar sempre cercada por uma grande equipe de seguranças. Eles vão vasculhar cada aposento em que eu entrar e revistar qualquer pessoa que chegue perto de mim. Sou a pessoa perfeita para uma tarefa dessas, pois nada pode me atingir.

Gabriel deu outra olhada na direção de Shamron. Mais uma vez, ele assentiu.

— Não é apenas sua segurança física que nos preocupa — continuou Gabriel. — Também precisamos levar em conta seu bem-estar emocional e psicológico. Existem alguns agentes que não pensam duas vezes antes de entregar alguém da própria comunidade por dinheiro, rancor, obediência ou dezenas de outras razões que eu poderia mencionar. Mas também há aqueles para quem essa experiência pode ser traumática e afetá-los profundamente por anos.

— Eu não considero os terroristas jihadistas membros de minha comunidade nem considero que partilhem de minha fé, assim como eles não me consideram um membro do grupo deles. Além do mais, vocês já não usaram meu dinheiro para identificar e prender mais de sessenta suspeitos de terrorismo? — Ela fez uma pausa. — Perdoe-me, Sr. Allon, mas me parece que você está fazendo uma distinção sem haver diferença que a justifique.

Gabriel se inclinou para a frente, aproximando-se de sua agente. Ele não queria nenhum mal-entendido, nenhuma ambiguidade, absolutamente nenhuma palavra perdida.

— Você compreende o que vai acontecer com esse homem se ele for de fato a pessoa que estamos buscando?

— Não acho que você precise me perguntar isso.

— Você conseguiria viver com uma lembrança dessas?

— Eu já vivo. — Nadia esboçou um sorriso. — Além disso, como você sabe, Sr. Allon, nada dura para sempre.

Gabriel se recostou outra vez na cadeira e passou um momento contemplando as mãos. Dessa vez não se deu ao trabalho de olhar para Shamron em busca de orientação. A decisão cabia apenas a ele.

— Vamos precisar de tempo para preparar você.

Nadia tirou um folder de couro da bolsa e deu uma olhada em sua agenda.

— Estarei em Moscou amanhã, em Praga no dia seguinte e em Estocolmo no dia posterior.

— E como está seu fim de semana?

— Estava pensando em viajar para Casablanca e aproveitar um pouco do sol.

— Talvez você precise cancelar essa viagem.

— Vou pensar nisso — falou Nadia, teimosa. — Mas por acaso estou livre pelo resto da tarde.

Uzi Navot passou uma pasta para Gabriel. Dentro havia a última fotografia conhecida de Malik al-Zubair, junto com diversas imagens geradas por computador. Gabriel alinhou todas em cima da mesa.

— Esse é o homem que pode ou não comparecer ao encontro com você em Dubai na quinta-feira que vem, no hotel Burj Al Arab — falou ele, apontando para a fotografia antiga. Em seguida indicou as outras imagens. — Aqui ele está com 10 quilos a mais. Nessa, com uma barba. Nessa, sem. Com bigode. Com óculos. Com cabelos curtos. Cabelos compridos. Cabelos grisalhos. Careca...

CENTRO DE LONDRES

O *Financial Journal* de Londres já tinha perdido muito de seu brilho desde que fora adquirido pelo oligarca russo Viktor Orlov, mas isso não o impediu de causar uma comoção na manhã seguinte, quando noticiou que a mercenária Rogers & Cressey estava montando um projeto de grandes proporções em Dubai. A história ganhou ainda mais destaque quando Zoe Reed, da CNBC, anunciou que o empreendimento era financiado pela AAB Holdings, companhia de investimentos saudita controlada pela reclusa herdeira Nadia al-Bakari. Quando foi contactada em Paris para comentar as matérias, a porta-voz da empresa, Yvette Dubois, emitiu um comunicado no clássico formato de negar tudo sem negar nada, mas na mesma tarde, em Londres, as luzes ficaram acesas até tarde nos escritórios da R&C na Cannon Street. Os observadores veteranos da empresa não ficaram surpresos. A R&C, diriam, sempre fazia seu melhor trabalho nas horas mais escuras.

Se esses mesmos observadores tivessem acesso às salas de reunião com isolamento acústico e às linhas telefônicas criptografadas da R&C, teriam se deparado com uma linguagem bem diferente daquela falada em qualquer outro lugar no mundo corporativo. Sua etimologia remontava ao massacre nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 e a uma operação secreta de retaliação posterior. O mundo sofrerá muitas mudanças desde então, mas os princípios consagrados na época daqueles assassinatos se mantiveram invioláveis. *Aleph*, *Bet*, *Aym*, *Qoph*: quatro letras do alfabeto hebraico. Quatro regras operacionais que eram tão atemporais e duráveis quanto o homem que as escreveu.

Em alguns setores da R&C ele era conhecido como *Herr* Heller. Mas quando entrava nas salas reservadas para Gabriel e sua equipe, era chamado de Ari, ou o Velho, ou o *Memuneh*, a palavra

em hebraico que significa “a pessoa encarregada”. De acordo com um pedaço de papel que levava a assinatura de Uzi Navot, Shamron era o comandante nominal da operação, mas, por razões práticas, ele cedeu a responsabilidade pelo planejamento e execução a Gabriel e seu habilidoso suplente, Eli Lavon. Para Shamron, não foi uma concessão difícil. Gabriel e Lavon compartilhavam a metodologia de Shamron, bem como seus instintos básicos e medos mais profundos. Ouvi-los falar era ouvir a voz do *Memuneh*. E vê-los planejando meticulosamente a morte de um monstro como Malik era ver Shamron na flor da idade.

Por várias razões, a operação seria uma das mais complexas que Gabriel e seu time já haviam executado. A natureza hostil do ambiente era só um dos obstáculos. Eles não tinham certeza se o alvo estaria lá, ou, no caso de ele aparecer, se haveria uma oportunidade de matá-lo que não os expusesse. Assim como Adrian Carter, Gabriel não aprovava jogos de azar. Foi por isso que, no primeiro dia do planejamento, ele determinou uma regra inegociável: missões suicidas eram estratégia dos inimigos. Caso a presa não pudesse ser dominada sem riscos para os caçadores, eles a marcariam e aguardariam outra oportunidade. E sob nenhuma circunstância atirariam em *qualquer um*, a menos que tivessem absoluta certeza de que fosse Malik al-Zubair.

A equipe passou dias e noites trabalhando para eliminar tantas variáveis quanto possível. A divisão do Escritório responsável pela obtenção de acomodações seguras conseguiu três apartamentos em Dubai, enquanto a de Transportes deixou meia dúzia de carros e motos prontos para uso em vários pontos da cidade-estado. O King Saul Boulevard conseguiu ainda outro recurso: o navio de carga *Netuno*, com registro liberiano, que, na realidade, servia de radar flutuante e estação de escuta operada pela AMAN, o serviço de inteligência militar israelense. A bordo havia um destacamento da unidade de elite Sayeret Matkal de prontidão para uma ação marítima. Conseguir a embarcação foi bastante custoso para Navot, e ele deixou claro que ela deveria ser utilizada apenas como último recurso. A existência do *Netuno* também deveria ficar oculta dos ingleses e dos norte-americanos, pois o cargueiro passava boa

parte do tempo em serviço interceptando comunicações anglo-americanas transmitidas pelas ondas de rádio no Golfo Pérsico.

A maior fonte de ansiedade para a equipe no decorrer daqueles dias de preparação girou em torno da segurança de Nadia. Gabriel determinou mais regras inegociáveis. O tempo que Nadia passaria em Dubai seria breve e muito bem coreografado. Ela estaria o tempo todo cercada por dois círculos de segurança — o primeiro com seus próprios guarda-costas e o segundo fornecido pelo Escritório. Após a reunião no Burj Al Arab, Nadia voltaria de imediato ao aeroporto e embarcaria em seu avião. Nesse momento, o círculo de segurança do Escritório seria desfeito e Nadia ficaria apenas sob a proteção de seus agentes.

O tempo de preparação com ela foi limitado, como previsto. Depois de concordar em cancelar a viagem para o Marrocos, Nadia retornou a Londres no sábado para ir a um jantar íntimo na casa de Fowler, em Mayfair, onde, na verdade, nenhuma comida chegou a ser consumida. No domingo, viajou até Milão para um evento importante de moda, mas conseguiu voltar à Cannon Street na segunda-feira para participar de uma reunião final. Ao término do encontro, recebeu uma bolsa Prada, um terno Chanel e um relógio de pulso Harry Winston. A bolsa continha um transmissor bem-escondido com alcance de 5 quilômetros. Um transmissor reserva foi oculto dentro da costura do terno, além de GPS em miniatura. Um terceiro deles estava dentro do relógio, o mesmo que o pai de Nadia tinha dado para Sarah cinco anos atrás tentando convencê-la a trabalhar com ele. Um joalheiro empregado pela Divisão de Identidade tinha removido a inscrição original e a substituído por *Ao futuro, Thomas*. Os olhos de Nadia marejaram quando ela leu a mensagem. Antes de partir, abraçou Gabriel de uma forma que deixou Shamron visivelmente desconfortável.

— Alguma coisa que você queira me dizer sobre nossa garota?
— perguntou ele a Gabriel enquanto observavam, pela janela, Nadia entrando no carro.

— Ela é uma das mulheres mais extraordinárias que já conheci. E se algo acontecer com ela, nunca serei capaz de me perdoar.

— Agora me diga algo que eu *não* saiba.

— Ela sabe quem matou seu pai. E o perdoa.

A equipe supôs que seus inimigos estavam observando e seus amigos, escutando, portanto agiram de acordo. Passaram a maior parte do tempo dentro dos escritórios da Rogers & Cressey na Cannon Street, com todas as pequenas incumbências deixada:, ao encargo dos agentes britânicos que não tinham nenhuma ligação direta com a operação. Shamron ficou num flat do Escritório na Bayswater Road conhecido do MI5. Gabriel aparecia uma vez por dia para caminhar com ele pelas trilhas de Kensington Gardens. No último dia que passaram em Londres, os britânicos os acompanharam. E os norte-americanos também.

— Sempre preferi matar sozinho — comentou Shamron, olhando carrancudo para os homens que os seguiam pela beira de Long Water. — Estou surpreso que seu amigo presidente não tenha insistido em levar essa questão para a ONU.

— Eu dei um jeito de convencê-lo a abandonar a ideia.

— E sobre *o que* vocês falaram?

— Adrian Carter — falou Gabriel. — Eu disse ao presidente que só cuidaríamos de Malik se o Departamento de Justiça abandonasse sua investigação sobre as ações de Carter na guerra contra o terrorismo.

— E ele concordou?

— De um jeito meio velado — explicou Gabriel —, mas inegável. E também aceitou minha segunda exigência.

— Qual?

— Demitir James McKenna antes que ele mate a todos nós.

— Nós sempre achamos que o presidente e McKenna fossem inseparáveis.

— Em Washington ninguém é inseparável.

Shamron começava a ficar cansado. Eles caminharam até Italian Gardens e sentaram num banco com vista para a fonte. Shamron fez pouco esforço para ocultar sua irritação. Fontes ornamentais, assim como qualquer outra forma de entretenimento humano, deixavam-no entediado.

— Você deveria saber que seus esforços já nos renderam um capital político valioso — disse ele. — Ontem à noite a secretária de Estado concordou discretamente com todas as nossas condições para restabelecer o processo de paz com os palestinos. Ela também

insinuou que o presidente talvez esteja disposto a visitar Jerusalém num futuro próximo. Imaginamos que aconteça *antes* das próximas eleições.

— Não o subestime.

— Nunca o subestimei — replicou Shamron —, mas não o invejo. O grande Despertar Árabe aconteceu em seu mandato, e suas ações vão ajudar a determinar se o Oriente Médio seguirá o caminho de pessoas como Nadia al-Bakari ou de jihadistas como Rashid al-Husseini. — Shamron fez uma pausa. — Admito que nem eu sei como isso vai terminar. Só sei que matar um homem como Malik vai facilitar as coisas para as forças do progresso e da decência prevalecerem.

— Você está dizendo que o futuro do Oriente Médio depende do resultado da minha operação?

— Isso seria um exagero de minha parte. E eu sempre tentei evitar exageros a todo custo.

— A menos quando servem a seus propósitos.

Shamron deu um sorriso furtivo e acendeu um de seus cigarros turcos.

— Você chegou a pensar em quem vai aplicar a sentença imposta a Malik?

— O mais provável é que isso acabe sendo determinado pelo próprio Malik.

— E aí está mais um elemento nesta operação que não me agrada. — Shamron fumou em silêncio por um tempo. — Eu sei que você sempre preferiu o caráter definitivo de uma arma de fogo, mas nesse caso a agulha é uma opção muito melhor. Um assassinato barulhento só tornaria mais difícil a sua retirada e de sua equipe. Acerte-o com uma dose saudável de cloreto de suxametônio. Malik vai sentir uma picada leve. Ele terá dificuldades de respirar à medida que seu corpo for tomado pela paralisia. Dentro de minutos, estará morto. E vocês estarão no aeroporto, entrando num avião particular.

— O suxametônio tem uma coisa em comum com a bala — retrucou Gabriel. — Ele continua no corpo depois que a vítima morre. Os legistas de Dubai vão encontrá-lo e a polícia será capaz de deduzir o que aconteceu.

— É o preço a ser pago por operar em hotéis modernos. Apenas tome cuidado para que seu rosto não esteja no raio de alcance das câmeras. Se sua foto acabar nos jornais de novo, vai complicar o seu retorno à vida civil. — Shamron observou Gabriel em silêncio por um instante. — É *isso* que você quer, não é?

Gabriel não respondeu. Shamron largou o cigarro no chão e o esmagou com o salto do sapato.

— Você não pode me acusar de não tentar.

— Eu teria ficado decepcionado se você não tentasse — respondeu Gabriel.

— Eu realmente esperava que sua resposta fosse diferente desta vez.

— Por quê?

— Porque você está deixando sua esposa ir para Dubai.

— Não tive escolha. Ela insistiu.

— Você manda o presidente dos Estados Unidos demitir um de seus assistentes mais próximos, mas aceita um ultimato de sua esposa? — Shamron balançou a cabeça. — Talvez eu devesse tê-la escolhido para ser a próxima chefe do Escritório.

— E nomeie Bella Navot sua vice.

— Bella? — Shamron sorriu. — O mundo árabe estremeceria.

Eles se separaram dez minutos depois em Lancaster Gate. Shamron voltou ao flat do Escritório e Gabriel seguiu para Heathrow. Chegou ao aeroporto como Roland Devereaux, nascido em Grenoble, na França, agora cidadão de Québec, no Canadá. Ele tinha o passaporte de um homem que viajara muito, e seu comportamento reforçava essa impressão. Depois de passar pelo check-in e pelo controle de passaportes, dirigiu-se até o saguão de passageiros da primeira classe da British Airways, escoltado pelo MI5. Lá encontrou um lugar sossegado distante das pessoas habitadas a voarem embriagadas e assistiu ao noticiário na televisão. Entediado pela discussão sobre a ameaça atual do terrorismo, abriu seu bloco de notas e fez o desenho de uma linda jovem com cabelos negros. Era o retrato de uma mulher sem véu, pensou Gabriel. O retrato de uma espiã.

Ele rasgou o desenho em pedacinhos no instante em que seu voo foi chamado e jogou-os em três lixeiras diferentes enquanto seguia para o portão de embarque. Depois de se acomodar no assento, deu uma última olhada em seus e-mails. Havia vários, e todos eram falsos, exceto um, de uma mulher sem nome, dizendo que sempre o amou. Ao desligar o BlackBerry, sentiu uma pontada in— comum de pânico. Fechou os olhos e repassou a operação inteira na cabeça pela última vez.

Dubai

As folhas de Palm Jumeirah, a maior ilha feita pelo homem, jaziam sobre as águas inertes do Golfo, afundando lentamente sob o peso das luxuosas vilas à venda. Dentro do monstruoso hotel rosa que se erguia no ponto mais alto da ilha, um chuveiro caía no chão de mármore do vasto saguão. Como quase tudo em Dubai, a chuva era artificial. Porém, nesse caso, não era intencional: o telhado apresentara um novo vazamento. Em vez de consertá-lo, a gerência optou por um pequeno aviso amarelo alertando os clientes, que não eram muitos, a prestarem atenção ao andarem por ali.

Seguindo mais um pouco pela linha costeira, no bairro financeiro, havia mais evidências dos infortúnios que alcançaram a cidade-estado. Guindastes, outrora símbolos do milagre econômico de Dubai, erguiam-se imóveis sobre prédios comerciais e torres de condomínios inacabadas. Os shoppings de luxo estavam praticamente vazios e corriam rumores de expatriados europeus desempregados dormindo nas dunas do deserto. Muitos preferiam fugir dos Emirados a continuar nessa infame prisão de devedores. Em determinado momento, cerca de três mil veículos abandonados chegaram a congestionar o estacionamento do aeroporto. Alguns para-brisas continham bilhetes rabiscados às pressas, com pedidos de desculpas aos credores. Um carro usado em Dubai não valia quase nada. Engarrafamentos, que chegaram a ser um problema sério em outros tempos, eram agora inexistentes.

O rosto do Governante ainda observava seu feudo de inúmeros cartazes nas ruas, mas nestes dias sua expressão parecia um pouco mais sombria. Seu plano de transformar um adormecido porto de pesca num centro de comércio, finanças e turismo globais foi esmagado por uma montanha de dívidas. O sonho de Dubai se revelou insustentável. Além disso, produziu um desastre ecológico ainda em andamento. Os residentes de Dubai eram responsáveis

pela maior taxa de emissão de gás carbônico do mundo. Eles consumiam mais água que qualquer população no planeta, água obtida de plantas de dessalinização movidas a altos consumos de energia, e gastavam eletricidade de forma exagerada refrigerando suas casas, escritórios, piscinas e pistas artificiais de esqui. Só os empregados estrangeiros eram privados do ar-condicionado. Eles labutavam debaixo do sol inclemente — em alguns casos, por até dezesseis horas dianas — e viviam em barracos miseráveis infestados de moscas, sem nem mesmo um ventilador para amenizar o sofrimento. Era uma existência tão desgraçada que todo ano centenas optavam pelo suicídio, um fato negado pelo Governante e por seus associados nos negócios.

Para os oitenta mil cidadãos encantados de Dubai, a vida não tinha como ser muito melhor. O governo arcava com os custos de saúde, moradia e educação, além de garantir empregos vitalícios — desde que, claro, eles se abstivessem de criticar o Governante. Seus avós tinham sobrevivido com leite de camelo maras e agora um exército de estrangeiros punha em funcionamento sua economia e atendia a cada uma de suas necessidades e desejos. Os homens flanavam imperiosos pela cidade, em *kandouras* e *ghutras* de um branco imaculado.

Poucos expatriados chegavam a falar com um emiradense. E, quando o faziam, a conversa não costumava ser muito agradável.

A comunidade estrangeira também se submetia a uma hierarquia rigorosa. Os britânicos e os outros ricos expatriados se isolavam nos distritos de Satwa e Jumeirah, enquanto o proletariado do Terceiro Mundo vivia principalmente no outro lado da enseada de Dubai, na antiga região conhecida como Deira. Vagar pelas ruas e praças de Deira era como andar por vários países diferentes — aqui uma província da Índia, ali um vilarejo paquistanês, depois uma esquina de Teerã ou de Moscou. Cada comunidade tinha importado um pouco de sua própria cultura. Da Rússia vieram o crime e as mulheres, ambos abundantes no Odessa, um bar e discoteca próximo ao mercado de Gold Souk. Gabriel estava sentado sozinho numa banquetta manchada perto dos fundos, com um copo de vodca a seu alcance. Numa mesa ao lado, um britânico de rosto vermelho acariciava uma menina abandonada e desnutrida, vinda do interior

da Rússia. Nenhuma das garotas incomodou Gabriel. Ele tinha a aparência de um homem que veio só para observar.

O mesmo não podia ser dito, no entanto, do russo louro e esguio que entrou no Odessa ostensivamente pouco depois da meia-noite. Ele andou até o bar para afagar as costas bem torneadas de duas garotas, antes de se dirigir à mesa onde Gabriel estava sentado. Uma das garotas logo tentou se juntar a eles, mas o russo a dispensou com um gesto da mão comprida e pálida. Quando a garçonne apareceu, ele pediu duas vodcas, uma para si mesmo e outra para seu amigo.

— Beba alguma coisa — sugeriu Mikhail. — Senão ninguém vai achar que você é um russo de verdade.

— Eu não quero ser um russo.

— Nem eu. Por isso que me mudei para Israel.

— Alguém me seguiu do hotel?

Mikhail negou.

Gabriel derramou o drinque na banquetta e disse:

— Vamos sair daqui.

Mikhail falou apenas em russo no percurso até o apartamento perto de Deira Corniche. Era uma construção típica do Golfo, uma casa de quatro andares feita de troncos de madeira, com algumas vagas cobertas de estacionamento no térreo. As escadas cheiravam a grão-de-bico e cominho, assim como o flat no último andar. Tinha um fogão com duas bocas na cozinha e um sofá-cama na sala de estar. Tudo estava tomado pela areia do deserto.

— Os vizinhos são de Bangladesh — explicou Mikhail. — Tem pelo menos doze morando ali. Eles dormem por turnos. Alguém precisa revelar ao mundo como essas pessoas são tratadas aqui.

— É melhor que não seja você, Mikhail.

— Eu? Eu sou apenas um jovem empreendedor de Moscou tentando fazer fortuna na cidade de ouro.

— Parece que você chegou na época errada.

— Não brinca — rebateu Mikhail. — Alguns anos atrás, este lugar nadava em dinheiro. A máfia russa usava a indústria imobiliária para lavar fortunas. Eles compravam apartamentos e vilas e os vendiam uma semana depois. Hoje em dia, até as garotas

do Odessa estão tendo que batalhar para pagar as contas no fim do mês.

— Estou certo de que elas vão dar um jeito.

Mikhail tirou uma maleta do único armário e abriu as travas. Dentro havia oito pistolas — quatro Berettas e quatro Glocks. Cada uma vinha com seu respectivo silenciador.

— As Berettas são nove milímetros — explicou Mikhail. — As Glocks são 45. Feitas para derrubar um homem. Fazem buracos grandes e muito barulho, mesmo com os silenciadores. Esta arma, porém, não faz barulho algum.

Ele tirou uma bolsa de cosméticos com zíper da mala. Continha agulhas hipodérmicas e vários frascos com INSULINA escrito no rótulo. Gabriel pegou duas de cada e enfiou no bolso do casaco.

— Nenhuma arma? — perguntou Mikhail.

— Elas não são bem-vistas no Burj Al Arab.

Mikhail lhe passou uma Beretta, junto com um pente reserva cheio de munição. Gabriel colocou ambos no cós da calça e perguntou:

— Que tipo de carros o Transporte arrumou?

— BMWs e Toyota Land Cruisers, o novo navio do deserto. Se chegarmos à conclusão de que o associado iemenita é Malik, não devemos ter nenhuma dificuldade para segui-lo depois que ele sair do hotel. Aqui não é o Cairo nem Gaza. As ruas são bem retas e largas. No caso de ele seguir para um dos outros emirados, podemos ir atrás. Mas se tentar ir direto para a Arábia Saudita, vamos ter que pará-lo antes que ele alcance a fronteira. E isso pode dar confusão.

— Eu prefiro evitar um tiroteio no deserto, se for possível.

— Eu também. Quem sabe? Com um pouco de sorte, talvez ele decida passar a noite em seu apartamento em Jumeirah Beach. Damos uma pequena dose de remédio para ajudá-lo a dormir e aí... Como vai a vida no Burj?

— Exatamente o que se espera do único hotel sete estrelas do mundo.

— Espero que você esteja aproveitando — falou Mikhail, ressentido.

— Se você tivesse me escutado, estaria na América agora, com Sarah.

— Fazendo o quê?

Gabriel ficou em silêncio por um momento.

— Não é tarde demais, Mikhail — disse ele. — Por alguma razão, ela ainda está apaixonada. Mesmo um tolo como você devia ser capaz de enxergar isso.

— Nós não daríamos certo.

— Por quê? — Gabriel olhou em volta, para o pequeno apartamento imundo. — Por que é assim que você quer viver?

— Olha quem fala. — Mikhail fechou a mala e a colocou de volta no armário.

— Ela pediu a você para dizer alguma coisa?

— Ela me mataria se soubesse.

— Então o que foi que ela disse a você?

— Que você se comportou muito mal. — Gabriel fez uma pausa.

— Algo que você jurou que não faria.

— Eu não a tratei mal, Gabriel. Eu só...

— Você passou por um inferno na Suíça.

Mikhail não respondeu.

— Faça um favor a si mesmo quando isto terminar — pediu Gabriel. — Ache uma desculpa para ir à América. Passe um tempo com ela. Se existe alguém no mundo capaz de compreender o que você passou, é Sarah Bancroft. Não deixe que ela escape. Ela é especial.

Mikhail deu um sorriso triste, o sorriso que jovens dão para velhos tolos.

— Volte para seu hotel — disse ele. — Tente dormir. E tome cuidado para esconder esses frascos em algum lugar que as empregadas não encontrem. Há um mercado negro gigantesco para medicamentos roubados. Eu não quero que aconteça um acidente trágico.

— Algum outro conselho?

— Pegue um táxi de volta para o Burj. Eles dirigem pior do que a gente. Só os pobres e os suicidas andam em Dubai.

Contrariando o conselho de Mikhail, Gabriel fez o caminho a pé pelos becos fervilhantes de Deira até a enseada de Dubai. Próximo ao *souk* principal havia uma estação do *abra*. Era a versão de Dubai do *traghetto* de Veneza, um pequeno barco que levava passageiros de um lado ao outro da enseada. Durante a travessia, Gabriel conversou com um homem de semblante cansado das regiões fronteiriças do Paquistão. Ele tinha vindo a Dubai para escapar do Talibã e da Al-Qaeda e tinha esperanças de juntar dinheiro suficiente para mandar a sua esposa e aos quatro filhos. Mas até o momento só tinha conseguido bicos que mal davam para ele se sustentar, muito menos uma família de seis pessoas.

Enquanto saíam da balsa, Gabriel colocou 500 *dirhams* no bolso das calças largas do homem, sem ele perceber. Em seguida, parou num quiosque 24 horas para comprar o *Khaleej Times*, o jornal de Dubai que era publicado em inglês. Na primeira página havia uma matéria sobre a visita iminente de Nadia al-Bakari, presidente da AAB Holdings. Gabriel colocou o jornal debaixo do braço e andou um pouco até acenar para um táxi. Mikhail tinha razão, pensou, enquanto se abrigava no banco de trás. Só os pobres e os suicidas andam a pé em Dubai.

AEROPORTO INTERNACIONAL DE DUBAI

Sua Alteza Real, o ministro da Fazenda, encontrava-se na beira da pista iluminada pelo sol, resplandecente numa túnica com detalhes em ouro e cristal. À sua direita estavam dez subsecretários de Estado com vestes idênticas, e à direita deles, um bando de repórteres entediados. Os ministros e os repórteres estavam prestes a fazer parte de um ritual consagrado pelo tempo nos reinos da Arábia sunita do Golfo: o desembarque no aeroporto. Num mundo sem qualquer tradição de reportagens independentes, chegadas e partidas de aeroportos eram consideradas o auge do jornalismo. Ver o dignitário aterrisar. Ver o dignitário partir em seu voo após conversas produtivas caracterizadas por respeito mútuo. A verdade raramente era abordada nesses eventos e a imprensa frustrada não ousava noticiá-la. A cerimônia de hoje seria uma espécie de marco, pois, dentro de poucos minutos, até mesmo os príncipes seriam enganados.

O primeiro avião apareceu pouco depois do meio-dia, um lampejo branco prateado sobre uma nuvem de poeira rosada vinda do Empty Quarter, na Arábia Saudita. A bordo estava o magnata britânico Thomas Fowler, que não era britânico coisa nenhuma e, a bem da verdade, não tinha um centavo sequer em seu nome. Descendo pela escada da aeronave, foi acompanhado pela esposa, que não era sua esposa de verdade e três mulheres assistentes que sabiam muito mais sobre terrorismo islâmico do que sobre administração e finanças. Uma trabalhava para a CIA, e as outras duas eram do serviço de inteligência secreta do Estado de Israel. A equipe de guarda-costas que protegia o grupo também trabalhava para o serviço, embora seus passaportes os identificassem como cidadãos da Austrália e da Nova Zelândia.

O magnata andou até o ministro com o braço estendido como uma baioneta. A mão do ministro emergiu indolente dos robes,

assim como as mãos dos dez subsecretários. Após os cumprimentos de praxe, o inglês foi escoltado até os jornalistas para fazer uma breve declaração. Ele falou sem recorrer a anotações, mas com grande autoridade e paixão. A recessão em Dubai havia terminado, declarou. Agora era hora de retomar a marcha em direção ao futuro. O mundo árabe mudava a cada minuto. E apenas Dubai — a progressista, tolerante e estável Dubai — era capaz de mostrar o caminho.

A parte final da declaração não provocou a resposta que merecia por parte da imprensa porque foi quase toda abafada pela chegada do segundo avião — um Boeing Business Jet que ostentava o logo da AAB Holdings de Riad e de Paris. O grupo que saiu da cabine de passageiros ofuscou o do magnata. Primeiro apareceram os integrantes da equipe jurídica de Abdul & Abdul. Em seguida, *Herr Wehrli*, o financista suíço. Depois, Daoud Hamza. Então, a filha de Hamza, Rahimah, que participaria do encontro. Após Rahimah, saíram dois seguranças, seguidos por Mansur, o chefe do frenético departamento de viagens da AAB, e Hassan, o chefe de TI e Comunicações.

Finalmente, após um pequeno intervalo, Nadia al-Bakari passou pela porta do avião com Rafiq al-Kamal logo atrás. Ela vestia uma *abaya* negra sem adornos que pendia em seu corpo como um vestido de festa e tinha na cabeça um lenço preto de seda que revelava todo o rosto e boa parte do cabelo lustroso. Dessa vez foi o ministro quem avançou. Ele supôs que seu cumprimento seria particular, o que não foi o caso. Foi registrado pelo BlackBerry de Nadia e pelo transmissor oculto em sua bolsa Prada e transmitido para o quadragésimo segundo andar do Burj Al Arab, onde Gabriel e Eli Lavon estavam tensos em frente a seus computadores.

Com a cerimônia de boas-vindas encerrada, o ministro fez um gesto de desdém na direção dos repórteres, mas a herdeira reclusa declinou e seguiu direto para sua limusine. Então, o homem sugeriu que ela viajasse junto com ele. Após uma breve consulta a Rafiq, Nadia se acomodou no banco traseiro do carro oficial do ministro — uma cena que foi transmitida para o país inteiro, trinta minutos depois, pela Dubai TV. Gabriel enviou um e-mail criptografado para Adrian Carter, no Rashidistão, informando-lhe que NAB estava em

terra e em segurança. Mas dessa vez ela não estava só. NAB viajava ao lado do ministro da Fazenda. E NAB era a principal notícia do dia.

*

A propriedade não era grande coisa — alguns acres pouco convidativos de salinas e areia em frente à praia de Palm Jumeirah. Alguns anos atrás, uma empresa italiana tinha iniciado um projeto bem convencional de construção de um resort, mas foi forçada a interromper os negócios quando o financiamento acabou tendo o mesmo destino que a água no deserto. A AAB Holdings e sua parceira britânica, a voraz companhia de investimentos Rogers & Cressey, desejavam ressuscitar o projeto, embora seus planos não fossem nada convencionais. O hotel de muitos andares iria superar o Burj Al Arab em luxo, a academia de ginástica e as quadras de tênis estariam entre as melhores do mundo e as piscinas seriam maravilhas arquitetônicas e ambientais. Chefs de grande renome ficariam encarregados dos restaurantes, enquanto estilistas conhecidos internacionalmente administrariam os salões de beleza. Os apartamentos teriam preços a partir do equivalente a 3 milhões de dólares. O shopping faria o Mall of the Emirates parecer um reduto para a classe média.

O impacto na economia cambaleante de Dubai prometia ser imenso. De acordo com projeções da própria AAB, o desenvolvimento injetaria mais de 100 milhões de dólares por ano na economia de Dubai. A curto prazo, serviria como um sinal muito claro para o resto da comunidade financeira global de que o emirado estava, mais uma vez, aberto para negócios. O que explicava a atitude do ministro, que ouvia com atenção absoluta cada palavra de Nadia enquanto ela conhecia o local onde se dariam as construções, com as plantas nas mãos e um capacete de segurança na cabeça. A imagem foi elaborada por ela em todos os detalhes. O mundo muçulmano não continuaria a oprimir mais da metade de sua população apenas por uma questão de gênero. Só quando os árabes tratassem as mulheres como iguais é que seriam capazes de retomar sua antiga glória.

Depois de deixarem o terreno, as delegações seguiram para os escritórios ornamentados do ministro para discutir o pacote de

incentivos que Dubai propunha para ajudar a fechar o negócio. Ao término da reunião, Nadia foi conduzida ao palácio para uma conversa a sós com o Governante e em seguida se dirigiu ao que foi descrito como a etapa particular de seus compromissos. Incluía um chá com membros do Fórum de Mulheres Empreendedoras de Dubai, uma visita à escola islâmica para garotas e um tour pelo acampamento de trabalhadores imigrantes em Sonapur. Levada às lágrimas pelas condições desumanas que encontrou, Nadia quebrou seu longo silêncio e, perante o público, fez um pedido para que o governo e as empresas estabelecessem padrões mínimos de tratamento e pagamento àqueles trabalhadores. Também prometeu doar 20 milhões de dólares para ajudar a construir um novo acampamento em Sonapur, com ar-condicionado nas casas, água corrente e instalações recreativas básicas. A Dubai TV e o *Khaleej Times* não se atreveram a publicar os comentários. O ministro alertou para que não o fizessem.

Já eram quase seis da noite quando Nadia deixou o acampamento e tomou o caminho de volta para Dubai. Já estava escuro quando sua comitiva alcançou o distrito de Jumeirah Beach, onde se via o famoso prédio em forma de vela de barco do Burj Al Arab iluminado por uma luz magenta. O gerente-geral e sua equipe sênior aguardavam em frente à entrada quando Nadia emergiu da porta de trás do veículo, com a barra de sua *abaya* manchada pela sujeira de Sonapur. Cansada após um longo dia de viagens e reuniões que começara de madrugada em Paris, ela os cumprimentou formalmente e seguiu direto para sua suíte no quadragésimo segundo andar. Dois membros de sua equipe de segurança já estavam postados junto à porta. Rafiq fez uma inspeção apressada nos quartos antes de permitir que Nadia entrasse.

— Minha última reunião de hoje deve ir das nove até as dez mais ou menos — disse ela, largando a bolsa Prada num divã na sala de estar. — Peça para Mansur agendar um encaixe de partida às onze horas. E, por favor, peça para que Rahimah chegue no horário uma vez na vida. Caso contrário, ela pode voar de volta para Paris pela Air France.

— Talvez eu deva pedir para que ela esteja no aeroporto até as onze e meia.

— É tentador — respondeu Nadia, sorrindo mas não acho que o pai dela ficaria muito satisfeito.

Al-Kamal pareceu relutante em partir.

— Há algo errado? — perguntou Nadia.

Ele hesitou.

— Hoje, no acampamento...

— O que foi, Rafiq?

— Ninguém nunca faz nada por aqueles pobres coitados. Já era hora de alguém se manifestar. Fico contente que tenha sido você. — Ele fez uma pausa. — E tive orgulho de estar a seu lado.

Nadia sorriu.

— Nove horas — disse. — Não se atrase.

— Regras de Zizi — respondeu Rafiq.

Ela assentiu.

— Regras de Zizi.

Quando ficou sozinha, Nadia tirou a *abaya* e o lenço de cabeça e vestiu o terno Chanel. Cobriu uma parte do cabelo com outro lenço e colocou no pulso o relógio Harry Winston. Checou sua aparência no espelho. *Atenha-se à verdade sempre que possível. A mentira é o último recurso.* A verdade a encarava do espelho. A mentira estava no quarto ao lado. Nadia abriu a porta que ligava ambas as suítes e bateu duas vezes. A porta se abriu na mesma hora, revelando uma mulher que podia ou não ser Sarah Bancroft. Ela colocou o dedo nos lábios e conduziu Nadia em silêncio para dentro.

HOTEL BURJ AL ARAB, DUBAI

A suíte estava registrada no nome de Thomas Fowler. Por isso a selva de flores, as bandejas de doces árabes e a garrafa ainda fechada de Dom Pérignon suando dentro de um balde de gelo derretido. Tudo cortesia. O beneficiário dessa generosidade andava de um lado para o outro na extravagante sala de estar, trabalhando nos detalhes finais de um negócio de compra de terras e construção que ele não tinha qualquer intenção de levar adiante. A todo momento um membro de sua equipe fazia uma pergunta ou recitava números encorajadores — tudo por causa dos microfones escondidos do Governante. Nenhum deles se deu ao trabalho de reconhecer a presença de Nadia, e não pareceram achar estranho quando Sarah a levou imediatamente para o banheiro. Na penteadeira havia uma estrutura em forma de tenda feita de um material prateado opaco. Sarah pegou o BlackBerry de Nadia antes de abrir a entrada. Gabriel já estava lá dentro. Ele convidou Nadia a sentar numa cadeira vazia.

— Uma tenda no banheiro — comentou Nadia, sorrindo. — Que beduíno da sua parte.

— Vocês não são o único povo que vem do deserto.

Ela olhou em volta, intrigada.

— O que é isso?

— Nós chamamos de *chuppah*. Nos permite conversar livremente em aposentos onde sabemos que há microfones ocultos.

— Posso ter uma quando terminarmos?

Gabriel sorriu.

— Receio que não.

Ela tocou no tecido. Era metálico.

— O *chuppah* não é usado em cerimônias de casamento judaicas? Fazemos nossos votos debaixo do *chuppah*. São muito

importantes para nós.

— Então essa é nossa cerimônia de casamento? — perguntou Nadia, ainda esfregando o tecido.

— Eu já estou comprometido. Além do mais, fiz uma promessa solene para você no terreno de um château próximo a Paris.

Nadia colocou as mãos no colo.

— Seu roteiro para hoje foi uma obra-prima. Espero que eu tenha feito jus a ele.

— Você foi magnífica, Nadia, mas aquele improvisado em Sonapur foi um tanto dispendioso.

— Vinte milhões de dólares para um acampamento novo? Era o mínimo que eu podia fazer por eles.

— Devo pedir para a CIA pagar?

— Fica por minha conta.

Gabriel examinou o terno Chanel.

— Cai bem em você.

— Melhor que os ternos que fiz sob medida.

— Somos alfaiates por ofício, alfaiates muito especializados. Esse terno pode fazer tudo menos entrar numa reunião com um monstro que tem as mãos cobertas de sangue. Para isso, precisamos de você. — Ele fez uma pausa. — Última chance, Nadia.

De recuar?

— Nós não veríamos dessa forma. E nenhum de nós pensaria mal de você.

— Eu não volto atrás nos meus compromissos, Sr. Allon, não mais. Além disso, nós dois sabemos que agora não há mais tempo para repensar. — Ela olhou para o relógio. — Na verdade, estou esperando uma ligação do meu banqueiro a qualquer minuto. Então, se você tiver mais algum conselho...

— Só lembre quem você é, Nadia. Você é a filha de Zizi al-Bakari e descendente de Wahhab. Ninguém diz para você aonde ir nem o que fazer. E ninguém nunca muda os planos. Se tentarem mudar os planos, você diz que a reunião está cancelada. E logo em seguida liga para Mansur e manda ele adiantar o horário de partida. Está claro?

Ela assentiu.

— Nós achamos que a reunião vai se dar numa suíte, e não num lugar público do hotel. É fundamental que você faça com que Samir diga o número do quarto antes de deixar o saguão. Insista. E se ele tentar murmurar o número, repita com clareza para que nós possamos escutar. Compreendido?

Nadia assentiu de novo.

— Vamos tentar mandar alguém para subir no elevador com você, mas ele vai ter que sair num andar diferente. Depois disso você estará além do nosso alcance e Rafiq será sua única proteção. Sob nenhuma circunstância você deve entrar no quarto sem ele. Esse é outro ponto inegociável. Se ele tentar convencê-la, parta imediatamente. Se tudo for bem, entre e comece a reunião. Esse não é um encontro social nem uma discussão política. É uma transação de negócios. Você escuta o que ele tem a dizer, diz o que ele quer ouvir, vai embora e segue para o aeroporto. Seu avião é seu bote salva-vidas. E seu voo às onze horas é a desculpa para manter as coisas em andamento. Às dez horas você precisa...

— Ir embora — completou ela.

Gabriel anuiu.

— Lembre-se de sua etiqueta quanto ao BlackBerry. Ofereça-se para desligá-lo, como demonstração de boas intenções. Peça para que desliguem os celulares deles e removam os cartões SIM. Caso recusem ou digam que não é necessário, não dê nenhum ultimato. Não é importante.

— Onde estão os microfones?

— Que microfones?

— Não vamos fazer joguinhos, Sr. Allon.

Ele deu um tapinha no lado da bolsa Prada e gesticulou em direção à parte da frente do terno Chanel.

— É possível que peçam para que você deixe a bolsa em outro cômodo. Caso o façam, concorde sem hesitação. Não há maneira de encontrarem o transmissor escondido.

— E se me pedirem para tirar minhas roupas?

— Eles são guerreiros santos. Não se atreveriam.

— Você ficaria surpreso. — Nadia baixou os olhos para o peito.

— Não se dê ao trabalho de procurar pelos microfones. Você nunca vai encontrá-los. Nós podíamos ter escondido uma câmera

no terno também, mas, para sua segurança, não o fizemos.

— Então você não vai conseguir ver o que está acontecendo no quarto?

— Quando você desligar o BlackBerry, vamos perder o contato visual. Isso quer dizer que você será a única a saber a aparência dele. Se for seguro, e *apenas* se for seguro, me ligue depois da reunião e me conte. Só alguns detalhes. Em seguida desligue e siga para o aeroporto. Nós a seguiremos até onde for possível.

— E depois disso?

— Você vai para sua casa em Paris e esquece que nós existimos.

— Algo me diz que isso não vai ser possível.

— Não vai ser tão difícil quanto você pensa. — Gabriel pegou a mão dela. — Tem sido uma honra trabalhar com você, Nadia. Não me entenda mal, mas espero que nunca mais nos vejamos depois desta noite.

— Eu não desejo isso. — Ela olhou para seu relógio, o relógio que seu pai tinha dado para Sarah, e reparou que já eram 21h03.

— Ele está atrasado — observou. — A doença dos árabes.

— Nós o adiantamos de propósito, para manter você na ativa.

— Que horas são de verdade? — perguntou ela, mas antes que Gabriel pudesse responder, o BlackBerry começou a tocar. Eram nove horas em ponto. Era hora de Nadia partir.

LANGLEY, VIRGINIA

Uma curiosidade na longa e célebre carreira de Shamron era o fato de ele não ter passado quase tempo nenhum em Langley, o que considerava uma de suas maiores façanhas. Isso explica seu horror ao descobrir que Uzi Navot tinha concordado em estabelecer seu posto de comando em Langley, no resplandecente centro operacional do Rashidistão. Para Shamron, era uma admissão de fraqueza aceitar o convite norte-americano, um pecado capital no mundo da espionagem, mas Navot via as coisas em termos mais pragmáticos. Os norte-americanos não eram o inimigo — ao menos não naquela noite — e não se não podia recusar o acesso a suas tecnologias tão valiosas em nome de um orgulho profissional.

Numa pequena concessão a Shamron, o Rashidistão foi esvaziado de todo o pessoal não essencial e não iniciado, deixando apenas uma equipe mínima formada por veteranos de guerra durões. Às nove horas da noite, horário de Dubai, a maior parte deles andava sem rumo, ansiosa, no centro da sala, onde Shamron, Navot e Carter estavam sentados observando as últimas transmissões criptografadas do grupo no Burj Al Arab. Informavam que Nadia al-Bakari estava a caminho do saguão, acompanhada por seu confiável chefe de segurança Rafiq al-Kamal. Os três sabiam que a mensagem já estava desatualizada, pois podiam ouvir Nadia e Al-Kamal atravessando o saguão imenso do Burj, com seus quase 180 metros. A fonte do áudio era o BlackBerry dela, guardado dentro de sua bolsa Prada.

Às 21h04, no horário local, o aparelho gravou uma conversa breve entre Nadia e seu banqueiro, Samir Abbas. Como o diálogo foi conduzido num árabe rápido e coloquial, Carter não o entendeu. Mas Navot e Shamron, sim.

— E então? — perguntou Carter.

— Ela vai subir para se encontrar com alguém — respondeu Navot. — Se é Malik al-Zubair ou Ninguém al-Ninguém, ainda não sabemos.

— Você conseguiu pegar o número do quarto?

Navot assentiu.

— Mandamos a informação para Gabriel?

— Isso não será necessário.

— Ele escutou?

— Com bastante clareza.

As portas do elevador se abriram sem fazer barulho. Nadia deixou Abbas e Al-Kamal entrarem no corredor primeiro e os seguiu de perto. Por alguma razão, ela não sentiu nem um pouco de medo, apenas determinação. Era estranhamente parecida com a determinação que a tinha conduzido na primeira reunião de negócios importante após solidificar seu controle da AAB Holdings. Havia muitos membros da equipe de seu pai torcendo em segredo para que ela falhasse — e uns poucos que chegaram mesmo a conspirar contra ela —, mas Nadia conseguiu surpreender a todos. Em termos de negócios, ela provou estar à altura do pai. Agora teria que se colocar à altura de Zizi numa área de sua vida que nunca foi divulgada nas páginas da *Forbes* ou do *Wall Street Journal*. Apenas alguns minutos, ela pensou. Só precisava disso. Alguns minutos num dos hotéis mais seguros do mundo, e um monstro com o sangue de milhares em suas mãos receberia a justiça que merecia.

Abbas parou em frente ao número 1437 e bateu na porta com a mesma suavidade com que Esmeralda batia na porta de Nadia todas as manhãs, em Paris. De repente, lhe veio à cabeça as imagens do relógio Thomas Tompion em sua mesinha de cabeceira e das diversas fotografias de seu pai sério com molduras de prata. Enquanto esperava a porta se abrir, finalmente decidiu mandar o relógio para o conserto. Também prometeu a si mesma que iria se desfazer das fotografias. Depois dessa noite, ela pensou, a farsa iria terminar. Seu tempo na terra era limitado e ela não tinha nenhum desejo de passar seus últimos dias diante do *juhayman* de um assassino.

Quando Abbas bateu pela segunda vez, a porta foi entreaberta, revelando um homem de ombros largos vestido com a *kandoura* e a *ghutra* brancas de um emiradense nativo. Ele usava óculos escuros com aro de ouro e uma barba bem-aparada com fios grisalhos ao redor do queixo. No centro de sua testa achatada havia uma marca de oração pronunciada, que parecia ter sofrido fricção há pouco tempo. Ele não se parecia nem um pouco com o homem nas fotos que Nadia tinha visto em Londres.

A figura envolta na túnica abriu a porta mais alguns centímetros e, com um movimento dos olhos, convidou Nadia a entrar. Ele permitiu que Rafiq a seguisse, mas instruiu Abbas a retornar ao saguão. O homem tinha o sotaque de alguém vindo do norte do Egito. Atrás dele havia dois outros árabes com túnicas de um branco imaculado e *kaffiyehs*. Eles também usavam óculos com aro de ouro e tinham barbas bem-feitas com pedaços grisalhos. Quando a porta se fechou, o egípcio ergueu a mão até o ouvido e disse, baixinho:

— Seu celular, por favor.

Nadia tirou o BlackBerry da bolsa e o entregou. O egípcio passou o aparelho para um de seus clones, que o desativou com uma destreza que sugeria bastante familiaridade com tecnologia.

— Agora o seu — pediu Nadia, de forma clara. Ela gesticulou em direção aos outros dois homens e acrescentou: — Os deles também.

Estava claro que o egípcio de ombros largos estava acostumado a ser tratado pelas mulheres de maneira muito mais senil. Ele olhou para os colegas e, com um aceno de cabeça, mandou ambos desligarem seus celulares. O que fizeram sem protestos.

— Tudo resolvido? — perguntou Nadia.

— O celular de seu guarda-costas — pediu o homem. — E sua bolsa.

— O que tem a minha bolsa?

— Nós nos sentiríamos mais confortáveis se a senhorita a deixasse aqui, ao lado da porta. Garanto que seus bens ficarão em segurança.

Nadia tirou a bolsa do ombro num gesto que indicava que sua paciência já estava se esgotando.

— Não temos a noite toda, irmãos. Se quiserem requisitar outra doação, sugiro que sigamos em frente.

— Perdoe-nos, Srta. Al-Bakari, mas nossos inimigos possuem imensos recursos técnicos. Estou certo de que uma mulher em sua posição sabe o que pode acontecer quando as pessoas agem de maneira descuidada.

Nadia olhou para Al-Kamal, que respondeu entregando seu telefone.

— Eu soube que a senhorita gostaria de ter seu guarda-costas presente durante o encontro — falou o egípcio.

— Não — respondeu Nadia eu *insisto* que ele esteja presente.

— Você confia neste homem? — perguntou ele, dando uma olhada em Al-Kamal.

— Confio minha vida.

— Muito bem. Por aqui, por gentileza.

Ela seguiu os três homens de túnica até a sala de estar da suíte, onde dois outros homens com os mesmos trajes esperavam à meia-luz. Um deles estava num sofá, acompanhando um relato do último bombardeio no Paquistão provocado pela Al Jazeera. O outro admirava a vista dos arranha-céus ao longo da Sheikh Zayed Road. Ele se virou devagar, como uma estátua apoiada num pedestal, e avaliou Nadia com atenção por trás dos óculos de aro dourado. O homem não disse nada. Nadia tampouco. Ela não sabia se seria capaz de falar qualquer coisa naquele instante.

— Algo errado, Srta. Al-Bakari? — perguntou ele, num árabe jordaniano.

— O senhor é muito parecido com um homem que costumava trabalhar para meu pai — respondeu ela, sem hesitar.

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento. Finalmente passou os olhos pela tela da televisão e disse:

— A senhorita acabou de perder sua aparição no noticiário da noite. Seu dia foi cheio. Meus cumprimentos, Srta. Al-Bakari. Seu pai teria agido da mesma forma. Ele sempre foi muito habilidoso em misturar os negócios legítimos com *zakat*.

— Ele me ensinou bem.

— A senhorita realmente pretende levar a construção adiante?

— Do resort? — Ela encolheu os ombros, ambígua. — A última coisa de que Dubai precisa agora é de outro hotel.

— Especialmente um que sirva álcool e permita que estrangeiros bêbados passem pela praia seminus.

Nadia não disse nada, mas apenas passou os olhos pelos outros homens na sala.

— É apenas uma medida de segurança, Srta. Al-Bakari. As paredes têm olhos, bem como ouvidos.

— É de uma eficiência notável — comentou ela, olhando diretamente para o rosto do homem. — O senhor ainda não me disse seu nome.

— Pode me chamar de Sr. Darwish.

— Meu tempo é limitado, Sr. Darwish.

— Uma hora, de acordo com meus colegas.

— Cinquenta minutos, na verdade — corrigiu Nadia, consultando o relógio.

— Nosso empreendimento sofreu um revés bastante severo.

— Foi o que li.

— Precisamos de financiamento para reconstruí-lo.

— Eu lhe dei milhões de libras.

— Receio que quase todo o valor tenha sido congelado ou apreendido. Se vazios reconstruir nossa organização, em especial no Ocidente, precisaremos de uma infusão de capital novo.

— Por que eu deveria recompensar sua incompetência?

— Posso assegurar, Srta. Al-Bakari, que aprendemos com nossos erros.

— Que espécie de mudanças estão planejando fazer?

— Mais segurança, aliada a um plano agressivo para levar a luta direto a nossos competidores.

— Uma expansão? — perguntou ela.

— Se a senhorita não está crescendo, está morrendo.

— Estou escutando, Sr. Darwish.

Com o BlackBerry de Nadia desativado e sua bolsa no chão do outro cômodo, a cobertura de áudio da reunião em andamento no quarto 1437 estava sendo fornecida pelas roupas que ela vestia. Embora o transmissor costurado dentro do terno tivesse um alcance

muito curto, era mais que suficiente para enviar com segurança um sinal claro ao quadragésimo segundo andar do mesmo prédio. Lá, por trás de uma porta fechada com duas trancas e bloqueada por móveis, Gabriel e Lavon aguardavam enquanto seus computadores identificavam o nome real do homem que tinha se apresentado como Sr. Darwish.

O software de identificação de voz havia determinado que os primeiros segundos da reunião eram inadequados para comparações. Isso mudou quando o Sr. Darwish começou a falar sobre dinheiro. Agora o programa trabalhava com intensidade, comparando uma amostra da voz do homem com interceptações prévias. Gabriel estava confiante quanto aos resultados do processo. Na verdade, ele tinha certeza. O assassino já tinha assinado seu nome, não com a voz, mas com quatro algarismos. Eram os algarismos do quarto onde a reunião estava se dando. Gabriel não precisou somá-los, subtraí-los, multiplicá-los, reorganizá-los. Eles já estavam na ordem certa: 14h37, o horário em que Farid Khan tinha detonado a bomba em Covent Garden.

Cinco minutos depois de Nadia entrar na suíte, o computador forneceu seu veredicto. Gabriel levou o rádio criptografado aos lábios e instruiu seu time a começar a preparação para executar a sentença. Era Malik, confirmou ele. E que Deus tivesse piedade de todos eles.

HOTEL BURJ AL ARAB, DUBAI

O russo esguio se apresentou na recepção trinta segundos depois. Ele tinha um rosto pálido e delicado e os olhos glaciais. Seu passaporte americano o identificava como Anthony Colvin, assim como seu cartão American Express. Baticou no balcão enquanto esperava a filipina bonita encontrar sua reserva. Ele segurava o celular no ouvido como se sua vida dependesse daquela ligação.

— Aqui está — cantarolou a filipina. — Sua reserva é para uma suíte de luxo de quarto único no vigésimo nono andar, por três noites. É isso mesmo, Sr. Colvin?

— Se não se importar — disse ele, baixando o celular estou procurando algo no décimo quarto andar.

— O vigésimo nono é considerado mais desejável.

— Eu e minha esposa passamos nossa lua de mel no décimo quarto. Gostaríamos de ficar lá de novo. Por razões sentimentais — acrescentou. — Estou certo de que você compreende.

Ela não compreendia. A filipina trabalhava em turnos de doze horas e compartilhava um apartamento de um cômodo em Deira com outras oito garotas. Sua vida amorosa consistia em se defender dos avanços de pervertidos bêbados e estupradores, que supunham, erroneamente, que ela fazia um bico no próspero comércio sexual de Dubai. Ela deu alguns cliques no terminal de sua mente e produziu um sorriso artificial.

— Na verdade — disse —, temos um bom número de quartos disponíveis no décimo quarto. O senhor se lembra do quarto onde você e sua esposa passaram a lua de mel?

— Creio que tenha sido o 1437.

A moça pareceu triste.

— Infelizmente este quarto está ocupado, Sr. Colvin. Mas a suíte ao lado está disponível, assim como a suíte do outro lado do corredor.

— Vou ficar com a do outro lado do corredor, por favor.

— E um pouco mais cara.

— Tudo bem — disse o russo.

— Precisarei ver o passaporte de sua esposa.

— Ela só vem amanhã.

— Por favor, peça para ela passar pela recepção quando chegar.

— Sem falta — garantiu ele.

— Você precisa de ajuda com suas malas?

— Não é necessário, obrigado.

Ela entregou duas chaves eletrônicas e indicou o elevador apropriado. Como prometido, seu quarto ficava bem em frente ao 1437. Assim que entrou, ele ativou o aviso luminoso de Não PERTURBE e trancou as duas fechaduras da porta. Em seguida abriu sua maleta. Dentro havia algumas peças de vestiário que fediam a grão-de-bico e cominho. Também havia uma Beretta 9 milímetros, uma Glock .45, duas agulhas hipodérmicas, dois frascos de suxametônio, um notebook e uma câmera-cobra ajustável de alta resolução. Ele armou a câmera na base da porta e conectou o fio ao notebook. Depois de ajustar o ângulo, encheu as agulhas hipodérmicas com suxametônio e as armas com balas. Quando terminou, acomodou-se em frente ao computador e esperou.

Pelos 45 minutos seguintes, teve acesso a uma visão do Burj Al Arab que não consta em seu site nem em seus folhetos promocionais. Garçons frenéticos levando pedidos de serviço de quarto. Camareiras exaustas. Uma babá etíope segurando a mão de uma criança histérica. Um empresário australiano andando de braços dados com uma prostituta ucraniana. Finalmente, às dez horas em ponto, ele viu uma linda mulher árabe saindo do quarto 1437 com um guarda-costas vigilante logo atrás. Quando os dois partiram, um homem de ombros largos se inclinou para fora da porta e olhou para ambos os lados do corredor. *Kandoura* e *ghutra* brancas. Óculos escuros com aro de ouro. Uma barba bem-aparada, com fios grisalhos ao redor do queixo. O russo ergueu a Glock, a arma de alto calibre, e inseriu uma bala sem fazer barulho.

HOTEL BURJ AL ARAB, DUBAI

Os detalhes da saída de Nadia do Burj Al Arab não ficaram sob os cuidados de Gabriel nem de sua equipe, e sim de Mansur, o chefe do departamento de viagens da AAB. Não havia nenhum pertence para ela recolher, pois Mansur já o tinha feito. Também não havia contas a serem pagas, pois todas já tinham sido encaminhadas para a sede da AAB em Paris. Tudo que Nadia tinha que fazer era chegar até a entrada do Burj, onde seu carro aguardava. Depois de se acomodar no banco traseiro, pediu a seu motorista e a Rafiq que lhe dessem um momento de privacidade. Sozinha, ligou para um número que tinha sido armazenado na memória de seu BlackBerry. Gabriel atendeu logo, falando em árabe.

— Me diga como ele é.

— *Kandoura* branca. *Ghutra* branca. Óculos escuros com aro de ouro. Uma barba bem-aparada com alguns fios grisalhos.

— Muito bem, Nadia. Siga para o aeroporto. Vá para casa.

— Espere! — disse ela subitamente. — Tem algo que você precisa saber.

Embora Nadia não soubesse, Gabriel estava sentado no saguão com a aparência de um homem que veio a Dubai atrás de trabalho em vez de prazer, o que de fato era o caso. Na mesa à sua frente havia um notebook. No ouvido ele tinha um celular que também servia de rádio criptografado. Usou o dispositivo para avisar sua extensa equipe que a operação tinha acabado de sofrer o primeiro empecilho.

Nadia deu um batida com o BlackBerry na janela e sinalizou que estava pronta para partir. Alguns segundos depois, enquanto

seguiram pela via que separava o Burj do resto de Dubai, Rafiq perguntou:

— Existe algo que eu deva saber?

— Essa reunião nunca aconteceu.

— Que reunião? — perguntou o guarda-costas.

Nadia esboçou um sorriso.

— Diga para Mansur que estamos a caminho do aeroporto. Peça para que ele adiante nosso horário de partida, se for possível. Eu gostaria de chegar a Paris num horário razoável.

Al-Kamal pegou o celular e discou.

— Talvez Alá esteja mesmo do lado dele — falou Adrian Carter. Ele observava incrédulo a última transmissão de Gabriel, de Dubai. Dizia que Malik al-Zubair, mestre do terror, estava prestes a sair do Burj Al Arab cercado por quatro clones.

— Receio que Deus tenha muito pouco a ver com isso — afirmou Navot. — Malik tem se mantido à altura dos melhores serviços de inteligência do mundo há anos. Ele sabe como o jogo funciona.

Navot olhou para Shamron, que girava com nervosismo seu velho isqueiro Zippo entre os dedos.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda.

— Temos quatro veículos fora do hotel — disse Navot. — De acordo com nossas regras operacionais, isso basta para seguir *um* carro. Dois no máximo. Se cinco homens com as mesmas vestimentas entrarem em cinco carros diferentes... Talvez seja bom começarmos a pensar em tirá-los dali, chefe.

— Foi muito difícil colocar um time em Dubai nesta noite, Uzi. O mínimo que podemos fazer é mantê-los lá por tempo suficiente para tentarem dar uma olhada no rosto de Malik. — Ele deu uma olhada na fileira de relógios reluzindo ao longo de uma das paredes do Rashidistão e perguntou: — Qual é o status do avião de Nadia?

— Abastecido e pronto para decolagem. O resto da equipe já está embarcando.

— E onde está a estrela do show neste instante?

— Seguindo para o nordeste pela Sheikh Zayed Road, a 75 quilômetros por hora.

— Posso vê-la?

Carter pegou um telefone. Em poucos segundos uma luz vermelha piscante apareceu num dos monitores na parede, seguindo por Dubai no sentido nordeste. Shamron girou o isqueiro, ansioso, enquanto observava o progresso uniforme do veículo.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda.

O primeiro Range Rover chegou devagar à entrada do Burj Al Arab dois minutos após a partida de Nadia. Um segundo apareceu logo depois, seguido por um Mercedes GL e dois Denalis. Gabriel ligou o rádio criptografado, mas Mikhail falou primeiro.

— Estão saindo do quarto — disse.

Gabriel não teve que perguntar quantos eram. A resposta estava na entrada do hotel. Cinco utilitários para cinco homens. Gabriel tinha que determinar qual dos cinco era Malik antes que qualquer um deles pisasse do lado de fora do hotel. E só havia uma maneira de fazê-lo. Ele deu a ordem.

— Tem cinco deles e um de mim — rebateu Mikhail.

— Quanto mais tempo você passar falando, maiores as chances de ele escapar.

Mikhail desligou o rádio. Gabriel baixou os olhos para o laptop para verificar a localização de Nadia.

Ela estava na metade do caminho para o aeroporto.

*

Mikhail trancou o quarto e saiu para o corredor. A Glock estava nas suas costas, com o silenciador. A seringa cheia estava no bolso de fora do casaco. Ele olhou para a direita e viu os cinco homens em *kandouras* e *ghutras* brancas se dirigindo ao saguão. Andou normalmente por uns segundos, mas apertou o passo depois de ouvir o som indicando que o elevador tinha chegado. Chegou a tempo de ver os cinco homens dentro da cabine e as portas reluzentes de ouro começando a se fechar. Conseguiu forçar a entrada, murmurando um pedido de desculpas, e ficou na parte da frente enquanto as portas se fechavam pela segunda vez. Observando o reflexo, pôde visualizar cinco homens iguais. Cinco barbas idênticas marcadas por fios grisalhos. Cinco óculos com o mesmo aro dourado. Cinco marcas de oração que pareciam ter

sofrido atrito havia pouco tempo. Só havia uma diferença. Quatro dos homens olhavam diretamente para Mikhail. O quinto encarava os próprios sapatos.

Malik...

Vinte e dois andares acima, Samir Abbas, angariador de fundos para o movimento jihadista, adiantava um pouco do trabalho do TransArabian Bank quando ouviu uma batida na porta. Estivera esperando a visita; o egípcio tinha dito que enviaria alguém quando a reunião com Nadia tivesse terminado. Na verdade, não foi enviado um homem, mas dois. Estavam vestidos como emiradenses, mas os sotaques entregavam a origem jordaniana. Abbas não hesitou em deixá-los entrar.

— A reunião foi boa? — perguntou.

— Muito boa — respondeu o homem mais velho. — A Srta. Al-Bakari concordou em fazer outra doação para nossa causa. Temos alguns detalhes que precisamos discutir com você.

Abbas se virou para conduzi-los à sala de estar. Apenas quando sentiu o garrote no pescoço é que descobriu seu erro. Incapaz de respirar ou de emitir qualquer som, Abbas tentou em desespero agarrar o fino fio metálico que penetrava sua pele. A falta de oxigênio logo drenou suas forças e ele já não conseguia opor qualquer reação quando os homens o deitaram no chão de barriga para baixo. Foi então que Abbas sentiu outra coisa penetrando seu pescoço e se deu conta de que os homens pretendiam arrancar sua cabeça. Era a punição para infiéis e apóstatas, inimigos do jihad. Samir Abbas não era nenhuma dos dois. Ele era um crente, um soldado secreto do exército de Alá. Mas dentro de um instante, por razões que não compreendia, seria um *shahid*.

Por misericórdia, Abbas começou a perder a consciência. Ele pensou no dinheiro que tinha escondido na despensa de seu flat, em Zurique, e torceu para que Johara ou as crianças o encontrassem algum dia. Então se forçou a ficar inerte e se submeter à vontade de Deus.

A faca deu mais alguns golpes violentos. Abbas viu uma explosão de luz branca e supôs que fosse a luz do Paraíso. Em seguida a luz se apagou e não houve mais nada.

HOTEL BURJ AL ARAB, DUBAI

O elevador parou duas vezes antes de chegar ao saguão. Uma mulher britânica bronzeada entrou no décimo primeiro andar e um empresário chinês, no sétimo. Eles forçaram Mikhail a se afastar das portas. Agora estava tão perto de Malik que podia sentir o cheiro de café em seu hálito. A Glock fazia uma pressão reconfortante contra sua lombar, mas era a seringa no bolso do casaco que dominava seus pensamentos. Ele estava tentado a enfiar a agulha na coxa de Malik. Em vez disso ficou olhando para o teto ou para seu relógio ou para os números piscando no painel que indicava o andar — para qualquer lugar que não fosse o rosto do criminoso de pé a seu lado. Quando as portas finalmente se abriram pela terceira vez, ele seguiu a britânica e o chinês para o bar.

— Ele é o segundo da esquerda para a direita — falou no telefone.

— Tem certeza?

— Certeza suficiente para atingi-lo agora, se você der a ordem.

— Aqui não.

— Não o deixe sair. Faça agora, enquanto ainda temos uma chance.

Gabriel desligou. Mikhail entrou no bar, contou devagar até dez e saiu andando.

Gabriel estava guardando o laptop na mala e fingindo uma ligação telefônica em francês rápido quando Malik e seus quatro companheiros passaram pelo saguão em suas túnicas brancas. Fora do hotel, começaram uma rodada de apertos de mão e beijos formais antes de se separarem e seguirem para os utilitários. Apesar do truque, Gabriel não teve nenhuma dificuldade em manter os olhos em Malik quando ele entrou na porta de trás de um dos Denalis. Depois que os cinco carros partiram, dois Toyota Land

Cruisers tomaram seus lugares. Mikhail conseguiu parecer vagamente entediado ao passar por um funcionário do hotel e entrar no banco do carona do primeiro Toyota. Gabriel entrou no segundo.

— Coloque o cinto — alertou Chiara enquanto acelerava, se afastando. — As pessoas aqui dirigem como loucas.

A notícia de que Malik estava sob vigilância do Escritório alcançou o Rashidistão às 22h12, horário de Dubai. Gerou breves manifestações emocionais entre os poucos membros da equipe, mas os três chefes reunidos no centro da sala se mantiveram impassíveis. Shamron parecia especialmente aflito enquanto observava a luz vermelha piscante que se movia ao longo da Sheikh Zayed Road.

— Pensei agora que não temos notícias de nosso amigo Samir Abbas há algum tempo — comentou, sem tirar os olhos do monitor na parede. — Seria possível ligar para seu celular de um número que ele reconheceria?

— Alguém em particular? — perguntou Carter.

— A esposa dele — disse Shamron. — Samir dava a impressão de ser um homem de família.

— Você acabou de se referir a ele no tempo passado.

— É mesmo? — perguntou Shamron, distraído.

Carter olhou para um dos técnicos e disse:

— Ligue.

Além de estarem entre as pessoas mais ricas do mundo, os residentes de Dubai também aparecem nas estatísticas entre os piores motoristas. Uma batida — seja ela com outro carro, um pedestre ou um objeto — ocorre a cada dois minutos no emirado, numa média de três fatalidades por dia. O motorista típico não pensa duas vezes antes de cruzar várias faixas de trânsito intenso ou de dirigir grudado no carro da frente a 160 quilômetros por hora enquanto fala ao celular. Assim, poucas pessoas repararam na perseguição em alta velocidade pouco após as dez horas da noite na estrada para Jebel Ali. Era só outra noite de corridas.

A estrada tinha duas pistas de quatro faixas com sentidos diferentes, um pequeno espaço gramado separando-as e sinais de

trânsito que a maioria das pessoas considerava desnecessários. Gabriel se segurou com força no apoio para o braço enquanto Chiara manobrava o vultoso Land Cruiser habilmente pela horda de veículos similares. Por ser uma quinta-feira à noite, o início do fim de semana no mundo islâmico, o trânsito estava pior que numa noite comum. Veículos utilitários imensos eram a regra naquela região, e não a exceção. A maior parte era dirigida por homens barbudos usando *kandouras* e *ghutras* brancas.

Os cinco carros da comitiva de Malik começaram a fazer um jogo para confundir. Eles costuravam o trânsito, davam guinadas súbitas, piscavam os faróis para os carros mais lentos darem passagem — uma conduta perfeitamente adequada nas anárquicas ruas de Dubai. Chiara e os três outros motoristas envolvidos na perseguição, se esforçavam para manter contato com o automóvel de Malik. Era um negócio arriscado. Apesar da ilegalidade constante nas estradas, a polícia do emirado não via com bons olhos os estrangeiros que se envolviam em acidentes. Malik sabia disso, claro. Gabriel se perguntou o que mais Malik sabia. Estava começando a se preocupar com a possibilidade de as elaboradas medidas de segurança serem mais que simples precauções e de que talvez Malik, como de costume, estivesse um passo à frente de seus inimigos.

Estavam se aproximando do porto de Jebel Ali. Passaram em alta velocidade pelo reluzente parque temático e shopping Ibn Battuta, e a seguir por uma planta de dessalinização: um instantâneo de Dubai. Gabriel sequer reparou nos pontos turísticos. Ele observava as manobras cuidadosamente coreografadas à frente. Quatro dos utilitários, nesse momento, ocupavam quatro faixas paralelas de trânsito. O quinto, o Denali transportando Malik, acelerava, se afastando.

— Ele está escapando, Chiara. Você precisa passar por eles.

— Como?

— Dê um jeito.

Chiara deu uma guinada para a esquerda. Depois para a direita. A cada guinada um utilitário bloqueava a passagem.

— Force caminho entre eles.

— Gabriell!

— Vai!

Ela tentou. Não havia como.

Eles estavam chegando no final da zona franca de Jebel Ali. Além daquele ponto havia a imensidão do deserto que separava Dubai do emirado de Abu Dhabi. Gabriel não conseguia mais enxergar o Denali de Malik; já não passava de uma estrela distante numa galáxia de faróis. Logo à frente, um sinal passou de verde para amarelo. Os quatro utilitários diminuíram a velocidade na mesma hora, algo inédito em Dubai, e pararam. Quando as buzinas começaram a soar, uma das réplicas de Malik saiu do carro e encarou Gabriel por um longo tempo antes de fazer um gesto com o polegar como se estivesse cortando o próprio pescoço. Pelo rádio, Gabriel checkou se todos da equipe estavam seguros e continuavam em contato. Em seguida discou para o BlackBerry de Nadia. Não houve resposta.

DUBAI

O Boeing Business Jet da AAB Holdings partiu do Aeroporto Internacional de Dubai às 22h40. Tudo indicava que Nadia al-Bakari, a presidente da empresa, não estava a bordo no momento da decolagem.

Seu BlackBerry tinha saído do ar às 22h14 quando seu carro atravessava a enseada de Dubai, e agora não emitia mais nenhum tipo de sinal. Nos instantes anteriores à perda de contato, ela mantinha uma conversa amigável com Rafiq. A última gravação de áudio foi um baque abafado, que podia ser desde uma pancada mortal até o som de Nadia batendo com o dedo na tela do celular, algo que fazia com frequência quando andava de carro. Os transmissores ocultos em sua bolsa e terno estavam fora do alcance dos postos de escuta dentro do Burj Al Arab, logo não podiam dar pistas sobre o que tinha ocorrido.

Apenas os dispositivos de GPS ainda tinham serventia. Por fim, seus ícones pararam num lote vazio ao longo da Dubai-Hatta Road, não muito longe do clube de polo. Gabriel encontrou o terno Chanel às 22h53 e o relógio, poucos minutos depois. Levou os itens para o Land Cruiser e os examinou à luz do painel. O tecido da roupa estava rasgado em vários pontos e havia manchas de sangue no colarinho. O cristal do relógio tinha sido despedaçado, embora a inscrição na parte de trás ainda estivesse bem legível. *Ao futuro, Thomas.*

Ele disse para Chiara voltar para o hotel e então enviou uma mensagem para Langley de seu BlackBerry. A resposta chegou dois minutos depois. Gabriel praguejou baixo quando a viu.

- O que diz?
- Querem que a gente vá para o aeroporto imediatamente.
- E quanto à Nadia?

— Nadia não existe — respondeu Gabriel, guardando o BlackBerry no bolso do casaco. — Pelo menos de acordo com Langley e Shamron. Não mais.

— Então a abandonamos? — perguntou Chiara, brava, com os olhos na estrada. — É isso que querem que façamos? Use o dinheiro e o nome dela, depois a jogue aos lobos? Você sabe o que vão fazer com ela?

— Vão matá-la — falou Gabriel. — E ela nem terá a cortesia de uma morte decente. Não é assim que eles conduzem seus negócios.

— Talvez já esteja morta — sugeriu Chiara. — Talvez seja isso que o amigo de Malik tenha tentado dizer.

— Pode ser que esteja — admitiu Gabriel —, mas eu duvido. Eles não teriam se dado ao trabalho de remover a roupa e as joias dela se tivessem a intenção de matá-la rapidamente. Isso indica que desejam ter uma conversa em particular com ela, o que é compreensível. Afinal, perderam toda a rede por causa dela.

O BlackBerry de Gabriel apitou pela segunda vez. Era Langley de novo, pedindo confirmação do recebimento da outra mensagem. Gabriel ignorou a mensagem e olhou pela janela, taciturno, vendo as luzes do distrito financeiro.

— Existe algo que possamos fazer por ela? — perguntou Chiara.

— Suponho que isso dependa apenas de Malik.

— Malik é um monstro. E pode ter certeza de que ele sabe que você está em Dubai.

— Pode-se negociar até mesmo com monstros.

— Não com jihadistas. Eles não são racionais. — Ela dirigiu em silêncio por um tempo, com uma das mãos no volante e a outra apertando com força o tecido manchado de sangue do terno de Nadia. — Eu sei que você fez uma promessa para ela — disse, por fim —, mas você também fez uma promessa para mim.

— Devo deixá-la morrer, Chiara?

— Pelo amor de Deus, não!

— O que você quer que eu faça?

— Por que eu tenho que tomar essa decisão?

— Porque você é a única que pode tomá-la.

Chiara retorcia o tecido do terno, lágrimas escorrendo por suas bochechas. Gabriel se ofereceu para dirigir. Mas ela pareceu não escutar.

A mensagem de Gabriel piscou nas telas do Rashidistão trinta segundos depois. Shamron fitou o texto, consternado. Em seguida acendeu um cigarro, violando a rígida política de Langley que proibia fumar, e disse:

— Talvez agora seja uma boa hora para colocar aviões no ar e botas no solo.

Carter e Navot reagiram pegando seus telefones. Dentro de minutos, os aviões decolavam de uma instalação secreta da CIA em Bahrein e as botas seguiam silenciosamente pelas águas negras do Golfo, em direção à praia de Jebel Ali.

*

Quando Gabriel e Chiara chegaram ao hotel, o resto da equipe já havia posto em andamento uma evacuação apressada, porém metódica. Começara após ordens de Shamron e agora era conduzida por um tal de Thomas Fowler. A gerência do hotel tinha sido levada a acreditar que a saída repentina era consequência de um problema de saúde de um dos funcionários do Sr. Fowler. O operador do Aeroporto Internacional de Dubai ouviu a mesma história. Ele estava preparando o avião particular do Sr. Fowler para uma decolagem às duas horas da manhã. A tripulação tinha sido avisada de que não haveria atraso.

Apesar da urgência da situação, a equipe que estava no hotel conseguiu manter uma disciplina operacional rígida. Nos quartos que se supunha haver escutas, conversavam entre si usando seus nomes falsos e discutiam principalmente negócios e finanças. Apenas suas expressões abaladas traíam a angústia compartilhada por todos e só dentro do *chuppah* eles se atreviam a falar a verdade. Protegido dos dispositivos de escuta do Governante, Gabriel teve uma conversa tensa com Shamron e Navot. Ele também conversou pessoalmente com os membros de sua equipe. A maior parte dos diálogos manteve um tom profissional; alguns foram conflituosos. Chiara veio a ele por último. Sozinha, falou da tarde em que tinham feito amor no esconderijo próximo ao lago

Zurique, quando o corpo dela ardera como se tomado pela febre. Despediu-se com um último beijo nos lábios, pegou as malas e seguiu para o saguão.

Shamron sempre acreditou que carreiras são menos definidas pelos sucessos conquistados do que pelas calamidades superadas. “Qualquer tolo pode vencer”, foi uma de suas famosas observações durante uma palestra na Academia, “mas apenas um agente brilhante consegue manter a compostura e o disfarce quando seu coração está se partindo”. Se esse fosse mesmo o caso, Shamron teria testemunhado uma definição perfeita de brilhantismo na noite em que a célebre equipe de Gabriel deixou o Burj Al Arab rumo ao aeroporto. Apenas Chiara parecia perturbada, em parte porque seu coração estava mesmo se partindo, mas também porque tinha se voluntariado para fazer o papel do funcionário com um sério problema de saúde. A gerência lhe desejou melhoras enquanto a ajudavam a se acomodar no banco traseiro de uma limusine do hotel. O Sr. Fowler distribuiu gorjetas bem generosas aos manobristas antes de entrar no veículo.

Seguiram o mesmo percurso que Nadia tinha feito mais cedo, mas chegaram ao aeroporto sem qualquer incidente. Depois da verificação rotineira dos passaportes, resolveram embarcar no avião imediatamente em vez de esperar no luxuoso salão VIP. Um cancelamento permitiu que partissem antes do esperado, e à uma e meia já sobrevoavam a escuridão do Empty Quarter.

Dois membros da equipe não estavam a bordo. Mikhail se dirigia para uma praia isolada a oeste de Jebel Ali e Gabriel seguia para uma região antiga de Dubai conhecida como Deira. Após deixar seu Toyota Land Cruiser ao longo de Corniche, caminhou até o malconservado prédio perto de Gold Souk e subiu a escada que fedia a grão-de-bico e cominho. Sozinho no apartamento, sentou-se à mesa desgastada da cozinha, fitando a tela de seu BlackBerry. Para ajudar a matar o tempo, repassou todos os detalhes da operação. Em algum momento, havia ocorrido um vazamento ou uma traição. Ele encontraria a pessoa responsável. Depois, iria matá-la.

Levou vinte minutos para Mikhail escutar uma voz em seu fone de ouvido. Falou uma ou duas palavras, nada mais. Mesmo assim, ele reconheceu a pessoa. Já tinha escutado essa voz muitas vezes — nos buracos infernais de Gaza, nas colinas da região sul do Líbano, nos becos de Jericó, Nablus e Hebron. Mikhail piscou os faróis duas vezes, iluminando por um breve momento a praia de areias brancas e batucou no volante, ansioso, enquanto um Zodiac chegava à costa. Quatro homens desembarcaram, cada um carregando uma bolsa de equipamentos feita de nylon. Eles pareciam árabes. Moviam-se como árabes. Até seus perfumes eram caracteristicamente árabes. Mas os homens não eram árabes. Eram membros da unidade de elite Sayeret Matkal. Mikhail tinha servido ali sob o comando de um deles, Yoav Savir.

— Há quanto tempo — disse Yoav quando ele sentou no banco do carona. — O que houve?

— Nós perdemos alguém muito importante.

— Como ele se chama?

— *Ela* — replicou Mikhail. — Ela se chama Nadia.

— Quem a pegou?

— Malik.

— Qual Malik?

— O único Malik que importa.

— Merda.

As luzes da gigantesca instalação de perfuração de petróleo no campo de Shaybah brilhavam como labaredas verdes de néon nos monitores na parede do Rashidistão. A imagem era transmitida ao vivo por um Predator, um avião de espionagem não tripulado, agora sob controle da equipe de Langley. De acordo com as instruções de Carter, a nave se dirigiu para leste, sobrevoando a fileira de oásis ao longo da fronteira entre os Emirados e a Arábia Saudita, e então seguiu a estrada principal em direção a Dubai, com as câmeras de visão noturna e captação térmica vasculhando o deserto atrás de algum sinal de vida em lugares que costumavam ser inabitados. Quando o avião se aproximou do porto de Jebel Ali, suas câmeras se focaram brevemente no pequeno Zodiac seguindo de volta para o mar, com uma figura solitária na parte da frente. Ninguém no

Rashidistão prestou muita atenção na imagem, pois naquele momento monitoravam uma conversa no BlackBerry de Gabriel. Os computadores reconheceram o número da pessoa que fez a ligação. Também reconheceram sua voz. Era Malik al-Zubair. O único Malik que importava.

DEIRA, DUBAI

— Estou surpreso que você tenha atendido. Talvez o que digam sobre você seja verdade.

— E o que dizem sobre mim, Malik?

— Que você é corajoso. Que é um homem de palavra. Pessoalmente, permaneço cético. Nunca conheci um judeu que não fosse um covarde e um mentiroso.

— Nunca me dei conta de que Zarqa tinha uma comunidade judaica tão grande.

— Felizmente não há judeus em Zarqa, apenas vítimas dos judeus.

— Onde ela está, Malik?

— Quem?

— Nadia. O que você fez com ela?

— Por que você supõe que eu esteja com ela?

— Porque só há uma maneira de você ter conseguido este número de telefone.

— Judeu esperto.

— Deixe-a ir.

— Você não está em posição de fazer exigências. Não estou exigindo nada – respondeu Gabriel, calmo. – Estou pedindo para que a deixe ir.

— Um gesto humanitário?

— Chame como quiser. Apenas faça o que é decente.

— Você matou o pai dela na sua frente e está *me* pedindo para fazer o que é decente?

— O que você quer, Malik?

— Nossa exigência é que vocês libertem todos os irmãos que foram presos pelos norte-americanos e seus aliados após seu pequeno truque. Além disso, exigimos que vocês libertem os irmãos detidos ilegalmente em Guantánamo.

— Nenhum prisioneiro palestino? Você me decepçiona.

— Eu não gostaria de interferir nas negociações em andamento entre vocês e os irmãos do Hamas.

— Peça algo razoável, Malik, algo que eu possa fazer por você.

— Nós nunca negociamos com terroristas. Libertem nossos irmãos e sua espiã será liberada sem sofrer maiores danos.

— O que você fez com ela?

— Posso assegurar que não foi nada comparado à dor que nossos irmãos sofrem todos os dias nas câmaras de tortura do Cairo, de Amã e de Riad.

— Não andou lendo os jornais, Malik? O mundo árabe está mudando. O Faraó se foi. A Casa de Saud está cedendo. O pequeno rei hachemita da Jordânia teme pela própria vida. As pessoas decentes do mundo árabe conquistarão, em questão de meses, o que a Al-Qaeda e sua laia não conseguiram depois de anos de matanças sem propósito. Seu tempo passou, Malik. O mundo árabe não o quer. Deixe-a ir.

— Receio que não possa fazer isso, Allon. — Ele parou de falar por um instante, como se pensasse numa forma de sair do impasse que acabara de criar. — Mas existe outra possibilidade.

Gabriel escutou as instruções de Malik. Assim como Shamron, Navot e Adrian Carter.

— O que acontece se não aceitarmos? — perguntou Gabriel.

— Nesse caso ela sofrerá a punição tradicional por apostasia. Mas não se preocupe. Você poderá vê-la morrer na internet. O iemenita pretende usar as imagens como instrumento de recrutamento, para substituir todos os que ela nos custou.

— Preciso de provas de que ela ainda está viva.

— Infelizmente, terá que confiar em mim — falou Malik. A linha foi interrompida.

*

O BlackBerry de Gabriel tocou poucos segundos depois. Era Adrian Carter.

— Ele continua nos Emirados.

— Onde?

— A ANS ainda não conseguiu determinar com exatidão, mas acreditam que esteja na região oeste do deserto, próximo ao oásis

de Liwa. Temos um avião sobre a região agora e mais dois a caminho.

Gabriel pegou um dispositivo pequeno de um compartimento interno da bolsa. Era mais ou menos do tamanho de um comprimido de antibiótico. De um lado havia um mini-interruptor metálico. Ele mudou sua posição e perguntou:

— Você consegue ver o sinal?

— Positivo — respondeu Carter.

Gabriel engoliu o dispositivo.

— Ainda consegue vê-lo?

— Positivo.

— Fish Souk, em dez minutos.

— Positivo.

Gabriel ainda usava o terno que adquirira para acompanhar sua identidade falsa. Por um instante, considerou trocar por algo mais apropriado para uma noite no deserto, mas percebeu que não seria necessário. Seus captores certamente cuidariam disso. Colocou seu relógio na mochila, junto com o BlackBerry, a carteira, o passaporte, a arma e o lixo que havia se acumulado no bolso. Não tinha mais as seringas de suxametônio, apenas comprimidos. Tomou analgésicos o bastante para aliviar por um tempo a dor de qualquer ferida que pudesse vir a sofrer nas próximas horas e uma quantia suficiente do remédio contra diarreia para fazer efeito durante um mês. Em seguida trancou a bolsa no armário e desceu as escadas, seguindo para a rua.

Restavam seis minutos para Gabriel fazer a breve caminhada até Fish Souk. O mercado ficava próximo à enseada de Dubai, ao longo de Corniche. Apesar de já ser tarde, havia grupos de homens jovens aproveitando o ar noturno ao redor perto da água — paquistaneses, bengaleses, filipinos e quatro árabes que não eram, na verdade, árabes. Gabriel se postou ao lado de um poste para se fazer visível e, dentro de poucos segundos, um Denali parou bem na sua frente. Ao volante estava um dos clones de Malik. Havia outro no banco de trás. Além de Rafiq, o ex-chefe de segurança de Nadia.

Foi Al-Kamal que gesticulou para que Gabriel entrasse no veículo e também foi ele que, trinta segundos depois, deu o primeiro

golpe — uma cotovelada no peito de Gabriel que quase parou seu coração. Em seguida o jogaram no chão e o espancaram por um bom tempo, até que seus braços perderam a força. A colheita tinha terminado, pensou Gabriel, enquanto perdia a consciência. Agora era a hora do banquete.

EMPTY QUARTER, ARÁBIA SAUDITA

Os mapas se referem ao local, de forma um tanto sinistra, como Rub' al—Khali — literalmente, Empty Quarter, Região Vazia. Os beduínos, no entanto, conhecem o lugar por outro nome. Chamam-no de Areal. Cobrindo uma região do tamanho de França, Bélgica e Holanda, estende-se desde Omã e os Emirados, passando pela Arábia Saudita, até parte do Iêmen. Dunas do tamanho de montanhas percorrem todo o deserto sob um vento inclemente. Algumas se erguem sozinhas. Outras formam cadeias, que atravessam centenas de quilômetros. No verão é comum a temperatura passar dos 60 graus durante o dia, caindo para um pouco menos de 40 à noite. Quase não chove, a fauna e flora são restritas e poucas pessoas, além dos beduínos, bandidos e terroristas da Al-Qaeda, se movem com liberdade por esse território. O tempo não importa muito no Areal. Mesmo agora, ele é medido de acordo com a distância da caminhada até o próximo poço.

Assim como grande parte dos sauditas, Nadia nunca tinha posto os pés no Empty Quarter. Isso mudou três horas depois de seu sequestro, embora, no momento, ela não estivesse ciente disso. Por ter recebido uma injeção de quetamina, um potente anestésico geral, pensava estar vagando perdida pelos quartos dourados de sua juventude. Seu pai apareceu por um breve instante; ele vestia a túnica tradicional dos beduínos e tinha a expressão zangada conhecida como *juhayman*. Seu corpo estava com buracos de balas. Ele fez com que Nadia tocasse suas feridas e a censurou por conspirar com os mesmos homens que as tinham infligido. Ela teria que ser punida, afirmou seu pai, assim como Rena tinha sido punida por trazer desonra para sua família. Era a vontade de Deus. Nada podia ser feito.

Foi quando seu pai a condenou à morte que Nadia sentiu que voltava a ficar consciente. Foi um processo lento, como um

mergulhador vindo das profundezas. Ao alcançar a superfície, abriu os olhos e inspirou profundamente. Então se deu conta do lugar ao redor. Estava deitada de lado num tapete que cheirava a suor masculino e camelo. Com os pulsos atados, tinha o corpo coberto por um tecido fino de algodão branco, que brilhava sob a luz da lua, assim como o *thobe* salafista do homem que a observava. Ele usava apenas um *taqiyah* na cabeça e carregava uma arma automática com o pente em forma de banana. Mesmo assim, seus olhos eram gentis de uma forma incomum para um homem árabe. Foi então que Nadia se deu conta de que já os tinha visto. Eram os olhos de Ali, o *talib* do xeique Marwan Bin Tayyib.

— Onde estou? — perguntou Nadia.

Ele respondeu com sinceridade. Não era um bom sinal.

— Como está Safia?

— Ela está bem — afirmou o *talib*, sorrindo, apesar da situação.

— Quanto tempo até o bebê nascer?

— Três meses.

— *Inshallah*, será um garoto.

— Na verdade, os médicos disseram que teremos uma garota.

— Você não parece insatisfeito.

— Não estou.

— Já escolheram um nome?

— Vamos chamá-la de Hanan.

Em árabe, significava “misericórdia”. Talvez houvesse esperança, afinal.

O *talib* começou a recitar baixinho versos do Corão para si mesmo. Nadia ficou deitada de costas e observou as estrelas. Pareciam próximas o suficiente para se alcançar. Havia apenas a voz de Ali e alguma espécie de zumbido distante. Por um instante, ela supôs que fosse outra alucinação causada pelas drogas — ou talvez, pensou, por uma anormalidade em seu cérebro. Fechou os olhos, silenciando a voz do *talib*, e escutou com atenção. Não era uma alucinação, concluiu. Era alguma espécie de aeronave. E estava cada vez mais perto.

Há apenas uma estrada estreita ligando a cidade-oásis de Liwa às instalações para perfuração de petróleo de Shaybah do outro

lado da fronteira da Arábia Saudita. Nadia tinha passado pelo posto de controle como se fosse a esposa velada de um de seus captores, dormindo. Gabriel sofreu a mesma indignidade. Mas, diferente de Nadia, ele estava bem ciente do que se passava.

Por baixo do véu, vestia o macacão azul dos trabalhadores de Dubai. Tinha recebido as vestes num armazém de produção em Al-Khaznah, uma cidade deserta no emirado de Abu Dabi, depois de terem removido suas roupas e procurado por transmissores de som e aparelhos de GPS. Também houve outra sessão de espancamento, promovida principalmente por Rafiq. Gabriel achou que o saudita tinha o direito de estar irritado com ele. Afinal, Gabriel tinha matado seu antigo chefe e, depois, recrutado a filha daquele mesmo chefe como agente. O envolvimento de Al-Kamal no sequestro de Nadia ainda confundia Gabriel. A pedido de quem, ele se perguntou, o saudita tinha vindo? Dos terroristas? Ou da Al-Saud?

Mas por enquanto isso não importava. O importante era manter Nadia viva. Isso exigiria uma última mentira. Um último truque. Ele elaborou a mentira no caminho para Shaybah, vestido com o macacão e coberto pelo véu preto de uma mulher. Passou o resto do percurso repetindo a mentira para si mesmo, várias vezes, até se convencer de cada palavra.

Nas imensas telas de plasma de Langley, Gabriel era apenas um borrão de luz verde seguindo para o Empty Quarter. Um aglomerado de cinco outras luzes piscavam perto da cidade-oásis de Liwa. Representavam as posições de Mikhail e da equipe da Sayeret Matlcal.

— Não tem como eles passarem por aquele posto de controle da fronteira — argumentou Carter.

— Então eles vão contorná-lo — replicou Shamron.

— Há uma cerca ao longo de toda a fronteira.

— Cercas não significam nada para os Sayeret.

Como eles vão passar um Land Cruiser pela cerca?

Eles têm *dois* Land Cruisers — corrigiu Shamron —, mas nenhum vai atravessar aquela cerca.

— O que você quer dizer?

— Nós esperamos até Gabriel parar de se mover.
— E aí?
— Eles andam.
— Pelo Empty Quarter? — perguntou Carter, incrédulo.
— Eles foram treinados para isso.
— E o que acontece se cruzarem com uma patrulha do exército saudita?

— Acho que nesse caso teremos que recitar o Kaddish pela patrulha — disse Shamron. — Porque, se eles derem de cara com Mikhail Abramov e Yoav Savir, deixarão de existir.

*

Havia um posto de gasolina e mercado 24 horas em Liwa que atendia aos trabalhadores estrangeiros e os caminhoneiros. O indiano por trás do balcão tinha cara de quem não dormia havia um mês. Yoav, o árabe que não era árabe, comprou comida e água suficientes para um pequeno exército, além de algumas *ghutras* baratas e de vestes largas de algodão que os paquistaneses e bengaleses costumavam usar. Disse ao indiano que ele e seus amigos pretendiam passar um ou dois dias nas dunas, em comunhão com Deus e a natureza. O gerente noturno sugeriu uma formação particularmente inspiradora ao norte de Liwa, ao longo da fronteira saudita.

— Mas tenham cuidado — alertou. — A área está cheia de contrabandistas e membros da Al-Qaeda. Muito perigoso.

Yoav agradeceu ao indiano pelo aviso. Em seguida, pagou a conta sem barganhar e voltou para os Land Cruisers.

Eles seguiram para o norte, na direção que o indiano tinha proposto, mas assim que saíram da cidade fizeram uma volta brusca para o sul. As dunas estavam rosadas e eram altas como as Colinas da Judeia. Dirigiram por uma hora, sempre se mantendo sobre a areia dura, até que pararam perto da cerca que marcava a fronteira saudita. Já na iminência do amanhecer, a equipe cobriu os Land Cruisers com uma rede de camuflagem e vestiu as roupas compradas em Liwa. Yoav e os outros homens da Sayeret pareciam árabes, mas Mikhail parecia um explorador ocidental em busca da cidade perdida da Arábia. A expedição começou trinta minutos depois, quando o borrão de luz verde que era Gabriel finalmente

parou de se mover num ponto a mais de 60 quilômetros de distância a oeste. Os homens encheram as bolsas com tantas armas e água quanto podiam carregar. Então escalaram a cerca e começaram a andar.

EMPTY QUARTER, ARÁBIA SAUDITA

A tenda fora erguida na fenda de uma enorme duna com formato de ferradura. Era feita de pelo preto de cabra, de acordo com a tradição beduína, e estava cercada por vários jipes e caminhonetes desbotados pelo sol. A poucos metros da entrada, quatro mulheres cobertas por véus com tatuagens de hena nas mãos preparavam café com sementes de cardamomo, ao redor de uma pequena fogueira. Ninguém pareceu reparar no homem espancado vestindo um macacão que saiu cambaleando da traseira de um Denali, tremendo no ar frio da manhã.

Dentro da fenda ainda estava escuro, mas a luz já alcançava o cume da duna, suave, e as estrelas batiam em retirada. Cutucado por Al-Kamal, Gabriel andou sem muita firmeza na direção da tenda. Sua cabeça latejava, mas os pensamentos permaneciam claros. Estavam focados numa mentira. Ele a entregaria lentamente, pedaço por pedaço, como bolos adoçados com mel. Faria com que fosse irresistível para eles. Gastaria tempo para que Mikhail e a equipe da Sayeret alcançassem o local de onde era emitido o sinal do dispositivo em suas entranhas. Ele parou de pensar no rastreador. Não havia nenhum rastreador, lembrou a si mesmo. Havia apenas Nadia al-Bakari, uma mulher de credenciais jihadistas incontestáveis que Gabriel tinha chantageado para conseguir manipular.

Malik estava na abertura da tenda. Tinha trocado a *kandoura* branca reluzente por um *thobe* cinza. Estava descalço, embora tivesse a cabeça envolta por uma *ghutra* vermelha xadrez. Encarou Gabriel de forma ameaçadora, como se calculasse onde devia dar o primeiro golpe, e então deu um passo para o lado. Al-Kamal reagiu empurrando Gabriel com força entre os ombros, obrigando-o a entrar às pressas na tenda.

Sua chegada indigna pareceu provocar uma satisfação nos homens reunidos do lado de dentro. Oito no total, estavam sentados num semicírculo, tomando o café com cheiro de cardamomo em xícaras do tamanho de dedais. Alguns traziam consigo a tradicional *jambia*, a adaga curvada dos iemenitas, e um tinha a atenção focada na tela de um notebook. Seu rosto era familiar para Gabriel, assim como o som de sua voz quando ele falou. Era a voz de um homem a quem Alá tinha concedido uma língua sedutora. Era a voz de Rashid.

Para as câmeras de captação térmica do Predator sobrevoando aquela região, o encontro na tenda beduína de pelo de cabra aparecia como onze corpos de luz em forma de ameba. Por perto havia diversas fontes de calor humano: quatro figuras sentadas ao redor de uma pequena fogueira, um círculo de postos de segurança espalhados entre as dunas e duas figuras a cerca de 900 metros ao sul da tenda — uma deitada de costas no chão do deserto, a outra sentada com as pernas cruzadas. Enquanto o sol nascia, Shamron perguntou a Carter se seria possível dar uma olhada nas duas pessoas através de lentes normais. Levou mais cinco minutos para haver luz suficiente, mas quando a imagem surgiu nas telas de Langley, ela tinha uma definição surpreendente. Mostrava uma mulher de cabelos negros vestida de branco, sendo vigiada por um homem barbudo que segurava o que parecia uma AK-47. A curta distância, do outro lado de uma duna grande, um buraco cilíndrico tinha sido aberto no solo do deserto. Ao lado dele havia uma pilha de pedras.

Quando o grupo no Rashidistão recuperou a calma, Carter disse:
— Não tem como Mikhail e a equipe da Sayeret chegarem a tempo. E, mesmo se conseguirem, vão ser detectados.

— Sim, Adrian — respondeu Shamron. — Percebi.

— Deixe-me ligar para o príncipe Nabil no Ministério do Interior.

— Por que você perderia tempo fazendo isso?

— Talvez ele possa fazer algo para evitar que eles sejam mortos.

— Talvez — repetiu Shamron. — Ou talvez tudo isso seja obra de Nabil.

— Você acha que Nabil vendeu Nadia para Rashid e Malik?

— Para Nabil, ela é herege e dissidente. Que jeito melhor de se livrar dela que entregá-la para os barbudos, para execução?

Carter praguejou baixo. Shamron olhou para a imagem do deserto.

— Suponho que o Predator esteja armado? – perguntou.

— Mísseis Hellfire – respondeu Carter.

— Você já disparou algum na Arábia Saudita?

— Sem chance.

— Acredito que precise da permissão do presidente para fazê-lo.

— Certo.

— Então, por favor, ligue para ele agora, Adrian.

EMPTY QUARTER, ARÁBIA SAUDITA

Rashid começou com um sermão. Ele era parte poeta, parte pregador, parte instrutor do jihad. Alertou que Israel logo tomaria o mesmo rumo que o regime do Faraó, no Egito. Previu que a charia estava a caminho da Europa, mesmo se essa não fosse a vontade dos europeus. Declarou que o século dos Estados Unidos finalmente havia terminado, *al-hamdu lillah*. Essa foi uma das poucas expressões em árabe que usou. O resto foi falado em seu impecável inglês coloquial. Era como ter uma aula sobre os princípios salafistas com um garoto norte-americano.

Ele não falou com Gabriel, e sim com uma câmera digital montada num tripé. De vez em quando sacudia um dedo comprido para dar ênfase ou o apontava para seu prisioneiro célebre, sentado a poucos metros de distância, apertando um pouco os olhos por causa do brilho de duas lâmpadas em pedestais. Gabriel imaginou como todo aquele calor apareceria na câmera do Predator. Sentiu como se estivesse na versão jihadista de um estúdio de televisão, com Rashid interpretando o papel de anfitrião provocador. Malik, o mestre do terror, andava devagar de um lado para o outro por trás das câmeras. Essa era a natureza do relacionamento entre eles, pensou Gabriel. Rashid era o talento à frente das filmadoras, enquanto Malik era o produtor obstinado que cuidava da confusão. Rashid inspirava, Malik mutilava e assassinava, tudo em nome de Alá.

Quando Rashid finalmente concluiu seu monólogo de abertura, seguiu para a principal parte do programa matinal: a entrevista. Começou pedindo para Gabriel declarar seu nome e lugar de residência. Quando Gabriel respondeu “Roland Devereaux, Québec, Canadá”, Rashid teve um acesso de raiva. Houve certa petulância em sua reação que talvez divertisse Gabriel se ele não estivesse

cercado por homens com adagas. As ideias de Rashid eram monstruosas, mas, em pessoa, ele tinha uma aparência estranhamente inofensiva. Essa era a intenção.

— Seu nome *real* — vociferou Rashid. — Diga seu nome de nascimento.

— Você sabe meu nome real.

— Por que você não o diz? — perguntou Rashid. — Tem vergonha dele?

— Não, é que não o uso com frequência — respondeu Gabriel.

— Diga-o agora.

Gabriel obedeceu.

— Onde você nasceu?

— No Vale de Jezreel, no Estado de Israel.

— E onde seus pais nasceram?

— Na Alemanha.

Ficou claro que Rashid viu isso como prova de um imenso crime histórico.

— Seus pais eram sobreviventes daquilo que chamam de Holocausto? — perguntou ele.

— Não. Eram sobreviventes do Holocausto *de verdade*.

— Você trabalha para o serviço de inteligência do Estado de Israel?

— Às vezes.

— Você é um assassino?

— Já matei enquanto cumpria meu dever.

— Você se considera um soldado?

— Sim.

— Você matou muitos palestinos?

— Sim, muitos.

— E tem orgulho de seu trabalho?

— Não.

— Então por que o faz?

— Por causa de pessoas como você.

— A nossa causa é justa.

— Sua causa é grotesca.

Rashid pareceu perturbado por um instante. Sua exclusiva não estava indo de acordo com os planos. Ele voltou ao roteiro.

- Onde você estava na tarde de 24 de agosto de 2006?
- Eu estava em Cannes — respondeu Gabriel, sem hesitação.
- Na França?
- Sim, na França.
- E o que fazia lá?
- Supervisionava uma operação.
- Qual era a natureza dessa operação?
- Era o assassinato de um alvo.
- E quem era o alvo?
- Abdul Aziz al-Bakari.
- Quem ordenou seu assassinato?
- Eu não sei.

Rashid deixou claro que não acreditou, mas não estava disposto a gastar tempo valioso no ar debatendo sobre o passado.

- Você tomou parte no assassinato em si?
- Sim.
- Você viu Nadia al-Bakari naquela noite?
- Sim, vi.
- Qual foi a próxima ocasião em que a viu?
- Em dezembro.
- Onde?
- Num château ao norte de Paris.
- E como foi esse encontro?

O encontro, afirmou Gabriel, foi uma operação elaborada para chantagear uma das mulheres mais ricas do mundo e forçá-la a obedecer às ordens da inteligência israelense e norte-americana. Através de um informante, a CIA havia descoberto que a rede nascente de Rashid precisava desesperadamente de uma ajuda financeira. A Agência quis fornecer o dinheiro para a rede e em seguida rastreá-lo enquanto fluía pelas diversas células e negócios de fachada. Só havia um problema. O dinheiro teria que vir de alguém em quem os terroristas confiassem. A CIA perguntou para a inteligência israelense se eles tinham alguma ideia. E eles confirmaram. Seu nome era Nadia al-Bakari. Um emissário da inteligência israelense visitou a Srta. Al-Bakari em Paris sob um falso pretexto e deixou claro que a AAB Holdings seria destruída se ela não concordasse em cooperar.

— Como a companhia seria prejudicada? — perguntou Rashid.

— Através de uma série de vazamentos bem-orquestrados aos nossos amigos na mídia.

— Amigos judeus, claro.

— Sim, claro.

— E qual seria a natureza desses vazamentos?

— Que a AAB Holdings era um empreendimento jihadista, como era quando ainda estava sob controle do pai de Nadia.

— Continue.

Gabriel obedeceu. Ele adotou uma expressão relutante para a câmera. Era uma mentira, assim como as outras que fluíam de seus lábios inchados. Foram expostas lentamente e de forma bem detalhada. Rashid ouvia cada palavra com avidez.

— Seu relato é interessante — disse ele mas receio que contradiga o que já nos foi dito pela Srta. Al-Bakari. Ela alega que os ajudou voluntariamente.

— Ela foi instruída a dizer isso.

— Você a ameaçou?

— A todo momento.

— De onde veio o dinheiro para a operação?

— De Nadia.

— Você a forçou a usar seu próprio dinheiro?

— Correto.

— Por que não usou dinheiro do governo?

— Os orçamentos estão apertados.

— Não conseguiu achar um doador judeu rico para financiar o projeto?

— Era muito confidencial.

Rashid olhou com desprezo para a câmera, e então para Gabriel.

— A Srta. Al-Bakari visitou Dubai ontem — falou ele. — Qual foi o propósito da visita?

— Creio que ela estivesse lá para concluir negociações de compra de terras e construção. O propósito real, Allon.

— Nós a enviamos para identificar um membro sênior de sua rede.

— Ele deveria ser preso?

— Não — respondeu Gabriel. — Deveria ser morto.

O clérigo sorriu. Seu convidado tinha acabado de fazer uma confissão importante que Rashid poderia usar para gerar manchetes ao redor do mundo.

— Acaba de me ocorrer que esse episódio é típico da chamada guerra contra o terror. Vocês não podem nos derrotar, Allon. E cada vez que tentam, ficamos mais fortes.

— Você não está mais forte — rebateu Gabriel. — Na verdade, está moribundo. O mundo árabe está mudando. Seu tempo já passou.

O sorriso de Rashid evaporou. Ele falou com o tom de um professor severo, frustrado com um aluno estúpido.

— Tenho certeza, Allon, de que um homem como você não é tão ingênuo a ponto de pensar que esse grande Despertar Árabe dará origem a uma democracia ocidental no Oriente Médio. A revolta pode ter começado com os estudantes e secularistas, mas os irmãos terão a última palavra. Nós somos o futuro. Infelizmente, é um futuro que você não chegará a ver. Mas antes que deixe esta terra, tenho a obrigação de fazer uma última pergunta: você deseja se submeter à vontade do Islã e se tornar um muçulmano?

— Apenas se isso fizer com que você não mate Nadia.

— Temo que isso não seja possível. O crime dela é muito pior que o seu.

— Nesse caso, continuarei sendo um judeu.

— Que assim seja.

Rashid ficou em pé. Malik desligou a câmera.

O Empty Quarter já estava bem iluminado quando as primeiras pessoas saíram da tenda. Eram dez no total — cinco de branco, cinco de preto. Entraram apressadas na caravana de jipes e caminhonetes e circularam pelo acampamento em alta velocidade recolhendo os seguranças. Um instante depois seguiam para o sudeste pelo Areal em direção ao lêmén.

— Quer apostar quanto que um desses canalhas é o Rashid? — perguntou Carter, frustrado.

— Mais uma razão para você disparar — afirmou Navot.

— A Casa Branca não vai permitir. Não em solo saudita. E não sem saber exatamente quem está lá embaixo.

— São terroristas e amigos de terroristas — disse Shamron. — Dispare.

— E se um deles for Gabriel?

— Impossível — respondeu Shamron.

— Como você pode ter tanta certeza?

Shamron apontou para uma das telas, sem falar nada.

— Tem certeza de que é ele? — perguntou Carter.

— Eu reconheceria esse andar em qualquer lugar.

EMPTY QUARTER, ARÁBIA SAUDITA

O *talib* caminhava pela base de uma imensa duna em forma de estrela. Ele portava sua arma automática em uma das mãos e conduzia Nadia pela outra, puxando a amarra que prendia seus pulsos. Quando contornaram a duna, ela viu o buraco que havia sido cavado no solo do deserto. Ao lado havia uma pirâmide de pedras. Sob o sol escaldante, as pedras pareciam brancas como ossos. Nadia tentou ser corajosa, imaginando que Rena tinha sido corajosa nos últimos instantes antes de sua morte. Mas então sentiu o deserto começando a girar e desabou.

— Não vai ser tão ruim quanto você pensa — afirmou o *talib*, ajudando-a com gentileza a se levantar. — As primeiras vão causar muita dor. Depois, *inshallah*, você perderá a consciência e não sentirá mais nada.

— Por favor — pediu Nadia —, você precisa encontrar uma maneira de me poupar disso.

— É a vontade de Deus. Nada pode ser feito.

— Não é a vontade de Deus, Ali. É a vontade de homens maus.

— Caminhe — foi a resposta dele. — Você deve caminhar.

— Você faria isso com Safia?

— Caminhe.

— Faria, Ali?

— Se ela violasse as leis de Deus, eu não teria escolha.

— E quanto a Hanan? Você apedrejaria sua própria filha?

Dessa vez, o *talib* não disse nada. Após alguns passos, começou a recitar baixinho versos do Corão para si mesmo, mas não disse mais nenhuma palavra para Nadia.

*

Do outro lado da duna gigantesca, Gabriel caminhava descalço pela areia com Malik ao lado. Quatro homens os cercavam. Três

tinham estado com Malik em Dubai; o quarto era Rafiq. O guarda-costas tinha recebido a tarefa de carregar a faca que usariam para a execução de Gabriel, assim como a câmera que a filmaria. Malik e os outros carregavam armas automáticas. Eram AK-47 antigas, da era soviética, o tipo que se pode comprar por poucos *riyals* mesmo no vilarejo mais remoto do lêmén. Enquanto forçava a fita que prendia seus pulsos, Gabriel tentou calcular as chances de pôr as mãos numa das armas. Não eram muito boas, pensou, mas morrer alvejado seria muito melhor que morrer decapitado. Se fosse para ele morrer no Empty Quarter naquela manhã, pretendia morrer como queria. E, se possível, levando Malik junto.

Saindo da sombra da duna, Gabriel viu Nadia pela primeira vez desde que ela tinha passado no saguão do Burj Al Arab. Coberta pela mortalha da execução, parecia paralisada pelo medo. Assim como o jovem jihadista com pouca barba que a vigiava. Malik foi até os dois e empurrou o garoto para fora do caminho. Em seguida agarrou os cabelos pretos de Nadia e a puxou na direção de Gabriel:

— Olhe para o que você fez — berrou, mais alto que os gritos dela. — É isso que acontece quando você seduz nosso povo a renunciar sua fé.

— Ela nunca renunciou a fé, Malik. Deixe-a ir.

— Ela trabalhou para você, contra nós. Ela deve ser punida. E, pelos seus pecados, você deverá jogar a primeira pedra.

— Não farei isso. — Gabriel examinou o céu. Um último truque. Uma última mentira. — E nem você, Malik.

Malik deu um sorriso genuíno.

— Aqui não é o Paquistão nem o lêmén, Allon. É a Arábia Saudita. E os norte-americanos nunca disparariam um míssil Hellfire no território de seu maior aliado, a Casa de Saud. Além do mais, ninguém sabe onde você está. Você está completamente sozinho.

— Está certo disso, Malik?

Ele não estava. Ainda puxando Nadia pelo cabelos, ergueu o rosto para o céu. Assim fizeram os outros, inclusive Al-Kamal, que estava a cerca de um metro à esquerda de Gabriel segurando a faca e a câmera.

Ouçã com cuidado — falou Gabriel. — Pode me escutar? Está circulando, bem lá em cima. Está observando com suas câmeras. Deixe-a ir, Malik. Senão, todos morreremos em meio ao fogo. Você irá para seu Deus; eu e Nadia iremos para o nosso.

— Não há Deus além de Deus, Allon. Há apenas Alá.

— Espero que tenha razão. Malik, pois você está prestes a ver o rosto Dele. Quer ser um mártir? Ou prefere deixar o martírio para outros?

Malik empurrou Nadia para longe e fez um movimento para acertar a cabeça de Gabriel com seu rifle Kalashnikov. Gabriel desviou do golpe com facilidade e deu uma joelhada violenta na virilha de Malik, derrubando-o na areia. Em seguida virou o corpo com os braços estendidos à frente e as mãos na forma de uma lâmina de machado. O golpe atingiu em cheio o pescoço de Rafiq, esmigalhando sua laringe. Gabriel olhou para Nadia e para a pilha de pedras. Em seguida sacudiu os braços como um lunático para o céu e gritou:

— Atirem! Atirem! É Malik, merda! Atirem!

Adrian Carter encerrou a ligação com a Casa Branca e enfiou o rosto nas mãos. Uzi Navot continuou olhando por mais alguns segundos antes de fechar os olhos. Apenas Shamron se recusou a desviar o olhar. Era culpa dele, tudo culpa dele. O mínimo que podia fazer era acompanhar até o fim.

Malik tinha se erguido sobre um joelho, vasculhando às cegas o chão atrás de seu Kalashnikov caído. Gabriel ainda bradava contra o céu inclemente. Escutou o *clack-clack* metálico da arma sendo engatilhada e viu o cano se erguendo. Foi então que enxergou, de rabo de olho, o borrão fantasmagórico da reluzente mortalha branca de Nadia enquanto ela vinha correndo em sua direção. Quando passou na frente da arma, duas flores rubras desbrocharam com violência em seu peito, embora seu rosto parecesse estranhamente sereno quando caiu em cima de Gabriel. Malik a empurrou para o lado e apontou o Kalashnikov para baixo, para o rosto de Gabriel, mas antes que pudesse puxar o gatilho de novo, um dos lados de sua cabeça explodiu num clarão rosa. Vários outros disparos se

seguiram, até restar apenas o jovem jihadista em pé. Ele baixou os olhos para Gabriel, seu rosto eclipsando o sol, e olhou com pesar para Nadia.

— Foi a vontade de Deus que ela morresse hoje — afirmou mas ao menos ela não sofreu.

— Não — respondeu Gabriel ela não sofreu.

— Você foi atingido?

— Um tiro. Eles virão buscá-lo?

— Sim.

— Consegue aguentar até eles chegarem?

— Acho que sim.

— Tenho que deixá-lo aqui sozinho. Tenho uma esposa. Tenho um bebê a caminho.

— Menino ou menina? — perguntou Gabriel, que começava a sentir suas forças se esvaindo.

— Menina.

— Escolheu um nome?

— Hanan.

Seja gentil com ela. Trate-a sempre com respeito.

O garoto se afastou, deixando o sol reluzir no rosto de Gabriel. Ele escutou um barulho de motor e viu uma nuvem de poeira atravessando o mar de areia. Depois disso, houve apenas o silêncio do deserto. Sacudiu os braços uma última vez para o céu para avisar que ainda estava vivo. Então fechou os olhos de Nadia e encostou o rosto em seu peito, chorando, enquanto o corpo dela se enrijecia lentamente.

PARTE QUATRO

O DESPERTAR

PARIS – LANGLEY - RIAD

Mais de 24 horas se passariam antes que a AAB Holdings enfim revelasse ao mundo que sua presidente e principal executiva, Nadia al-Bakari, estava desaparecida e supostamente tinha sido sequestrada. De acordo com um pronunciamento da empresa, ela estava em sua limusine, vindo do famoso Burj Al Arab, em Dubai, a caminho do aeroporto, quando desapareceu. Duas ligações foram feitas do carro, ambas do telefone de seu antigo chefe de segurança. Na primeira, ele tinha instruído o chefe do departamento de viagens da AAB a adiantar em quinze minutos a partida do avião da empresa, das 23h para as 22h45. Sete minutos depois, ligou novamente para dizer que a Srta. Al-Bakari não se sentia bem e que voltaria ao hotel para passar a noite. De acordo com o guarda-costas, ela desejava que o resto da equipe voltasse para Paris, como planejado. Desnecessário dizer que as autoridades dos Emirados consideraram a segunda ligação muito suspeita, embora ainda precisassem determinar se Rafiq era parte da conspiração ou apenas outra vítima. Ele estava desaparecido, assim como o motorista da limusine.

Como era de se esperar, a notícia gerou ondas de choque nos já abalados mercados financeiros globais. As ações despencaram na Europa, onde o portfolio da AAB era vasto, e Wall Street abriu o dia numa baixa significativa. Quem sofreu mais, no entanto, foi Dubai. Após gastar bilhões se retratando como um oásis de estabilidade numa região turbulenta, o emirado agora parecia um lugar onde nem mesmo bilionários bem protegidos estavam seguros. O Governante transmitiu uma mensagem declarando que sua cidade-estado era segura e estava aberta a negócios, mas os investidores tinham lá suas dúvidas. Detonaram empresas sediadas em Dubai e fundos poderosos com uma onda impiedosa de vendas, que deixou a cidade de ouro cambaleando mais uma vez à beira da insolvência.

Quando outras 24 horas se passaram sem nenhuma palavra sobre o destino de Nadia, não restou alternativa à imprensa além de formular especulações loucas sobre o que poderia ter se passado. Uma teoria afirmava que ela fora assassinada por uma gangue russa que tinha perdido milhões investindo na AAB Holdings. Outra dizia que ela tinha ofendido interesses poderosos em Dubai com seu pedido por um melhor tratamento aos trabalhadores estrangeiros no emirado. Também foi sugerida a possibilidade de o sequestro ser uma farsa, de Nadia al-Bakari ter decidido se esconder por razões que ninguém poderia imaginar.

Lamentavelmente, essa última teoria foi fomentada pela mídia e em pouco tempo houve uma série de relatos de aparições de Nadia em locais glamorosos ao redor do globo. A mais recente declarava que a bilionária estava vivendo numa ilha remota do Mar Báltico com o filho do homem mais rico da Suécia.

Esse relato apareceu no mesmo dia em que o governo da Arábia Saudita finalmente anunciou que o corpo de Nadia tinha sido encontrado no Empty Quarter. Os corpos de vários homens estavam no mesmo local, de acordo com os sauditas, inclusive o cadáver de seu chefe de segurança. Todos mortos baleados, assim como a Srta. Al-Bakari. Até aquele momento, as autoridades sauditas não tinham nenhum suspeito.

Mantendo a mesma linha *das declarações passadas do regime saudita*, o pronunciamento só revelou parte da história. Não *mencionou, por exemplo*, que uma patrulha de inteligência saudita já estava *bastante ciente das circunstâncias da morte da Srta. Al-Bakari*. *Nem mencionou que uma patrulha do Exército saudita tinha recuperado o corpo da bilionária poucas horas após sua morte, junto ao único sobrevivente do evento*. Com ferimentos graves, esse sobrevivente agora era uma peça central nas negociações intensas, porém secretas, entre a CIA e elementos amistosos *na Casa de Saud*. *Até então*, as conversas não *tinham dado* em nada. De fato, *pelo* que o governo da Arábia Saudita sabia, o homem em questão não existia. Eles prometeram conduzir uma busca, mas demonstraram pouca esperança. O Empty Quarter, alegaram, não tratava os intrusos com gentileza. *Inshallah*, encontrariam seu cadáver, mas só se os beduínos não chegassem *Já antes*.

O GPS em miniatura que Gabriel carregava nas entranhas contava uma história bem diferente. Era a história de um homem que, encontrado vivo no Empty Quarter, foi levado de helicóptero para Riad e alojado no vasto complexo administrado pela Mabahith, a divisão de polícia secreta do Ministério do Interior. Após uma semana de hospedagem, parecia que ele fora levado de carro, devagar, de Riad até o deserto ao leste da cidade. Por várias horas de ansiedade, a equipe no Rashidistão temeu pelo pior — que ele houvesse sido executado e enterrado pela tradição wahhabita num túmulo sem identificação. Por fim, os analistas da Agência conseguiram confirmar, com bastante alívio, que essa nova localização era, na verdade, a principal unidade de tratamento de esgoto de Riad. O que significava que Gabriel tinha se livrado do GPS em seu intestino, pela maneira tradicional. Também significava que agora ele estava fora da vista e bem além do alcance de Langley.

A bala tinha quebrado duas costelas de Gabriel e danificado seu pulmão direito. Os sauditas esperaram até ele estar recuperado, ainda que não por completo, antes de começar o interrogatório, que foi conduzido por um homem alto e ossudo, com um rosto que lembrava um falcão. Seu uniforme verde-oliva estava engomado e passado, mas não portava muitas insígnias. Disse que seu nome era Khalid. Estudara na Inglaterra e tinha a dicção de um apresentador de jornal da BBC.

Começou perguntando pelo nome de Gabriel e pedindo uma breve descrição de como ele tinha ido parar no Empty Quarter agarrado ao cadáver de uma mulher saudita. Gabriel disse que seu nome era Roland Devereaux, de Québec. Alegou que fora sequestrado por extremistas islâmicos enquanto tratava de negócios em Dubai, que tinha sido espancado até perder a consciência e levado ao deserto para execução. Explicou que uma discussão entre os terroristas levou a uma troca de tiros. Ele não sabia por que discutiam, pois não falava árabe.

— Nem um pouco?

— Consigo pedir um café.

- Como você toma?
- Levemente adocicado.
- Qual era a natureza de seus negócios em Dubai?
- Eu trabalho para uma empresa de transportes e fretagens.
- E a mulher que morreu em seus braços?
- Nunca a tinha visto antes.
- Chegou a saber o nome dela?

Gabriel balançou a cabeça e perguntou se sua embaixada tinha conhecimento de seu paradeiro.

- Que embaixada seria essa? — perguntou o saudita.
- A embaixada canadense, claro.
- Ah, sim — respondeu Khalid, sorrindo. — Onde eu estava com a cabeça?

- Vocês entraram em contato com eles?
- Estamos trabalhando nisso.

O oficial fez umas anotações num caderninho e partiu. Gabriel foi algemado e o levaram de volta à cela. Depois disso, ninguém falou com ele por vários dias.

*

Na vez seguinte em que foi levado para a sala de interrogatório, ele encontrou várias pastas de documentos empilhadas agourentamente sobre a mesa. Khalid, o falcão, fumava um cigarro, algo que resistiu a fazer no primeiro encontro. Dessa vez ele não fez nenhuma pergunta. Em vez disso, começou um monólogo não muito diferente daquele que Gabriel tinha suportado aos pés de Rashid. Nesse caso, no entanto, o assunto não era o triunfo inevitável do Islã salafista, e sim a longa e controversa carreira de um agente israelense chamado Gabriel Allon. O relato de Khalid era de uma precisão notável. Foi dada uma atenção particular ao papel de Gabriel na morte de Abdul Aziz al-Bakari e no posterior uso da filha de Zizi para penetrar na rede de terror de Rashid al-Husseini e Malik al-Zubair.

— Foi Nadia que morreu em seus braços no Empty Quarter — afirmou o saudita.

— Malik também estava lá. Gostaríamos que nos contasse como tudo aconteceu.

— Receio não fazer ideia do que você está falando.

— O vídeo que mostra sua confissão está bem popular na internet e na televisão, Allon. Se não cooperar conosco, não teremos escolha além de julgá-lo e executá-lo publicamente.

— Que generosidade a sua.

— As engrenagens da justiça saudita não se movem devagar.

— Se eu fosse você, diria à Sua Alteza para repensar a parte sobre uma execução pública. Pode acabar custando os campos de petróleo dele.

— Os campos de petróleo pertencem ao povo da Arábia Saudita.

— Ah, sim — respondeu Gabriel. — Onde eu estava com a cabeça?

Pelas noites seguintes, na cela de Gabriel ecoavam os berros de homens sendo torturados. Incapaz de dormir, ele sofreu uma infecção que exigiu um tratamento com antibióticos intravenosos. Perdeu muitos quilos, ficando tão magro que, quando foi levado ao próximo interrogatório, até mesmo o falcão pareceu preocupado.

— Talvez seja possível chegarmos num acordo — sugeriu ele.

— Que tipo de acordo?

— Você responde às minhas perguntas e, depois de um tempo, providencio para que seja devolvido aos seus entes queridos com a cabeça no lugar.

— Por que eu confiaria em você?

— Porque neste momento, meu caro, eu sou o único amigo que você tem.

*

Existe um fato incontestável quando se trata de interrogatórios. Mais cedo ou mais tarde, todos falam. Não só os terroristas, mas agentes profissionais de inteligência também. Mas é *como* eles falam, e o que dizem, que determina se serão capazes de olhar seus colegas nos olhos se forem liberados. Gabriel compreendia isso. Assim como o falcão.

Passaram a semana seguinte num balé delicado de enganações mútuas. Khalid fez muitas perguntas bem formuladas, que Gabriel respondeu com várias meias verdades e mentiras descaradas. As operações que ele traiu não existiam. Nem os agentes, os esconderijos, os métodos de comunicação criptografada. Foi tudo

inventado no grande espaço de tempo que Gabriel passou trancado em sua cela. Houve alguns detalhes que ele alegou não saber, e outros que se recusou a revelar. Por exemplo, quando Khalid perguntou pelos nomes de todos os agentes secretos operando na Europa, Gabriel não disse nada. Ele também se recusou a revelar os nomes dos que trabalharam com ele contra Rashid e Malik. A intransigência de Gabriel não irritou o falcão. Na verdade, seu respeito por Gabriel pareceu crescer.

— Por que não me dá alguns nomes falsos que eu possa levar aos meus superiores? — perguntou Khalid.

— Porque seus superiores me conhecem bem o suficiente para saber que eu nunca trairia meus amigos próximos — explicou Gabriel. — Eles nunca acreditariam que os nomes fossem reais.

Existe outro fato incontestável a respeito de interrogatórios. Às vezes eles revelam mais sobre o homem fazendo as perguntas do que sobre aquele que as responde. Gabriel passou a acreditar que Khalid era um profissional legítimo, e não um crente devoto. Não era um homem irracional. Ele tinha uma consciência. Podia-se negociar com ele. Aos poucos, eles conseguiram criar uma espécie de laço. Era um laço de mentiras, o único tipo possível no mundo secreto.

— Seu filho foi morto naquela noite em Viena? — perguntou Khalid de repente, numa tarde. Ou talvez já fosse tarde da noite; Gabriel só tinha uma vaga noção do tempo.

— Meu filho não tem nada a ver com isso.

— Seu filho tem tudo a ver com isso — afirmou Khalid, confiante.

— Seu filho é a razão pela qual você seguiu aquele *shahid* em Covent Garden. Também é por causa dele que você permite que Shamron e os norte-americanos arrastem você de volta para o jogo.

— Você tem boas fontes — comentou Gabriel.

Khalid aceitou o elogio com um sorriso.

— Mas há algo que ainda não entendo — disse ele. — Como conseguiu convencer Nadia a trabalhar com você?

— Sou um profissional, assim como você.

— Por que não pediu nossa ajuda?

— Vocês teriam ajudado?

— Claro que não.

O saudita folheou as páginas de seu caderninho, franzindo um pouco a testa, como se tentasse decidir que perguntas fazer a seguir. Gabriel, interrogador hábil e experiente, sabia que era uma performance. Por fim, quase como tivesse acabado de lhe ocorrer, o saudita perguntou:

— É verdade que ela estava doente?

A pergunta pegou Gabriel de surpresa. Ele não viu nenhuma razão para não responder a verdade.

— Sim — disse, após um instante. — Ela não tinha muito tempo de vida.

— Faz tempo que há rumores sobre isso — comentou o saudita mas nunca tivemos certeza.

— Ela manteve a questão em segredo de todos, inclusive de sua equipe. Nem seus amigos mais próximos sabiam.

— Mas você sabia?

— Ela me contou por causa da operação.

— E a natureza da doença? — perguntou o saudita, o lápis pairando sobre o caderno de anotações, como se a doença de Nadia não passasse de um pequeno detalhe que precisava ser esclarecido para o registro oficial.

— Ela sofria de uma síndrome chamada malformação arteriovenosa — respondeu Gabriel, calmo. — É uma ligação anormal entre as veias e as artérias do cérebro. Seus médicos disseram que não havia tratamento. Ela sabia que era apenas uma questão de tempo até que sofresse um derrame fatal. Podia ter morrido a qualquer instante.

— Então ela cometeu suicídio no deserto ao pular na frente de uma bala endereçada a você?

— Não, ela se sacrificou. — Fez uma pausa. — Por todos nós.

Khalid olhou de novo para sua pasta.

— Infelizmente, ela se tornou uma mártir para nossas mulheres mais progressistas. Estão perguntando sobre suas atividades filantrópicas. Parece que ela era uma espécie de reformista.

— Foi por isso que você a matou?

O rosto de Khalid se manteve inexpressivo.

— A Srta. Al-Bakari foi morta por Rashid e Malik.

— Isso é verdade — concordou Gabriel mas alguém os alertou de que ela estava trabalhando para nós.

— Talvez tivessem uma fonte próxima à sua operação.

— Ou talvez vocês tivessem. Talvez Rashid e Malik fossem apenas peões, um meio conveniente de eliminar um perigo grave para a Casa de Saud.

— Essas são meras conjecturas de sua parte.

— É verdade, mas há bases históricas. Sempre que a Al-Saud sentiu-se ameaçada, os barbudos foram chamados.

— Os barbudos, como você os chama, são uma ameaça maior para nós do que para vocês.

— Então por que vocês os continuam apoiando? Já se passaram dez anos desde o 11 de Setembro. Dez *anos* — repetiu Gabriel —, e a Arábia Saudita ainda serve de caixa eletrônico para terroristas e grupos extremistas sunitas. Só há uma explicação possível. O acordo com o diabo foi renovado. A Casa de Saud está disposta a fazer vista grossa para o terror islâmico, desde que a ira sagrada seja direcionada para fora, para longe dos campos de petróleo.

— Não somos tão sórdidos quanto você pensa.

— Eu canalizei 10 milhões de dólares para um grupo terrorista sunita através de um acordo feito em solo saudita.

— E é por essa razão que você se encontra aqui.

— Então devo supor que o xeique Bin Tayyib também esteja em custódia, em algum lugar do prédio?

Khalid deu um sorriso desconfortável, mas não respondeu. Fez mais algumas perguntas, nenhuma significativa, e concluiu a sessão. Em seguida levou Gabriel até sua cela pessoalmente, algo que nunca tinha feito. Ficou um momento no corredor antes de destrancar a porta.

— Fui informado de que o presidente dos Estados Unidos demonstrou grande interesse pelo seu caso — disse. — Se eu tivesse que adivinhar, diria que sua estadia conosco já se aproxima do fim.

— Quando irei partir?

— Meia-noite.

— Que horas são agora?

O falcão sorriu.

— Meia-noite e cinco.

Gabriel encontrou roupas novas em cima de sua cama, na cela. Khalid lhe deu um momento de privacidade para se vestir. Em seguida subiram diversos lances de escada até alcançarem um pátio interno. Havia um utilitário em ponto morto, iluminado pelo luar. Era grande e norte-americano, assim como os quatro homens ao redor do veículo.

— Deixei duas coisas para você no bolso da frente do terno — murmurou Khalid enquanto atravessavam o pátio. — A bala que passou por Nadia e atingiu você e um bilhete para Adrian Carter. Considere-os um pequeno presente de despedida, para ajudá-lo a recordar de sua estadia.

— O que é?

— Algumas informações que talvez sejam do interesse dele. Eu apreciaria se você não mencionasse meu nome.

— Serve para alguma coisa?

— A informação? Acho que você terá que confiar em mim.

— Temo que não esteja muito familiarizado com essa palavra.

— Ela não ensinou nada a você? — Khalid gesticulou em direção ao utilitário.

— Eu entraria rápido no carro, se fosse você. Sua Alteza é conhecida por súbitas mudanças de ideia.

Gabriel apertou a mão do saudita antes de partir. Foi levado em alta velocidade até uma base aérea militar ao norte de Riad e embarcou às pressas no Gulfstream pronto para decolagem. Um médico da Agência a bordo passou boa parte do voo dando injeções no corpo magro de Gabriel e demonstrando preocupação com a ferida na região das costelas. Finalmente deixou o paciente dormir. Atormentado por pesadelos com a morte de Nadia, Gabriel acordou sobressaltado quando o avião aterrissou no Aeroporto de Londres. Quando a porta da cabine se abriu, ele viu Chiara e Shamron esperando na pista. Suspeitou que fossem as duas únicas pessoas na Terra com uma aparência ainda pior que a dele.

PENÍNSULA DO LAGARTO, CORNUALHA

Shamron se acomodou no quarto de hóspedes. Ele deu todas as indicações de que sua estadia ali seria permanente. O pesadelo no Empty Quarter, disse para Chiara, tinha lhe dado uma última missão.

Ele se designou guarda-costas particular de Gabriel, além de médico e terapeuta. Ofereceu conselhos não solicitados e suportou a depressão e as mudanças súbitas de humor do paciente num silêncio resignado. Poucas vezes permitiu que Gabriel deixasse seu campo de visão. Seguia-o pelos cômodos do chalé, caminhava com ele pela praia na enseada e até mesmo o seguia até o vilarejo para fazer compras. Gabriel explicou para os comerciantes que Shamron era seu tio de Milão. Em público, falava apenas em italiano com Shamron, que não sabia uma mísera palavra.

Dias após o retorno de Gabriel à Cornualha, o tempo ficou chuvoso, combinando com o astral de todos. Chiara preparava refeições elaboradas e observava com alívio seu marido recuperar um pouco do peso que perdera na prisão saudita. Seu estado emocional, no entanto, não mudou. Ele dormia pouco e parecia incapaz de falar sobre o que ocorrera no deserto. Uzi despachou um médico para examiná-lo. “Culpa”, afirmou o médico, depois de passar uma hora sozinho com Gabriel. “Uma culpa imensa, incomensurável e ininterrupta. Ele prometeu protegê-la, mas, no final, ele a decepcionou. Ele não gosta de fracassar com mulheres.”

— O que nós podemos fazer? — perguntou Chiara.

— Apenas lhe dê tempo e espaço — falou o médico. — E não exija muito dele por algum tempo.

— Eu não tenho certeza se ter Ari por perto está ajudando.

— Boa sorte para tentar tirá-lo daqui — respondeu o médico. — No fim, Gabriel irá se recuperar, mas não estou tão certo quanto ao

Velho. Deixe-o ficar o tempo que desejar. Ele saberá quando for hora de partir.

A rotina diária enganava Gabriel. Incapaz de descansar à noite, ele dormia durante o dia, sempre que sua consciência permitia. Lamentava-se, contemplava a chuva e o mar e caminhava pela enseada. Às vezes sentava na varanda e fazia desenhos com carvão. Os rascunhos que produzia eram todos da operação. Muitos eram de Nadia. Alarmada, Chiara fotografou os desenhos em segredo e enviou as imagens por e-mail para o médico, para análise.

— Ele é a melhor pessoa para tratar de si mesmo — disse o médico, tranquilizando-a. — Deixe-o por conta própria.

Nadia sempre estava com eles. Não fizeram nenhum esforço para mantê-la afastada. Mesmo se tivessem tentado, os eventos no Oriente Médio teriam tornado isso impossível. Do Marrocos aos Emirados, o mundo árabe estava inflamado por uma nova onda de agitação popular. Dessa vez até mesmo os velhos monarcas sunitas pareceram vulneráveis. Encorajadas pelo assassinato brutal de Nadia, as mulheres árabes ocuparam as ruas aos milhares. Nadia era sua mártir e santa padroeira. Entoavam seu nome e carregavam placas com imagens dela. Numa inversão macabra da mensagem e das crenças de Nadia, algumas disseram que também queriam morrer e se tornar mártires.

Os mantenedores da velha ordem tentaram manchar a reputação de Nadia, retratando-a como espiã israelense. Devido à confissão de Gabriel, que era transmitida a toda hora na internet e nas redes de notícias pan-arábicas, as acusações contra Nadia foram em grande parte desconsideradas. O culto a ela cresceu ainda mais quando Zoe Reed, da CNBC, dedicou uma edição inteira de seu programa em horário nobre ao impacto póstumo de Nadia sobre o Despertar Árabe. Durante a transmissão, Zoe revelou que tinha participado de diversas reuniões particulares com a bilionária, durante as quais a herdeira saudita admitiu ter transferido secretamente dezenas de milhões de dólares para organizações com missões reformistas ao redor da Arábia e do mundo islâmico. O programa também acusou os serviços de inteligência da Arábia Saudita de cumplicidade em seu assassinato — acusação

condenada rapidamente pela Casa de Saud, que também fez as tradicionais ameaças de interromper o fluxo de petróleo para o Ocidente. Dessa vez ninguém prestou muita atenção. Como todos os outros regimes na região, a Al-Saud não via mais a própria continuidade como algo certo.

Então veio junho e os Estados Unidos começaram a exigir relatórios pós-operacionais. Chiara impôs limitações estritas quanto ao tempo que os inquisidores poderiam passar com Gabriel — duas horas pela manhã e duas horas no fim da tarde, num total de três dias. Fingindo ser turistas, os norte-americanos ficaram num alojamento terrível em Helston, que Gabriel escolheu a dedo. As sessões eram conduzidas na mesa de jantar. Shamron permaneceu ao lado de Gabriel durante todo o processo, como um advogado de defesa num depoimento. Não houve nenhuma gravação.

Chiara temia que os depoimentos abrissem feridas que começavam a cicatrizar. Em vez disso, a experiência se mostrou exatamente o tipo de terapia de que Gabriel tanto precisava. A rigidez do profissionalismo impôs um tom frio e desprovido de emoções aos procedimentos. Os interrogadores formularam as perguntas com a frieza de policiais investigando um pequeno acidente de trânsito, e Gabriel respondia da mesma forma. Foi só quando pediram uma descrição do momento da morte de Nadia que a voz de Gabriel traiu emoção. Quando Shamron pediu que mudassem de assunto, os homens pegaram a foto de um jovem saudita que tinha se formado há pouco tempo em um programa de reabilitação de terroristas e a colocaram com cuidado na mesa.

— Você o reconhece?

— Sim — respondeu Gabriel. — Foi ele que matou Malik e os outros.

— Seu nome é Ali al-Masri.

— Onde ele está?

— Vivendo calmamente em Jeddah. Ele saiu da órbita do xeique Bin Tayyib e parece ter abandonado o movimento jihadista de vez. Sua esposa acabou de dar a luz uma menininha.

— Hanan — disse Gabriel. — O nome da criança é Hanan.

Essa foi a última sessão. Naquela noite, Chiara suspendeu a proibição de assistir a tevê durante o jantar para que pudessem ver

os acontecimentos no mundo árabe. Os regimes da Síria e da Jordânia cambaleavam e havia relatos de que os sauditas tinham dado ordens para que a Guarda Nacional disparasse contra os manifestantes em Riad e Jeddah, matando dezenas de pessoas. O príncipe Nabil, o poderoso ministro do Interior saudita, atribuiu a culpa pelos tumultos ao regime xiita do Irã e aos seguidores de Nadia al-Bakari. Seus comentários tiveram o efeito não intencional de elevar a importância de Nadia entre os manifestantes a novos patamares.

Na manhã seguinte, Nadia também se tornou uma heroína póstuma para o mundo da arte quando o Museu de Arte Moderna em Nova York anunciou que lhe tinha sido confiada toda a coleção de arte da Srta. Al-Bakari. Em troca das obras, que tinham um valor estimado de, no mínimo, 5 bilhões de dólares, o MoMa concordou em permitir que o testamento de Nadia determinasse o primeiro curador do museu. Quando ela caminhou em direção ao palco para encontrar a imprensa de Nova York pela primeira vez, os membros do mundo das artes deram um imenso suspiro de alívio. Não sabiam muito sobre Sarah Bancroft, mas pelo menos era um deles.

Sarah ligou para Chiara no dia seguinte. Ela tinha ouvido de Adrian Carter que a recuperação de Gabriel não ia muito bem e teve uma ideia que acreditou poder ajudar. Era uma oferta de emprego. Uma encomenda. Chiara aceitou sem se dar ao trabalho de consultar Gabriel. Ela perguntou apenas as dimensões e o prazo. As dimensões eram amplas. O prazo era apertado. Ele teria apenas dois meses. Chiara não se preocupou; seu marido tinha feito um novo revestimento e restaurado um Ticiano em questão de dias. Dois meses eram uma eternidade. Gabriel começou a trabalhar na manhã seguinte, prendendo uma tela branca num esticador que ele mesmo construiu. Em seguida, colocou Chiara numa das pontas do sofá e manipulou seus membros como se ela fosse um modelo inanimado, até que a posição combinasse com a imagem que ele tinha na memória. Passou uma semana trabalhando no esboço. Satisfeito, começou a pintar.

Os dias de verão foram muito longos. O retrato deu um propósito ao casal. Gabriel trabalhava muitas horas pela manhã, fazia um intervalo ao meio-dia para uma refeição e uma caminhada pela enseada e depois voltava a trabalhar no período da tarde até o sol mergulhar no oceano. Gabriel ficou consternado com a supervisão constante de Shamron. Chiara também o observava, mas mantinha certa distância. Como ela esperava, o trabalho acabou se revelando a salvação de Gabriel. Algumas pessoas lidam com o luto conversando com terapeutas, pensou, e outras sentem-se compelidas a escrever sobre suas experiências. Mas, para Gabriel, o bálsamo do óleo sobre a tela sempre foi o melhor remédio, assim como fora para sua mãe. No tempo que passava em frente ao cavalete, Gabriel tinha controle total. Erros podiam ser corrigidos com algumas pinceladas ou ocultos por baixo de outra camada de tinta. Ninguém sangrava. Ninguém morria. Ninguém buscava vingança. Só havia beleza e verdade.

Ele trabalhou sem sobreposição, com uma paleta influenciada pelas cores que tinha visto no Empty Quarter. Mesclando a técnica meticulosa dos Grandes Mestres com a liberdade dos impressionistas, criou um estilo ao mesmo tempo clássico e contemporâneo. Pendurou pérolas ao redor do pescoço dela e adornou suas mãos com diamantes e ouro. Um relógio brilhava como uma lua por trás do ombro dela. Orquídeas jaziam perto de seus pés descalços. Ele passou muitos dias enfrentando dificuldades com o plano de fundo. Por fim, decidiu retratá-la se erguendo da escuridão caravagguesa. Ou será que afundava nas trevas? Isso seria determinado pelas revoltas que eclodiam pelas ruas do mundo árabe.

Apesar da intensidade do trabalho, a aparência de Gabriel melhorou a olhos vistos. Ele ganhou peso. Passou a dormir mais. A dor de suas feridas diminuiu. Com o tempo, sentiu-se forte o suficiente para retornar aos topos dos penhascos. A cada dia ele chegava um pouco mais longe, deixando Shamron sem escolha além de observá-lo à distância. Ele ficou mais noturno quando Gabriel começou a escapar de seu alcance. Chiara tentou, com discrição, gerar alguma espécie de crise que exigisse o retorno de Shamron para o King Saul Boulevard. Sem êxito, precisou recorrer à

ajuda de Gilah, que parecia estar aproveitando imensamente a ausência prolongada do marido. Relutante, Gilah decretou que seu marido só poderia continuar na Cornualha até que a pintura estivesse terminada. Depois disso, ele teria que voltar para casa.

Shamron, então, começou a ser tomado por uma sensação de mau agouro ao ver Nadia al-Bakari voltando à vida aos poucos na tela. Quando a pintura chegou ao estágio final, Gabriel trabalhou com mais afinco que em qualquer outra ocasião. Mas, ao mesmo tempo, não desejava terminar. Imerso num quadro raro de indecisão, acrescentava e retirava inúmeros detalhes. Em particular, Shamron apreciava a aparente incapacidade de Gabriel de se despedir da pintura. Toda vez que Gabriel adiava o término do trabalho era outro dia que Shamron ganhava em sua companhia.

Por fim, as alterações pararam de ser feitas e Gabriel começou o processo de aceitação do trabalho. Não apenas com a pintura de Nadia — com tudo. Shamron viu a sombra da morte se retirar aos poucos do rosto de Gabriel. E, numa manhã clara no fim de agosto, ao ver Allon entrar em seu estúdio improvisado, percebeu que ele se assemelhava muito ao homem que recrutara na Academia Bezalel de Artes e Design em Jerusalém, naquele verão horrível de 1972. Só o cabelo estava diferente. Na época, era quase tão escuro quanto o de Nadia. Agora tinha fios grisalhos nas têmporas — cinzas num príncipe do fogo.

Ele contemplava a tela com uma mão apoiando o queixo e a cabeça virada ligeiramente para o lado. Nadia reluzia sob a luz branca intensa das lâmpadas de halogênio. Era o retrato de uma mulher sem véu. O retrato de uma mártir. O retrato de uma espiã.

Shamron observou Gabriel por vários minutos sem falar nada. Por fim, perguntou:

— Está terminado, filho?

— Sim, Abba — respondeu Gabriel. — Acredito que sim.

Os carregadores vieram na manhã seguinte. Quando Gabriel voltou de sua caminhada nos penhascos, Shamron já tinha partido. Era melhor desse jeito, explicou para Chiara antes de sair. A última coisa que Gabriel precisava agora era de outra cena desagradável.

NOVA YORK

Foi ideia de Sarah Bancroft fazer uma celebração de gala por ocasião da abertura da ala de Nadia al-Bakari no aniversário do 11 de Setembro. O líder da força-tarefa conjunta contraterrorista de Nova York sugeriu que talvez fosse mais sensato, levando em conta o nível de inquietação no Oriente Médio, ela escolher uma data menos simbólica, mas Sarah se manteve firme. O evento ocorreria na noite de 11 de setembro. E se a força-tarefa não pudesse encontrar uma maneira de garantir a segurança, Sarah conhecia pessoas à altura do desafio.

Os manifestantes chegaram cedo para a festa, aos milhares, congestionando a Rua 53. A maior parte era de feministas e ativistas de direitos humanos que apoiavam os objetivos de Nadia de promover mudanças estruturais no Oriente Médio, mas uns poucos jihadistas de olhares insanos do Brooklyn e de Nova Jersey apareceram para denunciá-la como herege. Ninguém pareceu reparar em Gabriel e Chiara saindo do banco de trás de um Escalade e entrando no museu. Um segurança os escoltou ao andar de cima, para os escritórios do MoMA, onde encontraram Sarah lutando contra o zíper de seu vestido de noite.

Por toda parte havia pilhas do catálogo oficial do MoMA para a coleção. O retrato de Nadia feito por Gabriel estava na capa.

— Você nos levou ao limite — disse Sarah, beijando sua bochecha. — Quase tivemos que recorrer a uma capa reserva.

— Tive um pouco de dificuldades nas decisões finais. — Gabriel olhou em volta, para o amplo escritório. — Nada mal para quem era curadora da Phillips Collection. Espero que seus colegas nunca fiquem sabendo do seu período sabático depois de deixar a Isherwood Fine Arts, em Londres.

— Eles foram levados a crer que passei vários anos matriculada num curso particular na Europa. A lacuna na minha procedência

parece me tornar mais fascinante.

— Algo me diz que sua vida amorosa irá melhorar muito. — Ele deu uma olhada no vestido de Sarah. — Em especial depois desta noite.

— É um Givenchy. Foi escandalosamente caro.

— É lindo — afirmou Chiara, enquanto ajudava Sarah com o zíper —, como você.

— É engraçado como o mundo parece diferente quando você não está metida num cômodo escuro em Langley rastreando os movimentos de terroristas.

— Só não esqueça que eles continuam por aí — alertou Gabriel. — E que alguns sabem seu nome.

— Acho que sou a curadora de museu mais observada do mundo.

— Quem está cuidando de tudo?

— A Agência — falou Sarah com ajuda da força-tarefa. Temo que eles estejam um tanto irritados comigo no momento. Assim como Adrian. Ele está tentando encontrar alguma forma de me manter na folha de pagamento.

— Como ele está?

— Muito melhor agora que James McKenna deixou a Casa Branca.

— McKenna foi para um bom lugar?

— De acordo com os boatos, está sendo transferido para o Instituto de Paz.

— Tenho certeza de que ele vai ser muito feliz lá. — Gabriel pegou uma cópia do catálogo e examinou a capa.

— Gostaria de ver o original antes que a multidão chegue?

Ele olhou para Chiara.

— Vá — disse ela. — Eu espero aqui.

Sarah o conduziu escada abaixo até a entrada da ala Al-Bakari. Os fornecedores do bufê preparavam mesas com canapés e abriam as primeiras garrafas de champanhe. Gabriel caminhou até o retrato de Nadia e leu a placa biográfica instalada a seu lado. A descrição das circunstâncias de sua morte estava longe da verdade. Seu pai foi mencionado apenas de forma passageira.

— Não é tarde demais — disse Sarah.

— Para quê?

— Para assinar seu nome na pintura.

— Eu pensei em fazer isso.

— É...?

— Não estou pronto para ser uma pessoa normal. Ainda não.

— Também não estou certa se eu estou. Mas em algum momento... Venha — disse, levando-o por uma passagem você tem que ver o resto; se eu contar não vai acreditar. Nosso velho amigo Zizi tinha um gosto notável para um terrorista.

Eles caminharam sozinhos por salas repletas de pinturas, Sarah de vestido, Gabriel de black-tie. Em outra época, essa podia muito bem ser parte de uma encenação para uma das operações de Gabriel. Mas não agora. Com a ajuda de Nadia, Gabriel devolveu Sarah ao mundo onde a tinha encontrado, pelo menos por enquanto.

— Não é só isso — falou ela, gesticulando em direção a uma parede com obras de Monet, Renoir, Degas e Sisley. — Tem muito mais. Só pudemos colocar em exposição cerca de um quarto do que Nadia nos deu. Já estamos fazendo acordos para emprestar parte da coleção para museus ao redor do mundo. Acho que Nadia teria gostado.

Entraram numa sala com pinturas de Egon Schiele. Sarah andou até o retrato de um jovem que parecia vagamente com Mikhail.

— Eu pedi para você não dizer nada a ele — disse ela, olhando para Gabriel por cima do ombro. — Você realmente não devia ter dito.

— Não tenho certeza sobre o que você está falando.

— Você é um dos enganadores mais habilidosos que já conheci, mas nunca foi capaz de mentir para as pessoas com quem se importa. Especialmente as mulheres.

— Por que você não convidou Mikhail para vir hoje à noite?

— E como eu o teria apresentado? — perguntou Sarah. — Gostaria que conhecessem meu amigo Mikhail Abramov. Mikhail é um assassino do serviço secreto israelense. Ele ajudou a matar o dono anterior dessas pinturas. Fizemos algumas operações juntos. Foi divertido enquanto durou. — Ela deu outra olhada na direção de Gabriel. — Entende o que quero dizer?

— Existem maneiras de contornar esse tipo de coisa, Sarah, mas só se você estiver disposta a fazer o esforço.

— Eu continuo disposta.

— Ele sabe disso?

— Ele sabe. — Sarah deu as costas para a pintura e tocou o rosto de Gabriel. — Por que eu tenho essa sensação terrível de que nunca o verei novamente?

— Mande um quadro para eu restaurar de vez em quando.

— Não tenho verba para pagar.

Sarah consultou o relógio. Era o mesmo que Nadia usava quando foi sequestrada. Ainda estava três minutos adiantado.

— Preciso praticar meu discurso antes de os convidados chegarem. Você se importa de fazer alguns comentários hoje à noite?

Prefiro voltar para minha cela em Riad.

Ainda não sei exatamente o que vou dizer sobre ela.

— Diga a verdade — sugeriu Gabriel. — Mas não toda ela.

Às sete horas, o mundo da arte, em toda sua loucura e excesso, inundou a ala Nadia al-Bakari do Museu de Arte Moderna. Gabriel e Chiara ficaram no coquetel por poucos minutos e então foram até um parapeito acima do átrio para ouvirem os discursos. Sarah falou por último. De algum jeito, ela conseguiu caminhar pela linha tênue entre verdade e ficção. Sua fala foi em parte elogiosa, em parte um chamado à luta. Nadia tinha dado mais do que arte ao mundo, afirmou Sarah. Ela tinha entregado sua vida. Seu corpo agora estava enterrado num túmulo sem identificação no Nejd, mas aquela exposição seria seu memorial. Enquanto o mundo da arte soltava um clamor de aprovação, o BlackBerry de Gabriel vibrou no bolso do paletó. Ele se enfiou num canto mais silencioso para atender a ligação e em seguida voltou para o lado de Chiara.

— Quem era? — perguntou ela.

— Adrian.

— O que ele quer?

— Gostaria que fôssemos a Langley.

— Quando?

— Agora

LANGLEY, VIRGÍNIA

Rashid tinha sido a insensatez de Carter, uma ideia brilhante que deu terrivelmente errado. Gabriel limpou a pior parte da confusão. Khalid, o falcão, com seu presente de despedida, tinha fornecido a Carter os meios de varrer o resto.

O presente foi um jovem jihadista saudita chamado Yusuf. Langley e a ANS estavam rastreando seu telefone havia meses. Yusuf agora era um dos mensageiros em quem Rashid mais confiava. Recebia mensagens cifradas e as entregava aos fiéis. Naquela noite, ele aguardava um telefonema de um homem na Alemanha. Yusuf acreditava que se tratava do líder de uma nova célula em Hamburgo. Mas não havia uma nova célula em Hamburgo. Carter e a equipe do Rashidistão a inventaram.

— Ele está sentado no banco do carona daquele Daihatsu — explicou Carter, indicando com a cabeça uma das imensas telas do centro operacional do Rashidistão. — No momento, estão viajando por uma estrada remota no Vale de Rafadh, no Iêmen. Pegaram dois homens há cerca de uma hora. Acreditamos que um deles seja Rashid. Em dez minutos, o líder de nossa célula-fantasma em Hamburgo irá telefonar para Yusuf. Nós pedimos para ele manter Yusuf falando por tanto tempo quanto possível. Se tivermos sorte, Rashid dirá algo enquanto a ligação estiver ativa. Como você sabe, Rashid gosta de tagarelar. Costumava deixar o pessoal da Agência doido. Nunca cala aquela maldita boca.

— Quem toma a decisão quanto a dar o tiro? — perguntou Gabriel.

— A ANS me dirá se for capaz de captar outras vozes de fundo e se é possível fazer uma identificação. Se os computadores disserem que ele está lá, disparamos. Se houver a menor dúvida, não. Lembrem, a última coisa que queremos é matar Yusuf antes que ele nos leve até o prêmio.

- Eu quero escutar — pediu Gabriel.
- É por isso que você está aqui.

Gabriel colocou os fones de ouvido. Os dez minutos se arrastaram. Então o agente em Hamburgo discou. Dois homens começaram a conversar em árabe. Gabriel deixou suas vozes de lado. Nesse momento eles não eram importantes. Eram apenas uma porta que levava ao homem de língua sedutora. *Fale comigo*, pensou Gabriel. *Diga algo importante, mesmo que seja outra mentira.*

Yusuf e o falso líder da célula de Hamburgo continuaram conversando, mas ficou claro que o assunto começava a se esgotar. Até então, não havia soado nenhum barulho no fundo além do chacoalhar do utilitário sobre a estrada esburacada do lêmén. Finalmente, Gabriel escutou o que buscava. Foi um comentário casual, nada mais. Ele nem se deu ao trabalho de traduzir; focava apenas no tom e timbre da voz. Era uma voz que conhecia bem. Era a voz que o tinha condenado à morte no Empty Quarter.

Você deseja se submeter à vontade do Islã e se tornar um muçulmano?

Gabriel se voltou para Adrian Carter. Ele estava numa conversa tensa com a ANS. Gabriel ficou tentado a perguntar pelo que estavam esperando, mas sabia a resposta. Estavam esperando pela confirmação dos computadores daquilo que ele já sabia, que a voz ao fundo era de Rashid. Ele observou o utilitário atravessando a estrada do lêmén e escutou os dois jihadistas, um real, o outro uma falsificação astuta, concluírem a conversa. Carter bateu o telefone num acesso incomum de raiva.

— Desculpe trazê-lo até aqui por nada — disse. — Talvez da próxima vez.

— Não haverá uma próxima vez, Adrian.

— Por que não?

— Porque acaba aqui, agora.

Carter hesitou.

— Se eu der a ordem para que o avião dispare, quatro pessoas morrerão, inclusive Yusuf.

— São quatro terroristas — lembrou Gabriel. — E um é Rashid al-Husseini.

— Você tem certeza? — perguntou Carter, pela última vez.

— Dispare, Adrian.

Carter estendeu o braço na direção do telefone ligado à sala de controle do Predator, mas Gabriel o impediu.

— Qual o problema? — indagou Carter.

— Nenhum — disse Gabriel. — Espere um instante.

Ele encarava o relógio. Trinta segundos depois, meneou a cabeça e disse:

— Agora.

Carter transmitiu a ordem e o Daihatsu desapareceu num clarão de luz branca. Alguns membros da equipe do Rashidistão começaram a aplaudir, mas Carter sentou-se com as mãos cobrindo o rosto, sem dizer nada.

— Já fiz isso mais de cem vezes — falou. — E ainda me dá vontade de vomitar.

— Ele merecia morrer. Por Nadia ao menos.

— Então por que me sinto assim?

— Porque, no fim, nunca é honesto, inteligente ou pró-ativo, mesmo quando você faz o disparo de uma sala no outro lado do mundo.

— Por que você me fez esperar?

— Veja o horário no lêmen.

Eram 10h03 da manhã, o mesmo horário em que o voo 93 da United Airlines mergulhou num campo em Shanksville, na Pensilvânia, em vez de atingir seu alvo designado — o domo do Capitólio. Carter não disse mais nada. Sua mão direita tremia.

Depois disso faltou apenas uma última questão a ser resolvida. No fim, a coisa se resumiu a uma simples transação comercial: 5 milhões de dólares em troca de um nome, que foi fornecido por Faisal Qahtani, uma antiga fonte de Shamron da inteligência saudita. Muito apropriadamente, o dinheiro foi depositado na filial de Zurique do Trans Arabian Bank.

O alvo foi posto sob vigilância, e passaram semanas debatendo o que fazer. De seu trono ao lado de um lago em Tiberíades,

Shamron decretou que apenas a justiça bíblica serviria. Mas Uzi Navot, demonstrando possuir uma influência crescente, conseguiu se fazer prevalecer. Gabriel quase tinha dado sua vida em nome da igualdade norte-americana, e sob nenhuma circunstância Navot desperdiçaria tudo numa operação clandestina mal pensada no coração da capital dos Estados Unidos. Além do mais, afirmou, fornecer o nome de um traidor aos norte-americanos daria ainda mais peso ao Saul King Boulevard na balança.

Navot esperou até sua próxima visita oficial a Washington para sussurrar o nome no ouvido de Adrian Carter. Em troca, fez apenas um pedido. Carter concordou sem hesitar. Disse que era o mínimo que podiam fazer.

O FBI assumiu a vigilância e começou a vasculhar os registros telefônicos, as contas de cartão de crédito e os discos rígidos dos computadores. Não demorou muito e já tinham mais que o suficiente para levarem a operação ao próximo nível. Enviaram um avião para a Cornualha. Em seguida puseram uma marca de giz na base da placa de madeira no MacArthur Boulevard e aguardaram.

A marca de giz tinha a forma de uma cruz. Isso intrigou Ellis Coyle, pois era a primeira vez que usavam esse sinal. Significava que seu operador queria ter um encontro em pessoa. Era arriscado — qualquer contato direto entre a fonte e o operador era algo intrinsecamente perigoso —, mas também uma oportunidade rara.

Coyle apagou a marca com a ponta do sapato e entrou no parque, com Lucy logo atrás. A coleira ainda estava presa em seu pescoço. Coyle não se atreveu a removê-la. Uma viúva velha e amargurada de Spring Valley tinha reclamado recentemente por ele não coletar as fezes de Lucy. Houve ameaças de sanções comunitárias, talvez até uma conversa com as autoridades. A última coisa que Coyle precisava agora era de um problema com a polícia, justo quando estava a poucas semanas de se aposentar. Prometeu dar um fim a sua atitude rebelde e começou a tramar em segredo o assassinato do pequeno pug detestável da viúva.

Já era pouco depois das nove e a clareira no topo da trilha estava mergulhada na escuridão. Coyle deu uma olhada nas mesas de piquenique e viu a silhueta de um homem sentado sozinho. Ele

contornou a clareira com Lucy ao lado, à procura de alguma evidência de vigilância, antes de caminhar até a figura solitária. Só quando estava a poucos metros de distância, notou que o homem não era o seu operador habitual da inteligência saudita. Ele tinha têmporas grisalhas e olhos verdes, que pareciam reluzir no escuro. Lançou um olhar para o cachorro que fez Coyle estremecer.

— Desculpe — falou Coyle. — Pensei que você fosse outra pessoa. — Virou-se para partir.

— Quem você pensou que eu fosse?

Coyle deu meia-volta. O homem não tinha se movido.

— Quem é você? — perguntou Coyle.

— Sou a pessoa que você vendeu para a inteligência saudita por trinta moedas de prata junto com Nadia al-Bakari. Se dependesse de mim, mandaria você para o inferno pelo que fez. Mas essa é sua noite de sorte, Ellis.

— O que você quer?

— Quero ver sua expressão quando o algemarem.

Coyle se afastou, assustado, e começou a olhar em volta de um lado para o outro. O homem na mesa deu um meio sorriso.

— Eu estava me perguntando se você aceitaria seu destino com a mesma dignidade que ela aceitou o destino dela. Pelo visto, já sei a resposta.

Coyle largou a guia de Lucy e começou a correr, mas os agentes do FBI logo o cercaram. Gabriel permaneceu no parque até Coyle ser levado, e então seguiu pela trilha até o MacArthur Boulevard. No dia seguinte, ao meio-dia, estava de volta à Cornualha.

PENÍNSULA DO LAGARTO, CORNUALHA

Dava para notar que ele era um homem mudado quando voltou da América. As feridas estavam curadas, o cerco havia se erguido, e qualquer que fosse o problema que ele enfrentara finalmente parecia ter se resolvido. Depois de encontrá-lo numa manhã chuvosa em frente à velha igreja, Vera Hobbs declarou que a restauração estava completa e ele podia ser posto na moldura. Mas quem tinha feito os reparos?

— Nosso amigo misterioso da enseada não é do tipo que se coloca sob os cuidados de outros — replicou Dottie Cox. — Se eu tivesse que arriscar um palpite, diria que ele colocou a si mesmo num cavalete e fez o trabalho com as próprias mãos. É por isso que o resultado ficou tão bom.

Àquela altura, já se encontravam de novo no meio do outono e os dias eram curtos, poucas horas de luz tênue durante uma noite que parecia interminável. Podiam vê-lo pela manhã, quando ia ao vilarejo fazer compras, e à tarde, quando caminhava sozinho pelos penhascos. Não havia evidências de qualquer trabalho significativo sendo realizado. Às vezes o vislumbravam no caramanchão com um caderninho de esboços no colo, mas seu cavalete permaneceu vazio no estúdio. Dottie temia que ele pudesse estar desnorteado, sem propósitos, mas Vera não acreditava nisso.

— Ele está feliz pela primeira vez na vida — declarou ela. — Tudo o que precisa agora é de um casal de filhos para combinar com aquela esposa maravilhosa que ele tem.

Estranhamente, agora era a esposa que parecia inquieta. Ela ainda se portava com uma educação impecável nas ruas do vilarejo, mas ficou claro que temia a vinda iminente do inverno. Manteve-se ocupada preparando refeições elaboradas que enchiam a enseada com o cheiro de alecrim, alho e tomate. Às vezes, se as janelas estivessem abertas e a pessoa parasse no local certo, conseguiria

escutá-la cantando em italiano, com sua voz sensual. As músicas eram sempre de uma tristeza assustadora. Duncan Reynolds deu um diagnóstico de depressão por isolamento e sugeriu que as mulheres a convidassem para uma noite só de garotas no Godolphin Arms. Fizeram uma tentativa. Ela recusou. Com delicadeza, é claro.

Se o restaurador estava ciente da condição de sua esposa, não deu nenhum sinal de reconhecimento. Com medo de que o casal estivesse a caminho de uma crise, Dottie Cox decidiu ter uma conversa com o homem na próxima vez que ele viesse sozinho à sua loja. Só depois de uma semana é que ela teve a oportunidade. Aparecendo no horário de sempre, às dez e meia, ele pegou uma cesta de plástico da pilha próxima à porta e começou a enchê-la com a alegria de um soldado juntando suprimentos. Dottie o observou com nervosismo por detrás da máquina registradora, ensaiando seu discurso mentalmente, mas quando o restaurador começou a colocar seus itens no balcão, ela não conseguiu enunciar nada além de seu tradicional “Bom dia, querido”.

Algo na voz de Dottie levou o homem a encará-la por um instante, desconfiado. Em seguida baixou os olhos para os jornais empilhados no chão e franziu a testa antes de entregar a nota amassada de 20 libras.

— Espere — disse, de repente, pegando um exemplar do *Times*.
— Isto também.

Dottie colocou o jornal na sacola e viu o homem partir. Em seguida, se inclinou por cima do balcão e deu uma olhada no jornal. A manchete principal dizia respeito ao colapso iminente do regime na Síria, mas logo abaixo havia um texto sobre uma doação anônima recente de uma pintura de Ticiano para a Galeria Nacional em Londres. Ninguém em Gunwalloe imaginou que pudesse haver qualquer ligação. E nunca imaginariam.

A Galeria Nacional divulgou uma declaração oficial vaga acerca da doação, mas uma versão não oficial da história surgiu nos corredores da inteligência britânica, que seguia mais ou menos as seguintes linhas. Pelo visto, o legendário agente israelense Gabriel Allon, com total conhecimento e aprovação do MI5, tinha

manipulado com astúcia a venda na venerável casa de leilões Christies de forma a injetar milhões de libras na rede terrorista de Rashid al-Husseini. Dessa forma, uma pintura de Ticiano havia pouco redescoberta fez uma aparição breve na coleção da herdeira saudita Nadia al-Bakari. Mas, após sua morte, a pintura foi discretamente devolvida para seu dono legítimo, o renomado negociante de arte londrino Julian Isherwood. Por razões compreensíveis, Isherwood chegou a considerar manter o quadro em seu poder, mas pensou melhor depois de Allon sugerir uma atitude bem mais nobre. O negociante de arte entrou em contato com um velho amigo da Galeria Nacional — um especialista nos Grandes Mestres italianos que, sem saber, tinha participado do truque no início —, fazendo uma das mais importantes doações a uma instituição pública britânica.

— Aliás, queridinho, ainda não recebi um tostão da CIA.

— Nem eu, Julian.

— Eles não pagam pelas pequenas tarefas que sempre delegam a você?

— Parece que consideram meu trabalho um serviço voluntário pelo bem da sociedade.

— Imagino que considerem.

Ambos caminhavam ao longo do Caminho Costeiro. Isherwood vestia um tweed e botas de cano alto. Seus passos eram instáveis. Gabriel, como sempre, teve que resistir ao impulso de ajudá-lo.

— Quanto você ainda pretende me fazer andar?

— Foram apenas cinco minutos, Julian.

— O que significa que já foi uma distância bem maior que a de minha caminhada diária duas vezes por dia, da galeria até o Greens.

— Como está Oliver?

— Como sempre.

— Ele tem se comportado?

— Claro que não. Mas não deu um pio sobre o papel que desempenhou em sua pequena travessura.

— *Nossa* pequena travessura, Julian. Você também estava envolvido.

— Mas eu estive envolvido desde o começo — replicou Julian.
— Isso é novo e excitante para Oliver. Ele tem lá seus defeitos, mas por trás de toda aquela pompa e gordura bate o coração de um patriota. Não se preocupe com Oliver. Seu segredo está a salvo com ele.

— E se não estiver, ele vai ouvir do MI5.

— Acho que eu pagaria para ver isso. — O ritmo de Isherwood começou a diminuir. — Imagino que não haja um pub mais adiante. Acho que um drinque cairia bem.

— Haverá tempo para isso mais tarde. Você precisa se exercitar, Julian.

— Qual o propósito?

— Vai se sentir melhor.

— Sinto-me ótimo, meu querido.

— Por isso que me pediu para assumir a galeria?

Isherwood parou e colocou as mãos na cintura.

— Não na semana que vem — disse, após um instante. — Não no mês que vem. Nem mesmo no ano que vem. Mas algum dia.

— Venda-a, Julian. Aposente-se. Aproveite sua vida.

— Vendê-la para quem? Oliver? Roddy? Algum maldito oligarca russo querendo se envolver um pouco com cultura? — Isherwood balançou a cabeça. — Eu investi muito naquele lugar para deixá-lo nas mãos de um estranho. Quero que continue na família. Como não tenho uma, resta você.

Gabriel ficou em silêncio. Isherwood retomou a caminhada, relutante.

— Nunca vou esquecer o dia em que Shamron trouxe você a minha galeria pela primeira vez. Você estava tão quieto, eu nem sabia se era capaz de falar. Suas têmporas eram tão grisalhas quanto as minhas. Shamron disse que eram...

— As marcas de um garoto que fez o trabalho de um homem.

Isherwood deu um sorriso triste.

— Quando vi você com um pincel nas mãos, detestei Shamron pelo que ele tinha feito. Devia tê-lo deixado em Bezalel para concluir seus estudos. Você teria sido um dos melhores pintores da sua geração. Agora mesmo todo mundo em Nova York está tentando

descobrir quem pintou o retrato de Nadia al-Bakari. Eu queria que soubessem a verdade.

Isherwood fez outra parada para observar as ondas mais abaixo se chocando contra as pedras negras na ponta norte da enseada.

— Venha trabalhar comigo — disse ele. — Vou ensinar a você os segredos da profissão, como as diferentes formas de perder muito dinheiro em dez passos simples ou menos. E quando chegar a hora de canalizar minha energia à jardinagem, você terá recursos mais que suficientes para continuar na minha ausência. É isso que eu quero, meu querido. E o mais importante: é o que sua esposa quer.

— É muito generoso de sua parte, Julian, mas não posso aceitar.

— Por que não?

— Porque algum dia um velho inimigo vai marcar uma hora para ver um Bordone ou um Luini e eu vou acabar com várias balas na minha cabeça. Assim como Chiara.

— Sua esposa vai ficar desapontada.

— Antes desapontada que morta.

— Deus sabe que não sou nenhum especialista em relacionamentos de longo prazo — falou Isherwood —, mas tenho um palpite de que sua esposa precisa de uma mudança de ares.

— Sim — concordou Gabriel, sorrindo ela deixou isso muito claro.

— Então venha para Londres, pelo menos durante o inverno. Vai dar a Chiara a distração de que ela precisa, além de me poupar uma fortuna em frete. Tenho um painel de Piero di Cosimo que precisa desesperadamente da sua atenção. Farei com que valha a pena.

— Na verdade, talvez eu tenha algo em Roma.

— Sério? — perguntou Isherwood. — Público ou privado?

— Privado. O proprietário vive numa mansão no fim da Via dela Conciliazione. Ele me deu a oportunidade de restaurar uma das minhas pinturas favoritas.

— Qual?

Gabriel respondeu.

— Receio que não possa competir com isso — declarou Isherwood. — Ele vai pagar alguma coisa?

— Nada de mais. Mas vai valer a pena. Ao menos pelo bem de Chiara.

— Só tome cuidado de se manter longe de problemas enquanto estiver por lá. Da última vez que estive naquela cidade...

Isherwood se interrompeu. Ficou claro, pela expressão de Gabriel, que ele não queria mais falar do passado.

O vento tinha aberto um buraco no véu de nuvens e o sol pairava sobre o mar como um disco branco. Ambos ficaram mais um tempo no topo dos penhascos, até o sol se pôr, e então começaram a caminhada de volta para casa. Quando entraram no chalé, ouviram Chiara cantando. Era uma daquelas tolas músicas pop italianas que ela sempre cantava quando estava alegre.

FIM

NOTA DO AUTOR

Retrato de uma espiã é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes da história são produto da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, negócios, empresas, eventos ou locais é mera coincidência.

A pintura *Madona e a Criança com Maria Madalena* não existe. Se existisse, teria uma semelhança notável com uma pintura de Tiziano Vecellio, também conhecido como Ticiano, que se encontra no State Hermitage Museum, em São Petersburgo, na Rússia. O lote 12, *Ocher and Red on Red*, óleo sobre tela, de Mark Rothko, também é fictício, embora, em maio de 2007, uma pintura similar, *White Center (Yellow, Pink and Lavender on Rose)*, tenha alcançado um valor de 72,84 milhões de dólares num leilão em Nova York, um recorde para o artista. De acordo com reportagens, o comprador era o governante do Qatar.

Os negociantes de arte, leiloeiros e consultores que aparecem neste romance, bem como em outros livros da série, foram criados pelo autor e não são de forma alguma versões fictícias de pessoas reais. Há de fato uma galeria encantadora em Masons Yard, 7-8, em St. James, Londres, embora seu proprietário, o inimitável Patrick Matthiesen, não tenha nada em comum com Julian Isherwood além de sua cordialidade e inteligência. As técnicas de restauração e revestimento das pinturas descritas na história são precisas, assim como o tempo em que um restaurador habilidoso, se necessário, poderia colocar uma pintura em ordem. Peço as mais sinceras desculpas à gerência da Christie's de Londres por usar um leilão de Grandes Mestres para financiar uma rede terrorista, mas infelizmente tive que manter tudo em segredo em nome da segurança operacional.

Estudantes da guerra global contra o terrorismo sem dúvida irão reconhecer que, na criação do personagem Rashid al-Husseini, peguei emprestado muitos detalhes do currículo de Anwar al-Awlaki, clérigo muçulmano e recrutador da Al-Qaeda nascido nos Estados

Unidos — inclusive seu histórico iemenita, sua ligação preocupante com dois dos sequestradores do 11 de Setembro, em San Diego e no norte da Virgínia, e sua aparente mudança da moderação para o radicalismo e o terror. O fictício Malik al-Zubair também foi inspirado por mentes criminosas reais do terrorismo — Yahya Ayyash, o habilidoso fabricante de bombas do Hamas conhecido como “O Engenheiro”, e Abu Musab al-Zarqawi, o terrorista jordaniano que liderou a Al-Qaeda no Iraque. Ayyash foi morto em janeiro de 1997 por uma pequena bomba escondida num celular. Zarqawi, responsável pela morte de centenas de iraquianos inocentes durante a fase mais sangrenta da insurgência no país, foi morto por um ataque aéreo norte-americano num esconderijo ao norte de Bagdá, em junho de 2006.

A fronteira entre os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita descrita na história não existe. A travessia real fica muitos quilômetros ao norte, onde têm se formado longas filas devido a mudanças nos procedimentos alfandegários sauditas. O espetacular movimento de ascensão e queda de Dubai foi retratado de maneira fidedigna, bem como o tratamento deplorável dispensado a seus trabalhadores estrangeiros. Infelizmente, Dubai não é o único emirado do Golfo onde trabalhadores estrangeiros são explorados e tratados quase como escravos. Em março de 2011, o Museu Guggenheim que estava sendo construído em Abu Dabi enfrentou uma ameaça de boicote por mais de cem artistas proeminentes, que ficaram ultrajados com as condições do local das obras. “Aqueles que trabalham com tijolos e argamassa”, disse o artista libanês Walid Raad, “merecem o mesmo tipo de respeito concedido aos que trabalham com câmeras e pincéis”.

Inteligência financeira, ou “finint”, tem sido uma importante arma na guerra contra o terrorismo por vários anos. O Escritório de Terrorismo e Inteligência Financeira do Departamento do Tesouro coleta e analisa dados de transações, assim como a Seção de Operações Financeiras Terroristas do FBI. Além disso, a CIA e diversas empresas privadas ligadas ao vasto complexo de segurança nacional norte-americana rastreiam sempre o fluxo de dinheiro que transita pelo movimento jihadista.

Lamentavelmente, uma década após os ataques de 11 de setembro, boa parte desse dinheiro ainda vem de cidadãos da Arábia Saudita e, em menor escala, dos emirados muçulmanos sunitas do Golfo Pérsico. Numa mensagem secreta revelada ao público em dezembro de 2010, a secretária de Estado Hillary Clinton escreveu: “Tem sido um desafio contínuo persuadir os oficiais sauditas a tratarem o financiamento terrorista provindo da Arábia Saudita como uma prioridade estratégica.” Na conclusão, o memorando de Clinton declarava que “doadores da Arábia Saudita constituem a fonte de financiamento mais significativa para os grupos terroristas sunitas ao redor do mundo”.

Era de se esperar que a Arábia Saudita, o país que produziu Osama Bin Laden e quinze dos dezenove sequestradores do 11 de Setembro, fizesse mais para coibir o envio de dinheiro para o terrorismo em seu próprio solo. Mas outras mensagens diplomáticas revelaram que a Casa de Saud não tem se mostrado capaz ou disposta a pôr um fim ao fluxo para a Al-Qaeda e seus afiliados. Grupos militantes operam impunes instituições beneficentes de fachada dentro da Arábia Saudita ou apenas pedem, abertamente, doações financeiras durante a peregrinação anual para Meca. O príncipe Mohammad Bin Nayef, líder dos esforços contraterroristas da Arábia Saudita, disse a um oficial sênior norte-americano que “tentamos fazer nosso melhor” para conter o fluxo para extremistas e assassinos. Mas, ele acrescentou, “se o dinheiro quer ir” para os terroristas, as autoridades sauditas pouco podem fazer para impedi-lo.

Isso levanta uma questão: a casa de Saud, que deve seu poder a uma aliança formada dois séculos atrás com Muhammad Abdul Wahhab, realmente deseja romper os laços financeiros com um movimento extremista sunita que ajudou a criar e desenvolver? Uma reunião tensa em 2007 pode fornecer uma pista importante. De acordo com mensagens governamentais que vazaram, Frances Fragos Townsend, um conselheiro sênior do contraterrorismo na gestão do presidente George W. Bush, pediu aos oficiais sauditas que explicassem por que o embaixador da Arábia nas Filipinas estava se associando com suspeitos de financiar o terrorismo. O ministro das Relações Exteriores saudita, príncipe Saud al-Faisal,

desdenhou as preocupações de Townsend, declarando que o embaixador devia ser acusado de “mau julgamento, e não de apoio intencional aos terroristas” Em seguida, criticou um banco norte-americano por levantar “questões impróprias e agressivas” acerca de contas mantidas pela embaixada saudita em Washington.

Embora a ameaça terrorista global tenha evoluído desde a manhã de 11 de setembro de 2001, uma coisa não mudou: a al-Qaeda e suas afiliadas e imitadoras estão planejando assassinatos e mutilações em massa na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Eliza Manningham-Buller, ex-chefe do MI5, previu em 2006 que a luta contra o terrorismo islâmico “estaria em nossas mãos por uma geração”, enquanto outros agentes de segurança têm feito alertas sobre uma “guerra interminável” que irá forçar o Ocidente a manter programas agressivos de contraterrorismo por décadas. É provável que a duração definitiva da guerra global contra o terror seja determinada, em parte, pelos eventos sísmicos que abalam o mundo árabe no momento em que escrevo este texto. Tudo vai depender de qual lado saíra vitorioso. Se as forças da moderação e da modernidade prevalecerem, é possível que a ameaça do terrorismo gradualmente diminua. Mas se os clérigos muçulmanos radicais e seus adeptos conseguirem ficar no poder em países como Egito, Jordânia e Síria, é bem possível que um dia olhemos com nostalgia para os anos turbulentos do começo do século XXI como uma era de ouro nos relacionamentos entre o Islã e o Ocidente.

*

Escaneamento: Sheila
Formatação e pdf: LAVRo

